

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL MESTRADO

DEISE CRISTINA SCHELL

A JORNADA DE
LOPE DE AGUIRRE

Evento, personagem, história

SÃO LEOPOLDO
2011

DEISE CRISTINA SCHELL

A JORNADA DE
LOPE DE AGUIRRE

Evento, personagem, história

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção de título de Mestre, pelo
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Bohn
Martins

SÃO LEOPOLDO
2011

Ficha Catalográfica

S322j Schell, Deise Cristina

A jornada de Lope de Aguirre: evento, personagem, história /
por Deise Cristina Schell. – 2011.

185 f. : il. ; 30cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo,
RS, 2011.

“Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Bohn Martins, Ciências
Humanas”.

1. História – Aguirre, Lope de. 2. História – Conquista –
América. 3. História - Jornada de *Omagua y Dorado*. 4.
Historiografia. I. Título.

CDU 98

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Camila Rodrigues Quaresma - CRB 2/1376

DEISE CRISTINA SCHELL

A JORNADA DE
LOPE DE AGUIRRE

Evento, personagem, história

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção de título de Mestre, pelo
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Bohn
Martins

Aprovado em 15/04/2011

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Claudio Pereira Elmir – (PPGH -UNISINOS)

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck – (PPGH - UNISINOS)

Prof. Dr. Leandro Karnal – (DH-IFCH - UNICAMP)

AGRADECIMENTOS

A minha jornada (que, aliás, já quase se mistura à de Lope de Aguirre, já que a “vivi” intensamente durante os últimos anos) foi recompensada pelos amigos que, toda a segunda-feira, reuniam-se na última sala do corredor do “quarto andar” para os habituais estudos de textos teóricos. À vocês, meu maior agradecimento por me ajudarem nos momentos mais difíceis e por me apoiar incondicionalmente. Professora Maria Cristina Bohn Martins, mais do que uma mestra que me conduz aos caminhos da pesquisa e que me ensina todos os dias, uma amiga que tem o coração e os braços abertos em qualquer momento para as mais divertidas conversas, os mais sérios conselhos e os mais afetuosos carinhos e abraços. Mais do que tudo, obrigada por ser esta professora e pesquisadora tão dedicada, pela confiança, pelas orientações, pelas leituras minuciosas e pelos (muitos) livros emprestados nestes mais de cinco anos de convivência, mas especialmente nos dois últimos. Fernanda (pequena) Giroto e Fernanda (grande) Wisniewski, as melhores companheiras (de estudo, de bate papo, de risada e de vida) que alguém poderia ter, e Ismael Calvi Silveira e Juliana Camilo, os mais novos e queridos integrantes da turma. Obrigada pela amizade e pela companhia!

A Unisinos me proporcionou ainda mais amigos queridos. Alguns mais próximos, outros mais distantes, eles me acompanharam nestes últimos anos: Maíne Barbosa Lopes foi companheira de viagem, quase-irmã e um dos melhores presentes dos últimos tempos; Miquéias Mugge, do alto de sua seriedade, é um dos colegas mais divertidos e generosos que já tive; Camila Silva, amiga de contar histórias e ouvir músicas; e aqueles que dividiram comigo as mais produtivas e divertidas aulas (sem contar os cafés, os almoços, os e-mails...): Caroline Poletto, Daniela da Costa Claudino, Daniel Szmidt, Eduardo Chaves e Guilherme Galhegos Felipe. Muito obrigada à todos!

Agradeço, e muito, à professora Eliane Cristina Deckmann Fleck e ao professor Claudio Pereira Elmir pelo carinho, pela leitura do meu trabalho à época da qualificação e pelas sempre preciosas contribuições.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, especialmente à professora Marluza Marques Harres e à secretária Janaína Trescastro.

Ao Centro de Estudios Sociales de América Latina (CESAL) da Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires.

Por fim, devo agradecer aos “de casa”, que sempre tiveram paciência para ouvir as histórias do meu “homenzinho” conquistador e me deram todo o apoio. À minha mãe, maior

parceira e amiga, que suportou a solidão enquanto estive fora, e os dias e as noites que eu, como diz na canção, atravessei com versos que não se resolviam (“eu sei, é o amor que ninguém mais vê”). Não há como retribuir tudo o que fazes por mim. À Michele e ao Ricardo, os queridos que me incentivam e me ajudam em qualquer empreitada (ah, o computador que não funciona, o resumo que precisa tradução, a correção ortográfica, as comidinhas...). Amo vocês.

Ao Jair, à Eliane e ao Gabriel, que proporcionam leveza aos meus finais de tarde, pela amizade; à dinda Neusa pelo carinho e o cuidado; ao Isaias e à sua família pela paciência e apoio; e aos amigos que, de uma maneira ou outra, deram-me incentivo e carinho.

Foi fundamental o apoio prestado pelo Conselho Nacional de Pesquisa Científico e Tecnológico (CNPq), concedido para a realização do curso de Mestrado, e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para a realização de minha missão de estudos na Argentina.

Dedicado ao meu pai.
[*"Keeps me searching for a heart of gold"*]

“Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo”
(Walter Benjamin, *Sobre o conceito de História*)

RESUMO

Esta dissertação investiga como foi produzida a escrita da história de um evento e de um personagem da Conquista Espanhola da América. Trata-se da *Jornada de Omagua y Dorado* [1560-1561], uma expedição que, como tantas outras, dirigiu-se a desconhecidos territórios americanos, neste caso a Amazônia, em busca de cobiçadas riquezas. A *Jornada* acabou ficando marcada por uma rebelião da qual participaram seus expedicionários, bem como pela figura de Lope de Aguirre que foi elevado ao papel de principal protagonista daquele acontecimento. Buscamos identificar de que forma evento e personagem foram representados e interpretados em distintos tempos históricos, em escritos produzidos por autores que vão desde os próprios participantes e contemporâneos da *Jornada* até os historiadores do século XX. Pretendemos assim verificar como foi construída a historiografia sobre ela e, conseqüentemente, como se estabelece a memória sobre a própria a Conquista. A “jornada” da escrita da história da *Jornada* e de Aguirre nos serve, assim, para que avaliemos os caminhos de nosso próprio ofício, conduzindo-nos a uma reflexão sobre o conhecimento histórico que é produzido através dos tempos.

PALAVRAS-CHAVE:

História - *Jornada de Omagua y Dorado* - Lope de Aguirre - Conquista da América

ABSTRACT

This dissertation researches how written records were produced regarding the history of a character and an event during the Spanish Conquest of the Americas. It is about the Journey of Omagua and Dorado [1560-1561], an expedition which traveled to unknown lands in America - in this case, the Amazon rainforest - searching for treasures and wealth. The Journey is known for the travelers' rebellious actions as well as for Lope de Aguirre, main character of the quest. We have tried to identify how this event and this character were represented and interpreted in different times in History through written records produced by many authors - from the conquerors, who were part of the expedition to historians from the 20th century. We intend to verify how the historiography on the Journey was built and, furthermore, how the memory of the event was established. Analyzing how the Journey's history was written will help us evaluate our work as historians by leading us to a reflection on historic knowledge produced through time.

KEYWORDS:

History - Journey of Omagua and Dorado - Lope de Aguirre - Conquest of the Americas

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1

Mapa da *Jornada de Omagua y Dorado*..... 13

IMAGEM 2

Manuscrito da *Relación* de Pedro de Monguía..... 39

IMAGEM 3

Manuscrito da *Relación* de Gonzalo de Zuñiga..... 41

IMAGEM 4

Manuscrito da *Relación* de Gonzalo de Zuñiga..... 42

IMAGEM 5

Manuscrito da *Relación* de Juan de Vargas Zapata..... 52

IMAGEM 6

Manuscrito da *Relación* de Juan de Vargas Zapata..... 53

IMAGEM 7

Folha de rosto da edição da *Relación* de Pedrarias de Alместo..... 110

IMAGEM 8

Manuscrito da Carta de Lope de Aguirre a Felipe II..... 138

IMAGEM 9

Manuscrito da Carta de Lope de Aguirre a Felipe II..... 145

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1. A escrita das <i>Relaciones da Jornada</i>.....	23
1.1. Escrita, experiência e verdade.....	27
1.2. Uma <i>Jornada</i> , sete <i>Relaciones</i> : a escrita como <i>probanza</i>	32
1.3. Sete <i>Relaciones</i> , uma <i>Jornada</i> : construindo um evento e um personagem.....	56
CAPÍTULO 2. As interpretações da <i>Jornada</i>.....	72
2.1. A história da <i>Jornada</i> , mestra da vida.....	76
2.2. Lope de Aguirre “ <i>la ira de Dios</i> ” e a invenção do inimigo.....	93
2.3. As <i>Relaciones</i> e as crônicas: <i>corre manuscrito</i> e o “resgate” dos textos coloniais.....	101
CAPÍTULO 3. A história da <i>Jornada</i> é reescrita.....	115
3.1. Louco ou libertador? Um debate historiográfico no início do século XX.....	119
3.2. <i>Yo, rebelde hasta la muerte</i> : Aguirre, sujeito de sua própria história.....	129
3.3. A <i>Jornada</i> de Lope de Aguirre: evento, personagem, história.....	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
ANEXOS.....	158
ANEXO 1. <i>Proclamación de Don Fernando de Guzmán, príncipe del Perú</i>	160
ANEXO 2. Lista de mortos da <i>Jornada</i> atribuídos à Lope de Aguirre, extraída da <i>Relación</i> anônima	164
ANEXO 3. <i>Sentencia de Bernaldez contra la memoria y fama de Aguirre</i>	167
ANEXO 4. Extrato da <i>Relación</i> de Gonzalo de Zuñiga.....	170
ANEXO 5. <i>Cédula de Felipe II al Nuevo Reino sobre castigo de los marañones</i>	173
REFERÊNCIAS.....	174
Fontes.....	174
Bibliografia.....	178

INTRODUÇÃO

“Vista em conjunto, a conquista da América hispânica está tecida de fracassos e desastres, de múltiplas pequenas Armadas Invencíveis. Apesar da coragem demonstrada pelos guerreiros castelhanos nas Índias, em geral quem os derrotou foram calamidades naturais ou militares, assim como foram castigados pelo caráter ilusório das metas inexistentes. Por outro lado, a ambição de riquezas voltou-se contra os próprios conquistadores como um bumerangue descontrolado, gerando deserções, enfrentamentos, rebeliões e guerras civis.”

(Guillermo Giucci, *Viajantes do Maravilhoso*, 1991, p. 6)

Durante boa parte do século XX, muitos historiadores sustentaram que as estruturas duráveis eram mais reais e, por vezes, determinantes para a compreensão do curso da história do que os acidentes de conjuntura, superficiais e efêmeros; e que os comportamentos coletivos tinham aí mais importância do que as iniciativas individuais. Era um movimento de forte rejeição à história dita *événementielle*, descritiva, linear, factual e atenta somente aos grandes personagens. Pensando neste sentido, no entanto, negligenciava-se a possibilidade de articular os acontecimentos com questões mais profundas e se fazia desaparecer o sujeito da história. Mais recentemente, novos trabalhos passaram a renovar a narrativa histórica e atentar para os eventos particulares, não os focalizando por si sós, mas pelo que revelam sobre a cultura em que ocorreram. Permite-se hoje aos historiadores, ademais, ocupar-se das experiências e das subjetividades dos atores sociais e de sua participação nos processos, integrando novos personagens, mesmo os mais modestos, a sua escrita.

Esta dissertação é justamente sobre a história¹ de um evento e de um personagem.

O evento em questão iniciou em 1559, quando Pedro de Orsúa, um experiente e prestigiado conquistador espanhol, recebeu a autorização do vice-rei peruano Marqués de Cañete para organizar uma jornada exploratória à floresta amazônica. O objetivo de Orsúa era

¹ Em nossa investigação, não pretendemos abordar a história como passado, que é o objeto de que o historiador se ocupa, mas a história como um discurso daquele passado que está em constante transformação e que não deduz uma interpretação única, ou seja, a historiografia. Essa, por sua vez, não será compreendida aqui somente como aquela produzida a partir do século XIX, elaborada em uma “operação escriturária” (DE CERTEAU, 1992, p. 6) com um terreno metodológico “sólido”, mas como uma prática histórica que, desde muito tempo, se prolonga através do registro escrito.

partir do Peru navegando o rio Amazonas, que então se chamava *Marañón*², para encontrar – e conquistar – as ricas terras dos Reinos de *Omagua* e de *El Dorado*, lugares que designavam uma região mítica de grandes riquezas que, supunha-se, estavam situadas nas margens daquele rio. O imaginário dos homens que conquistavam a América àquela época ainda era repleto destes mitos, trazidos da Europa Medieval e adaptados ao Novo Mundo: os desconhecidos interiores do continente, a estranha e exuberante natureza, as populações tão distintas das ocidentais, tudo motivava a criação do “maravilhoso americano” (GIUCCI, 1992), que era amplamente divulgado e constantemente alimentado por novas notícias. Em 1542, Gonzalo Pizarro e Francisco de Orellana trouxeram de sua viagem à Amazônia o relato da existência e da localização daqueles lugares fantásticos; em 1549, um grande contingente de índios Tupi brasileiros, que realizavam uma migração, segundo alguns em busca da “terra sem males”, chegou ao Peru para lá confirmar a existência de *Omagua* e *El Dorado*.

Apesar da expectativa pelo descobrimento de novas riquezas, em verdade, a *Jornada* comandada por Orsúa tomou forma em um período difícil da Conquista Espanhola da América. Passada a euforia dos primeiros anos do estabelecimento espanhol no continente, as relações entre as autoridades reais e os conquistadores estavam tensionadas. O Peru, em especial, vivia momentos de grande instabilidade. Guerras civis (a “Guerra das Salinas”, por exemplo, dividiu os colonos entre “almagristas” e “pizarristas” entre 1537 e 1538) e rebeliões (a liderada por Gonzalo Pizarro durou de 1544 a 1548, a de Sebastián de Castilla ocorreu em 1553 e a de Francisco Hernández Girón em 1554) confrontavam os interesses dos *encomenderos*³, que gradualmente iam perdendo os seus privilégios e poderes administrativos, e da monarquia, que tentava retomar para si o controle político da região. Além da insatisfação dos *encomenderos* e de homens influentes do território peruano com a Coroa Espanhola, outra questão tornava ainda mais complexa aquela conjuntura: na segunda metade

² Segundo a crônica do Padre João Daniel, missionário jesuíta do século XVIII, o Amazonas ficou conhecido como *Marañón* após a viagem de Gonzalo Pizarro e Francisco Orellana que percorreu o rio entre 1541 e 1542: “resultou daí um dos nomes pelo qual o rio seria então conhecido entre os espanhóis: o Marañón. Desta mesma tropa de Pizarro lhe vem o terceiro nome [...] porque [...] recebidos como homens ressuscitados [...] e perguntados pelo que tinham visto e observado, e que notícias traziam do lago Dourado e da rica cidade de Manoa [...] respondiam que tudo eram maranhas e mais maranhas, queriam dizer que tudo eram matos, lagoas, pântanos, voltas, rodeios e labirintos, por onde tinham andado embaralhados. Foi-se divulgando pouco a pouco o nome maranhas, até que ficou com alguma mudança perpetuado no rio o nome Maranhão; e assim o chamam os castelhanos propriamente desde o rio Pongo até as suas cabeceiras...” (DANIEL, [1758-1776] 2004, p. 34).

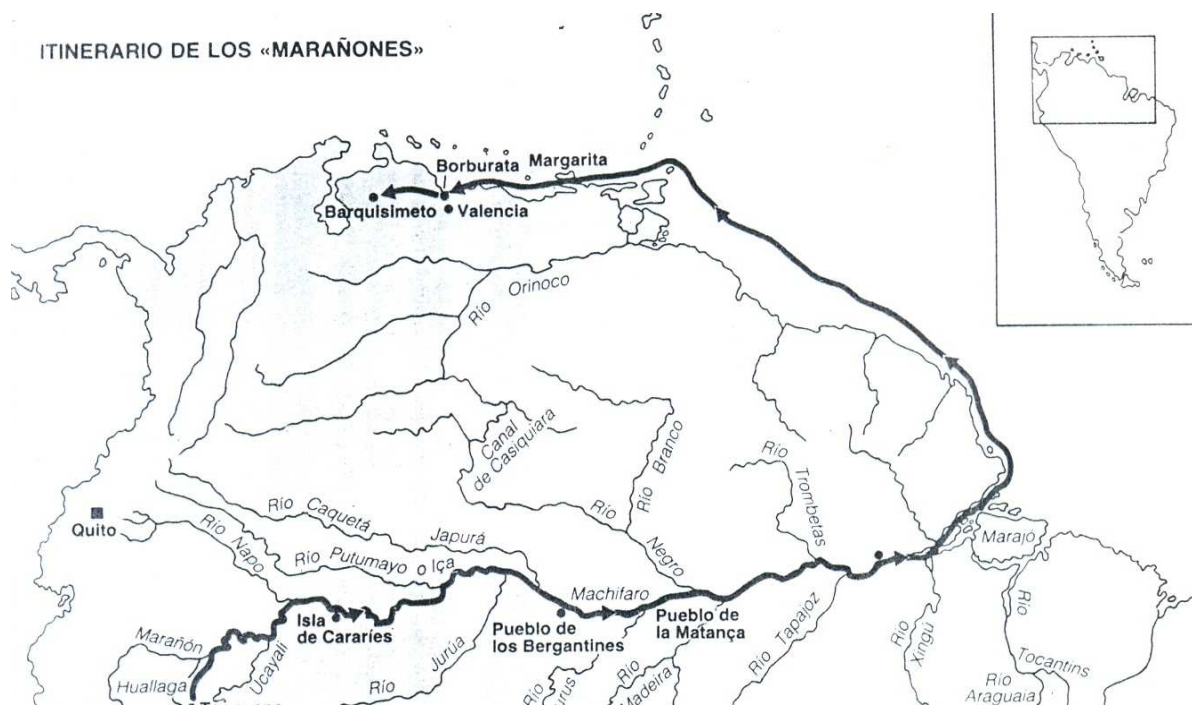
³ Os *encomenderos* formavam então uma casta governante: eles constituíam um grupo de elite minoritário dentre os soldados da Conquista que foi recompensado por seus méritos com o direito de beneficiar-se do tributo dos índios, em regiões determinadas. Vivendo das rendas produzidas de seus índios, muitos *encomenderos* acabaram se tornando os “senhores naturais da terra”, formando amplos domínios e sendo extremamente influentes.

do século XVI o vice-reinado do Peru abrigava, segundo Salmoral, cerca de 6.500 homens “dispostos a qualquer tumulto” (SALMORAL, 1992, p. 492). Tratavam-se de conquistadores sem ofício e que não haviam sido remunerados e nem atendidos pela autoridade real em seus anseios. Com o sistema da sociedade colonial cada vez mais rígido, as possibilidades de mobilidade social e de enriquecimento diminuía consideravelmente. A formação de expedições de descobrimento e conquista, que tantas vezes resultaram na distribuição de interessantes botins e títulos de nobreza, foi a solução encontrada pelos representantes da Coroa Espanhola para dar saída à estes homens ociosos e descontentes, resolução que foi denominada como “*operación de descarga*” ou “*descarga de la tierra*” (SALMORAL, 1992, p. 492).

Nessa medida, a *Jornada de Omagua y Dorado*, como ficou conhecida a expedição de Pedro de Orsúa, foi composta por conquistadores “*descargados*” do vice-reinado peruano que rumaram ao Amazonas em fins de setembro de 1560, após uma longa e difícil organização [IMAGEM 1]. Em meio à densa floresta amazônica, este grupo heterogêneo de expedicionários⁴, anônimos na história da Conquista, verão que os seus quiméricos objetivos não existiam, que *Omagua* e *El Dorado* não passavam de ilusões. A linha fina que separava um passado de trabalhos não recompensados em nome da monarquia de um futuro próspero de fortunas, honrarias, nobres nomeações e terras era rompida em cada *provincia* de índios na qual chegava a expedição e que em nada se pareciam com os lugares míticos tantas vezes noticiados.

⁴ A documentação da *Jornada* traz números um pouco distintos para o grupo expedicionário que formava esta empresa de conquista, mas todos são muito expressivos e demonstram a heterogeneidade de sua composição. Na *Relación* Anônima consta que “*heran trezientos hombres de guerra y tres clérigos de misa y siete mujeres casadas y otras cinco que se pretendían casar, mas de trezientos yndios yndias e algunos negros*” (ANÔNIMA, [s/a] 1981, p. 275); na *Relación* de Pedro de Monguía aparece que “*serían trecientos hombres, antes más que menos, veinte y tanto negros, e seiscientas piezas de servicio, de indios e indias, e ciento veinte arcabuceros*” (MONGUÍA, [1561] 1981, p. 177); Gonzalo de Zuñiga escreveu que eram “*trecientos hombres [...] trayendo dos mil piezas de servicio*” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 6); Francisco Vázquez e Pedrarias de Alместo descrevem que haviam “*trecientos hombres bien aderezados de todo lo necesario, con tantos otros caballos y algunos negros, y otro mucho servicio de naturales*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 57; ALMESTO [s/a] 1986, p. 108).

IMAGEM 1



Mapa da *Jornada de Omagua y Dorado*

Trajeto da expedição: a partida no Peru, a descida do rio Amazonas, a chegada no Oceano Atlântico e o desembarque na Província da Venezuela.

Imagem retirada de: CARVAJAL, G.; ALMESTO, P. & ROJAS, A de. *La aventura del Amazonas*. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: Historia 16, 1986, p. 100

Eclodiu então uma grande revolta dos espanhóis que participavam da *Jornada* contra os seus principais comandantes. A eles foram dirigidas as culpas do insucesso desta empresa de conquista e toda a mágoa por mais uma desilusão sofrida. Em complô, os expedicionários mataram o governador Pedro de Orsúa e seus soldados. Eis que surge o nosso personagem. Lope de Aguirre, “*un obscuro hidalgo, vascongado, pobre y cojo*” (PASTOR, 1988, p. 162), conquistador tão experiente quanto Orsúa, mas sem nenhuma fama ou reconhecimento de parte do poder monárquico, era uma das lideranças dos insurgentes que decidem negar sua vassalagem ao rei Filipe II e nomear um dos seus, Don Fernando de Guzmán, como príncipe do Peru. O novo objetivo da *Jornada*, eleito em reunião e expresso em uma ata [ANEXO 1], foi retornar ao vice-reino, desempossar os representantes da Coroa Espanhola e tomar-lhes o poder.

Com o grupo seguindo o curso do rio Amazonas, distante aos olhos do aparato monárquico, a sublevação foi sendo levada a cabo, ao tempo que a violência entre os próprios expedicionários foi tomando proporções cada vez maiores. Diversos assassinatos – concretizados sob as formas mais distintas, como o garrote, o enforcamento, os *arcabuzazos* e as *puñaladas* – foram sendo cometidos, motivados não só pela situação de desesperação na qual se encontravam os conquistadores desde que se deram conta do fracasso pelo qual passavam mais uma vez, mas também pelos conflitos internos e pelo clima de invejas e de desconfianças (de possíveis traições e deserções) que pairava sobre o grupo de Lope de Aguirre. Assim foi morto Guzmán e tantos outros que participavam da *Jornada*, fossem espanhóis, índios ou negros. Mas a morte não chegou aos expedicionários somente através da violência: as doenças e a fome também faziam vítimas [ANEXO 2].

Quando, finalmente, a correnteza carregou as embarcações à desembocadura do Amazonas no Oceano Atlântico, Aguirre e seus sequazes chegaram, primeiro à *Isla de Margarita*, e depois à terra firme em Borburata e, mais tarde, em Bariquimisetu. Era a partir da Província da Venezuela que pensavam chegar até o Peru para, enfim, colocar em prática o ápice de seu projeto insurrecionista. No entanto, foi também lá que encontraram maior resistência. Com as autoridades perto, a revolta tomou contornos mais complexos, atingindo os moradores da região que, leais à Coroa e temerosos da violência que o grupo de Lope de Aguirre promovia, ajudaram a combater os insurgentes. Logo, representantes da Coroa avisaram os seus superiores do que ocorria e estes passaram a organizar armadas reais para enviar à Província com a intenção de dar um fim definitivo à rebelião. Pode-se observar essa

movimentação em diversas missivas enviadas a partir da Real Audiência de Santo Domingo e direcionadas ao rei. Em Carta escrita por *Oficiales Reales de Sº Domingo al Rey* a 11 de novembro de 1561 estes servidores diziam confiar “*en que el tirano Aguirre será vencido por la armada que salió el 7 noviembre al mando de Juan de Hojeda*” (CARTA DE LOS OFICIALES REALES, [1561] 1950, p. 137). Já a *Carta de los oidores Angulo, Echagoyan y Caceres*, de 9 de fevereiro de 1562, demonstra o aparato que foi enviado ao encontro de Lope de Aguirre:

Como por las proimas pasadas escribio A. V. M., esta rreal audiencia enbió al capitán Juan de hojeda - almirante que fue del armada desta ysla de que fue general don juan tello de guzman - con dozientos hombres y tres nauios contra el tirano lope de iguirre, que se tubo notiçia abia pasado a la provinçia de beneçuela para por alli pasar al piru [...]. (CARTA DE LOS OIDORES, [1562] 1950, p. 146)

Com seu grupo acuada, Aguirre ficou praticamente sozinho. Foi então que ele escreveu três epístolas que encaminhou ao rei e a outras autoridades da região, nas quais explicou as aspirações que moviam os integrantes da *Jornada* – aqueles homens que a Conquista deixara “*sin oficio ni beneficio*” – contra a Coroa Espanhola. Ideais que praticamente se perderam no *Marañón*; somente o líder da rebelião e alguns aliados ainda mantinham-as e defendiam-as. Nos últimos dias de outubro de 1561, Lope de Aguirre, após matar a sua filha Elvira, que o acompanhava na *Jornada* em um ato desesperado, acabou sendo ele próprio assassinado e decapitado. Depois, foi esquartejado e teve partes de seu corpo espalhadas por Barquimisetu, sendo sua cabeça exposta em Tocuyo como demonstração de que seu exemplo jamais devesse ser seguido.

A Coroa Espanhola, de fato, havia se preocupado com a violenta sublevação da qual Lope de Aguirre se tornou protagonista. A mesma sociedade que o havia marginalizado, agora pretendia apagá-lo da história da Conquista Espanhola: um mês após a execução do rebelde, uma sentença contra Aguirre foi redigida e assinada pelo então governador licenciado da Província da Venezuela, Alonso Bernaldez. A *Sentencia de Bernaldez contra la memoria y fama de Aguirre* [ANEXO 3] promovia um castigo simbólico a Lope de Aguirre ao declarar que a sua memória deveria ser inscrita sob o estigma da traição, da tirania e, especialmente, do esquecimento, já que as heranças que, por ventura, o conquistador deixasse, deveriam ser destruídas:

fallo que debe declarar y declarava y declaró, el dicho tirano lope de aguirre aver cometido crimen lese magestatis contra la mgestad rreal del rrey don Felipe

nuestro señor, y haberle sido traydor muchas vezes, en cuya conseqüencia, condenava y condenó a su fama y memoria a que desde oy en adelante y desde la ora que propuso y determino de cometer traycion y tirania, a que sea tenyda por de hombre traydor y tirano contra su rrey y señor natural, y como tal, declaro aber sido justamente degollado y hecho cuartos. [...] y por tal los aplico o mando que doquiera que el dicho lope de aguirre dexase casas de su morada, le sean derribadas por los çiminetos, de arte que no quede figura ni memoria dellas ni de parte dellas, y ansi derribadas sean aradas y sembradas de sal, con pregon publico desta sentencia. (SENTENCIA, [1561] 1981, p. 289)

O “apagamento” de Lope de Aguirre, a Coroa Espanhola não conseguiu promover. Ainda durante a *Jornada* e após o seu desfecho, diversos documentos foram escritos sob a forma de *relaciones* por seus expedicionários que pretendiam livrar-se de punições como a que recebeu o rebelde. Todos os textos produzidos naquele momento, no entanto, faziam questão de descrever o Aguirre que, não podendo olvidar, a monarquia preferia que fosse lembrado como um “*hombre traidor y tirano*”, sem valor algum. Ao longo dos anos e dos séculos seguintes, este evento e esta personagem foram sendo constantemente rememorados a partir deste estigma.

A escrita da história da conquista da América e, em especial, aquela que se referia aos conquistadores, foi marcada pela constante produção e oposição de “*leyendas*”. De um lado, aquela chamada “*negra*” elencava os crimes cometidos pelos “cruéis” espanhóis no continente americano, principalmente em relação aos povos indígenas. De outro, a “*blanca*” foi marcada por narrativas épicas dos feitos dos grandes e heróicos homens que, em nome de Deus e do rei, convertiam selvagens e se apossavam de terras. Assim, os conquistadores poderiam tornar-se, dependendo da visão – se depreciativa ou apologética –, odiosas bestas ou valorosos heróis. Lope de Aguirre também poderia servir como matéria-prima às duas. Para a “*leyenda negra*” como mais um entre tantos sanguinários que circulavam em continente americano. À “*leyenda blanca*”, como um único desviante do óbvio modelo mítico a ser perseguido por todos os conquistadores, à sombra do “punhado de aventureiros”⁵. Parece-nos, como veremos, que Aguirre foi melhor aproveitado pela última.

⁵ Para o historiador do século XIX William Prescott, a Conquista da América havia sido levada a cabo por um “punhado de homens excepcionais” (PRESCOTT, 1986, p. 460): poucos, mas incríveis aventureiros que, sozinhos, derrubaram dois impérios.

A repercussão que Lope de Aguirre e a sua *Jornada* tiveram desde o século XVI na historiografia, na literatura, no cinema e no imaginário popular⁶ deveria ser impensável à monarquia espanhola. As *Relaciones* produzidas pelos expedicionários não encerravam a escrita daquela história, pelo contrário: elas forneciam um primeiro esboço para que Aguirre fosse construído e re-construído através do tempo, para que se tornasse “*un personaje de leyenda, singular y extraordinario*” (ORTIZ DE LA TABLA, 1987, p. 11). Afirma Julio Caro Baroja sobre isto que “*los autores de las relaciones primeras de sus hechos son acaso menos gesticulantes que quienes los contaron después, aunque se hallaban bajo el influjo del terror personal, directo, que Lope de Aguirre inspiraba*” (CARO BAROJA, 1970, pp. 65-66).

Estas gesticulantes interpretações chegam aos dias atuais. Em 1972, a *Jornada de Omagua y Dorado* foi reconstruída por Werner Herzog em uma película chamada *Aguirre, a cólera de Deus*, na qual o personagem central do evento “filmado” era interpretado por Klaus Kinski. O Lope de Aguirre de Herzog e Kinski é um homem transtornado pela loucura, um tirano que, em meio ao pavor, à fome e às alucinações de seus companheiros de viagem, não admite recuos perante a sua vontade. Já em 1979, o romancista Miguel Otero Silva escreveu *Lope de Aguirre, príncipe de la libertad*. Esta obra literária promovia Aguirre de vilão para herói: o seu autor comparou o personagem da *Jornada* a Simon Bolívar, traçando um paralelo anacrônico entre o conquistador rebelde e os movimentos de libertação nacional na América. O argumento de Otero é que o próprio Bolívar teria atribuído a Aguirre o título de “primeiro libertador americano” após ler a Carta que o rebelde enviou ao Rei Filipe II. Seguindo este mesmo pensamento, uma coluna assinada por Enrique Vitoria Vera publicada em 21 de março de 2010 no *website* venezuelano *Analítica.com*⁷, solicitava, entre outras medidas ainda mais extravagantes, que a República de Hugo Chávez declarasse Lope de Aguirre como herói da pátria, elevando-o ao “*altar bolivariano*” de revolucionários e concluía exclamando: “*¡Aguirre para todo el mundo!*”.

⁶ Na Venezuela circulam diversas lendas que dizem respeito a Lope de Aguirre. Em *Nueva Esparta* existe uma praia conhecida como “*El Tirano*” que, em verdade, se trata da *Isla de Margarita*, onde a *Jornada* teria desembarcado. Diz-se que nas noites sem lua as pessoas daquele lugar enxergam luzes vermelhas, “*fuegos fatuos*”, que saem do mar e correm pela areia; depois de um tempo, estas luzes formariam no ar a figura de um homem a cavalo, que seria Aguirre, seguido de vários soldados e de uma menina, que dizem ser a sua filha Elvira (FRANCO, 2007, p. 96).

⁷ Disponível em: <<http://www.analitica.com/va/sociedad/articulos/9166380.asp>>. Acessado em março de 2010.

Veio para ressuscitar o tempo
 e escarpelar os mortos,
 as condecorações, as liturgias, as espadas,
 o espectro das fazendas submergidas
 o muro de pedra entre membros da família,
 o ardido queixume das solteironas,
 os negócios de trapaça, as ilusões jamais confirmadas
 nem desfeitas.

Veio para contar
 o que não faz jus a ser glorificado
 e se deposita, grânulo,
 no poço vazio da memória.
 É importuno, sabe-se importuno e insiste,
 rancoroso, fiel.

(Carlos Drummond de Andrade. “O historiador”.
 In: *A paixão Medida*, 1980, p. 34)

Deve soar pouco original citar na introdução em nossa dissertação esta poesia de Carlos Drummond de Andrade. No entanto, a leitura que fizemos dela auxiliou a refletir e aqui traçar um esboço sobre nossa relação epistemológica com o objeto de estudo do qual nos cercamos e o discurso sobre o passado que acabaremos por produzir em nosso estudo. Afinal, se o historiador “veio para ressuscitar o tempo e escarpelar os mortos”, não somos os primeiros a indagar Lope de Aguirre e a expedição de exploração da Amazônia da qual ele participou, a *Jornada de Omagua y Dorado*. Personagem e evento foram diversas vezes rememorados na historiografia da conquista da América. Aguirre, por ter escolhido ser *gauche* (lembrando outro texto de Drummond) em sua trajetória de vida, ao liderar uma famosa rebelião ao longo da *Jornada*, ficou especialmente marcado como um homem que, em meio a tantos heróis, não fez “jus a ser glorificado”. Em mais uma oportunidade disse, com sabedoria, o poeta mineiro: “O problema não é inventar. É ser inventado” (ANDRADE, 2002, p. 1258). Os textos que tratam a *Jornada* acabaram “inventando” o sujeito Aguirre como personagem central àqueles acontecimentos; controverso, virou um “vilão” na história da América colonial.

Diferentemente das tantas narrativas já construídas, perscrutar a “verdade” sobre as ações de Lope de Aguirre e tecer apreciações morais sobre ele, ou investigar a *Jornada* tal como ela foi nunca se constituiu nosso maior interesse. Para atingir o horizonte almejado em nossa pesquisa, o conceito de “representação” sugerido pela História Cultural, especialmente aquele formulado por Roger Chartier, será muito valioso. Para o teórico, o objeto da história é

“identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16). O que pretendemos alcançar em nossos estudos, portanto, são as representações sobre a *Jornada* e sobre Aguirre nas narrativas que, em diferentes tempos históricos, abordaram estes temas. Por quê a realidade vivida naquela expedição de conquista da América, foi construída, dada a ler por seus participantes? Como eles a teriam representado? Essa representação inicial foi repensada, recriada, ou foi sendo simplesmente apropriada pela historiografia ao longo dos anos? Concordamos com Chartier: “o real assume assim um novo sentido: o que é real, de fato, não é somente a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a visa, na historicidade de sua produção e na estratégia de sua escritura” (CHARTIER, 2002, p. 56).

Temos plena convicção de que a história do personagem e do evento não pode ser separada da história de suas interpretações. Já que, mais do que nunca, o historiador “veio para contar” o que “se deposita, grânulo, no poço vazio da memória” e é (e “sabe-se”) “importuno”, é o percurso da escrita da história de Lope de Aguirre e da *Jornada*, e, por conseguinte, da conquista do continente americano pelos espanhóis, o que mais nos instiga e motiva. Tendo no horizonte que o “real”, ou melhor, as representações do real que chegam até nós foram determinadas pelos interesses dos grupos que as forjaram (CHARTIER, 1990, p. 17) e que a historiografia é legitimadora da memória (CATROGA, 2001), o que aqueles que narraram os acontecimentos, em diferentes tempos históricos – sejam escritores contemporâneos (como os expedicionários e o próprio Aguirre) ou póstumos ao acontecimento –, julgaram que deveria ser registrado, lembrado ou esquecido, ressaltado ou atenuado, e qual a razão destas escolhas? Quais teriam sido as motivações, os objetivos e as pretensões de cada escritura? Qual foi a memória da *Jornada* e de Aguirre que se fez questão de construir e guardar, e qual a importância da escrita neste processo? Quais implicações que estas opções promoveram na produção da historiografia da Conquista?

O eixo central de todas estas perguntas, sem dúvida, é a “operação historiográfica” de que fala Michel de Certeau (DE CERTEAU, 1992). Afinal, na escrita que fazemos da história escolhemos (e me refiro aos autores das narrativas do século XVI ao XX e a nós mesmos) determinados eventos, personagens, determinadas fontes históricas para, partindo de nossa realidade, de nossa sociedade, de nossa subjetividade – ou do “lugar de produção” – dar “sentido” ao passado e construir alguma razão ao presente. Os escritos (já que a escrita é prática através da qual, no Ocidente, há pelo menos cinco séculos se preferiu “fazer história”)

com os quais trabalharemos, portanto, são marcas não do “passado” tal como foi, mas da história, a maneira pela qual os homens abordam o passado.

Assim, no primeiro capítulo, discutiremos aquelas que, juntamente com as Cartas de Lope de Aguirre, são os primeiros documentos produzidos sobre a *Jornada de Omagua y Dorado*. Trata-se das *Relaciones* escritas pelos participantes da expedição. Iniciaremos nosso trabalho com elas, pois é a partir destes testemunhos – e não das epístolas realizadas por Aguirre – que a *Jornada* será interpretada nos anos e séculos posteriores; são elas que ganharão o estatuto de “documentos” do evento no século XIX. Para compreendermos como (e porque) os autores-atores produziram as suas *Relaciones*, verificaremos o que significava escrever no século XVI, especialmente entre os conquistadores da América (a escrita da história por quem “viu”, a escrita da “verdade”), qual o estatuto daquele tipo textual (as *relaciones de la conquista y la colonización*) e como ele acaba se relacionando com as *probanzas de merito*. Por fim, partindo das subjetividades, das experiências e das intenções dos autores, objetivamos ler “a contrapelo” as *Relaciones* da *Jornada*. Quais teriam sido as representações que os expedicionários construíram sobre o evento e os seus personagens, especialmente sobre Lope de Aguirre? O que foi selecionado – e quais foram os critérios utilizados nestas escolhas – para que fosse guardado e rememorado, nesta primeira escrita da história da *Jornada*?

No capítulo subsequente, interessa-nos compreender como a *Jornada* e Aguirre foram interpretados na história da Conquista após o término do evento e a produção das *Relaciones* dos expedicionários-autores. As narrativas analisadas serão as crônicas coloniais produzidas entre os séculos XVI e XVII e, lateralmente, alguns relatos de viagens à Amazônia. A partir destes documentos, pretendemos compreender a historiografia como prática cultural, elaborada pela sociedade com relação a si e aos outros. Afinal, como a história da Conquista da América foi escrita (quais os valores, as concepções, os sentidos construídos para ela) a partir deste evento e deste personagem, em cada época? Como a ação dos sujeitos que compuseram a *Jornada* e colocaram em prática a insubordinação foi interpretada? Quais foram as fontes utilizadas para construir aquelas escrituras? Pretendemos analisar estas diferentes interpretações da *Jornada* e de Aguirre cotejando de que maneira cada uma delas se apropriou, ou não, do narrado nas *Relaciones* da *Jornada*, verificando a possibilidade de reconhecer, nestes casos, práticas de intertextualidade. Desta maneira, talvez seja possível que observemos a trajetória daquelas narrativas, como circularam os seus manuscritos antes que

fossem publicados (o que ocorreu somente no século XIX). Verificaremos, assim, a importância de observar como se deu a apropriação, a recepção, a circulação e edição/publicação das *Relaciones*, eleitas, desde as primeiras interpretações, como algo próximo a “fontes oficiais” da *Jornada*. Percebemos, afinal, que não bastava que ficássemos somente na análise interna dos textos. Era preciso sair daqueles escritos e verificar as relações que teciam com os seus leitores que, a partir deles, interpretaram a história do evento. Sobre isso, alerta Chartier para a necessidade de considerar-se

[...] de um lado, a análise dos textos, sejam canônicos ou profanos, decifrados nas suas estruturas, nos seus objetivos, nas suas pretensões; de outro lado, a história do livro, além de todos os objetos e todas as formas que toma o escrito; finalmente, o estudo das práticas que se apossam de maneira diversa desses objetos ou de suas formas, produzindo usos e significações diferenciados. (CHARTIER, 1994, p. 12)

No terceiro e último momento de nossa dissertação, as narrativas sobre a *Jornada* a serem observadas são as produzidas a partir do século XX. Naquele momento, outras fontes históricas começaram a ser consideradas, inclusive as epístolas escritas por Lope de Aguirre, iniciando uma acirrada discussão sobre a representação do personagem: ele era, de fato, um “louco assassino”, um tirano, como descrevem as *Relaciones*, ou sua personalidade deveria ser matizada a partir da leitura de suas Cartas? Como veremos, alguns optaram pela primeira interpretação; outros chegaram a considerar Aguirre um “primeiro libertador da América”, traçando um paralelo anacrônico entre o conquistador rebelde e os movimentos de libertação nacional ocorridos no continente no século XIX. Apesar de ocorrer, enfim, uma matização da representação de Lope de Aguirre e uma tentativa de repensar os estudos que se faziam sobre ele, o debate sobre este personagem histórico – na maioria das vezes bastante passional – seguiu em torno de sua “*leyenda*”, de seu julgamento, de sua apreciação moral e psicológica. Por esta razão, analisaremos as cartas de Lope de Aguirre para observar como ele construiu em seus escritos a realidade vivida na *Jornada*. Ao escrever sobre os acontecimentos da rebelião através das missivas, Lope de Aguirre tinha, assim como fizeram os seus coevos, o intuito de posicionar-se sobre os fatos ocorridos durante a expedição. Intentaremos identificar, assim, de que forma o personagem constituiu a sua identidade e produziu a sua memória: qual foi a sua intenção ao escrever as missivas? Como se representou nelas? Como a *Jornada* foi descrita por ele? O que, para Aguirre, era ser um conquistador, quais foram os

seus ideais de Conquista? Acreditamos, por fim, que este seja um momento oportuno para reescrever a sua história. Tendo em vista o amadurecimento que hoje atingem as novas perspectivas da história – tanto no que se refere às discussões sobre a conquista da América quanto às alçadas pela História Cultural e pelos micro-historiadores italianos –, nosso objetivo é indicar de que forma as renovações em nosso campo podem contribuir para os estudos sobre o personagem Lope de Aguirre e, além disto, refletir sobre os caminhos da historiografia: como foi escrita a história da *Jornada* e de Aguirre até o momento e como ela pode ser repensada?

O que pretendemos investigar em nossa pesquisa foi exatamente o percurso que fizeram os escritos e, conseqüentemente, as representações e as interpretações formuladas sobre a *Jornada* e Aguirre em distintos tempos históricos. Desta maneira, pode-se verificar como foi escrita a história da América e de que forma eventos e personagens como aqueles foram inscritos na memória da Conquista. Por fim, queremos compreender, tendo a *Jornada de Omagua y Dorado* e Lope de Aguirre como horizontes, como a história, em diferentes momentos, com distintos instrumentos analíticos e arcabouços teóricos, elaborou os seus discursos sobre o passado. A “jornada” da historiografia de um evento e de um personagem, portanto, servir-nos-á para que avaliemos os caminhos de nosso próprio ofício, conduzindo-nos à uma reflexão do conhecimento histórico (inesgotável), produzido, seja sobre Aguirre, a *Jornada*, a Conquista ou a América...

Na construção de NOSSA narrativa historiográfica sobre a *Jornada* de Lope de Aguirre não nos poderá faltar sensibilidade, bem sabemos. Dos documentos analisados não poderemos deixar passar nem “ardido queixume”, tampouco as “ilusões jamais confirmadas nem desfeitas” expressas por seus autores; pequenos traços do passado que o historiador “insiste, rancoroso, fiel” em buscar. Fiel não àquilo que aparentemente é o “real”, mas à subjetividade da escritura: as representações que ela constrói, a historicidade de sua produção, os interesses, o lugar, a imaginação, as angústias, as experiências dos sujeitos... Enfim, devemos considerar que “[...] *el mundo hispanoamericano es un mundo rebosante de ruido y voces, un universo de excesos y de confusión, de rumores simultáneos que los archivos guardan en espera de ser desvelados por el silencio reparador de un investigador*” (ALBERT, 2007, p. 46).

CAPÍTULO 1

A escrita das Relaciones da Jornada

“Tantas testemunhas desses acontecimentos, tantos atores empunharam a pena para difundir o que viram e viveram, atizar as curiosidades européias ou reivindicar sua parcela de glória e de recompensa. Essa multiplicação dos pontos de vista permite restituir os planos diversos que compuseram a história da Descoberta e da Conquista [...]”

(Carmen Bernand e Serge Gruzinski, *História do Novo Mundo 1*, 2001, p. 14)

“No entanto, o tipo de narrativa e discurso lançado pelos conquistadores apresentava certa tradição literária. Não eram relatos que tinham apenas a função de informar e nem mesmo foram escritos de modo aleatório. Eram escritos carregados de intenção e significado, cheios de lógica própria. O aspecto histórico lhes foi conferido mais tarde [...]”

(Marcus Vinícius Morais, *As conquistas das crônicas a partir das crônicas das conquistas. História, memória e escrita*, 2006, p. 83)

Em 1973, o cineasta Werner Herzog iniciou seu *Aguirre, a Cólera de Deus* com um paratexto que informava aos espectadores: “Após a conquista e o saque do Império Inca pelos espanhóis, os índios, na miséria, inventaram a lenda da terra do ouro, o *El Dorado*, que estaria localizada nos intransitáveis e pantanosos afluentes do rio Amazonas. Ao final de 1560, uma grande expedição de aventureiros espanhóis, sob o comando de Gonzalo Pizarro partiu dos Andes peruanos. O único documento que temos desta desaparecida expedição é o Diário do Frei Gaspar de Carvajal”. Ao que apareciam as imagens de uma fila de homens atravessando a Cordilheira sob uma bruma espessa, uma voz, em *off*, narrava a encenação como se fosse o religioso escrevendo seu relato: “No dia de natal do ano de 1560, alcançamos o último desfiladeiro dos Andes e, pela primeira vez, avistamos a selva. Pela manhã, rezei a missa e então descemos por entre as nuvens”.

Não importa ao público de Herzog que ele tenha transformado a famosa e, supostamente, bem sucedida expedição de Pizarro e Orellana à Amazônia, ocorrida entre

1541 e 1542 e descrita na *Relación* do dominicano Gaspar de Carvajal⁸, na desventurada *Jornada de Omagua y Dorado* comandada por Pedro de Orsúa⁹ no intervalo dos anos de 1560 e 1561, evento que, de fato, o cultuado diretor do cinema alemão pretendeu reconstruir¹⁰ em sua narrativa fílmica. Tampouco que o documento citado na introdução da película tenha sido confeccionado vinte anos antes que se produzissem os escritos acerca da expedição de 1560 e que, a despeito do Padre que narra as ações ocorridas no filme, não se tenha notícia de qualquer relato religioso sobre a *Jornada*. Foram os conquistadores que participaram desta viagem que produziram os seus primeiros documentos escritos, as suas sete distintas *Relaciones*.

O cinema tem, em sua própria natureza, a “propriedade de fazer substituir a verdade pela verossimilhança” (ROSSINI, 1999, p. 122). Tratando-se de um filme histórico¹¹, no entanto, Werner Herzog viu a necessidade de produzir o que Rossini intitula, utilizando Roland Barthes, “uma ilusão referencial chamada de efeito de real” (ROSSINI, 1999, p. 122). E aí surge uma aparente contradição: se por um lado inexistente o compromisso do cineasta com a

⁸ As duas primeiras expedições dirigidas à região amazônica foram comandadas pelos espanhóis Vicente Yañez Pinzón e Diego de Lepe, ambas em fevereiro de 1550, e introduziram-na nos planos de conquista e colonização que a Coroa Espanhola dirigia ao Novo Mundo. Mais de trinta anos depois, a expedição de Alonso de Mercadillo (1538) protagonizou o reinício da exploração daquele espaço, com o objetivo de encontrar metais preciosos e terras férteis. Entre as viagens em busca de uma Amazônia “inventada” – cuja imagem idílica foi constantemente construída como um lugar misterioso, permeado por fabulosas riquezas –, uma das mais importantes do período foi a de Gonzalo Pizarro e Francisco de Orellana, que partiu de Quito rumo ao *País da Canela* entre os anos de 1541 e 1542, sendo a primeira a percorrer toda a extensão do Rio Amazonas. Como veremos adiante, o frei dominicano Gaspar de Carvajal foi quem narrou detalhes da viagem, da qual também foi expedicionário, em sua *Relación del Nuevo Descubrimiento del famoso Rio Grande que descubrió por muy gran ventura el Capitán Francisco Orellana*, texto que ganhou grande repercussão no mundo colonial e que gerou um sem fim de informações que realimentaram o imaginário dos conquistadores sobre o espaço amazônico. (Ver mais em: UGARTE, 2003; MARTINS, 2007)

⁹ Em alguns documentos, encontramos o sobrenome do comandante da expedição grafado como “Ursúa”.

¹⁰ O filme deve ser visto como uma “construção que, como tal, altera a realidade através de uma articulação de imagem, a palavra, o som e o movimento. Os vários elementos da confecção de um filme – a montagem, o enquadramento, os movimentos de câmera, a iluminação, a utilização ou não da cor – são elementos estéticos que formam a linguagem cinematográfica, conferindo-lhe um significado específico que transforma e interpreta aquilo que foi recortado do real”. (KORNIS, 1992, p. 239)

¹¹ Em artigo intitulado “Entre a história e o cinema” (publicado no Caderno de Cultura do jornal Zero Hora do dia 20 de março de 2004), Anderson Zalewski Vargas reflete, a partir do filme *A paixão de Cristo* (dirigido por Mel Gibson), sobre a possibilidade de os historiadores discutirem os limites entre a ficcionalidade e a verdade contida nas obras cinematográficas que, como aquela, se pretendem “históricas”. Vargas conclui que o impacto emocional – sentimento tão contrário ao nosso ofício – que as narrativas fílmicas produzem nos sentidos não devem desestimular a análise e a crítica daqueles filmes que são apresentados como sendo “o que ocorreu”, pois assumindo-se assim, são eliminados “os obstáculos que permitem ao historiador eximir-se do paradoxal trabalho de avaliar um filme pelos princípios do universo particular da disciplina histórica” (VARGAS, 2004). Neste sentido, Aguirre, a Cólera de Deus seria um filme absolutamente passível de ser utilizado de forma analítica por profissionais de nosso campo. Apesar disto, neste momento não é nosso interesse criticar Werner Herzog e a sua confusão entre acontecimentos e documentos de Aguirre, isto é, se houve intencionalidade ou lapso ou se o diretor desconhecia as fontes primárias da história que filmou.

verdade e a empiria, por outro, ao apresentar seu filme citando uma *Relación*, Herzog pretendeu criar a impressão de que ao compor a sua narrativa havia se calcado na realidade dos fatos apresentada pelo documento, como se tivesse encontrado o acontecido, palpável, naquele escrito. Assim, aos espectadores de *Aguirre, a Cólera de Deus* – e, talvez, ao próprio cineasta –, o resultado da película pode parecer o mais próximo do verossímil e o relato de uma testemunha da expedição retratada uma evidência incontestável do passado tal como ele foi.

Nossa preocupação em relação ao vasto *corpus* documental da *Jornada de Omagua y Dorado* de que dispomos para trabalhar neste capítulo (e também nos próximos) vai de encontro a esta constatação tão em voga no século XIX, mas que ainda deve permear o senso comum acerca da história, que concebe os documentos como “monumentos históricos escritos”, cujo “conteúdo tinha a função de ‘revelar’ os processos dos tempos passados” (REIS, 2006, p. 39). “Escrita” e “verdade” são conceitos extremamente sensíveis aos historiadores. Essas palavras rondam, incansavelmente, a “operação” que, segundo Michel de Certeau (1982), o historiador promove quando “faz” a história: afinal, conseguimos ou não chegar à verdade dos acontecimentos – e reconstruí-los *ipsis litteris* em nossa narrativa – a partir da documentação? Se, tantas vezes, a validade das fontes históricas como narrativas fidedignas de um evento foi colocada em dúvida, entendemos que estes documentos não são “transparentes” a ponto de tornar os fatos visíveis tais como foram no passado, nem “opacos” (KARNAL, 2004, p. 10); ou, como prefere Carlo Ginzburg, “nem janelas escancaradas, como acreditam os positivistas, nem muros que obstruem a visão, como pensam os céticos: no máximo poderíamos compará-las a espelhos deformantes” (GINZBURG, 2002, p. 44). Acreditamos, assim, que a documentação de que dispõe o historiador deve ser lida a “contrapelo”, procurando nela os “elementos incontrolados”, como aconselha Ginzburg citando Walter Benjamin, “contra as intenções de quem os produziu” (GINZBURG, 2007, p. 11). Ainda sobre a dúvida em relação à possibilidade de “fazer história” com as fontes escritas, por ser impossível, através delas, atingir a pretendida objetividade, seguimos com o historiador italiano:

A análise da distorção específica de qualquer fonte implica já um elemento construtivo. Mas a construção [...] não é incompatível com a prova; a projeção do desejo, sem o qual não há pesquisa, não é incompatível com os desmentidos infligidos pelo princípio de realidade. O conhecimento (mesmo o conhecimento histórico) é possível. (GINZBURG, 2002, pp. 44-45)

As *Relaciones da Jornada de Omagua y Dorado*, assim, devem ser lidas com todo o cuidado. Os “elementos incontrolados” de que lembra Ginzburg, emergem nelas sob a forma de experiência, representação, imaginação, escolha, silêncio, esquecimento, emoção, intenção, interesse, entre tantos outros. Mais do que isso, é necessário atentar-nos para os “lugares de produção” destes escritos, afinal, eles não são simples “corpos flutuantes”, mas são “históricos”, “ligados a operações e definidos por funcionamentos” (DE CERTEAU, 1982, p. 31). Por essa razão – e reafirmando que o “conhecimento histórico é possível” – ao deparar-se com as fontes textuais de tempos pretéritos, o historiador, viajante do passado, deve ter o olhar atento que pensa, “instiga e provoca a cada instante sua empresa de inspecção e interrogação” (CARDOSO, 1988, p. 349). É da análise das *Relaciones da Jornada* que a “empresa de interrogação” de que tomamos parte se ocupará neste primeiro momento.

O que aqui pretendemos é verificar o que motivou os expedicionários que participaram da *Jornada de Omagua y Dorado* a produzir as suas versões sobre ela. Para isso, veremos o que significava escrever nos primeiros anos da Conquista¹² Espanhola, quais os conceitos de “verdade” e de “história” que se vislumbravam à época e como as experiências, as práticas e os lugares de produção influenciavam nas representações que os conquistadores construía de suas vivências. Por fim, analisaremos as *Relaciones* objetivando compreender como (e quais as razões para as suas escolhas) os seus autores representaram as suas participações na *Jornada*, o próprio evento e os “outros” que, neste caso, não eram os nativos da floresta amazônica¹³, mas espanhóis como os próprios interlocutores dos relatos; espanhóis que, contra a “normalidade” ousaram rebelar-se contra o rei Filipe II. Estas *Relaciones*, como observaremos, revelam “as tensões existentes no momento em que foram produzidas” (REIS; FERNANDES, 2006, p. 40). Distantes da “objetividade” pretendida, e tantas vezes reivindicada aos textos coloniais, pretendemos compreendê-las como partes “do próprio processo de

¹² Utilizaremos a palavra “Conquista” grafada com inicial maiúscula para significar o conceito relativo ao conjunto de eventos sucedidos a partir de 1492 e da “viagem pioneira” de Cristovão Colombo. Já o termo “conquista” irá aparecer na acepção do verbo que ele representa.

¹³ Os textos da Conquista da América, especialmente aqueles nos quais os autores relataram empresas que exploraram o interior do continente, são importantes fontes históricas para pesquisadores que pretendem estudar a alteridade despertada pelo contato entre indígenas e europeus. Além disso, pode-se, através delas investigar as sociedades indígenas pré-coloniais, pois esses textos trazem ricas descrições sobre os seus modos de vida e a sua organização social. Essas narrativas foram, em épocas passadas, desconsideradas pelos historiadores por não retratar as populações pré-colombianas tais como elas foram ou por carregar uma visão cristã que “contaminava” o passado indígena. Ainda que sejam relatos permeados por informações claramente fantasiosas e interpretadas através dos “filtros” de seus escritores, hoje, com os novos modelos de compreensão que a historiografia tem discutido, torna-se possível – diríamos que mais do que possível, indispensável – a sua utilização na produção historiográfica: “a proposta desenvolvida foi um diálogo entre a revelação integral da alteridade e a opacidade absoluta do passado” (KARNAL, 2004, p. 11).

construção da história” (REIS; FERNANDES, 2006, p. 41). Interessa-nos, pois, perceber como foi construída pela primeira vez a história da *Jornada* e, conseqüentemente, como naquele momento foi escrita a história da Conquista da América.

1.1. Escrita, experiência e verdade

Diz Roger Chartier que “o medo do esquecimento obcecou as sociedades europeias da primeira fase da modernidade” (2007, p. 10). Talvez essa seja uma explicação para o importante papel que desempenhava a escrita nos primeiros anos de conquista e colonização espanhola da América. Conquistadores, burocratas, aventureiros, missionários e viajantes, todos pareciam dispostos a “empunhar a pena” e escrever o que viam e viviam. Textos repletos de informações, tanto sobre os povos e lugares encontrados neste espaço desconhecido quanto sobre o desempenho das empresas de conquista hispânicas e as façanhas de seus homens, surgiam com intensidade naquele “mundo de iletrados”¹⁴ (KARNAL, 2006, p. 11). Escrever tornou-se a forma de relatar aos conterrâneos do Novo e do Velho Mundo a ainda nova e distante – aos olhos e, principalmente, aos sentidos – realidade americana. Mas não se tratava de um simples informar: narrar significava, antes de tudo, guardar memória, registrar, argumentar, justificar, reivindicar a verdade. Segundo Michel de Certeau,

A escrita acumula, estoca os ‘segredos da parte de cá, não perde nada, conserva-os intactos. É arquivo. Por outro lado ela ‘declara’, avança ‘até o fim do mundo’ para os destinatários e segundo os objetivos que lhe agradam - e isto sem ‘sair do lugar’, sem que se desloque o centro de suas ações, sem que ele se altere nos seus progressos. Ela tem na mão a ‘espada’ que prolonga o gesto, mas não modifica o sujeito”. (DE CERTEAU, 1982, p. 217)

Para Enrique Florescano, a Conquista da América “*instituyó un novo sujeto en la historia, el conquistador*” e introduziu no Novo Mundo uma nova forma “*de interpretar el acontecer histórico*” (FLORESCANO, 2002, p. 261). O discurso inaugurado pelos conquistadores espanhóis que se aventuravam no continente americano intencionava prolongar e enaltecer os heróicos gestos que eles protagonizavam em nome de Deus e do rei

¹⁴ Alguns cronistas da Conquista da América, como Pedro Cieza de León, chegaram a se desculpar em seus escritos pela falta de letramento, mas nem por isto deixaram de produzi-los: “*Y si no va escripta esta historia con la suavidad que da a las letras la sciencia, ni con el ornato que requería, va a lo menos llena de verdades...*” (CIEZA DE LEÓN, [1553] 1947, p. 353).

nas ações de conquista, conservá-los intactos na memória e declará-los “até o fim do mundo”. Para fazê-lo sem “sair do lugar”, utilizaram diversos tipos documentais, tais como as *cartas relatorias*, as *relaciones*, os diários, as epístolas, as crônicas, as histórias, as notícias, os informes e as descrições. Eram escritos públicos, em sua maioria oficiais, pois em grande parte das vezes seguiam regras específicas de escrita e confecção determinadas pela Coroa. Muitas vezes solicitados por ela, aqueles documentos, para além de informar as autoridades reais do que ocorria com seus súditos na “outra margem do ocidente”¹⁵, destinavam-se a construir uma verdade acerca dos eventos da Conquista. Stephen Greenblatt atesta que, para a cultura quinhentista, as provas escritas tinham grande validade, já que ela não confiava inteiramente em testemunhos verbais. O importante era que tudo fosse registrado e revestido da maior autoridade, assegurando a fixação da memória da exploração das terras descobertas: “os documentos autenticados são um penhor da verdade da descoberta e, portanto, da legalidade da reivindicação. Ou antes, eles ajudam a produzir a ‘verdade’ e a ‘legalidade’” (GREENBLATT, 1996, p. 81).

Já dizíamos antes que o ato da escrita, na América colonial, ia muito além de simplesmente narrar: era preciso revestir de autoridade o testemunho; autoridade respaldada não só pelo documento em si, mas pelo vivido. Nesta profusa produção de narrativas, era a experiência, pois, que preenchia as linhas dos escritos. Somente quem viveu e, mais do que isso, viu, poderia construir um relato verídico e inquestionável sobre o que o que ocorria no além mar, e produzir a legitimidade da Conquista Espanhola. Aqueles homens compreendiam a escrita da história como a descrição dos fatos tais como eles foram, consideravam a “autópsia” o único meio de tornar o narrado algo crível, privilegiavam “o olho contra a orelha”¹⁶ (HARTOG, 1999, p. 34). Talvez, por esta razão, as *relaciones de la conquista y la*

¹⁵ Tomamos de empréstimo aqui a frase que intitula a obra de Adauto Novaes. “A outra margem do Ocidente” de Novaes designa a “margem que [...] passou a situar-se simbolicamente na confluência de dois mundos, o Velho e o Novo” (NOVAES, 1999, p. 7). A margem que distanciava os súditos instalados na América e a Coroa Espanhola, pois, não era só geográfica, separada por um Oceano: era também simbólica, separada por sociedades radicalmente diferentes.

¹⁶ Citamos as palavras de François Hartog quando ele se refere ao método de escritura das *Histórias* por Heródoto, na Grécia Antiga. Mas não há incorreção em utilizá-las para referir-se à escrita da história Conquista da América. O termo “*Historia*” aparece no primeiro dicionário etimológico da língua espanhola produzido por Don Sebastián de Covarrubias Orozco, o *Tesoro de la Lengua Castellana o Española* de 1611, exatamente como “*una narración, y exposición de acontecimientos pasados, y en rigor es de aquellas cosas que el autor de la historia vio por sus propios ojos y da fe de ellas, como testigo de vista, según la fuerza del vocablo ‘istoria, apo tou ‘istorein, quod est spectare, vel cognocere*” (COVARRUBIAS OROZCO, [1611] 1995, p. 639).

colonización tenham sido um tipo discursivo muito utilizado pelos conquistadores¹⁷ do XVI que pretenderam narrar acontecimentos e comportamentos de que tomaram parte sob o seu particular ponto de vista.

O vocábulo *relación* tem o sentido, no século XVI, de um relato ou de uma “*narración o informe que se hace de alguna cosa que sucedió*” (MIGNOLO, 1992, p. 70). No *Tesoro de la lengua castellana o española* de Covarrubias, o termo significa simplesmente “*actus referendi*” (COVARRUBIAS OROZCO, [1611] 1995, p. 856). Conforme indica Walter Mignolo, se relacionado o termo com os documentos originados pela Conquista, o significado é mais específico: trata-se de um “*relato/informe solicitado por la Corona*” (MIGNOLO, 1992, p. 70). No entanto, este tipo discursivo, segundo o mesmo estudioso, caracterizaria-se por ser algo mais “fechado”, por responder somente a um questionário imposto pelas autoridades reais. Os escritores das *relaciones*, ao menos supostamente, não deveriam escrever simplesmente o que “viam”, mas o que o rei “queria saber” (MIGNOLO, 1992, p. 71), restando a estes documentos “*poco de literario o de retorico*” (MIGNOLO, 1992, p. 72). Em cédula datada em 8 de março de 1533, a Coroa Espanhola sistematizou aquilo que desejava que constasse nas *relaciones de conquista y descubrimiento*. Basicamente, solicitava dados que auxiliassem na conquista de terras e de povos nativos, na futura colonização dos espaços descobertos, na distribuição entre os conquistadores e a Coroa dos resultados materiais desta conquista, de *mercedes* e de *encomiendas*: os nomes das províncias e das populações encontradas, quem foram os seus primeiros conquistadores, quantas províncias já estariam povoadas por espanhóis, em quais partes existiam minas, metais ou pedras preciosas (MIGNOLO, 1992, p. 72). Por sua natureza objetiva e imparcial, uma *relación* “*llevaba implícita la certificación del contenido y constituía una cierta garantía de su veracidad*” (PASTOR, 1988, p. 95).

É bastante provável que a recorrente utilização deste tipo discursivo na escrita da Conquista se deva exatamente por ele inscrever-se em “*un marco documental y oficial*”, o que pressupunha que a narrativa estivesse certificada pelo próprio Estado e sugeria “*una equivalencia implícita entre narración y verdad*” (PASTOR, 1988, p. 148). Na prática, diversos escritos intitulados como *relaciones* produzidos durante o Quinhentos ficaram distantes da

¹⁷ Aqui nos referimos especialmente aos homens que participaram de empresas de exploração e conquista instigados pela possibilidade do recebimento de riquezas ou títulos de nobreza, àqueles “*hombres de poco, promovidos por la victoria, pero cuya promoción misma suscitó resistencias en la grandeza de la Península*” (LAFAYE, 1999, p. 34).

definição de Mignolo, quando ele afirma que elas tinham pouco de literário ou de retórico ou que eram motivados somente por uma solicitação da Coroa. Mesmo que a escolha deste modelo para a escrita da Conquista, teoricamente, implicasse uma regra, uma normatização do narrado, o indivíduo se sobressaía. Muitas incluíam reflexões, expectativas e justificativas pessoais de seus autores e, é claro, informações fantasiosas impregnadas de imaginário e de representação do ambiente da Conquista (das ações dos espanhóis ou da natureza americana) ou dos indivíduos (seja dos nativos ou dos próprios conquistadores). Além do mais, muitas *relaciones* eram produzidas por iniciativa própria de seus redatores.

Um exemplo disto é a *Relación* que Gaspar de Carvajal escreveu em 1542 sobre a viagem que fez à região amazônica, iniciada no ano de 1541, junto ao grupo comandado por Gonzalo Pizarro e por Francisco de Orellana, aquela já mencionada no início deste texto por ter sido citada na abertura do filme *Aguirre, a cólera de Deus*. Nessa expedição, em meio à descida do Rio Amazonas, a tropa, acossada pela fome, foi dividida em duas: enquanto o grupo maior aguardava na floresta com o comandante Pizarro, um pequeno contingente foi confiado a Orellana para que procurasse alimentos na região de confluência entre os rios Coca e Napo. A combinação feita entre os dois determinava que, caso Orellana e seus homens não regressassem ao encontro do restante do grupo, deveriam todos retornar ao Peru por seus próprios meios. Segundo a justificativa dada pelo próprio Francisco de Orellana, a forte correnteza do rio não permitiu que ele cumprisse a palavra dada ao capitão da expedição, fazendo-o continuar a viagem até a sua foz, localizada no Oceano Atlântico. É justamente sobre esta aventura seguindo o curso do Amazonas que o frei dominicano produziu o seu relato, “como tentativa de justificação para o descumprimento do acordo feito de regressarem, ele e seus companheiros, em auxílio dos demais, após a obtenção de víveres” (MARTINS, 2007, p. 35) e “isentar Orellana da culpa que lhe era atribuída por não ter cumprido o acordo feito com Gonzalo Pizarro, ao dar seguimento à viagem em vez de voltar em socorro dos companheiros famintos” (MARTINS, 2007, p. 41). Redigiu-o espontaneamente como um pretenso “informe e narração de algo que ocorreu”, sem qualquer reivindicação vinda de seus superiores, a fim de se defender de qualquer acusação de desvio de conduta que pudesse ser feita contra o grupo de expedicionários do qual fazia parte, e de seu comandante. O escrito de Carvajal assegurou, assim, a legitimidade da empresa de conquista de Orellana¹⁸. Este

¹⁸ Cabe ressaltar que Gonzalo Pizarro também escreveu um documento relatando a sua versão da expedição à Amazônia que fez, até determinado trecho, junto à Francisco de Orellana. Se trata de uma carta endereçada por

conquistador foi recompensado pelos seus serviços à Majestade descritos na *Relación del Nuevo Descubrimiento del famoso Rio Grande que descubrió por muy gran ventura el Capitán Francisco Orellana* do frei dominicano, sendo recebido na corte de Carlos V, em maio de 1543 e nomeado, em fevereiro de 1544, como *Adelantado* de um território “descoberto” durante a expedição e que foi batizado de *Nueva Andalucía* (UGARTE, 2003, p. 14).

O expediente de Gaspar de Carvajal permite que concordemos com Mathew Restall, que associa as *relaciones* com as *probanzas de merito*¹⁹. Sentimo-nos bastante confortáveis ao relacionar estes dois modelos de escrita, pois mesmo Walter Mignolo admite que os textos coloniais não obedecem a modelos, mas são híbridos e que, apesar de sua tentativa de categorizá-los em níveis de tipo, estrutura e formação discursiva, não se pode “*forzar una clasificación rígida de los textos en consideración, sino tomarlos en su ambigüedad*”²⁰ (MIGNOLO, 1992, p. 98).

A *probanza de merito* é um gênero que se popularizou através das *Cartas Relatorias* que Hernán Cortés endereçou ao rei Carlos V entre 1519 e 1526 explicando a sua atuação na Conquista do México com o intuito de solicitar recompensas em forma de cargos, títulos e pensões. É possível extrair destas *Cartas* os aspectos que o conquistador selecionou como importantes e valiosos ao registro a respeito de sua trajetória: o grande Império e a organizada sociedade com a qual se deparou e venceu, as maravilhosas construções e as riquezas que encontrou, o empenho e a astúcia na realização e no sucesso da empresa que liderava. Tudo de maneira a fazer uma “propaganda de si”, representando-se como alguém desprovido de qualquer forma de vulnerabilidade ou conflito: “*era la representación humana, sin contradicciones, del orden ideológico y político que su acción pretendía expandir y glorificar*” (PASTOR, 1988, p. iii).

Pizarro ao rei espanhol em 3 de setembro de 1542 (DÍAZ MADERUELO, 1986, p. 17). Foi o escrito de Gaspar de Carvajal, no entanto, que ficou célebre e que repercutiu a viagem nos meios espanhóis.

¹⁹ Diz Restall que “além dos documentos que se auto-intitulam *probanzas* e encontram-se em estrita conformidade com suas convenções, havia ainda outros tipos de relatórios, que também apresentavam a maioria das particularidades das *probanzas* - tais como as *relaciones* (relatórios ou prestações de contas), *cartas* e *Cartas de relación*. Normalmente, as *probanzas* e *relaciones* eram endereçadas ao rei, conquanto às vezes se dirigissem diretamente a outros funcionários reais, como intermediários” (RESTALL, 2006, p. 41)

²⁰ Leandro Karnal, por exemplo, opta por utilizar o termo “crônica” para diferentes tipos de textos da América Colonial Hispânica, sejam eles escritos de missionários, produções de burocratas, *relaciones* de conquistadores ou narrativas de indígenas ou de mestiços cristianizados, alegando que nenhum “é inteiramente distinto do outro e em nenhum deles a classificação permite uma clareza total e inconfundível” (KARNAL, 2006, p. 15). Nesta dissertação, por uma questão de método, optamos por utilizar os termos “*relaciones* para os relatos pessoais dos expedicionários da *Jornada* e “*crônicas*” para os escritos de religiosos e civis que historiaram o evento anos após o seu final, sem haver participado dele.

O discurso de Hernán Cortés, desta forma, aparece ligado aos padrões éticos de cavalaria medieval, no qual se afirma, em diversos momentos, a sua premissa de “*hidalgo* honrado e cortês, sempre preocupado em preservar sua lealdade, a sua palavra e o seu heroísmo” (CAPOVILLA, 2005, p. 69). Suas *Cartas Relatorias*, pelo êxito e pela difusão que alcançaram – foram publicadas pouco depois de chegarem à Espanha, cativando um público leitor²¹ –, ajudaram a consolidar a *probanza* como uma forma muito particular de escrita da história da América. Através delas, Cortés formulou um protótipo do conquistador ideal. Todos almejavam, desde então, equiparar seus feitos ao deste espanhol:

Elemento importante desta narrativa seria tornar esta história fantástica, heróica, a partir das referências bíblicas e cavaleirescas do mundo ocidental; este processo, no entanto, envolve a construção de um discurso heróico, de caráter fictício aos olhos de quem exige objetividade. O relato é feito para se construir um herói, digno de confiança [...]. (MORAIS, 2004, p. 37)

Na maioria das vezes remetendo-se à Coroa, o escritor da *probanza* tinha como principais intuítos reivindicar não somente títulos de nobreza, mas, principalmente, a memória do evento narrado, assim como fez Gaspar de Carvajal com a expedição de que participou. Duas décadas depois, o precedente do religioso serviu a sete conquistadores que, também de forma espontânea, escreveram as suas *Relaciones*, construindo e legitimando suas verdades sobre o desenrolar de outra viagem à Amazônia, a *Jornada de Omagua y Dorado*.

1.2. Uma *Jornada*, sete *Relaciones*: a escrita como *probanza*

Poucos eventos da Conquista Espanhola originaram tantos testemunhos presenciais escritos como a *Jornada de Omagua y Dorado*. Da maioria das viagens exploratórias ocorridas

²¹ A circulação das cartas de Cortés promoveu com grande eficiência a Conquista. O sucesso que obtiveram desagradou a Coroa Espanhola, que temia que o culto exagerado ao conquistador se tornasse uma ameaça pública. Em 1527 elas foram banidas (RESTALL, 2006, p. 41). No entanto, hoje sabemos que na Espanha dos séculos XVI e XVII os manuscritos *corriam*, como sugere Bouza, driblando as censuras que eram impostas a certos escritos: “*Con copiadore que van desde pajes a escritores de libros y estudiantes pobres, pasando por escrevedores de cartas y secretarios amigos, circulan de mano relaciones de sucesos, poesías, vaticinios, caballerías, tratados genealógicos, historias y toda clase de textos. Vendidos, prestados, regalados, prohibidos, robados, copiados de memoria... en plazas de pueblo, mercados, almonedas de difunto, librerías, escrevaninhas*” (BOUZA, 2001, p. 74). Isso nos leva a aventar que, ainda que tenham sido banidas, as *Cartas* de Cortés jamais deixaram de ser lidas, tanto na Europa quanto na América. É importante ressaltar, é claro, que quando nos referimos a um “público leitor”, estamos tratando de um universo restrito de sujeitos alfabetizados e capazes de ler.

no mesmo XVI daquela expedição, via de regra, emergia somente uma ou outra “voz” para descrever, explicar e organizar os acontecimentos vividos, tal como aconteceu na empresa de Pizarro e de Orellana. No caso da *Jornada*, foram nada menos do que sete *Relaciones*: Pedro de Monguía e Gonzalo Zuñiga escreveram-nas antes mesmo do final da expedição; as subsequentes foram produzidas por Custodio Hernández, Juan de Vargas Zapata, Francisco Vázquez e Pedrarias de Almesto, havendo, ainda, uma Anônima, sem referência pessoal ou assinatura²². Nenhuma delas foi requerida por autoridades reais, tampouco seus autores foram especialmente destacados do grupo expedicionário para o ofício da escrita. Não eram burocratas, funcionários reais ou missionários os que as realizaram, mas conquistadores²³ que

²² As narrativas de Diego de Aguilar y Córdoba, de Toribio de Ortiguera e do Capitão Altamirano estão arroladas entre as *Relaciones* da *Jornada* em diversas obras que tratam da expedição. No entanto, não as elencamos entre os documentos caracterizados por este tipo textual. Apesar de havermos afirmado em outro momento que os escritos coloniais, especialmente aqueles que tratavam a Conquista da América, eram difíceis de ser classificados de forma rígida, não há nos textos destes autores características que, a nosso juízo, as definam como uma *relación* ou uma *probanza de merito*. A propósito disso, diversas vezes durante a produção desta pesquisa nos questionamos se a *Relación* Anônima poderia ser analisada como tal. Afinal nela não consta a “escrita de si”: em nenhum momento o autor justifica os seus atos ou menciona descrever algum acontecimento do qual tenha participado. Pareceu-nos que o desconhecido escritor daquele documento narrou a *Jornada* como se fosse algo alheio a ele, como se não tivesse estado em suas embarcações. Escolhemos mantê-lo entre este tipo documental, uma vez que o texto anônimo foi intitulado nos mesmos moldes de todas as outras *Relaciones* que tratam a expedição: *Relación de todo lo sucedido en la gobernación de Omanga qur por otro nombre se llama El Dorado, desde que fue encargada a Pedro de Orsua por el Marques de Cañete, viso rey de los Reynos del Peru, y de como el cruel tirano Lope de Aguirre llegó a la Ylsa de Margarita y de las crueldades que hizo hasta salir e la dicha Ysla. Se proueyese, del desbarate y muerte del tirano por mejor dar a entender el principio y fin que tuuo avnques falta de razones es cum de verdades*. Além disso, Emiliano Jos, o primeiro estudioso a publicar a *Relación* Anônima, afirma que ela foi escrita pouco após a morte de Lope de Aguirre (JOS, 1927, p. 243), o que torna possível que algum integrante da *Jornada* a tenha produzido. Ao contrário disto, temos certeza de que Diego de Aguillar y Córdoba e Toribio de Ortiguera não participaram daquela expedição. O primeiro era um letrado do vice-reinado peruano que escreveu a história da *Jornada* em um poema épico chamado *El Marañón*, de 1578. O segundo é um cronista que diz ter dado combate à sublevação de Lope de Aguirre no *reino de Tierra Firme de las Indias* em 1561 e, no ano seguinte, à rebelião de Rodrigues Mendez e Francisco de Santistéban ocorrida no Panamá (ORTIGUERA, [1585-1586] 1981, p. 32). Entre os anos de 1585 e 1586, produziu uma obra intitulada *Jornada del Río Marañón, con todo lo acaecido en ella y otras cosas notables dignas de ser sabidas, acaecidas en las indias occidentales*, dedicando-a ao rei Filipe III. Apesar de se afirmar como testemunha de parte do evento, não há na narrativa de Ortiguera o elemento da “escrita de si” ao descrever a expedição. Talvez o caso do Capitão Altamirano possa ser relativizado, pois ele sim foi um expedicionário da viagem comandada por Pedro de Orsúa. No entanto, escreveu seu relato sem qualquer intenção de provar inculpabilidade; nem sequer o enviou para uma autoridade real: ele foi compilado – e complementado por depoimentos orais – pelo Padre Antonio Vázquez de Espinosa quando o religioso percorria a cidade em que Altamirano, então com 75 anos de idade, vivia no Peru. Acabou editada sob a autoria de Vázquez de Espinosa no seu *Compendio y descripción de las Índias* publicado entre 1623 e 1629.

²³ Duas vezes nesta narrativa utilizamos a palavra “soldados” para referirmo-nos aos espanhóis que participaram da Conquista da América e, após dar-nos conta do equívoco, obrigamo-nos a reescrever, no seu lugar o termo “conquistadores”. Algumas vezes utilizaremos aqui o termo por nos faltar algum sinônimo adequado, mas ele sempre aparecerá acompanhado de aspas. Apesar de o termo aparecer em muitos documentos da Conquista, inclusive nas *Relaciones* da *Jornada*, o emprego de terminologias militares no tratamento das expedições hispânicas pode fazer parecer que os seus componentes formavam um “exército” tal qual os atuais exércitos profissionais permanentes. Em verdade, os conquistadores não recebiam treinamento, não eram “nem remunerados, nem forçados” (RESTALL, 2006): lutavam para conquistar seus privilégios (ainda que em nome do

atuaram nas mais diferentes funções da empresa da qual tomaram parte. Todos, mesmo aqueles cujas *Relaciones* foram produzidas ainda durante o andamento da *Jornada*, sobreviveram ao final da longa e tumultuada travessia do rio Amazonas e tiveram consciência da importância de construir as suas próprias versões sobre o ocorrido durante a expedição.

Não há dúvidas de que as *Relaciones* da *Jornada de Omagua y Dorado* são relatos de viagem muito particulares. Por um lado, como em tantos outros, “*reconstruyen un itinerario y narran una experiencia que implica un desplazamiento geográfico (espacial-temporal) para dar cuenta de geografías, naturaleza, gente y costumbres ajenas para la sociedad receptora del texto*” (OTO; RODRÍGUES, 2008, p. 22). Por outro, relatam a difícil realidade interna da expedição: a insatisfação, a indisciplina, a violência e a insubordinação entre homens do próprio campo espanhol, elementos que escritos de outras viagens não haviam apresentado até então. Foi a rebelião a motivação e o elemento central da escrita das *Relaciones*. Noticiar informações a respeito das províncias e das populações a serem conquistadas que vislumbraram em meio à floresta era objetivo secundário, praticamente protocolar²⁴. Afinal, para os viajantes da

rei) e, na maioria das vezes, eram eles mesmos os investidores dos empreendimentos da Conquista. Eram “empreendedores armados”, nas palavras de Mathew Restall (2006, p. 86). Além disso, é importante ressaltar a heterogeneidade destes contingentes de espanhóis que participavam das expedições do XVI. Eles eram naturais de diferentes regiões da Espanha e, como não eram “militares”, tinham diversas profissões e ofícios. A maioria dos conquistadores era, ainda, semi-analfabeta, o que não devia ser o caso dos sete que puderam escrever as suas *Relaciones* sobre a *Jornada* e de Lope de Aguirre que, como veremos no último capítulo, produziu um conjunto de cartas. Ver mais sobre isto no capítulo “Nem remunerados, nem forçados. O mito do exército do rei” de “Sete mitos da conquista espanhola”, obra do historiador norte-americano Mathew Restall (2006).

²⁴ Apesar de os relatos se deterem na rebelião ocorrida no decorrer da expedição, algumas passagens – especialmente aquelas que contam o início da viagem, quando a busca pelos lugares míticos ainda eram a prioridade da trajetória – podem ser utilizadas para verificarmos os povos nativos com os quais aqueles conquistadores se depararam e de que maneira os colonos contam as suas estratégias de contato. Assim, apesar da redução populacional que vinha se desenhando já nas primeiras décadas da conquista, o que podemos perceber através dos escritos dos expedicionários é que no interior do continente americano, nesse caso, nas várzeas do Rio Amazonas, havia uma infinidade de grupos ainda não contactados pelos ocidentais – e, em caso positivo, o contato não fora determinante para que houvesse uma “deculturação”, como muitos historiadores clássicos apregoaram. Assim, por exemplo, os índios de Machifaro são representados pelo expedicionário Pedrarias de Alместo, na *Relación verdadera de todo lo que sucedió en la Jornada de Omagua e Dorado*, como um povo de grande densidade populacional, mas bárbaro, “*de mediana dispusición*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 119), que andava nu e guerreava. No entanto, o que podemos perceber é que este grupo, além de populoso, é bastante instrumentalizado e dispunha de tecnologias e construções bastante interessantes, ao contrário das noções que a historiografia tradicional traça sobre as sociedades que ocupavam as terras baixas da floresta Amazônica. Além disso, ao que parece, os índios de Machifaro, não resistiram à chegada dos conquistadores somente enviando-os para um reino de Omagua inexistente, mas com as armas que dispunham: *es pueblo grande, el mayor que hasta allí habíamos visto [...]. Los indios de este pueblo son de mediana dispusición; andan desnudos del todo; sus armas son tiraderas de estólica, con los de arriba son enemigos y tienen guerra con ellos. Las casas son redondas y grandes y de vara en tierra, subiertas de hojas de palmas hasta el suelo, con cada dos puertas. Llegamos a este pueblo de repente y sin que los indios supiesen de nosotros; pero cuando nos vieron, se pusieron de guerra [...]* (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 119). Contudo, a estratégia de contato utilizada pelos índios também podia ser a boa recepção aos espanhóis, a negociação, a troca de presentes. Francisco Vázquez escreve que ao deparar-se com outro povo, começaram a ver alguns índios em canoas pelo rio, mas que observavam aos conquistadores “*recatadamente y de*

Jornada, o ato da escrita se tornou a forma de demonstrar sua própria inocência diante de possíveis acusações de cumplicidade ou de participação na rebelião e nos crimes de lesa-majestade praticados entre eles durante a expedição. Já que não podiam reivindicar títulos, terras ou riquezas descobertas, pelo óbvio insucesso da empresa de conquista da qual participaram, o projeto pessoal dos expedicionários que escreveram seus textos se tornou a tentativa de auto-justificação. De que outra forma, se não através do caráter oficial e legitimador das *Relaciones*, estes homens explicariam à Coroa o fato de terem participado de um episódio de insubordinação à monarquia? Como, em meio ao ambiente hostil e conturbado que descreviam, demonstrariam “valer más”, ambição fundamental entre os conquistadores na sociedade que se formava na América, filha legítima de uma Castela ligada à hierarquia de posições e atenta à ideia da honra?

Tendo em vista o modelo de *probanza* destes escritos, seus autores-atores²⁵ enalteceram suas atitudes, “procurando, pois, denegrir processos e padrões de conduta genéricos” (RESTALL, 2006, p. 40). Em todas as *Relaciones*, a perspectiva dos escritores será a mesma: posicionar-se ao lado da ordem monárquica (à qual pretendiam reintegrar-se após o desfecho da *Jornada*) e dissociar-se do grupo insurgente, desqualificando os rebeldes, suas ações e intenções. Assim, além de justificar os seus comportamentos durante a *Jornada*, os escritores-expedicionários intentaram, através da escrita, construir as suas verdades e consolidá-las como a memória do evento. Não é por acaso que alguns deles chegaram, com poucas variações entre uns e outros, a incluir no título, além do termo “*relación*”, a palavra “*verdadera*”. Por esta construção passa, impreterivelmente, a elaboração de uma série de representações sobre a realidade vivida durante a *Jornada*, como veremos nas próximas páginas: nas *Relaciones*, os seus autores não só caracterizarão o grupo rebelde, personalizando-o na figura de Lope de Aguirre, como também representarão o evento e produzirão uma imagem para si.

A “produção do eu” ou “escrita de si” é uma característica bem própria de textos de *probanzas* como, de certa forma, já explicitamos em outra oportunidade. Apesar de não se tratarem de escritos autobiográficos, através deles seus autores pretenderam produzir uma

lejos” (VÁZQUEZ, [s/a] 1986, p. 64). Ao chegarem os expedicionários à terra firme, um “*cacique de paz com algunos índios*” foram ao seu encontro, levando “*pecados y tortugas*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 65). Em recompensa, o governador Pedro de Orsúa lhes deu “*alguna chaquirá y cuchillos, por le contentar y traer paz*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 65).

²⁵ Tomamos a expressão “autores-atores” de empréstimo de Leandro Karnal, pois traduz bem a ideia de que os escritores das *Relaciones* da *Jornada* também foram protagonistas do evento relatado (KARNAL, 2006, p. 16). Às vezes utilizaremos também “escritores-expedicionários” ou “autores-expedicionários” com o mesmo sentido.

espécie de propaganda de seus feitos, assim como fez Hernán Cortés em suas *Cartas Relatorias*. No decorrer de suas *Relaciones*, os expedicionários que relataram sobre a *Jornada de Omagua y Dorado* escreveram na primeira pessoa do singular, com a clara intenção de fixar um posicionamento sobre os acontecimentos, assentando “sua autoridade, sua legitimidade como ‘prova’” (GOMES, 2004, p. 15). Em alguns casos, no entanto, os autores preferiram referir-se a si na terceira pessoa do singular, às vezes pelo próprio nome, como se estivessem assistindo aos fatos narrados “de fora”. Esta opção, de qualquer forma, auxiliou os conquistadores na construção de uma “representação e/ou invenção de si” (GOMES, 2004, p. 17), cujo objetivo principal era neutralizar qualquer indício de uma “*actuación personal cuestionable o equivocada*” e provar méritos, reafirmando sua “*lealtad incondicional al rey*” (PASTOR, 1988, p. 307). É claro que não é nossa pretensão julgar a veracidade da inocência e da lealdade de cada um dos expedicionários: estamos em busca da intenção e da forma com que eles construíram a si em seus escritos.

A *Relación* de Pedro de Monguía²⁶ se destaca por ser a primeira produção deste vasto *corpus* documental. O caso de Monguía é também o mais interessante entre todos os autores de *Relaciones* sobre a *Jornada*: ele foi integrante confesso do grupo de Lope de Aguirre, o que dificultou as suas possibilidades de justificativas perante a Coroa Espanhola. No entanto, o expedicionário elaborou os seus pontos de vista depois de haver desertado do lado rebelde, o que explica a aproximação que faz de um discurso de lealdade e o fato de não haver esperado nem mesmo o desenlace da *Jornada* para realizar o seu relato.

Pedro de Monguía era *vizcaíno*, foi capitão da guarda de Aguirre²⁷ e assinou o primeiro documento redigido pelos revoltosos que proclamava D. Fernando de Guzmán como príncipe do Perú e negava a autoridade do rei Filipe II [ANEXO 1]. Apesar de, ao que parece, ter formado parte do grupo insurgente, ele não se inscreveu em nenhum dos atos de infidelidade ou de violência de que relatou. O momento da *Relación* em que aparece a sua participação no evento é quando conta haver descumprido uma ordem dada a ele por Lope de Aguirre. Como escreveu o próprio Monguía (e este acontecimento foi descrito também em outras *Relaciones* da *Jornada*), quando da chegada da empresa à terra firme, na Venezuela,

²⁶ Em alguns documentos encontramos a grafia “Munguía”.

²⁷ Na *Relación* de Gonzalo de Zuñiga consta que os integrantes da guarda de Lope de Aguirre “(...) *eran todos vizcaínos y marineros y gente de costa y de poca honra, a los cuales, como den lugar para robar y andar en vicios, como él les daba, es gente muy maldita y mala (...)*” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 14). Os autores das *Relaciones* ressaltaram, em diversas oportunidades, a origem *vizcaína* (basca) de Lope de Aguirre e de seus companheiros – ou, ao menos, imputaram a grande parte deles tal descendência –, como mais uma forma de construí-los negativamente. Veremos mais sobre isto adiante.

após a expedição haver percorrido todo o Amazonas e desembocado no Oceano Atlântico, o líder rebelde mandou que ele e outros homens de seu grupo fossem ao encontro de um navio que transportava o Padre Provincial Francisco Montesinos²⁸:

[...] luego me mandó a mi Pedro de Monguía, capitán de su guardia, me aprestase con veinte hombres arcabuceros en la dicha piragua, e llevando a el dicho Alonso de Niebla por guía, e fuese a Maracapana, donde estaba el navío de Fray Francisco Montesinos, provincial, e tomase el navío. (MONGUÍA, [1561] 1981, p. 183)

Lope de Aguirre havia ordenado, conforme a Relación de Monguía, que ele e seus companheiros tomassem de assalto a embarcação e prendessem ou matassem o religioso (será que o rebelde destacaria para esta função alguém em quem não confiava e discordava de suas ideias?). No entanto, o expedicionário afirma ter decidido mudar o rumo desta ação por querer servir ao rei, convencendo aqueles que o acompanhavam a desobedecer Aguirre e denunciar o que estava ocorrendo na Jornada. Monguía destacou o seu protagonismo nesta ação:

E así tomé puerto en la dicha Tierra firme, e di cuenta a los demás que conmigo iban de mi propósito, como era de servir al Rey e avisar a los que estaban en Maracapana e a todos los demás comarcanos en la costa, hasta llegar al Nombre de Dios; y ellos me respondieron que les placia dello, e que eran muy bien acertado, e que ellos me seguirían hasta el Nombre de Dios, pues que era hora tan buena. (MONGUÍA, [1561] 1981, p. 183)

Caracterizando-se como um homem convicto de sua fidelidade à monarquia espanhola, relatou ter anunciado aos moradores de Maracapaña, “*porque así convenía al servicio de Dios [y] de S. M.*”, que “*quedaba en la isla de la Margarita un tirano de los más malos propósitos que jamás había visto, porque pensaba destruir toda la costa de la Tierra firme, e hasta llegar al Perú, e no dar vida a fraile*” (MONGUÍA, [1561] 1983, p. 184). Após noticiar a rebelião de Aguirre, Monguía se manteve ao lado do Provincial Montesinos²⁹.

²⁸ Escreveu Francisco Vázquez que este navio estava próximo do local onde desembarcaram os componentes da expedição, a *Isla de la Margarita* e trazia o Frei Montesinos, “*provincial de los frailes dominicos que estaba allí con cierta gente y tenía poblado un pueblo en Maracapaña entendiendo en la conversión de los naturales por mandado de Su Majestad*” (VÁZQUEZ, [1561] 1987, p. 115).

²⁹ Segundo Gonzalo de Zuñiga, Lope de Aguirre teria ficado preocupado com o fato de Monguía não ter retornado ou enviado notícias de sua tarefa. Parece que não passava pela cabeça do líder rebelde a ideia de ter sido traído pelo expedicionário: “*En el dicho tiempo esperaba por horas a su capitán Pedro de Monguía, con los demás que consigo llevó, creyendo le traería el navío y el recaudo por que le envió, y como tardaba tanto, tenía jurado que si no venían y se los habían muerto o preso, que había de asolar toda la isla y matar hasta los niños*” (ZUÑIGA,

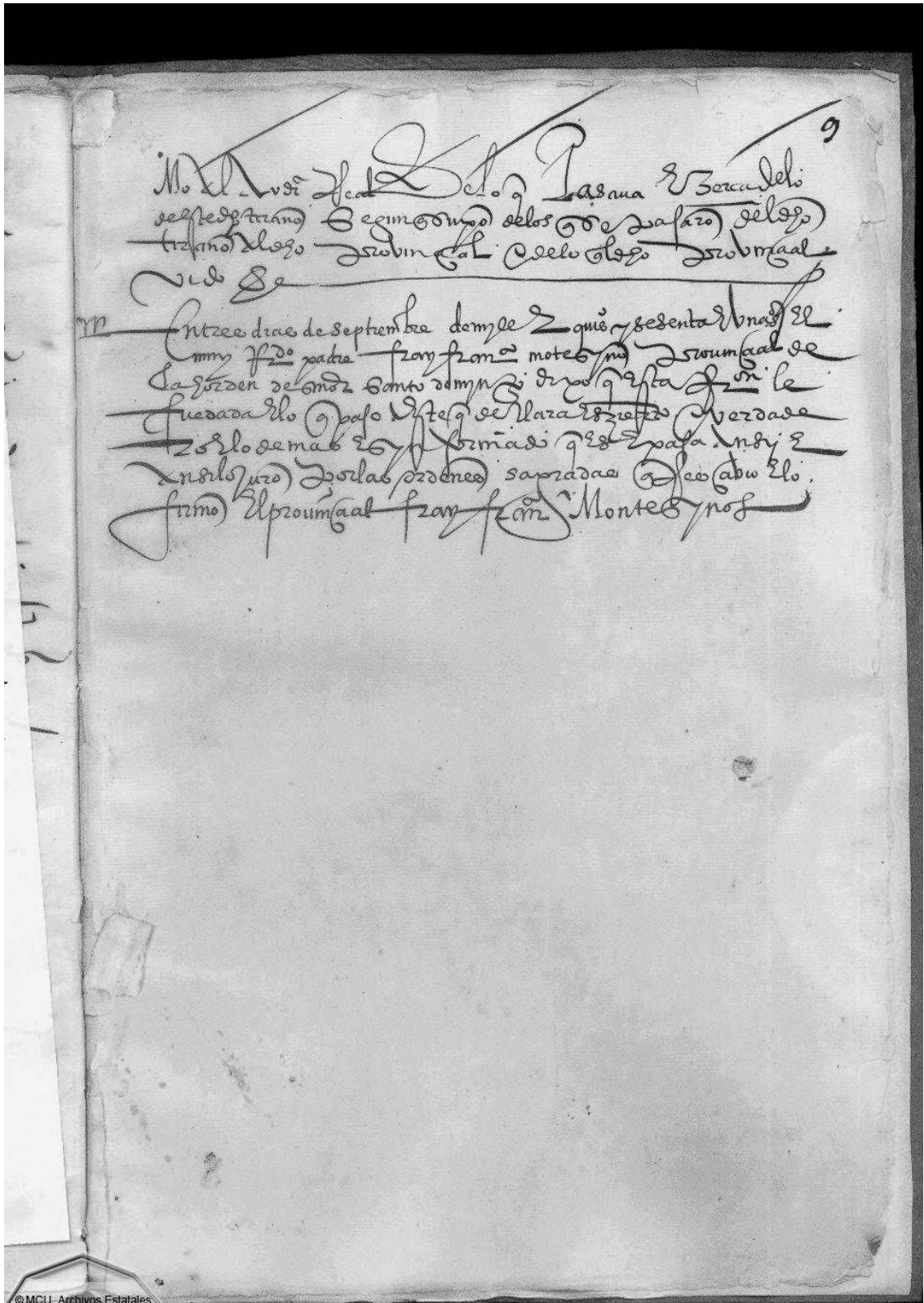
Juntos, escreveu, eles chegaram à *Isla de la Margarita*, onde estavam os insurgentes, para lutar em favor do rei: “*acordó el dicho Provincial de ir contra el tirano con la gente que tenía e con nosotros (...); e así todos los míos e los otros, e con algunos amigos que el dicho Provincial llamó (...) se embarcó con su navío lo mejor que pudo*” (MONGUÍA, [1561] 1981, p. 184). Repara-se que o conquistador fez questão de se referir aos seus companheiros como “*los míos*”, fazendo crer que liderava a iniciativa de se opor aos rebeldes. A suposta tentativa de Monguía e do Padre Provincial de acabar com a insurgência não foi bem sucedida: Aguirre ainda ficou um tempo na *Isla de Margarita*, levando a cabo sua sublevação. No entanto, neste ínterim, Montesinos seguiu para Santo Domingo, onde informou à Audiência Real o que ocorria em *Margarita*, e Pedro de Monguía conseguiu construir sua “*Relación breve*”³⁰, a sua *probanza*. Como a produziu mais de um mês antes da morte de Lope de Aguirre, ocorrida nos últimos dias de outubro de 1561, seu relato, além de ser um dos menos detalhados, não revela os atos finais da *Jornada*. No entanto, o manuscrito foi assinado e legitimado pelo Provincial, o que deve ter garantido ao escrito o valor de “verdade” e à Monguía certo prestígio diante das autoridades reais:

En 3 días de Septiembre de 1561 años, el muy reverendo Padre Fray Francisco Montesinos, provincial de la orden de Señor Santo Domingo, dijo que esta relación le fue dada, e lo que pasó a este que declara es cierto e verdadero, e lo demás es informado que es e pasa así; e así lo juro por las órdenes sagradas que recibió, e la firmó. - El Provincial, Fray Francisco Montesinos. (MONGUÍA, [1561] 1981, p. 183) [IMAGEM 2]

[1561], 981, p. 23). Depois disto, Aguirre escreveu a sua famosa Carta ao Provincial, na qual pergunta, parecendo desconfiado, sobre o paradeiro de Monguía e de seus companheiros: “... a Munguía y Artiaga, Dios les perdone; porque si estuvieran vivos y no hubieran muerto, no tengo por posible negarme, cuya muerte o vida suplico a vuestra paternidad me haga saber” (AGUIRRE, [1561] 1981, p. 286). Em sua *Relación*, Francisco Vázquez escreveu que o Provincial teria remetido uma carta em resposta, a qual não tinha lido, mas que “*en suma le decía que Munguía y Artiaga estaban vivos y eran muy servidores del Rey y que ellos y todos se habían pasado a su servicio como sus leales vasallos (...)*” (VÁZQUEZ, [1561] 1987, p. 125).

³⁰ “*Relación breve hecha por Pedro de Monguía, capitán que fue de Lope de Aguirre, de lo más sustancial que ha acontecido; según lo que se me acuerda, de la Jornada del Gobernador Pedro de Orsúa, que salió de los Reinos del Perú, proveído por el audiencia real que reside en la ciudad de los reyes, e por visorey Marqués de Cañate; e del alzamiento de Lope de Aguirre, el cual mató al dicho Gobernador Pedro de Orsúa e se hizo capitán en el, con intención de volver al Perú por el nombre de Dios para hacerse Rey e Señor del, según lo publica.*” - A versão que utilizamos foi publicada em 1981 na cidade de Barcelona, em edição de Elena Mampel González e Neus Escandell Tur (Editorial 7½ S.A. e Ediciones Universidad de Barcelona). Constam nela introdução e notas.

IMAGEM 2



Manuscrito da *Relación* de Pedro de Monguía

Página onde consta a assinatura do Padre Provincial Frei Francisco Montesinos

(Archivo General de Indias. PATRONATO, 29, R.13)

Imagem retirada de: PARES - Portal de Archivos Españoles. Disponível em: <<http://pares.mcu.es/>>.

Acesso em: 13/01/2010.

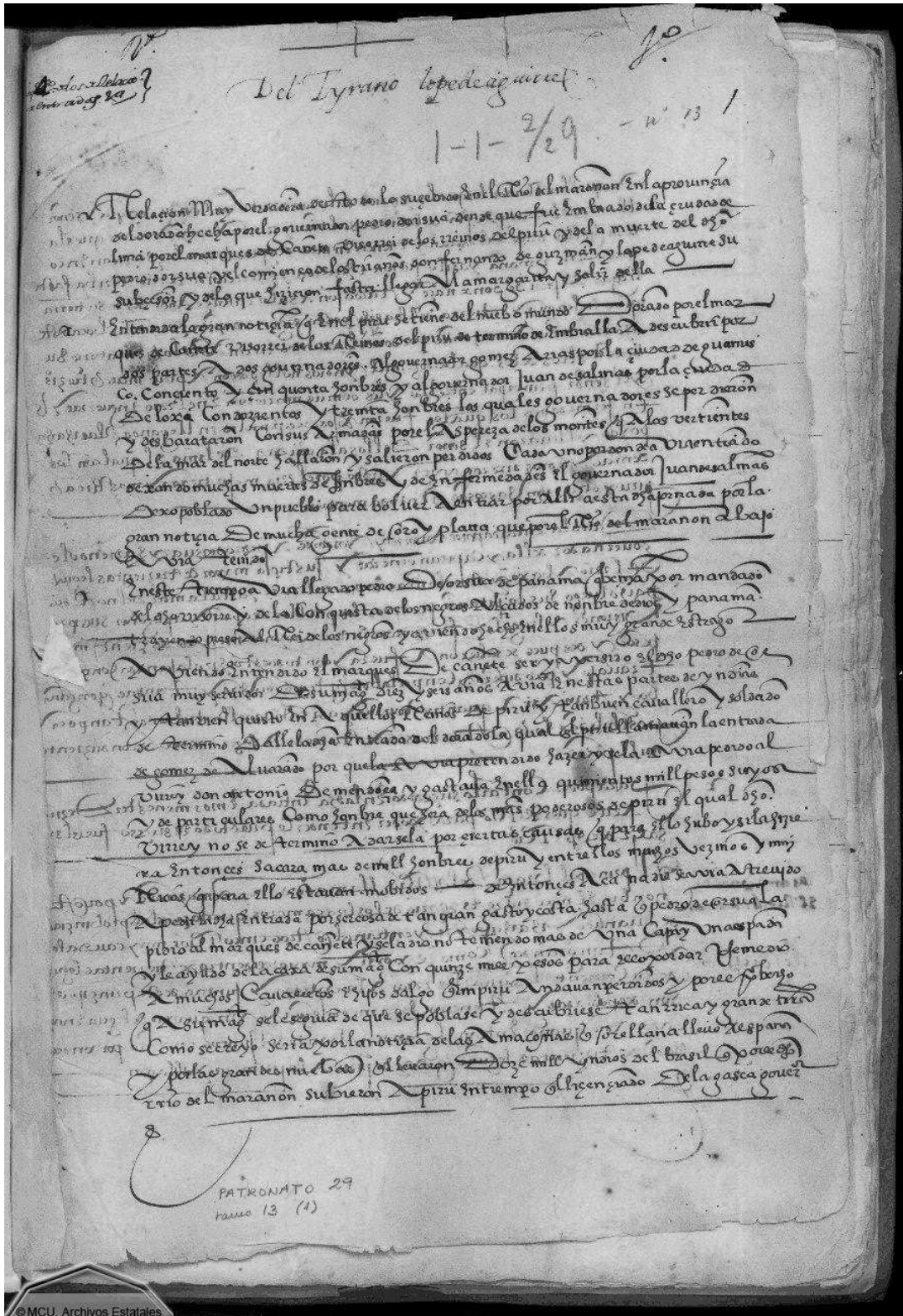
Assim como Monguía, Gonzalo de Zuñiga também produziu o manuscrito de sua “*Relación muy verdadera*”³¹ [IMAGEM 3] antes que pudesse relatar o desfecho da *Jornada*. Isso fica evidenciado quando Zuñiga revelou quem eram, para ele, os assassinos do governador Pedro de Orsúa e complementou informando que “*los que al presente son vivos, es el cruel tirano Lope de Aguirre, que era Maestre de Campo, y otros cuatro o cinco que van con él*” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 11). Parece-nos que, por avançar cronologicamente em comparação à *Relación* de Pedro de Monguía, o texto de Zuñiga foi produzido posteriormente àquela, portanto, entre os meses de setembro (quando Montesinos firmou o relato de Monguía) e outubro (mês da morte de Aguirre) do ano de 1561.

Apesar de não ter relatado os acontecimentos finais – e decisivos – do evento narrado, chama a atenção o quanto a *Relación* deste expedicionário é rica em detalhes do vivido no decorrer da *Jornada*. Nela constam interessantes descrições da geografia da região percorrida (podendo servir àqueles estudiosos que buscam informações e representações da natureza e das populações da floresta amazônica), das ações de rebelião e, como veremos adiante, minuciosas caracterizações – físicas e psicológicas – dos insurgentes. O que nos parece é que Zuñiga era bastante afeito às palavras, tendo produzido até mesmo um romance no qual condensou de forma poética o conteúdo de sua narrativa [IMAGEM 4 e ANEXO 4]. A grande quantidade de informações sobre o ambiente e os seus companheiros de viagem contrasta, no entanto, com o fato de o autor fazer uma única referência a si próprio.

Zuñiga teria sido um entre outros integrantes da *Jornada* (em breve veremos que Francisco Vázquez também se incluiu neste grupo) que, ao terminar a travessia do Rio Amazonas, abandonou os sediciosos e deles se escondeu nos montes da *Isla de Margarita*. Como já fizera Pedro de Monguía, este expedicionário não se inscreveu na rebelião; somente aparece na *Relación* quando contou o seu desaparecimento, e o fez como se fosse mera vítima dos desmandos de Lope de Aguirre. Segundo Zuñiga, o líder da insurgência havia mandado que índios fossem

³¹ “*Relación muy verdadera de todo lo sucedido en el Rio del Marañon, en la Provincia del Dorado, hecha por el Gobernador Pedro de Orsúa, desde que fue enviado de la ciudad de Lima por el Marqués de Cañete, visorey de los reinos del Perú, y de la muerte del dicho Pedro de Orsúa y el comienzo de los tiranos D. Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre su subcesor, y de lo que hicieron fasta llegar a la Margarita y salir della.*” - A versão que aqui utilizamos foi publicada em 1981 na cidade de Barcelona, em edição de Elena Mampel González e Neus Escandell Tur (Editorial 7½ S.A. e Ediciones Universidad de Barcelona). Constam nela introdução e notas.

IMAGEM 3

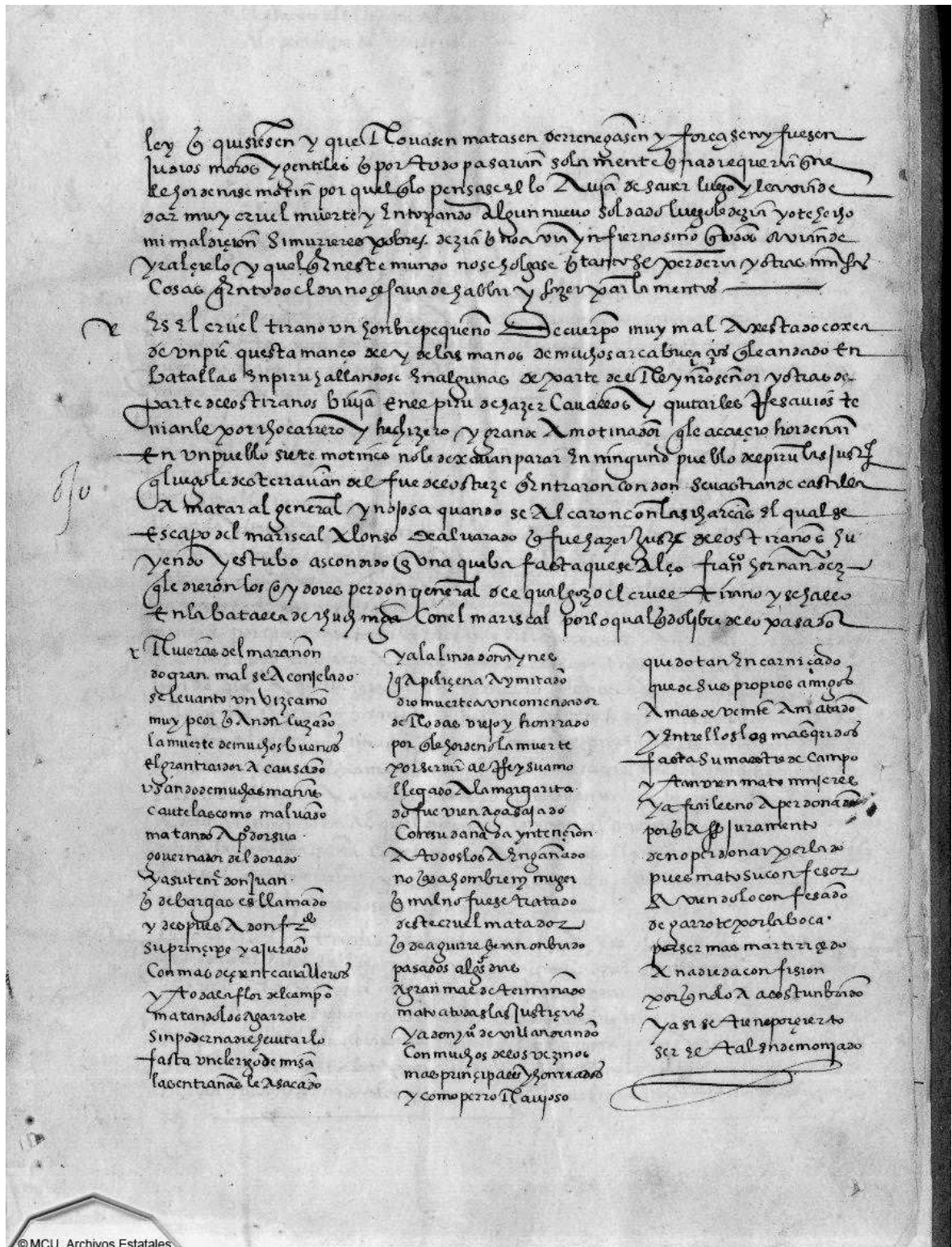


Manuscrito da *Relación de Gonzalo de Zuñiga*
Primeira página

(Archivo General de Indias. PATRONATO, 29, R.13)

Imagem retirada de: PARES - Portal de Archivos Españoles. Disponível em: <<http://pares.mcu.es/>>. Acesso em: 13/01/2010.

IMAGEM 4



Manuscrito da *Relación de Gonzalo de Zuñiga*

Página na qual consta o romance sobre o narrado

(Archivo General de Indias. PATRONATO, 29, R.13)

Imagem retirada de: PARES - Portal de Archivos Españoles. Disponível em: <<http://pares.mcu.es/>>.

Acesso em: 13/01/2010.

buscar a Gonzalo de Zuñiga, que es el autor de la presente obra y escritura, al cual tenía jurado el cruel tirano de dar la más cruel muerte que jamás se dio a hombre, porque se apartó y ausentó de los dichos tiranos en saltando en tierra, y estuvo todo el tiempo que los dichos tiranos estuvieron en la isla metido en los montes, sustentándose con las frutas de ellos, a muy gran riesgo de su vida por no deservir a S.M. pues siempre le ha servido. (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 11)

Podemos aferir a partir do trecho acima que Gonzalo de Zuñiga se apresentou em seu relato como um esforçado súdito do rei. Em nome da manutenção de sua lealdade à Majestade, a quem disse ter sempre servido, teria arriscado a sua vida em meio à desconhecida *Isla*. Pensamos que a narração dos supostos perigos e sofrimentos pelos quais o expedicionário teria passado em sua fuga faça parte da sua estratégia de escrita: citando-os, Zuñiga intentou imprimir uma dimensão ainda maior à sua fidelidade à Coroa. Afinal, não bastava somente tratar o monarca como “*Rey Nuestro Señor*” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 27) em sua *Relación*, como também fez o conquistador. Era necessário demonstrar o seu valor na prática.

Não temos como precisar se durante a *Jornada* Gonzalo de Zuñiga tomou parte dos revoltosos ou manteve-se leal às autoridades reais, pois nenhuma outra *Relación* faz menção ao seu nome fora deste episódio que o próprio personagem fez questão de retratar em seu escrito. No entanto, seu nome consta entre os que assinaram a ata que fundava as ideias centrais da sublevação [ANEXO 1]. Além disto, Lope de Aguirre em sua carta ao Padre Provincial Montesinos, nos deixou alguns indícios³². Citou o nome de Zuñiga em meio a outros que participaram de seu agrupamento rebelde e, antevendo a possibilidade de o religioso se deparar com o conquistador “fugido”, afirmou que ele já havia participado de levantamentos à Coroa no Peru, detratando a sua imagem³³. O mais curioso é que Aguirre fez questão de dizer que aquele expedicionário já havia se apartado das rebeliões de que tomara parte anteriormente, fazendo crer que Zuñiga não era um homem a quem se podia confiar (e que a sua fidelidade ao rei era um tanto instável):

³² Admitimos que estes indícios devem ser relativizados, uma vez que Aguirre pode ter escrito sobre Gonzalo de Zuñiga com a intenção de vingar-se da deserção cometida por ele.

³³ Na introdução que González e Tur fazem da edição da *Relación* a que temos acesso, publicada 1981, ao traçar uma breve biografia de Gonzalo de Zuñiga, os pesquisadores contam que ele chegou à América aos 16 anos, serviu sob as ordens de Pedro de Orsúa (ou seja, sob as ordens da autoridade real), interveio na fundação das cidades de Pamplona e Tudela e na redução dos índios sublevados de Santa Marta e Tairona. Os editores ainda confirmam a versão de Aguirre, dizendo que, estando no Peru, o expedicionário “*participó en las rebeliones de Hoyon en Popayan, y de Silva en Piura*” e que “*numerosos indicios confirmaron su culpabilidad*” nelas (GONZÁLEZ; TUR, 1981, p. 1).

[...] si acaso hay aportado un Gonzalo de Zuñiga, de Sevilla y cejijunto téngalo V. P. por un gentil chocarrero, y sus mañas son estas: él se halló con Alvaro de Hoyón en Popayán, en Rebelión y Alzamiento contra su Rey y al tiempo que iban pelear dejó a su capitán y se huyó, y ya que se escapó de ello, luego se halló en el Pirú en la ciudad de San Miguel con fulano Silva, en motín, y robaron la caja del Rey y mataron las justicias, y así mismo se le huyó. (AGUIRRE, [1561] 1981, p. 286)

Custodio Hernandez, autor da *Relación muy verdadera*³⁴, é outro expedicionário que, apesar de ter produzido a sua *probanza de merito* com a intenção de obscurecer sua responsabilidade na rebelião eclodida durante a *Jornada*, aparece em uma carta de Aguirre como um integrante de seu amotinamento contra a Coroa: se trata da epístola remetida pelo conquistador ao rei Filipe II. Nela, Lope de Aguirre enumera “*los capitanes y oficiales que al presente llevo, y prometen morir en esta demanda como hombres lastimados*”, dentre os quais cita “*Custodio Hernandez, alférez, portugués*” (AGUIRRE, [1561] 1987, p. 143). Hernandez, referindo a si na terceira pessoa do singular³⁵, iniciou seu escrito sobre a *Jornada* enfatizando a sua importância para a organização e o financiamento desta viagem de exploração e conquista. Fez questão, assim, de destacar o quanto trabalhou na arrecadação de gentes e de provimentos e na construção das embarcações para auxiliar o governador Pedro de Orsúa. Desta maneira, Custodio Hernandez ressaltou a sua condição de vassalo, afirmando que disponibilizou até mesmo os seus índios *encomendados* e as suas salinas para este serviço em nome de Sua Majestade “*como siempre lo ha echo*”:

en un pueblo llamado Topesana, asentaron el Astillero, y luego comenzaron con unos negros que el gobernador llevaba y con indios de aquel pueblo a hacer casas y poner en razón para poder trabajar a (sic). Estos indios deste pueblo eran de Custodio Hernandez que había entrado con el capitán P. Ramiro a conquistar y poblar aquella ciudad. Este Custodio Hernandez trabajó mucho él y sus indios, y le sustentó gran parte de la armada de maíz y carne e indios y cargas, e de otras muchas cosas que hubo menester para

³⁴ “*Relación muy verdadera que trata de todo lo que acaeció en la entrada de Pedro de Orsua en el descubrimiento del Dorado y Omagua y de la rebelión de Don Hernando de Guzmán y del muy cruel tirano Lope de Aguirre sucesor y de cómo mataron al Gobernador en la Provincia de Machifaro que es en el comedio de este Río nombrado Marañón por otro nombre de las Amazonas y por otro nombre, El fuerte mar sulse y de las muertes que este cruel tirano dio (a) amigos y hijodalgos y buenos soldados y frailes, clérigos, mujeres, no perdonando a nadie y cierto es de maravilla.*” - A versão que utilizamos aqui foi publicada em 1981 na cidade de Barcelona, em edição de Elena Mampel González e Neus Escandell Tur (Editorial 7½ S.A. e Ediciones Universidad de Barcelona). Constan na introdução e notas.

³⁵ É importante ressaltar que esta *Relación* não é assinada e em nenhum momento no decorrer do escrito fica explícita a sua autoria. No entanto, concordamos tanto com a edição produzida por González e Tur quanto com a de Emiliano Jos (1927), que consideram que o expedicionário Custodio Hernandez seja o autor da “*Relación muy verdadera*” por haver nela muitas referências positivas à este personagem (e somente a ele).

servicio de aquel astillero, y ayudó con muchas carnes e indios que anduviesen en ellas, sirviendo en el río todo a su costa y con celo de servir a su magd. como siempre lo ha echo. (HERNANDEZ, [s/a] 1981, p. 192)

Los que trabajaban en los bergantines se comieron los caballos y de este modo pasaba la gente con mucha hambre y falta de sal, por haberse concluido la traída de las salinas de Custodio Hernández. (HERNANDEZ, [s/a] 1981, p. 195)

Não temos como precisar a data da escrita deste documento, já que nele não encontramos nenhuma referência à mesma. No entanto, podemos afirmar que a *Relación* de Hernandez foi produzida após a morte de Lope de Aguirre, pois o autor se incluiu como peça central àquele acontecimento. Este trecho do documento é o que merece mais atenção, pois é o “ponto alto”, por assim dizer, do texto (que, confessamos, não é dos mais expressivos para quem busca as minúcias do que foi visto e vivido durante a *Jornada*). Consta que Custodio Hernandez havia sido um dos últimos expedicionários a passar para o lado da autoridade real, abandonando Aguirre e alguns de seus “soldados” que já viviam os últimos atos, desesperados, de sua rebelião. Narrou Hernandez:

[...] Por la tarde se huyó uno, y otro a la noche. Aguirre, a pesar de lo dicho anteriormente, quiso matar diez o doce soldados de quienes sospechaba, pero lo estorbó Juan de Aguirre. Quiso volverse al mar pero tampoco se le ofreció facilidad. «una ora antes que amaneciese estando aderezándose para cargar, se huyó un soldado llamado Custodio Hernandez, y base al campo de su majestad». (HERNANDEZ, [s/a], 1981, p. 192)

Com o grupo insurgente se desagregando, aqueles que retrocederam nas disposições iniciais da rebelião aproveitaram para dar fim à vida e aos projetos de Lope de Aguirre. Custodio Hernandez relatou, então, o seu protagonismo na prisão do rebelde:

«cuando Custodio Hernandez vido que sus amigos y otros estaban ya en el campo de Su Majestad cabalgó en su caballo y fue corriendo cuesta abajo» hasta el fuerte... «puso mecha en la serpentina» y entró corriendo y preguntando por Aguirre «a las cuales voces el mismo tirano salió». Hernandez le apuntó con el arcabuz y «le dijo sed preso por su majestad y dejad ese arcabuz que trais en las manos». Respondió el tirano: «preso soy» y Hernandez quitole la espada y la daga [...] (HERNANDEZ, [s/a], 1981, p. 199)

Como vimos, Custodio Hernandez buscou transcrever até mesmo as falas que ele e outros personagens teriam proferido durante o acontecimento narrado. Neste sentido, aparece no texto um curioso diálogo que nos parece demonstrar o objetivo do autor de

engrandecer ou confirmar a sua ação em prol da ordem monárquica. Na cena descrita, o expedicionário entrega Aguirre aos seus superiores dizendo: “Sr. *maeste de campo aquí entrego a un a Lope de Aguirre vivo que yo le prendí*”. Ao que o prisioneiro teria confirmado: “*es muy gran verdad que Custodio Hernandez me prendió*” (HERNANDEZ, [s/a], 1981, p. 200). O autor encerrou a sua *Relación* narrando que Lope de Aguirre foi morto a *arcabuzazos* por dois “soldados”, mas que foi ele, Custodio Hernandez, quem o decapitou e mostrou, vitorioso, sua cabeça aos representantes da Coroa. O autor-ator da *Relación* contrariava, assim, o pensamento do líder rebelde que, como fez parecer na carta de que falávamos antes, acreditava que Hernandez morreria ao seu lado:

«yendo cayendo Custodio Hernandez le echó mana a las barbas y le corto la cabeza con su misma espada» (del tirano) y con ella salía a recibir al Gobernador y al Capitán General mientras que Garcia Rengel que había entrado con Paredes recogía las banderas que andaban tiradas. «desta manera murió el tirano y se desbarató y tengan entendido que esta es la verdad, y sino buduan a hacer probancia de nuevo en la gobernación, y hallarán que es la verdad, y los mismos soldados de la gobernación andan mofando de que algunos publican lo que no hicieron». (HERNANDEZ, [s/a] 1981, p. 200)

«desta manera murió el tirano y se desbarató y tengan entendido que esta es la verdad, y sino buduan a hacer probancia de nuevo en la gobernación, y hallarán que es la verdad, y los mismos soldados de la gobernación andan mofando de que algunos publican lo que no hicieron». (HERNANDEZ, [s/a] 1981, p. 200)

Três outros relatos de integrantes da *Jornada* que tratam a execução de Lope de Aguirre concordam com a participação de Custodio Hernandez no episódio³⁶. Na *Relación Anônima*, confirma-se que foi aquele expedicionário quem “*cortó la cabeza*” (ANÔNIMA, [n/a] 1981, p. 280) do rebelde. As *Relaciones* de Francisco Vázquez e de Pedrarias de Alместo também apontam este fato, mas trazem alguns elementos que permitem que acreditemos que, como escreveu Aguirre, Hernandez foi seu aliado na sublevação, sendo um homem de sua confiança. Ao narrar a prisão do líder da rebelião, Vázquez afirma que, quando Aguirre viu os soldados que haviam fugido de seu mando vindo em sua direção, logo se rendeu e baixou as suas armas, pois um deles era “*Custodio Hernandez marañón y muy amigo suyo*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 165). O mesmo autor seguiu relatando que o próprio Hernandez, junto a outro

³⁶ Somente no relato de Juan de Vargas Zapata é que Custodio Hernandez não aparece na narração da morte de Aguirre. Nela, é um representante do Coroa, chamado Diego García de Paredes, quem “*cortó la cabeza*” do rebelde (ZAPATA, [1562] 1981, p. 298). De qualquer forma, a *Relación* de Zapata não relata com detalhes o desfecho da *Jornada*.

expedicionário chamado Cristóbal Galindo, foi quem alvejou o rebelde com *arcabuzazos* e que, após ter cortado sua cabeça, a levou até o Governador. Já Pedrarias de Alместo não incluiu Custodio Hernandez entre os matadores em seu escrito, mas afirmou que foi ele quem decapitou Lope de Aguirre: “*muerto, pues, el perverso tirano, le fue cortada la cabeza por uno de sus marañones, y no poco culpado, llamado Custodio Hernandez, que fuese con Pedrarias de Alместo a dar la nueva al Gobernador y Capitán General [...]*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 219). Vemos que Alместo associou Hernandez ao grupo rebelde, afirmando, inclusive, que ele não era “*poco culpado*” pela insurgência. A través desta citação podemos constatar, ainda, que o autor desta *Relación* [Pedrarias de Alместo], também referindo-se a si na terceira pessoa do singular, adicionou seu nome como co-participante do assassinato de Lope de Aguirre. Como veremos, a *Relación verdadera*³⁷ que produziu Pedrarias de Alместo é repleta de trechos assim, nos quais o autor se inscreveu em episódios cruciais do evento, sempre se posicionando em oposição às ações de rebelião.

Antes de analisar o escrito de Alместo é importante que ressaltemos que este documento e a *Relación de todo lo que sucedió*³⁸ de Francisco Vázquez são muito semelhantes, diferenciando-se em alguns poucos parágrafos. A contrastação destes documentos torna evidente que houve uma apropriação textual de alguma das partes. O historiador Fernando Bouza chama a atenção para a “estrutura aberta” dos manuscritos, que permitia esta situação da cópia e, às vezes, até a da falsificação, o que era bastante comum no século XVI (BOUZA, 2001), como veremos com mais atenção no próximo capítulo. Apesar de não termos identificado nas fontes ou nas bibliografias correlatas as datas em que cada um dos textos foi produzido, costuma-se atribuir o primeiro manuscrito a Vázquez, sobre o qual, posteriormente, seu companheiro de *Jornada*, Alместo, teria feito uma versão. Segundo Rafael Díaz Maderuelo na introdução que faz à edição de 1986 da *Relación* de Pedrarias de Alместo, este expedicionário teria escrito, primeiramente, um outro documento de *probanza*, “*novena de la serie del aragonés, a instancias del Tribunal de la Audiencia de Santa Fe*”, cujo título era

³⁷ “*Relación verdadera de todo lo que sucedió en la Jornada de Omagua y Dorado que el gobernador Pedro de Orsúa fue a descubrir por poderes y comisiones que le dió el visorey Marqués de Cañete, desde el Pirú, por un río que llaman de Amazonas, que por otro nombre se dice el río Marañón, el cual tiene su nacimiento en el Pirú, y entra en el mar cerca del Brasil. Trátase asimismo del alzamiento de don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre, y de las crueldades de estos perversos tiranos.*” A versão que utilizamos aqui foi publicada em 1986 em Madrid, em edição de Rafael Díaz Maderuelo, que ainda faz a sua introdução e as suas notas (Historia16).

³⁸ “*Relación de todo lo que sucedió en la jornada de Amagua y Dorado, que fue a descubrir el Gobernador Pedro de Ursua, con poderes y comisiones que le dio el Virrey Marqués de Cañete Presidente de Perú. Trátase, asimismo, del alzamiento de Don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre y otros tiranos.*” Utilizamos a versão publicada em 1987, em Madrid (Alianza Editorial), editada por Javier Ortiz de la Tabla, que inclui introdução e notas.

“*Relación de lo que sucedió en la Jornada q le fue encargada al gobernador P. de Orsúa q se decía el dorado y las muertes y daños que en ella uvo después q los tiranos lo mataron al dhogor*” (DÍAZ MADERUELO, 1986, p. 20). Díaz Maderuelo afirma ainda que Alместo descartou aquele seu escrito “*después de leer la relación de Vázquez, mucho más detallada que la suya propia*” e decidiu produzir outro “*sobre la base de aquella, con la inclusión de los episodios aludidos y algunas modificaciones sustanciales*” (DÍAZ MADERUELO, 1986, p. 20).

De fato, as duas *Relaciones* referidas acabaram se tornando as bem escritas e ricas em detalhes que se tem sobre a *Jornada*. E o mais importante é que, em meio a tantas semelhanças, elas se diferenciam substancialmente quando os seus autores constroem as “*escritas de si*”. Se assumirmos que Pedrarias de Alместo foi o copista como tantos estudiosos afirmam, podemos explicar o fato de ele haver se esmerado mais do que Vázquez em incluir-se nas situações narradas, dada a necessidade de apresentar aquele documento como pessoal. Ambos, no entanto, esforçaram-se em demonstrar-se inocentes e, por vezes, até vítimas da rebelião³⁹. Assim, se Alместo, como vimos anteriormente, escreveu que participou ativamente da morte de Lope de Aguirre, também narrou ter estado presente no momento da morte do governador Pedro de Orsúa, mas, desta vez, ao lado de quem sofreu o atentado:

[...] *y fueron al aposento del Gobernador, adonde se hallaron hablando con su amigo, que se decía Pedrarias de Alместo, echados en sus amas cerca el uno del otro, porque se fiaba mucho dél y siempre había sido su allegado y privado, y entraron los dichos traidores; [...] y le dio con una espada a dos manos por los pechos, que lo pasó de una parte a otra, y luego segundó D. Fernando y los demás que con él iban; y como vido el Pedrarias, que con él estaba, que lo mataban, comenzó a dar voces: ‘¡qué traición es ésta, caballeros!’ y echó mano a su espada para defender al Gobernador, y anduvo un rato, hasta que le amenazaron que diese las armas, y al Gobernador le dieron muchas estocadas y cuchilladas hasta que lo mataron.* (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 125)

Pedrarias de Alместo se representou como amigo e confidente de Pedro de Orsúa, o que permite que os leitores de sua *Relación* o tenham como um homem digno de confiança, alguém isento de quaisquer suspeitas de infidelidade. Para demonstrar sua honra e coragem, afirmou ter tentado defender o Governador ao empunhar a sua espada contra os assassinos.

³⁹ Francisco Vázquez, é importante ressaltar, não foi citado em nenhuma outra documentação sobre a *Jornada* além de seu próprio escrito (nem na ata que inicia a rebelião, nem nas cartas de Aguirre e nas *Relaciones* de outros expedicionários), ficando bastante difícil questionar qualquer afirmação sobre a trajetória dele no evento. Já para Pedrarias de Alместo encontramos uma possível referência: na ata que proclama D. Fernando de Guzmán como príncipe do Peru, há um “Pedrarias de Almonte”, que talvez seja aquele expedicionário [ANEXO 1].

Além disto, com a expressão “*¿qué traición es ésta, caballeros!*” pretendeu demonstrar surpresa quando os rebeldes aparecem para matar Orsúa, o que o situa ao lado dos leais e não dos ditos traidores. Francisco Vázquez também tentou demonstrar algum tipo de proximidade com o organizador e comandante da expedição, quando narrou que Pedro de Orsúa havia sido alertado, por meio de uma carta, de que alguns participantes da *Jornada* poderiam lhe causar problemas. Escreve Vázquez:

[...] *y éste como hombre de experiencia conociendo los ánimos levantados de algunos soldados del campo del dicho gobernador, que era muy grande amigo suyo, le escribió una carta, la cual yo vi, diciéndole que por diez hombres menos no había de dejar de hacer su jornada, que le rogaba ahincamente que no metiese consigo a ciertos soldados de los que allá tenía.* (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 116).

O fato de Vázquez afirmar ter tido acesso a um documento contendo estas informações, enviadas por um “*muy gran amigo*” de Orsúa ao próprio, quer dar a entender que o relator se relacionava bem com o Governador e, portanto, não podia ser taxado como suspeito do amotinamento. Neste sentido, escreveu ter sido dos poucos que não assinaram a ata que declarava a insurgência:

No faltaron algunos, que por temor de que los matasen firmaron y juraron la guerra del Perú, salvo algunos que disimuladamente quedaron sin firmar, porque los tiranos en esta junta no se acordaron dellos. Hubo en esta junta tres soldados que claramente dijeron a los tiranos que no los querían seguir en nada contra Su Majestad, que el uno fue Francisco Vázquez, y Juan de Cabañas, y Juan de Vargas Zapata: y no quisieron jurar ni firmar. (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 86)

Evidência ainda maior do empenho deste expedicionário de se afirmar como homem leal ao rei está no final de sua *Relación*. Aqui, ele creditou a si mesmo uma estima a qual esperava ser considerada pela monarquia espanhola. Diz que, apesar de ter sido soldado de Lope de Aguirre, sempre se negou a cometer qualquer ato de traição ao rei por ser “*hombre de bien y de verdad*”, diferentemente de muitos de seus companheiros que optaram por seguir “*el tirano*”:

Esta relación hizo el Bachiller⁴⁰ Francisco Vázquez, soldado del dicho tirano, uno de los que no quisieron jurar a D. Fernando de Guzmán por su príncipe,

⁴⁰ Note que Francisco Vázquez assina como “*bachiller*” a sua *Relación*. Certamente o fato de ele se dizer um homem de formação diferenciada, além de “*digno de credito por ser hombre de bien y verdad*”, faz com que sua narrativa tomasse maior autoridade. Talvez por isto se tenha atribuído a cópia de seu manuscrito à Almesto, e

ni negar su Rey y Señor, ni patria. Es digno de crédito por ser hombre de bien y de verdad. Vino siempre con el tirano y le trató muy bien a él y a los demás, que no quisieron ser en el rebelión, y fue la causa, como se ha dicho, que primero se rebelasen el tirano y D. Fernando, amonestaron a todo el campo, a que cada uno manifestase su voluntad, y que al que no quisiese ser en el rebelión no le harían fuerza, por cuya causa no están libres de culpa los que siguieron el tirano. (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 170).

Este trecho da *Relación* de Francisco Vázquez é valioso, também, porque nele o autor negou participação na rebelião, apesar de admitir ter sido soldado e ter tido boa relação com Lope de Aguirre enquanto com ele conviveu. Destacou, ainda, que os que seguiram o insurgente o fizeram por vontade própria, pois nunca foram obrigados a tanto pelas lideranças da sublevação. Veremos adiante que é parte do argumento dos autores destes documentos apresentar o ambiente de pressão e de ameaça a que estiveram submetidos os expedicionários pelo grupo rebelde.

Chama a atenção que todos os que reivindicaram inculpabilidade pela insurgência através das *Relaciones* afirmaram que em nenhum momento almejaram o rompimento com a monarquia. A fuga e a deserção do grupo rebelde aparecem nos escritos como elementos explicativos à sobrevivência dos expedicionários ao final da *Jornada*. Pedrarias de Alместo afirmou que após o início da rebelião, ao chegar à *gobernación* da Venezuela, teria fugido junto com outro expedicionário, Diego de Alarcón, pois os dois “*habían deseado siempre el servicio de Su Majestad*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 184). Francisco Vázquez também escreveu ter escapado do alcance dos rebeldes assim que houve oportunidade para tal, afirmando ter estado entre os conquistadores que fugiram com Gonzalo de Zuñiga após o desembarque da expedição na *Isla de Margarita*:

Desembarcado que fue el tirano en esta isla se le huyeron cuatro soldados deseosos de servir a Su Majestad, y escondieron en el monte, el uno llamado Francisco Vázquez, y otro Gonzalo de Zuñiga, y otro Juan de Villatoro, y Luis Sánchez del Castillo, por lo cual el dicho tirano anaba muy bravo, y pateava y bramaba y culpaba ao gobernador y a los demás vecinos que tenía presos, diciendo que ellos tenían escondidos los dichos soldados, y que no les podían esconder en su tierra. (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 116)

não o contrário. É possível que também por isto (e por sua *Relación* ser, de fato, bem escrita), este testemunho, juntamente com o de Alместo, acabou sendo, entre os outros documentos da *Jornada*, o que teve maior repercussão e que ganhou mais edições ao longo do tempo, como veremos no próximo capítulo.

Já Juan de Vargas Zapata atribuiu a sua sobrevivência ao fato de ter sido acometido, durante a *Jornada*, por uma grande enfermidade, causa pela qual os rebeldes teriam-no poupado da morte [“*Nuestro señor Dios me dio tan gran enfermedad, que fue causa de estar hoy vivo, que parece cosa milagrosa* (ZAPATA, [1562] 1981, p. 296)]. O escrito de Zapata⁴¹ apresenta características diferentes às das outras *Relaciones* [IMAGEM 5]. Trata-se, em verdade, de uma *Carta Relación* no sentido mais estrito do termo, tal como o definimos em outro momento. A começar, porque tinha um destinatário determinado, que não era o monarca: se tratava de Diego de Vargas, *regidor* de Madri⁴², irmão de Don Juan de Vargas (um dos integrantes da *Jornada* morto pelos insurgentes junto com o Governador Pedro de Orsúa por também integrar o comando da expedição). Em seu escrito a Vargas, Zapata objetiva noticiar e prestar esclarecimentos sobre a morte de D. Juan:

Desde Trujillo del Perú escribí v.m., dando cuenta como Don Juan de Vargas y yo, íbamos la Jornada de Omagua o Dorado con Pedro Orsua, un caballero muy honrado, natural de Navarra, muy gentil capitán que hizo fue a Don Juan de Vargas, y hasta que lo mataron a ninguno hizo capitán, así mismo le hizo su teniente, y íbamos, cierto, los mejores de todos. (ZAPATA, [1562] 1981, p. 293)

[...] *luego encontraron con d. Juan, que como dicho tengo, era su teniente, y tenía las mismas provisiones que él en caso que faltase, y asimismo lo mataron a estocadas y a puñaladas y a mi, aynas me mataron entonces, que íbamos juntos y me tiro un bellaco de aquellos una estocada, que fue ventura grande no pasarme, y como iban cebados en el desventurado de Don Juan dejaron me a mi y fue todo el escuadrón en él, y aquella noche se hizo una sepultura, en la cual, enterraron juntos al Gobernador [Pedro de Orsúa] y a Don Juan [...].* (ZAPATA, [1562] 1981, p. 295)

Podemos notar que Zapata fez questão de exaltar os méritos de D. Juan, afirmando ter estado junto com o irmão do *regidor* de Madri desde o início da viagem, inclusive correndo os mesmos riscos que ele quando os insurgentes o assassinaram. Se estava ao lado de D. Juan, entende-se que teria as mesmas qualidades, a mesma prerrogativa de um “*caballero muy honrado*” à serviço da monarquia. A única notícia de um Juan de Vargas Zapata em outros

⁴¹ *Carta-Relación de Juan Vargas de Zapata*. A versão que utilizamos aqui foi publicada em 1981 na cidade de Barcelona, em edição de Elena Mampel González e Neus Escandell Tur (Editorial 7½ S.A. e Ediciones Universidad de Barcelona).

⁴² Consta no verso da última página da *Relación* a seguinte frase: “*Al muy magnífico señor Diego de Vargas, regidor de Madrid, mi señor, o en su ausencia se den a Rodrigo de Vargas, mi señor, para que las lea y las envía adonde estuviere al porte seys Reales*” (ZAPATA, [1562] 1981, p. 293) [IMAGEM 6].

IMAGEM 5

ver al p[ro]p[ri]o q[ue] sino bien hubiera, en que entendor se q[ue]n la gran noticia
 q[ue] daaron los yndios qui[er]o a carta en esta formada para que v[os] mis co
 nocieran de mi Lomicho quedado y mi voluntad y lo que desseo de v[os] p[er]
 yo bendicho m[io] señor en tiendo que he hecho lo que deuo / y gaedo con con
 sado de los trabajos passados y de ya por mi peccador lo que son las yndias
 yce p[ro]p[ri]o que es de terminada con ayuda de dios y con el parecer de v[os] m[io]
 de lo denar me y hazer me cargo y asi embio a España por mi carta de corona
 que la favore se queda en el Rio con lo denar / y por un breve para q[ue] de
 nar me en tres dias / de todos los denar
 * Un hijo de las cuñadas de Cerom q[ue] se llama ba y rigoda se casó en el P[ro]vinciano
 de p[ro]p[ri]o en su m[un]do q[ue] d[ic]e q[ue] m[io] lo diga a Cerom n[ost]ro testigo se p[er]tore a v[os] y
 * Hallene en el perdido y p[er]tore en la Magarita que tube noticia que stava
 en Puerto Rico el 5. Luis p[er]ez de lujo y asi de termine de venirle a lo q[ue] de
 manos a donde vine con los trabajos y desnudo y nublado en el p[ro]p[ri]o
 que era yo anombre de Dios para hallar a la señora Doña Teresa de Pi
 vera que es una señora muy principal de su natural de su villa mugor del señor Luis
 p[er]ez de lujo la qual me hizo y haze el mejor acogimiento del mundo y
 mas Regalo que si yo fuera su hijo que venia en forma de los p[ro]p[ri]os
 y se me con hecho con m[un]do de bienes y asi me p[er]to me dabo de bebrer
 muy honradamente y me haze vid. de embiar me a su costa por la
 carta de corona y breve y que me este en su casa y me ordene a q[ue]
 que me tiene echado en grandissima obligacion la si que si por alla
 pareciere a alguien que diga ser de esta calidad m[un]do. Doña Teresa v[os] m[io]
 me la haga como siempre que sto. Si en tiendame que se agrade se la y
 que am[en] se me haze. am[en] Señora Doña e v[os] m[io] las manos mil v[os] m[io]
 y a mi mismo las de Rodrigo de v[os] m[io] y m[un]do. Doña Juan y v[os] m[io]
 con Cavallos m[un]do y a los quales sup[er]a y m[un]do por suya. a los 11
 Don fern[an]do y don Ceromino y m[un]do. Doña y sabe lo que los manos m[un]do
 v[os] m[io] / De Puerto Rico p[ro]p[ri]o de agosto de 1528 años /

Bessal las manos a S. m. susosoy.
 Juan de Vargas Zapata

Manuscrito da Relación de Juan de Vargas Zapata

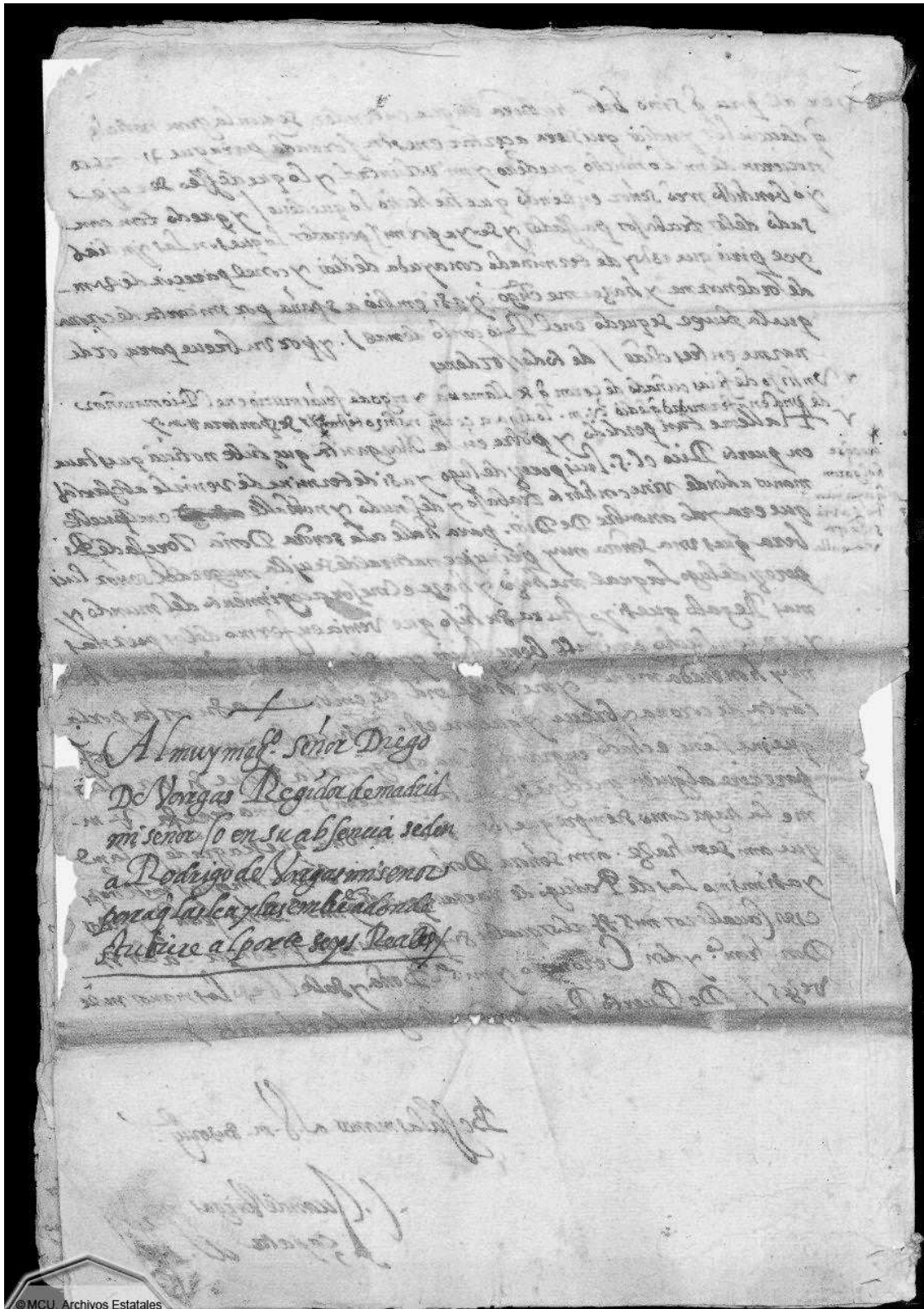
Última página, onde aparece a saudação reverencial e a assinatura do autor

(Biblioteca Nacional de Madrid)

Imagem retirada de: PARES - Portal de Archivos Españoles. Disponível em: <<http://pares.mcu.es/>>.

Acesso em: 13/01/2010.

IMAGEM 6



Manuscrito da *Relación* de Juan de Vargas Zapata

Verso da última página, no qual constam os destinatários do documento

(Biblioteca Nacional de Madrid)

Imagem retirada de: PARES - Portal de Archivos Españoles. Disponível em: <<http://pares.mcu.es/>>.

Acesso em: 13/01/2010.

escritos coetâneos à *Jornada* encontramos na *Relación* de Francisco Vázquez⁴³ e está no trecho em que o autor demonstrou que ele e mais dois expedicionários não assinaram o documento que declarava o início da rebelião e Guzmán como príncipe do Peru: Zapata estaria entre este três homens leais ao rei.

Talvez por se tratar de uma *Carta Relación*, o documento produzido por Juan de Vargas Zapata datado em 1º de agosto de 1562 (quase um ano após o fim da rebelião de Lope de Aguirre) é um dos mais sintéticos escritos, no que diz respeito à organização da expedição, à viagem ou às descrições geográficas e populacionais da Amazônia. Em contrapartida, é um dos mais pessoais. Zapata deixa, pois, de narrar detalhes do desfecho da *Jornada*, como a decapitação de Aguirre, para contar o final de sua própria trajetória naquela viagem:

Halleme tan perdido y pobre en la Margarita, que se espantara V. M., y tuve noticia que estaba en Puerto Rico el Señor Luiz Perez de Lugo, y así determiné de venirle a besar las manos, adonde vine con harto trabajo y desnudo, y no hallé en el pueblo que era ido a nombre de Dios, pero hallé a la Señora Doña Teresa de Ribera, que es una señora muy principal, natural de Sevilla, mujer de Señor Luis Perez de Lugo, la cual me hace el mayor acogimiento del mundo, más regalo que si yo fura su hijo, que venía enfermo de las piernas y se me han hecho cien mil beneficios, y asimismo me ha dado de vestir muy honradamente, y me hace merced de enviarme a su costa por la carta de corona y breve y que me estás en su casa me ordena cosa que me ten echado en grandísima obligación [...]. (ZAPATA, [1562] 1981, p. 293)

Se este autor-ator teria escrito a sua *Carta Relación* ao irmão de D. Juan, uma autoridade real, demonstrando preocupação em prestar tributo ao seu suposto companheiro somente para ganhar algum tipo de mérito ou de perdão pelo ocorrido durante a *Jornada*, é difícil afirmar. No entanto, como todos os outros expedicionários que produziram suas *Relaciones*, Zapata não deixou de se representar um inabalável súdito da Coroa Espanhola, fator capital na construção de uma legítima *probanza*. Excetua-se somente o caso da *Relación Anônima*⁴⁴, que não traz o elemento da “escrita de si”. Daí advém a dificuldade de se descobrir a sua autoria, pois quem a redigiu, além de não ter assinado o documento, construiu a

⁴³ Há ainda um certo “Juan de Vargas, canario” que aparece nos textos de Francisco Vázquez e de Pedrarias de Almesto exatamente entre os matadores dos comandantes da expedição. No entanto, nos parece que aquele personagem não seria aquele “Juan de Vargas” tenente de Pedro de Orsúa.

⁴⁴ “*Relación de todo lo sucedido en la gobernación de Omanga que por otro nombre se llama El Dorado, desde que fue encargada a Pedro de Orsua por el Marques de Cañete, viso rey de los Reynos del Peru, y de como el cruel tirano Lope de Aguirre llegó a la Ylsa de Margarita y de las crueldades que hizo hasta salir e la dicha Ysla. Se proueyese, del desbarate y muerte del tirano por mejor dar a entender el principio y fin que tuuo avnques falta de rezones es cum de verdades*”. A versão que utilizamos aqui foi publicada em 1981 na cidade de Barcelona, em edição de Elena Mampel González e Neus Escandell Tur (Editorial 7½ S.A. e Ediciones Universidad de Barcelona). Constam nela introdução e notas.

narrativa como se estivesse assistido ao evento “de fora”, sem se envolver no escrito, sempre se referindo aos acontecimentos e aos personagens na terceira pessoa (do singular ou do plural).

Pudemos perceber que uma estratégia de escrita muito utilizada pelos expedicionários na “produção do eu” e para afirmar a sua “lealdade incondicional ao rei”, foi inscrever-se nos textos da *Jornada* como se tivessem estado sempre distantes dos acontecimentos de insubordinação a Filipe II. Neste sentido, não faltam nas *Relaciones* trechos em que eles, tacitamente, buscaram evidenciar que não fizeram parte do grupo rebelde, mas que havia um grande distanciamento entre eles e os insurgentes. Nos momentos em que narraram algum fato corriqueiro da viagem, como a descrição de um lugar, o contato com as populações nativas ou a navegação do rio, por exemplo, o fizeram em nome de todos os integrantes da expedição. Isto ocorreu em praticamente todas as *Relaciones*⁴⁵, mas exemplificaremos com extratos do texto de Francisco Vázquez: “Aquí **vimos** [grifo nosso] *algunas poblaciones en islas de indios desnudos y flecheros* (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 101) ou “Cuando **llegamos** [grifo nosso] *a este pueblo se nos huyeron dos guías que traíamos desde Perú (...)*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 103). No entanto, quando se referiram aos viajantes “traidores”, os autores-atores se excluíram do relato: “*Todo el tiempo que se **estuvieran los tiranos** [grifo nosso] sin salir de los bergantines con su guardia y amigos, en el uno su maese de campo, y en el otro el tirano Lope de Aguirre, y no **dejaban** [grifo nosso] dormir ni estar dentro a alguno de los sospechosos*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 104); “*Lunes por la tarde a 20 de julio de 1561, **llegó** [grifo nosso] el tirano Lope de Aguirre con sus malditos secuaces a la Isla Margarita (...)*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 109).

Apesar de deixarem subentendidas muitas coisas nestes escritos, foi de maneira explícita que os autores das *Relaciones* se representaram como fiéis súditos do rei e crentes em Deus, como vimos. Variadas vezes em suas narrativas, fizeram questão de afirmar esta condição e de explicitar o valor da reverência à majestade, recurso retórico bastante particular, parte do “teatro da memória” produzido por estes homens para explicar os seus comportamentos e as suas convicções que teriam sido mantidos durante e após a *Jornada*. Demonstramos esta situação com o seguinte trecho da *Relación* de Alместo:

*Y menos se acordaban [os rebeldes] que, aunque **Su Majestad el rey D. Felipe, nuestro señor** [grifo nosso], esté con su persona lejos de estas partes de los indios, tiene en ellas muchos y leales servidores y ministros, y **que por el hombre es y ha de ser acatado y reverenciado de los buenos y temido de los***

⁴⁵ Há uma exceção que é o escrito anônimo, no entanto, desconsideremos neste momento

malos [grifo nosso] *en todas y en más lejanas partes del mundo.*
(ALMESTO, [s/a] 1986, p. 141)

É interessante observar aqui que é possível que as escritas das *Relaciones* tenham surtido os resultados esperados pelos autores-expedicionários. Uma *Real Cédula* emitida por Filipe II quase um ano após o fim da *Jornada* ordenava que os seus participantes, que até então não haviam sido punidos por seus atos e que circulavam livremente pelo território americano, fossem julgados e condenados pelas autoridades coloniais [ANEXO 5]. A produção de relatos por alguns deles fazia, assim, todo o sentido, pois muitos dos expedicionários sobre os quais o poder real guardou alguma suspeita de haverem participado da rebelião, com o tempo, acabaram sendo processados. Entre os escritores das *Relaciones*, sabemos apenas que Gonzalo de Zuñiga e Pedrarias de Alместo foram chamados para prestar esclarecimentos em 1562, tendo sido absolvidos (JOS, 1927, pp. 225-226). Podemos supor que, naquela oportunidade, eles tenham entregue às autoridades monárquicas as suas *probanza de meritos*, em cujas laudas exaltavam a sua própria – e supostamente indiscutível – fidelidade ao rei e o reverenciavam com a pompa que a ocasião solicitava.

Além destas positivas representações de si mesmos, os escritores-expedicionários das *Relaciones*, como *probanzas* que são, ainda se utilizaram de outra estratégia para justificar seus atos e demonstrar a ausência de sua responsabilidade e culpabilidade frente à rebelião. Como veremos nas próximas laudas, construíram a *Jornada* de uma forma muito particular e imputaram uma representação bastante negativa aos insurgentes, sendo individualizados na figura de Lope de Aguirre, inscrito como o principal responsável por todo o ocorrido.

1.3. Sete *Relaciones*, uma *Jornada*: construindo um evento e um personagem

A escrita de *probanzas* era uma prática recorrente entre os conquistadores da América. Tanto que este tipo documental acabou por se tornar, durante o século XVI, o discurso histórico dominante, “a forma convencional como os espanhóis enxergavam e representavam a Conquista” e seus protagonistas (RESTALL, 2006, p. 44). Como já vimos, o objetivo central das *probanzas* era a justificação, a legitimação de atos e de atitudes individuais. Por este motivo, nelas era comum que se estruturasse a história da Conquista Espanhola em narrativas claras e lineares, que conduzissem de modo inexorável à vitória e

confirmassem a superioridade civilizacional dos espanhóis, exaltando os seus heróis e os seus feitos (RESTALL, 2006, p. 49). Se observada sob esta perspectiva de escrita da história, a *Jornada de Omagua y Dorado* não seria um feito ao qual a monarquia hispânica se orgulharia de propagar ou faria questão de guardar para a sua memória. No entanto, bastante cedo circularam narrativas produzidas no âmbito da viagem: a primeira historiografia que se produziu da *Jornada* e de seus personagens foi realizada através das *Relaciones*, escritas por expedicionários sob as expectativas e as características das *probanzas*. Tendo isso em vista, torna-se relevante indagar como estes autores-atores inscreveram na história da Conquista aquela frustrada empresa exploratória de qual participaram, que culminou na rebeldia e na violência entre pares, e ainda como representaram os seus personagens principais, os conquistadores insurgentes.

Já dissemos que a escrita, no século XVI, era utilizada sobretudo para registrar as experiências, o vivido; a exposição daquilo que se viu garantiria, por si só, a autoridade e a veracidade do narrado. Aquela expedição, para os conquistadores que a narraram, já havia iniciado com problemas de organização, pois havia sido composta pelos homens “errados”. As dificuldades vividas na floresta agravavam um clima que, desde o princípio, já era de violência, de pressão, de murmurações. A ação de Lope de Aguirre e de seu grupo nas *Relaciones* era motivada por estes fatores deterministas, não tendo relação com o agenciamento dos sujeitos frente ao processo histórico que os conquistadores há muito viviam na América; isto é, às duras condições reservadas aos “deserdados da conquista”, ou ao grave enfrentamento entre súditos e representantes da Coroa Espanhola que já havia gerado guerras civis e rebeliões, especialmente no Peru.

Desta maneira, a *Jornada* e Lope de Aguirre foram inscritos como exceções na história da Conquista. Naqueles escritos, Aguirre e sua rebelião representavam o mal que havia sido combatido pelas forças do rei, “mal” iniciado e encerrado naquela *Jornada*, experiência afastada da realidade, particularizada. Neste sentido, apesar da multiplicidade de pontos de vista, os sete expedicionários que escreveram as *Relaciones* acabaram construindo um único e coerente discurso sobre a *Jornada de Omagua y Dorado* e sobre Lope de Aguirre. Beatriz Pastor chegou a definir esse conjunto de textos como “*distintas voces de un mismo discurso narrativo*” (PASTOR, 1988, p. 290), formulando uma categoria especial de análise que ela intitulou o “discurso de rebelião” da Conquista Espanhola da América.

O “discurso de rebelião” é marcado, para a autora, pelo cancelamento de todos os mitos e modelos que, até então, haviam sido formulados nos escritos coloniais⁴⁶. Concordamos com Pastor quando ela afirma que todos os autores-atores optaram por representar a *Jornada* como transcorrida num ambiente insuportável, no qual os objetivos que motivaram a expedição foram rapidamente desacreditados, dando lugar ao esforço de sobrevivência em um ambiente que, de promissor, passava a hostil. A floresta amazônica não tinha nada do “maravilhoso” tantas vezes noticiado; nas narrativas sobre a *Jornada* ela só propiciava dificuldades, fome, desespero e tumultos que *empujaban* os homens à rebelião (PASTOR, 1988, p. 292). Superdimensionar as agruras vividas, além de explicar uma das causas da rebelião auxiliando os expedicionários em uma possível concessão de perdão pela Coroa Espanhola, era elemento importante nos escritos da Conquista da América, pois respaldava e garantia a sua veracidade” (afinal, já dissemos outras vezes, só quem viveu poderia relatar o “real”).

Gonzalo de Zuñiga é enfático ao relatar as dificuldades e as decepções sofridas pelos expedicionários. No início de sua *Relación* narra que, ainda no princípio da navegação do Amazonas, aqueles homens – com pesar, mas ainda confiantes de que iriam descobrir e conquistar riquezas –, teriam deixado para trás grande parte de seus pertences e mantimentos para facilitar a travessia. No entanto, a redução da bagagem não havia diminuído os apuros e os riscos pelos quais passaram em tão “*caudaloso y peligroso*” rio:

[...] *era de ver la gran perdición que quedó, y ver todos los soldados tan tristes y pesantes, en ver quedar sus caballos tan queridos y regalados, sus ganados, ropa y hacienda, que era gran lástima de verlo; y todo esto lo recibían con buen ánimo, porque esperaban verse dentro de un mes, como decían las guías, en la mejor y más rica tierra del mundo. Y a esta causa se echaron en balsas, de palos atados unos con otros, por un río tan caudaloso y peligroso y con tan*

⁴⁶ A análise dos “discursos narrativos da conquista” de Beatriz Pastor, linguista e especialista em literatura comparada, se dá através da caracterização de três principais tipos de textos que foram desenvolvidos pelos espanhóis em diferentes etapas do processo de exploração da América. Esses escritos, segundo a autora, marcaram e deram significado à gradativa transformação do conquistador, à alteração de sua percepção da América e de sua visão de mundo. O primeiro grupo de textos será conformado por Pastor pelo “discurso mitificador”: para ela, os textos de Cristóvão Colombo e de Hernán Cortés formularam os primeiros mitos e modelos de conquista, que ficcionalizaram a realidade vivida. Exemplos disto são o imaginário mítico do “maravilhoso” criado pelos espanhóis a respeito dos lugares inexplorados da América e os modelos fundamentais do herói-conquistador expressos, principalmente, nas *Cartas Relación* de Cortés. Já o “discurso do fracasso” é marcado, segundo a estudiosa, pelas crônicas de Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, nas quais aparecem o desengano e o primeiro distanciamento crítico dos mitos e modelos criados pelo “discurso mitificador”. O último grupo é o formado pelas *Relaciones* da *Jornada de Omagua e Dorado* que são caracterizadas por Beatriz Pastor como “discurso de rebelião”. Para a autora, nestes documentos aconteceu a crise e a liquidação simbólica dos mitos e modelos primordiais da Conquista e o componente insurgente ficou muito explícito. Ver em: PASTOR, 1988.

gran riesgo, que acaeció algunos desatarse la balsa en medio del río, y salvarse las vidas en algún palo, hasta ser socorridos, y perderse su ropa y hacienda; y otros ir todo en el agua hasta las rodillas, remando con muy gran trabajo, y todo el día y noche no cesando de llover. Y así nos llovió en todo un año que anduvimos por el dicho río, sin jamás hacer buen tiempo ni escampar siquiera media docena de días; que ciertamente se pusieron a mucho por no volver a tierras, ni perder sus honras teniéndolas en mas que las vidas. (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 7)

Seguindo o percurso do Marañón, o mesmo Zuñiga relata o avistamento de variados povos indígenas: *“por el río abajo vimos a la barranca quince o veinte pueblos apartados uno del otro en toda ella”* (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 8). Segundo o cronista, os nativos contatados pelos expedicionários mentiam sobre a localização e a existência do reino de *Omagua*: *“y mintieron en todo lo que dijeron [...] porque la provincia de Omagua, que ellos decían haber visto y que era muy rica tierra, jamás se pudo hallar [...] nos decían todos que adelante estaba aquella provincia; y era por echarnos de su tierra”* (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 9). É provável que esta fosse uma estratégia utilizada pelos indígenas para afastar os estrangeiros de suas terras, fazendo-os, graças ao seu anseio por encontrar as riquezas prometidas, perder-se mata adentro.

Assim, a esperança de encontrar *Omagua* e *El Dorado* ruía à medida que os conquistadores espanhóis avançavam na exploração das margens do rio. Onde estariam aqueles lugares maravilhosos tão bem descritos e divulgados pelo relato da viagem de Orellana elaborado por Gaspar de Carvajal⁴⁷? Gonzalo de Zuñiga questiona as informações noticiadas a partir daquela expedição: *“Caminamos por este segundo despoblado nueve días, fasta la provincia de Machifaro, de la cual dijo Orellana grandes cosas cuando fue a España; y todo lo hizo por engañar gentes y porque el Rey le hiciese Gobernador, porque en todo lo que dijo hallamos al contrario* (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 9). Os indígenas da província de Machifaro, que, segundo Zuñiga, *“eran muy ruin gente, desnuda, sin ropa, ni oro, ni plata”* (ZUÑIGA,

⁴⁷ Gaspar de Carvajal relatou desta maneira o encontro dos expedicionários de Francisco de Orellana com o reino de *Omagua*: *“[...] digo que em el domingo después de la Ascensión de Nuestro Señor salimos deste dicho pueblo [de Machifaro] y comenzamos a caminar y no hubimos andado obra de dos leguas cuando vimos entrar por el río outro río muy poderoso y más grande a la diestra mano: tanto era de grande que a la entrada hacía tres islas, de cabsa de las cuales le pusimos el río de la Trinidad; y em estas juntas de uno y de outro había muchas y muy grandes poblaciones y muy linda tierra de Omagua [...]En este pueblo estaba una casa de placer, dentro de la cual había mucha loza de diversas hechuras, así de tinajas como de cántaros muy grandes de más de veinte y cinco arrobas, y otras vasijas pequeñas como platos y escudillas y candeleros desta loza de la mejor que se há visto em el mundo, porque la de Málaga no se iguala com ella, porque es toda vidriada y esmaltada de todas colores y tan vivas que espantan, y demás desto los dibujos y pinturas que em ellas hacen son tan compasados que naturalmente labran y dibujan todo como lo romano; y allí nos dijeron los indios que todo lo que em esta casa había de barro lo había em la tierra adentro de oro y de plata [...]”*(CARVAJAL, [1542] 1986, pp. 68-69).

[1561] 1981, p. 9), orientaram os espanhóis sobre *Omagua* da mesma maneira desconhecida que outras populações já haviam feito: “*dijeron como los de arriba, que abajo estaba, que fuésemos allá*” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 9). O expedicionário Custodio Hernandez descreve, em sua *Relación muy verdadera*, a mesma situação: estavam os membros da *Jornada* em Machifaro, quando os índios que “*iban desnudos*” lhes “*dijeron que Omagua estaba más abajo*” (HERNANDEZ, [s/a] 1981, p. 193).

Não era somente a visão de indígenas nus e sem ouro que indicava que a floresta não iria prover as riquezas míticas sonhadas. Segundo o relato destes “*marañones*”⁴⁸, não havia nada no rio Amazonas que se pudesse relacionar com os lugares maravilhosos aos quais almejavam encontrar. Ele foi descrito de forma que se acentuassem somente os aspectos de sua natureza tidos como negativos pelos conquistadores, como exemplifica este trecho da *Relación* de Francisco Vázquez:

[...] *hay en él tanta cantidad de mosquitos, especialmente de los zancudos de noche y día, que es temeridad ver que los sufran los naturales. [...] de allí para abajo nos llovió mucho y vienen grandes aguaceros con muchos truenos, y ordinariamente con tanto viento que causa en el río gran tormenta de olas mayores que en la mar, que anegan las canoas o piraguas si no cogiesen con tiempo el abrigo de la tierra, y aún en los bergantines nos vimos algunas veces en harto peligro, especialmebte una noche que nos pensamos anegar. [...] Es todo el río muy caliente en demasía, enfermo y mal poblado [...]. No vimos en todo el río oro ni plata [...].* (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 108)

Além do calor, das pestes, da umidade, das chuvas, dos mosquitos, das tormentas do rio, das mentiras dos indígenas e da ausência das riquezas esperadas, as *Relaciones* descrevem o quanto os expedicionários penaram para encontrar comida em meio à floresta. Em Pedrarias de Alместo, diversos trechos revelam a fome a qual teriam padecido: “[...] *pasaron gran necesidad por el despoblado, tanto que pensaron perecer de hambre [...]*” (ALMESTO [s/a] 1986, p. 114); “[...] *duró la pesquería poco, y entramos en el despoblado muy desapercibidos de comida y bien descuidados [...]*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 118-119); “*en este tiempo pasamos gran hambre, porque no hallamos en este asiento más de la yuca brava de las sementeras*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 134); “[...] *y padeceríamos todos necesidad de comida [...]*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 137). A falta de comida era tanta que, segundo Pedro de

⁴⁸ “*Marañones*” foi o nome atribuído aos homens que, desde a viagem de Pizarro e Orellana, era conferido aos que se aventuraram no rio Amazonas, então denominado como *Marañón*.

Monguía, alguns aventaram comer seus cavalos, e os índios que levavam teriam se alimentado de mandioca amarga, morrendo envenenados⁴⁹:

Y otro día nos salimos deste asiento de nuestra perdición, e llegamos a otro pueblo, que habría veinte leguas, e desembarcaron treinta caballos que habían quedado; e se fue el navío al fondo, e allí acordaron de hacer luego dos bergantines, e que se matarian los caballos para comer, porque no se hallaba género de comida, salvo yuca amargo, de la cual acertaron a comer ciertos indios de nuestro servicio, e luego murieron. (MONGUÍA, [1561] 1981, p. 179)

Estes elementos fazem parte da construção da *Jornada* como um evento que já havia iniciado fadado ao fracasso. O violento conflito entre os homens do próprio grupo espanhol e não entre aqueles conquistadores e as populações nativas (como tantos escritos da Conquista comumente apresentavam), serão peças-chave nesta caracterização. Afinal, apresentar o evento em um ambiente que somava as dificuldades próprias da navegação do Amazonas e da exploração da floresta ao amotinamento de seus expedicionários – fatores, digamos, anti-heróicos, que apontam para a impossibilidade de se construir uma narrativa épica –, auxiliava os autores-atores a explicar à Coroa não só a rebelião experienciada, mas também porque os leais não conseguiram evitá-la.

Confrontos e desavenças internas, desconfianças e motins aparecem em cada uma das *Relaciones* antes mesmo que se iniciasse a narrativa da insubordinação do grupo de que fazia parte Lope de Aguirre. Almesto, em sua *Relación* afirma, por exemplo, que “*al tiempo de la partida [da expedição] hubo algunos motines, dejando aparte que se quisieron volver al Pirú; y entendiéndolo el Gobernador [Pedro de Orsúa], prendió algunos, y con otro disimulo y sin que nadie se le huyese, se embarcó [...]*” (ALMESTO, [s/a] 1986, pp. 110-111). Os expedicionários fizeram crer que a *Jornada* estava, inevitavelmente, fadada à rebelião: parecia que não havia nada que eles pudessem ter feito para que se preservassem o respeito mútuo entre os

⁴⁹O trecho em questão deixa margem para interpretações, haja vista que diversas fontes do período revelam que os índios sabiam preparar a mandioca amarga a fim de extrair o seu veneno. Talvez esse seja um indício do quanto de ficcionalidade existe em algumas informações das *Relaciones*, outro dos motivos pelo qual elas devem ser lidas com grande cuidado metodológico. Há de se deixar claro que nelas há uma interpretação europeia dos acontecimentos. Pensamos que, talvez, o objetivo dos expedicionários tenha sido superlativizar a situação demonstrando o quão desesperador era o ambiente, a ponto de mesmo os indígenas, famintos, consumirem o alimento que, sabiam, acabaria por matá-los. Por outro lado, ainda, a narrativa do expedicionário espanhol parece insinuar que os nativos desconheciam a forma de preparo desse tubérculo tão comumente utilizado na América indígena, demonstrando uma intenção de depreciar a capacidade do índio de conhecer o seu próprio mundo. Por outro lado, o escrito de Pedro de Monguía permite ainda a suposição de que os indígenas possam ter, deliberadamente, cometido contra suas próprias vidas ao comer a mandioca amarga, cansados que estavam da situação de exploração a que eram submetidos no sistema de *encomienda*.

compatriotas e outros preceitos tão admirados pelos espanhóis, como a fidelidade ao monarca. A *Relación* Anônima inicia enumerando violências ocorridas já nos primeiros momentos da viagem: um assassinato realizado por dois conquistadores, que o governador Pedro de Orsúa, ao descobrir, teria conseguido justificar⁵⁰ e o sequestro de um padre praticado pelo próprio Orsúa, obrigando que o religioso o auxiliasse no financiamento da viagem⁵¹. Depois disso, o autor descreveu o clima de murmurações, de rumores e de intrigas em que viveram aqueles expedicionários. Segundo esse escrito, a chegada de uma mulher, Doña Inés de Atienza, para juntar-se ao grupo “*fue muy murmurada*” (ANÔNIMA, [s/a] 1981, p. 275), o que sugere uma oportuna “janela” para observar-se o ambiente de desconfianças e intrigas que deveria fazer parte da convivência forçada a que ficavam submetidos grupos desta natureza. Para a maioria dos conquistadores que viveram a *Jornada* e escreveram sobre ela, a mestiça Doña Inés havia sido uma das culpadas pela morte do comandante Pedro de Orsúa e pela subsquente insurreição contra a Coroa Espanhola. Segundo as fontes consultadas, ela, que seria amante do Governador, havia lhe “enfeitiçado”, enfraquecendo-o e fazendo-o ficar inerte diante de situações em que sua intervenção teria sido necessária, causando desconfiança entre

⁵⁰ “*Arlés e Frías asesinan a Ramiro y quieren engañar a Orsúa sobre esta muerte. Fingió creerlos y cuando se figuraban estar dispensados, los hizo prender y juzgar.*” (ANÔNIMA, [s/a] 1981, p. 275)

⁵¹ “*Orsúa en Moyobamba rogó al cura Portillo le prestase cinco o seis mil pesos, prometiéndole hacer Obispo de Omagua. No era nada bullicioso ni amigo de guerras y no se concertó con el Gobernador. Este se juntó una noche con cinco o seis amigos suyos, secuestraron al clérigo y le obligaron a entregar sus ahorros. Aunque sin dinero quiso Portillo quedarse en Moyobamba para curarse su enfermedad y temiendo morir en el camino de aquella larga jornada. Añadió que si quería favorecerle lo hiciera con un hijo suyo mestizo. No quiso dejarle Orsúa porque no divulgase su mala acción y volvió a darle seguridades y escrituras de lo que había tomado.*” (ANÔNIMA, [s/a] 1981, p. 275). A narração do sequestro do padre Portillo aparece em outras *Relaciones*, como na de Francisco Vázquez e na de Gonzalo de Zuñiga. Este último autor deu a entender que a morte do governador Pedro de Orsúa pelos insurgentes havia sido uma espécie de castigo divino pelo que ele havia feito com o religioso: “*Acaeció en el campo, pocos días antes que matasen al Gobernador, que un Padre de misa, llamado Portillo, se hincó de rodillas delante de mucha gente, alzando los ojos y manos a Dios, y pidió a Dios le hiciese justicia de quien tanto mal le había fecho, que era el dicho Gobernador, porque le había sacado de un pueblo de españoles llamado Motobamba, donde era vicario, forzosamente, y le había fecho con fuerza le diese seis mill pesos que tenía, por donde se cree no vino sin misterio la muerte de del dicho Gobernador. La cual fue que, habiendo convenido al dicho clérigo para venir a la jornada, le prestó al Gobernador mill pesos, y después pareciéndole que no le convenía la venida, le pedía los dineros que le había prestado, diciendo que no se atrevía a venir a la jornada, porque tenía muchos años había una enfermedad, de la cual murió después en el río. El cual Gobernador, como estaba de partida y había menester muchos dineros para acabar de aviarse, no solamente no le pagó lo que le había dado, mas tomóle lo que le quedaba de los seis mill pesos. Al cual clérigo envió a llamar el Gobernador una noche, diciendo que viniese a confesar un soldado, y en llegando, le tomaron seis soldados, y subiéndolo en un caballo, lo llevaron secretamente al astillero donde estaba toda la gente y armada, al cual sacaron cinco mill pesos que tenía y le hicieron escribir y enviar por ellos a un pueblo llamado Chapoyas. Y con todo esto, se descuidaba tanto el Gobernador con el dicho clérigo por el río, que se moría el dicho clérigo de hambre, y con su enfermedad acabó sus días*” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 12). Vázquez também atentou para o fato de que “*el Clérigo murió en la jornada laceradamente, y todos los que hicieron la fuerza murieron a cuchillo, sin que ninguno saliese vivo de la jornada*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 106).

seus “soldados” e colocando em dúvida sua autoridade, qualidade que experiências de iniciativas anteriores indicavam ser essencial⁵². Sobre isso, escreveu Custodio Hernández:

*Desabrido y enfermo iba el Gobernador, no gobernaba sino con Doña Inés ‘y era tanto lo que la quería que cierto se perdía por ella y decían los soldados que no era posible sino que estaba hechizado’. De esto y otras cosas **murmuraban** [grifo nosso] los mal intencionados y a los otros no se les daba nada.* (HERNANDEZ, [s/a] 1981, p. 193)

Francisco Vázquez e Pedrarias de Alместo também caracterizaram o início da *Jornada* como ocorrendo em meio a um ambiente conspiratório, no qual se *murmuraba* e não se *hablaba*, eram inventados rumores e produzidas intrigas e inimizades. Em trecho destas *Relaciones* que é idêntico (pelo motivo ao qual já aludimos), escreveram os atores-autores que o Governador Pedro de Orsúa “*iba malquisto con la mayor parte do campo*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 122; VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 72) que, “*deseosos de volver al Pirú, andaban buscando y inventando* [grifo nosso] *cómo lo podrían hacer*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 122; VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 73). Estes expedicionários que articulavam voltar ao Peru teriam tido o seu plano de fuga, que tanto buscavam e inventavam, descoberto e, por isto, haviam sido castigados por Orsúa, que obrigou que este grupo remasse a balsa que levava Doña Inés. Ajuizou Alместo⁵³ que “*aunque este castigo era harto liviano para lo que merecían ellos, se afrentaban dello mucho*”, ao que os companheiros dos castigados, “*por indignar a los dichos*”, “*murmuraban* [grifo nosso] *diciendo que era mejor ahorcarlos que no hacerles remar las canoas y balsas; por donde comenzaron a hacer algunos borrones y descuidos en su campo [...]*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 122). Semelhante relato fez Gonzalo de Zúñiga, escrevendo que Pedro de Orsúa “*estaba mal quisto y le querían mal algunos*” e que seus amigos lhe haviam avisado que “*la gente que traía era de Pirú y podría ser ordenasen algún motin, viéndose perdidos*” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 9).

⁵² Pedrarias de Alместo asseverou que Doña Inés de Atienza, “*moza y muy hermosa, la cual era amiga del Gobernador*”, embarcou para a *Jornada* contra a vontade dos expedicionários e que a sua presença havia sido pesarosa aos integrantes da viagem: “*lo uno por el mal ejemplo; lo otro, porque de semejantes cosas siempre en las guerras donde van tantas diferencias de gentes, hay escándalos y alborotos, y sobre todo descuido en el buen gobierno del campo, que, cierto, fue causa de la muerte del Gobernador y nuestra total destrucción*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 108).

⁵³ A versão de Francisco Vázquez para este trecho é um pouco distinta da que produziu Pedrarias, mas o significado de fundo é o mesmo. Para ele, os expedicionários “*no fueron castigados conforme era razón, porque la pena que les dio fue hacerles que fuesen remando en el barco donde iba su amiga [Inés de Atienza], que fuera mejor colgarlos de un palo*”, ao que os castigados e outros companheiros seus, indignados, diziam que “*mejor fueran ahorcados que hacerles aqyella afrenta por donde se comenzaron a hacer algunos borrones y descuidos en el campo [...]*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 73).

Da mesma maneira que Zuñiga relatou que “*la gente que [Orsúa] traía era de Pirú*”, Vázquez e Almesto escreveram que eles “*eran y habían sido traidores, y se habían hallado en el Pirú en muchos motines contra el servicio de Su Majestad*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 123; VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 73). Frases como essas são as únicas naqueles escritos que relacionam a insubordinação iniciada na expedição com o contexto das guerras civis, das rebeliões e das medidas como a “*descarga de la tierra*”, ambiente este que incentivou empresas de conquista como a *Jornada* para dar vazão aos homens ociosos que circulavam no vice-reinado peruano. No entanto, os escritores das *Relaciones* constroem esta relação com o intuito de associar os “amotinadores” ao Peru, condicionando seus comportamentos simplesmente pela sua origem: conquistadores daquele lugar, portanto, nesta ótica, não seguiam o padrão, a conduta almejada pela monarquia.

De fato, os autores-atores não citaram, em nenhum momento, a insatisfação generalizada que ocorria na América pelas condições em que viviam os homens que faziam parte das “hostes” da conquista; não se referiram à existência de uma discussão que reavaliava a relação dos vassalos instalados na América com os seus soberanos espanhóis. Não temos dúvidas de que a intenção dos expedicionários que produziram as suas *Relaciones* era esvaziar de qualquer conteúdo a insurgência, mantendo-a distante do processo histórico em que estava inscrita. Os seus sujeitos eram, assim, caricaturados como homens maus, cheios de vícios, sem nenhuma virtude ou honra, como definem, sinteticamente, Vázquez e Almesto: “*eran ruines y mal intencionados*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 123; VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 72), “*eran gente baja y de poca sorte, y los más oficiales de oficios bajos*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 123; VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 73).

Após o assassinato do governador Pedro de Orsúa, crime geralmente imputado somente a Lope de Aguirre apesar de ter sido encabeçado por um grupo relativamente grande do qual aquele conquistador ainda não era o líder⁵⁴, a insurgência e a violência tomam conta

⁵⁴ O grupo que teria matado o governador de Pedro de Orsúa, segundo as *Relaciones*, é bastante grande, composto por Don Fernando de Guzmán, Juan Alonso de la Bandera, Lope de Aguirre, Lorenzo Salduendo, Pedro de Miranda [que, segundo Francisco Vázquez e Pedrarias de Almesto, era mulato (VÁZQUEZ [s/a] 1987, p. 81; ALMESTO [s/a] 1986, p. 131)], Alonso de Montoya, Cristóbal de Chavez, Alonso de Villena, Juan de Vargas, Diego de Torres, Pedro Hernández, Cristobal Hernandez, Martín Perez, Miguel Serrano de Cáceres, Pedro de Trujillo, Juan Calogiral, Miguel Serrano, Sebastián Gomes e Baltasar de Miranda. Pedro de Monguía afirmou que estes homens foram de acordo com a morte de Orsúa, mas que ela foi pensada “*por parecer de Lope de Aguirre e Lorenzo de Salduendo*” (MONGUÍA [1561] 1981, p. 178). Para Gonzalo de Zuñiga, todos aqueles “soldados” “*determinaron, como dias habia lo traian concertado y despues lo decian, de matar al dicho Gobernador*” (ZUÑIGA [1561] 1981, p. 10). Já segundo a *Relación Anônima*, “*Montoya fue el primeiro de los matadores*”(ANÔNIMA [s/a] 1981, p. 275). Nenhum delas cita Lope de Aguirre como única liderança ou como principal motivador para a morte do comandante da expedição.

das narrativas. Qualquer referência à natureza ou às populações indígenas da Amazônia é mero pano de fundo para o relato do que viveram os expedicionários internamente. Como já dissemos, os autores das *Relaciones* tentaram manter-se “do lado de fora” das descrições do que faziam os sublevados, incluindo-se somente ao contar algo irrelevante (como os deslocamentos e a navegação do rio) ou algum feito proeminente que ressaltasse a sua lealdade ao rei. Mas é oportuno observar que nas *Relaciones* não há menção de que tenha havido durante a *Jornada* qualquer rejeição ostensiva à ideia da sublevação. Como a narrativa destes documentos está, até o seu final, imersa em conspirações, ameaças e cruéis assassinatos, os expedicionários sobreviventes que as escreveram, que se diziam leais ao rei, deram a entender que não reagiram aos insurgentes por medo. No entanto, já que o clima de violência era tão intenso – e, de fato, assim indica a extensa relação dos mortos que consta nos documentos e a maneira como se dão os assassinatos [ANEXO 2] –, também é difícil imaginar que um grupo tenha se mantido neutro diante das ideias de oposição à Coroa, do início ao final da rebelião, sem que tenha havido qualquer represália a eles por parte de Lope de Aguirre e seus companheiros. Essas são questões que ficam em suspenso, pois não faz parte de nosso ofício construir juízos sobre os personagens da expedição (seria até irresponsável de nossa parte fazê-lo). Por ora, voltemos às representações construídas por eles sobre a *Jornada* e os insurgentes.

Aguirre vai aos poucos ganhando protagonismo nas *Relaciones*. É ele que lidera grande parte dos atos de rebeldia e de violência relatados. No entanto, não está sozinho: tanto no assassinato de Orsúa, quanto na promulgação de Fernando de Guzmán como príncipe do Peru⁵⁵, na morte de Guzmán e em tantas outras ações, Lope de Aguirre aparece cercado de um grupo numeroso, no qual, ao que parece, gozava de grande popularidade:

⁵⁵ Já dissemos que praticamente todos os participantes da *Jornada*, inclusive diversos autores-expedicionários assinaram a ata que declarava a insubordinação à Coroa e que fazia de Guzmán seu representante. As assinaturas de Zuñiga e Monguía aparecem no documento. Há ainda, como já havíamos dito, um “Pedrarias de Almonte” que talvez seja Alместo. Em sua *Relación* ele afirmou que “*todos del campo, y algunos, a más no poder, por temor que tenían que no los matasen, firmaron y juraron la guerra del Pirú, salvo algunos que, disimuladamente, se quedaron sin firmar, que estos fueron pocos criados y muchos inútiles [...]*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 138). Os nomes de Custodio Hernandez, de Juan de Vargas Zapata e de Francisco Vázquez, no entanto, não aparecem na ata. Hernandez disse que todos os soldados assinaram, mas em um “*papel limpio, que no había cosa escrita sino las firmas*” (HERNANDES, [s/a] 1981, p. 196). Zapata relatou que somente os insurgentes, de cujo grupo se exclui, “*lo firmaron y lo juraron por tal*” (ZAPATA, [1562] 1981, p. 295). Vázquez afirmou que “*No faltaron algunos, que por temor de que los matasen firmaron y juraron la guerra del Perú, salvo algunos que disimuladamente quedaron sin firmar, porque los tiranos en esta junta no se acordaron dellos. Hubo en esta junta tres soldados que claramente dijeron a los tiranos que no los querían seguir en nada contra Su Majestad, que el uno fue Francisco Vázquez, y Juan de Cabañas, y Juan de Vargas Zapata: u no quisieron jurar ni firmar*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 86). Na *Relación* Anônima, no entanto, consta que somente três viajantes não firmaram o documento “*pero a*

Habiendo, pues, el tirano Lope de Aguirre muerto los que habemos dicho, que fueron por todos siete, con los de la noche antes, y entre ellos a un clérigo y a su Príncipe, juntó la gente en una plaza, y él, bien rodado y guardado de más de ochenta de sus amigos [grifo nosso], muy bien armados [...] (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 150)

Pasados algunos días, el dicho tirano Lope de Aguirre echó otro bando, con el cual se juntó toda la gente[...][grifo nosso] (ZAPATA, [1562] 1981, p. 295)

[...] el dicho tirano, Lope de Aguirre, se juntó con muchos del campo, especialmente con hasta catorce o quince vizcaínos [grifo nosso] que venían en el campo, a los cuales proveyó de armas así de cotas y arcabuces como de espadas y agujas y partesanas, y también tenía con ellos outros soldados amigos suyos con los cuales comía y tenía juntos como apaniguados [grifo nosso]. (ZAPATA, [1562] 1981, p. 296)

Os homens que andavam com Lope de Aguirre, como mencionado anteriormente, foram representados como mal intencionados desde o princípio dos textos. Na *Relación Anônima*, são aqueles que “*tenían la inclinación a robar y matar*” (ANÔNIMA, [s/a] 1981, p. 276). Para Alместo e Vázquez, são “*bulliciosos y dasasosegados*”, de “*ruines mañas*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 128; VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 78). Gonzalo de Zuñiga escreveu que eles eram “*los mayores traidores que en el Pirú habia*” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 10), acrescentando que “*eran todos vizcaínos y marineros y gente de costa y de poca honra, a los cuales, como den lugar para robar y andar en vicios, como él les daba, es gente muy maldita y mala; y así se hicieron, con el cruel tirano, grandes carniceros y crueles, como él no podia ver caballeros y gente noble*” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 14). Juan de Vargas Zapata qualifica-os como “*perros traidores, que no tenían más almas que caballos, ni temor de nuestros señor más que bestias*”, “*los mayores tiranos y más crueles que jamás se han visto*”, “*hombres castellanos y vizcaínos*”, com quem Aguirre “*comía y bebía*” (ZAPATA, [1562] 1981, p. 295).

Chama a atenção o fato de se destacar a origem basca de Lope de Aguirre, “*vazcongado*”, e de muitos de seus companheiros, “*vizcaínos*”, como se essa fosse uma condição menor, desprezível, como se, por si só, ela explicasse o caráter daqueles homens. Segundo o historiador Julio Caro Baroja, o “*antivasquismo*” é uma questão histórica na Espanha, corrente até a contemporaneidade: os bascos seriam comumente vistos como gentes inquietas e inseguras (CARO BAROJA, 1970, p. 122). Isso ocorre porque, no século XV, os

uno le costó la vida, y los otros dos corrieron muy gran riesgo, y porque estaban muy enfermos no se hizo caso porque a estar de provecho para la guerra también murieron” (ANÔNIMA, [s/a] 1981, p. 276).

hidalgos do País Basco, apesar de terem sido, diversas vezes, fiéis vassalos da Coroa de Castela, em não raras oportunidades, romperam os laços de dependência que os uniam aos seus suseranos quando estimaram que aqueles haviam faltado as suas funções. Este ato, chamado pelo direito consuetudinário de *desnaturamiento*, era considerado grave pela monarquia espanhola (BERNAND; GRUZINSKI, 2001, p. 108). Julio Caro Baroja assinala que nas *Relaciones da Jornada*, “sobre el ‘vizcaínismo’ de Aguirre y sus más íntimos se comenzó a sustentar pronto una teoría de la traición al Rey y a la Patria” (CARO BAROJA, 1970, p. 121). Caracterizando-os pejorativamente desta maneira, nossos narradores talvez não tivessem dúvidas de que a responsabilidade pela insurgência recairia somente sob os homens daquela naturalidade. Neste desejo de responsabilizar aos outros pela sublevação, Lope de Aguirre foi especialmente representado. A esse personagem, foram imputados todos os traços negativos de que os seus aliados já haviam sido alvo, e outros ainda mais complexos.

A caracterização negativa de Lope de Aguirre é o ponto central de todas as *Relaciones*. É digno de nota que ele foi caracterizado como o contraponto absoluto do “modelo de conquistador”, idealizado, naqueles escritos, no Governador Pedro de Orsúa. Assim, se o comandante da *Jornada* era um tipo delicado, bem proporcionado, de boa apresentação e que mantinha a sua barba “*bien posta y poblada*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 79), o insurgente era “*pequeño de cuerpo, y de muy poco, mal agestado y chupada la cara, los ojos, que si miraban fijo le bullían, en especial estando anojado*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 167), e manco de uma perna “*y de las manos de muchos arcabuzazos que le han dado en batallas en Perú*”⁵⁶ (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 26). Enquanto Orsúa, o protótipo do conquistador ideal, era um bom e fiel vassalo, que “*servió bien a Su Majestad, bien y fielmente, sin que en él se hallase cosa en contrario, ni aún en pensamiento, según lo que en él se conoció*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 130), Lope de Aguirre é referido em todas as *Relaciones* como “*el gran traidor*” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 26). Ele é retratado como um tirano⁵⁷ “*malo, perverso, así era enemigo de los*

⁵⁶ Francisco Vázquez e Gonzalo de Zuñiga descreveram o tipo físico de Lope de Aguirre de maneira muito parecida. A *Relación Anônima* também traz algo semelhante: “*Este perverso tirano era vascongado natural de la Villa de Oñate, sería cuando murió cuarenta y cinco años, y dendo arriba que ya le faltaban las muelas, era pequeño de cuerpo y muy mal hecho feo de rostro y los ojos muy sumidos, entreayrados y cojeaba la pierna derecha*” (ANÔNIMA, [s/a] 1981, p. 280). A transformação do “outro” no grotesco e no monstruoso não era uma prática incomum àquela época. O “maravilhoso medieval”, afinal, não estimulava somente um imaginário de reinos prodigiosos escondidos em interiores ignotos, como eram *Omagua* e *El Dorado*, mas também construía anomalias e disformidades naqueles seres que se consideravam diferentes. Surgiam assim criaturas fantásticas como arimastos dotados de um só olho na testa, artabaritos sem boca, ciápodos de uma única perna bifurcada em dois pés ou blêmios sem cabeça com olhos nas espáduas. Ver mais em: GIUCCI, 1992.

⁵⁷ Os termos “*tirano*” “*cruel tirano*” “*muy cruel tirano*” ou “*perverso tirano*” aparecem em todas as *Relaciones*, sempre relacionados com Lope de Aguirre. Segundo o léxico do século XVI, *Tesoro de la lengua castellana o*

buenos y virtuosos; y pocos a pocos ha venido matando todos los más hombres de bien, y teniéndolos por sus enemigos, porque como tuviese presunción o manera de hombre de bien, temíase dellos y no consentía que tal hombre viniese entre ellos” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 182).

E, ainda, se o “modelo de conquistador” era um “*caballero muy honrado*” (ZAPATA, [1562] 1981, p. 293) que dedicava a vida a prestar serviços a Deus e à Sua Majestade, Aguirre aparece como um “*malvado*”, um “*cruel matador*”, um “*perro rabioso*”, um “*endemoniado*”⁵⁸; um homem que fazia questão de praguejar, em diversos momentos, contra a divindade católica e contra o rei: “[...] *y no solamente hacía esto, pero blasfemaba y renegaba de Dios, sumo Rey y Señor de todos [...]*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 175). Os autores das *Relaciones da Jornada* iniciavam a inscrição de Lope de Aguirre na história da Conquista como um herege com tratos diabólicos, um homem degradado:

Era mal cristiano, y aun hereje luterano, o peor. [...] Tuvo por vicio ordinario encomendar al demonio su alma y cuerpo y persona, nombrando su cabeza, piernas y brazos, y lo mismo sus cosas. No hablaba palabra sin blasfemar y renegar de Dios y de sus santos. (ALMESTO, [s/a] 1987, p. 221).

Hera un hombre de vivo juicio aunque lo empleaba mal, que decir de él que era el más mal hombre que de Judas acá habido, pues fue traidor a Dios, al rey y a sus amigos. (ANÓNIMA, [s/a] 1981, p. 280)

[...] había dicho muchas veces que cuando no pudiese pasar al Perú y destruir y matar a todos los que contra él fuesen, que a lo menos quedaría eterna en la memoria de los hombres la fama de sus crueldades, y que su cabeza sería puesta en el rollo para que su memoria no pereziese, y con esto se contentaba, y así se cumplió a la letra, y su ánima fue a los infiernos, donde él decía muchas veces que deseaba ir, porque allá estaba Julio César y Alejandro Magno y otros valientes capitanes, y que en el cielo estaban pescadores y carpinteros y gente de poco brío. El fue al infierno a hacerles perpetua compañía y quedará dél la memoria eterna que quedó del maldito Judas, para que blasfemen y escupan del más perverso hombre que ha nacido en el mundo. (VÁZQUEZ, [s/a]1987, p. 166)

española, o termo “tirano” “*cerca de los antiguos, se tomaba en buena parte, y significaba tanto como señor, rey y monarca, el cual tenía potestad plena sobre sus súbditos [...]. Después se vino a reducir a que tan solamente significase al que por fuerza o maña, sin razón y sin derecho, se apoderase del dominio e imperio de los reinos y repúblicas; y de aquí llamamos tirano comúnmente a cualquiera que con violencia, sin razón ni justicia, se sale con hacer su voluntad. Llamamos a los mercaderes tiranos, cuando nos venden la cosa por precio subido*” (COVARRUBIAS OROZCO, [1611] 1995, p. 921).

⁵⁸ Expressões que aparecem no poema de Gonzalo de Zuñiga [ANEXO 3].

Lope de Aguirre, assim, foi caricaturado como “o mais perverso homem do mundo”. Sua “traição” foi comparada à de Judas; sua “tirania” à de Júlio César e de Alexandre Magno⁵⁹. Os autores das *Relaciones* acabaram transformando aquele personagem em principal responsável pela insurgência, como se sozinho ele pudesse ter realizado todos os atos violentos e de infidelidade cometidos durante a *Jornada*. Somente a ele os relatos inculcam a morte de mais de setenta pessoas⁶⁰, incluindo clérigos, mulheres e sua própria filha⁶¹. No entanto, os expedicionários olvidavam o fato de que, como eles próprios escreveram, Aguirre nunca esteve sozinho em seu levante. Nas *Relaciones*, encontramos-lo sempre cercado por aliados em suas ações.

É provável que a oposição construída pelos autores das *Relaciones* entre as características físicas e morais de Pedro de Orsúa e de Lope de Aguirre, tenha sido a maneira encontrada por eles para representar o que era (ou o que faziam crer que era) o “bem” e o “mal” no contexto da *Jornada*. Neste sentido, discordamos em parte do conceito de “discurso de rebelião” formulado por Beatriz Pastor. Apesar de assentirmos com a autora que nas *Relaciones* desapareceram os elementos míticos, já que, nestes escritos, *Omagua* e *El Dorado* acabaram, de fato, sendo desconstruídos e reavaliados, acreditamos que os modelos da

⁵⁹ Comparar Lope de Aguirre a Júlio César e Alexandre Magno nos parece mais um ato falho de Francisco Vázquez do que uma crítica. Soa-nos até contraditório o fato de o autor relacionar quem se queria diminuir de importância a esses personagens tão admirados no século XVI: Hernán Cortés, por exemplo, foi exaltado por seus contemporâneos exatamente ao ser comparado a eles. Bernal Díaz del Castillo, em *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, escreveu: “E puesto que fue tan valeroso y esforçado y venturoso capitán, no le nombraré de aquí adelante ninguno destes sobrenomes de valeroso, ni esforçado, ni marquez del Valle, sino solamente Hernando Cortés; porque tan tenido y acatado fue en tanta estima el nombre solamente de Cortés, ansi todas las Indias como en España, como fue nonbrado el nombre de Alejandro en Maçedonia, y entre los romanos Julio Çésar [...]” (DÍAZ DEL CASTILLO, [1568] 2005, p. 50); “Pues como Cortés siempre tuvo los pensamientos muy altos, y en la ambiçión de mandar y señorear quiso en todo remedar Alexandre el Maçedonio [...]” (DÍAZ DEL CASTILLO, [1568] 2005, p. 566).

⁶⁰ Francisco Vázquez afirmou que Aguirre “era tan cruel y malo que a los que no le habían hecho mal los mataba sin causa ninguna” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 129). Gonzalo de Zuñiga relatou que aquele conquistador “procuraba matar poco a poco toda la gente noble, y caballeros” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 18). Apesar disto, o que observamos nas *Relaciones* é que poucas vezes Aguirre cometeu sozinho aqueles crimes.

⁶¹ Lope de Aguirre levava consigo a sua filha, a mestiça Elvira de Aguirre. Antes de ser morto, matou-a a punhaladas. Alguns autores das *Relaciones* escreveram que ele o fez por egoísmo, pois amava a si mais do que à própria filha; outros alegam que este ato demonstra o quanto Aguirre era cruel. Houve, ainda os que afirmaram que Lope de Aguirre assassinou a filha para não deixá-la à mercê dos expedicionários e dos representantes da monarquia, ou para que ela não fosse julgada pelos seus erros, ficando marcada como “hija del tirano” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 165). Conforme a sentença condenatória da Coroa Espanhola, a última preocupação de Aguirre faria todo o sentido se ele tivesse um herdeiro varão. O documento declarava que “todos los hijos barones que del dicho aguirre ayan quedado, ora sean legitimos o bastardos o espureos, por infames para siempre jamas, como hijos de padre traydor e tirano” (SENTENCIA, [1561] 1981, p. 289) [ANEXO 3]. Esta presença feminina, assim como a da amante de Pedro de Orsúa, faz eco ao que escreveu Restall sobre os “guerreiros invisíveis” (RESTALL, 2006). Verificamos assim que, além de indígenas e de negros, também mulheres faziam parte das “hostes espanholas”, o que demonstra que a Conquista da América não foi feita somente por “homens brancos”, como construiu a historiografia.

Conquista permaneceram nas narrativas que os expedicionários construíram para contar a história do evento; nelas, estes modelos não foram “liquidados”, como afirma a autora, pelo contrário: eles foram afirmados. Foram a ação e as ideias dos insurgentes – e não os escritos dos expedicionários – que descaracterizaram os modelos, que esfacelaram as relações de vassalagem, que fragmentaram e promoveram a violência no campo espanhol, que liquidaram o protótipo do conquistador “cortês”. Os autores das primeiras narrativas sobre a expedição desqualificaram aquelas ações e os seus protagonistas enquanto laureavam os “leais”, dos quais se diziam representantes. Reafirmavam, desta maneira, o modelo épico de representação da Conquista e dos conquistadores. Com suas palavras, intentavam agradar a monarquia e, como tantas vezes já dissemos, despirem-se de culpas.

Não é por acaso que, nas *Relaciones*, a narração da *Jornada* é encerrada com a derrota dos insurgentes pelos leais⁶². A execução de Lope de Aguirre indica de que maneira a história da Conquista Espanhola, para a Coroa e seus defensores, deveria ser escrita. Nas *Relaciones*, aquele rebelde ficou marcado como a encarnação de todos os vícios e maldades necessários para justificar, por si só, a sublevação contra o rei – mais uma no contexto da Conquista Espanhola – da qual tomou parte junto aos seus companheiros de *Jornada*. O fim daquele evento e daquele personagem produzem, naqueles escritos, a restauração fictícia da ordem e da paz no território hispano-americano, como concluiu Francisco Vázquez quando disse que “*quedó la tierra sossegada con la muerte de tan mal hombre [...] y hubo paz*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 169). No entanto, ao contrário do que, talvez, imaginavam os expedicionários – e do que pretendiam o rei Filipe II e as autoridades espanholas – as *Relaciones* não colocavam um ponto final definitivo nessa história. Diversos outros escritos continuaram repercutindo a *Jornada*, fazendo com que o personagem Lope de Aguirre, mesmo com a imagem detratada, permanecesse “vivo” na memória da Conquista.

Entendemos que estes documentos façam parte de uma série de narrativas que foram produzidas sobre a *Jornada de Omagua y Dorado* após a escrita (e talvez, a circulação) das *Relaciones* dos participantes do evento. Os autores dos “escritos posteriores” sobre o evento talvez tenham tido acesso às informações advindas daquelas primeiras fontes históricas. Mais do que isso, tiveram tempo e distanciamento para assimilar o que aconteceu no decorrer da viagem e puderam observar quais foram as consequências da insurgência levada a cabo pelo

⁶² Mesmo as *Relaciones* de Zuñiga e Monguía que não descrevem a execução Aguirre por terem sido escritas antes daquela acontecimento, narram alguns acontecimentos que indicavam o início do dismantelamento da sublevação, como a fuga e a deserção de alguns de seus participantes, por exemplo.

grupo de Lope de Aguirre. O que seleccionaram e guardaram destas histórias e como a interpretaram é o que estudaremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

As interpretações da Jornada

“Do livro de receitas culinárias aos documentos da realeza há diversidade interpretativa. Mas em todos eles há uma elaboração e construção que é intencional. No texto e na memória, há a atuação de um sujeito que seleciona, recorta, harmoniza e constrói uma história dotada de sentido. Por vezes, essa construção é contestada por dados e interpretações de outro sujeito. Os conflitos interpretativos são inevitáveis, pois as experiências humanas são únicas e irrepetíveis.”

(Leandro Karnal e José Alves de Freitas Neto. *A Escrita da Memória*, 2004, p. 35)

“Ao relatar, a crônica não fica circunscrita ao campo da objetividade – incumbida de só descrever e contar – mas o extrapola e ganha a condição de produtora, de construtora de um olhar (no momento em que constrói uma representação), e, assim, torna-se passível de questionamentos no seu próprio interior.”

(Anderson Roberti dos Reis e Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, *A crônica colonial como gênero de documento histórico*, 2006, p. 39)

Entre os anos de 1569 e 1589, o conquistador Alonso de Ercilla y Zuñiga escreveu, sob a forma de um vasto poema épico, a experiência vivida em sua passagem pelo vice-reinado peruano. Esteve naquela jurisdição justamente à época da *Jornada de Omagua y Dorado*, já que, pouco tempo antes, participou junto à García Hurtado de Mendoza em uma das muitas campanhas movidas pela monarquia espanhola contra os indígenas araucanos⁶³. Esse episódio

⁶³ Foram constantes e violentos os enfrentamentos de espanhóis e araucanos, nome pelo qual eram conhecidos diversos grupos indígenas (entre eles, os mapuche) que ocupavam a região do Arauco, ao sul do atual Chile. Pedro de Valdívia foi o primeiro a intentar conquistar aquele território, mas após diversas batalhas – nas quais grupos nativos que, historicamente, eram antagonicos se uniram contra o inimigo espanhol –, foi morto em combate. Em 1557, ordenado governador por seu pai, o vice-rei peruano Marqués de Cañete, García Hurtado de Mendoza desembarcou em Coquimbo para continuar a tentativa de dominação dos araucanos. Esta empresa, da qual participou Ercilla y Zuñiga durante 17 meses, obteve certo sucesso e conseguiu “pacificar” aquela região, mas não por muito tempo, já que uma nova rebelião indígena foi iniciada em 1598. A partir daí, os confrontos foram ininterruptos, o comando das batalhas passaram a ser confiados à homens experientes em combates deste tipo e a Coroa começou a investir com mais força na defesa daquela fronteira. Tãmanha era a preocupação que,

da Conquista do Chile é o tema central dos versos de Ercilla; no entanto, em *La Araucana*, entre a descrição da guerra, a caracterização dos conquistadores e as lóureas aos valentes nativos do Arauco com os quais os espanhóis se enfrentaram⁶⁴, o poeta madrilenho também narrou outros acontecimentos que, em sua maioria, afirmou ter presenciado em terras americanas – “*dad orejas, Señor, a lo que digo, / que soy de parte de ello buen testigo*” (ERCYLLA Y ZUÑIGA, [1569-1589] 1981, p. 10), suplicou ao rei Filipe II logo no início de sua obra. Assim, no canto XXXVI, a *Jornada* de Lope de Aguirre é versada por Alonso de Ercilla y Zuñiga:

*Estuve allí hasta que la entrada
por el gran Marañón hizo la gente,
donde Lope de Aguirre en la jornada,
más que Nerón y Herodes inclemente,
pasó tantos amigos por la espada
y a la querida hija juntamente,
no por otra razón y causa alguna
mas de para morir juntos a una.*
(ERCYLLA Y ZUÑIGA, [1569-1589] 1981, p. 537)

Essa era uma das primeiras aparições do insurgente espanhol em um texto que tratava da conquista e da colonização da América Espanhola, escrito após o encerramento de sua *Jornada* e a produção das *Relaciones* de seus coetanos. O Aguirre que então surge apresentado pela pena de Ercilla y Zuñiga era mais inclemente do que Nero e Herodes. Entrava para a história pela tirania de não poupar nem mesmo seus amigos e entes mais próximos, tudo sem “*razón y causa alguna*”. A rebelião dos *marañones* e seus motivos, portanto, foram silenciados em *La Araucana* com o que os atos de Lope de Aguirre soavam ainda mais injustificáveis.

em 1603, Filipe III enviou para lá uma milícia permanente de mil e quinhentos soldados, “o primeiro do Novo Mundo” (BERNAND; GRUZINSKI, 2009, p. 557). A tensão entre os ocidentais e os nativos do Arauco se estendeu durante três séculos: os conflitos se arrastaram até o período republicano chileno, quando as dinâmicas de colonização e de conquista militar tomaram novo impulso e um plano de ocupação do território mapuche foi colocado em prática pelo Estado (sobre a situação destes indígenas no século XIX e na contemporaneidade ver: BOCCARA, Guillaume; SEGUEL-BOCCARA, Ingrid. Políticas indígenas en Chile (siglos XIX y XX) de la asimilación al pluralismo - El caso Mapuche. *Nuevos Mundo, Mundos Nuevos*. Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/594>>. Acesso em: maio/2009).

⁶⁴ Em *La Araucana*, Alonso Ercilla y Zuñiga conferiu aos araucanos certo protagonismo, caracterizando-os de maneira positiva e em tom de exaltação. Adjetivos como *robustos, gigantes, fortes, bravos, ferozes, atrevidos e valentes* foram reiteradamente utilizados pelo poeta ao se referir a eles (PASTOR, 2008, p. 400) e lideranças nativas como Caupolicán e Lautaro foram transformadas em heróis épicos, dotados de grande habilidade bélica e militar. As descrições dos atos e da personalidade dos indígenas foram, portanto, produzidas a partir do universo simbólico europeu, a grade interpretativa de que Ercilla y Zuñiga dispunha para compreender e traduzir o outro aos seus conterrâneos. Por fim, ao inscrever os araucanos na história envoltos em valores que não lhes pertenciam, *La Araucana* enaltece, em verdade, os conquistadores espanhóis: o inimigo a ser vencido por eles é tão valoroso, que se engrandecem ainda mais os gestos hispânicos (KARNAL, 2006, p. 289).

Àquela época já não se discutia mais quem eram os culpados pelos crimes de lesa-majestade e pelos assassinatos ocorridos no curso do rio Amazonas e nas ilhas venezuelanas na década de 1560: a insurgência fora exemplarmente reprimida pela Coroa, as *Relaciones da Jornada* haviam construído as primeiras versões da história – possivelmente cumprindo com o seu papel prático de isentar os seus autores de possíveis penalidades – e a sentença final contra a memória e a fama de Lope de Aguirre havia sido promulgada. No entanto, como veremos, olvidando muito e carregando nas tintas um outro tanto, assim como fez Alonso de Ercilla y Zuñiga, a história de Lope de Aguirre continuava a ser escrita durante e após o século XVI.

Naquele período, ainda estava em pauta para os cronistas da América a construção da imagem da intervenção espanhola no novo continente, que seguia sendo desenhada à exaustão por conquistadores, burocratas e missionários. Buscando inspiração em suas próprias *miradas*, em fontes documentais ou orais e apoiando-se na imaginação, eles seguiam fabricando, em páginas e mais páginas, as suas representações sobre os acontecimentos e os sujeitos que passaram pela história da Conquista, à luz das percepções e das ferramentas interpretativas de que dispunham. Como veremos, essas escrituras tinham, assim como as *Relaciones* de que tratamos anteriormente, destinos e finalidades muito próprios: deveriam ecoar não somente no território hispanoamericano, garantindo estabilidade e controle governamental ao poder monárquico, mas também fora dos domínios da Coroa Espanhola para que se afirmasse o sucesso e se combatessem os detratores do empreendimento ibérico. Por essa razão, realizar uma leitura crítica dos textos “literários ou não, canônicos ou esquecidos” que interpretaram a *Jornada* de Lope de Aguirre, decifrando o que, nos seus “agenciamentos e estratégias” (CHARTIER, 1991, p. 178), os seus autores selecionaram para guardar de sua história e quais os recursos retóricos utilizados por eles é o que nos interessa neste estudo. Vale aqui ressaltar, assim como já fizemos no capítulo anterior, que não é nossa intenção investigar o que de “verdadeiro” ou “falso” os cronistas registraram sobre o evento e o personagem histórico com o qual trabalhamos, mas sim “observar atentamente a natureza das práticas representacionais que os europeus transplantaram para a América na tentativa de descrever para seus compatriotas aquilo que viam e faziam” (GREENBLAT, 1996, p. 23). Ademais, levaremos em conta os efeitos da experiência americana nas representações construídas e registradas, já que, sabemos, elas são transformadas em ação, na prática e no tempo.

Assim, nosso principal objetivo neste capítulo é compreender a *Jornada de Omagua y Dorado* e Lope de Aguirre de forma a identificar como eles foram construídos em um conjunto de crônicas coloniais que os descreveram após a escrita das *Relaciones* dos participantes do evento, compondo uma reflexão que acompanhe essas representações em relação à própria escrita da história. Quatro narrativas serão a espinha dorsal de nosso estudo: a *Recopilación Historial de Venezuela*, escrita pelo Frei Pedro de Aguado (1575); a *Jornada del río Marañón con todo lo acaecido en ella, y otras cosas notables dignas de ser sabidas, acaecidas en las Indias occidentales*, de Toribio de Ortiguera (1585-1586); a *Descripción del Perú, Tucumán, Río de la Plata y Chile*, do Frei Reginaldo de Lizárraga (1605) e as *Noticias Historiales de las conquistas de tierra firme en las Indias Occidentales*, de Frei Pedro Simon (1627)⁶⁵. Complementaremos nossa análise utilizando alguns relatos de viagens e escritos de missionários que atuaram na Amazônia e que também acabaram retomando, mesmo que de maneira menos densa do que nas crônicas citadas anteriormente, a história da *Jornada*. Partindo desses textos, pretendemos compreender a historiografia como uma prática cultural elaborada pela sociedade com relação a si e aos outros: afinal, de que forma, tendo a *Jornada* de Lope de Aguirre como horizonte, a história da Conquista da América foi escrita pelos cronistas – quais os valores, as concepções, os sentidos construídos para ela – ainda na época colonial? A partir de que fontes históricas estas interpretações foram produzidas?

Tendo em vista que, assim como muitos outros escritos sobre a Conquista da América, as *Relaciones* da *Jornada* não foram publicadas antes que fossem “descobertas” por estudiosos positivistas no século XIX, fizemos uma tentativa de verificar se os seus manuscritos circularam entre o XVI e o XVII. Não tendo nenhuma notícia sobre isso, a única maneira que encontramos para perseguir esse intento foi observar de que forma os cronistas coloniais

⁶⁵ Elas foram selecionadas na medida em que as entendemos como crônicas históricas construídas a partir de alguns pressupostos de certa maneira convencionados à época para este tipo de escrita. Cabe-nos ressaltar aqui que estes não foram os únicos textos coloniais posteriores à *Jornada* e que tratavam história da Conquista da América, nos quais o evento e Lope de Aguirre foram interpretados. Para os séculos XVI e XVII, encontramos ainda o romance *El Marañón*, de Diego de Aguillar y Córdoba (1578), as *Elegías de los varones ilustres de Indias*, de Juan de Castellanos (1577-1601) e o *Compendio y descripción de las Indias Occidentales*, de Antonio Vázquez de Espinosa (1628) e, para o século XVIII, a *Historia de la conquista y población de la provincia de Venezuela*, de José de Oviedo y Baños (1705). Estas quatro narrativas acabaram ficando fora de nosso estudo por: a) não havermos tido acesso à integralidade de seus conteúdos, no caso de Aguillar y Córdoba e Vázquez de Espinosa; b) opções metodológicas, no caso de Castellanos e de Oviedo y Baños. O escrito do primeiro se trata de um extenso poema épico, tipo textual que, além de não ser por nós entendido como uma “crônica histórica”, requeriria de nós um esforço interpretativo de outra natureza daquele empreendido para as fontes que optamos por usar. Já a obra de José de Oviedo y Baños acabou ficando afastada temporalmente do conjunto de crônicas escolhidas, o que acabou se tornando um “problema” no momento de criar as nossas categorias de análise. Além disto, os textos selecionados e estudados se mostraram suficientes para responder às questões levantadas pela investigação aqui proposta.

utilizaram aqueles relatos presenciais para compor os seus escritos *Jornada*. Dando continuidade à essa análise dos “usos e leituras” dos textos (CHARTIER, 1990, pp. 123-124), encerraremos este estudo realizando uma análise do prefácio da *Relación* de Pedrarias de Alместo editada no XIX, quando os estudiosos passaram a “resgatar” alguns textos coloniais, postulando-os ao lugar de “privilegiados” ao trabalho do historiador (REIS; FERNANDES, 2006, p. 37). Pretendemos verificar quais documentos da *Jornada*, independentemente das intenções de sua produção, acabaram sendo escolhidos pelos historiadores positivistas não apenas como documentos, mas ainda enquanto monumentos de um passado, “preferindo-os uns a outros, atribuindo-lhes um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende de sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental [...]” (LE GOFF, 1994, p. 547).

2.1. A história da *Jornada*, mestra da vida

No capítulo anterior, trabalhamos com um tipo discursivo comum aos primeiros momentos da conquista do continente americano, as *relaciones*. Nelas, assim como nas cartas relatoriais, nas epístolas e nos relatos de viagem, os conquistadores utilizaram a escrita para justificar as suas ações e garantir que suas versões fossem legitimadas pelas autoridades, objetivando receber lãureas e recompensas pelos serviços prestados à Coroa naquele Novo Mundo que, aos poucos, se descortinava aos olhos dos europeus. Estas *probanzas de mérito* destinadas ao Conselho das Índias eram, pois, recheadas de experiências e de vivências. Ter presenciado os fatos conferia autoridade àquilo que era relatado e produzia nos textos os efeitos de verdade necessários à uma boa narrativa histórica daqueles tempos, bem ajustada “ao gosto (retórico) e ao pensamento europeus” (THEODORO, 1992, p. 98). A *Jornada de Omagua y Dorado* foi escrita pela primeira vez nestes moldes: como *testigos de vista*, os seus próprios agentes históricos, a relataram a partir de seus intentos de comprovar que não haviam tomado parte do motim realizado naquela expedição à Amazônia.

Na esteira dessas narrativas vieram outras. À medida que a conquista e a colonização iam sendo consolidadas e que as experiências eram acumuladas, se fazia necessária a organização da história da presença hispânica na América. Era um mar de gestos, contatos, experiências missionárias, explorações, guerras, rebeliões, posses, leis e instalações

administrativas, de relatos orais e escritos, que deveriam ser ordenados, principalmente por burocratas, ilustrados e missionários – embora também o tenham feito os conquistadores comuns e os indígenas e mestiços⁶⁶ – em textos que, mesmo tendo matizes distintos, por serem também distintos os seus lugares de produção, chamamos de crônicas coloniais. Diferentemente dos autores das cartas e das *relaciones*, que tinham somente a obrigação de prestar contas às autoridades e não tinham pretensão de que suas escrituras passassem à dimensão de livro⁶⁷, os cronistas assumiam a tarefa de serem transmissores de acontecimentos públicos e políticos (REIS; FERNANDES, 2006, p. 26) do governo que então se instalava no território americano. Isso ocorria porque as crônicas, tal qual na historiografia medieval⁶⁸, assentavam-se na escrita da história da Conquista para narrar os acontecimentos considerados notáveis, guardando um “sentido de memória oficial e de ordenação de informação associada a uma visão de elite sobre um determinado processo e ação” (KARNAL, 2006, p. 15). A escritura, assim, era vista como a memória da história, especial motivação de qualquer cronista daquela época para registrar, com papel e tinta, os acontecimentos:

A memória e o esquecimento, a partir dos relatos míticos gregos, andam próximos. Na tentativa de fixar a primeira e afugentar o segundo, os homens criaram mecanismos de registro, de perpetuação dos feitos que se desejavam ser memorizados. (KARNAL; FREITAS NETO, 2004, p. 35)

Se o objetivo maior da escrita destas crônicas era salvaguardar a memória oficial, era o discurso da Coroa (e da Igreja e das Ordens Religiosas, quando era o caso) que preenchia

⁶⁶ A escrita de crônicas não foi privilégio somente de espanhóis. Também indígenas e mestiços cristianizados, como Garcilaso de La Vega e Felipe Guamán Poma de Ayala, produziram suas versões sobre a história da Conquista. Garcilaso era um descendente real inca que havia sido criado dentro das tradições aristocráticas espanholas por ser filho de pai europeu. Mesmo assim, jamais foi aceito pela sociedade hispânica, motivo pelo qual passou a se chamar *El Inca*. Sua obra, *Comentários reales de los Incas* (1609), é um importante documento sobre a sociedade incaica quando da chegada dos espanhóis, apesar de ter sido escrita a partir de valores europeus, o que demanda certo cuidado dos historiadores em sua leitura. Poma de Ayala, autor de *El primer nueva corónica y buen gobierno* (1613), também era descendente da nobreza incaica. Mesmo tendo sido educado por espanhóis, sua obra retrata o passado do continente construído por alguém que viveu e acompanhou as dificuldades da colônia, especialmente acerca das notícias sobre a exploração das minas de Prata. A escrita de Poma de Ayala tem, portanto, um tom de denúncia contra a cobiça dos espanhóis em obter, a qualquer custo e através da violência, os metais que tanto queriam (MORAIS, 2006, pp. 88-89).

⁶⁷ É importante ressaltar que, apesar de não ter, em um primeiro momento, a pretensão de ter suas cartas e *relaciones* publicadas em forma de livro, os seus autores não as escreviam em foro íntimo. Elas eram públicas e, como já dissemos em outras oportunidades, destinadas às autoridades. A escrita na América, aliás, não tinha como característica e fim o âmbito privado (REIS; FERNANDES, 2006, p. 31).

⁶⁸ Desde a *Crônica general* de Alfonso *el Sabio*, as crônicas eram registros históricos utilizados durante a Idade Média ligados aos reis e aos nobres, e também à Igreja, especialmente à Ordem dos mendicantes, que fez uso desses textos para guardar a memória dos feitos de seus religiosos e promover o prestígio de suas instituições (FERNANDES, 2004, p. 81).

aquelas linhas. E isso não se aplicava somente aos chamados *cronistas de Indias* contratados pelo Estado para produzir a literatura da Corte sobre o Novo Mundo, como foram Velasco e Herrera⁶⁹. Esse caráter institucional, muitas vezes estimulado pelo desafio que era ultrapassar o obstáculo da censura que o Conselho do Rei impunha aos textos que tratavam do continente americano⁷⁰, perpassava boa parte das obras – mesmo os seus conteúdos sendo distintos – e fica explícito não somente nas dedicatórias que os cronistas prestavam à monarquia no início de suas narrativas, mas na escolha e no tratamento que davam à descrição dos acontecimentos selecionados para compor as histórias. Assim, as crônicas da América acabaram compondo o que Ricardo García Cárcel intitulou de “*leyenda rosa*” (GARCÍA CÁRCEL, 1992, p. 244). Elas louvavam as façanhas do grupo narrador e os valores terrenos e espirituais da Conquista, como a coragem de seus conterrâneos diante dos desafios que vislumbravam em terras tão distantes, a edificação de cidades nos moldes espanhóis e a instalação da burocracia que ia transformando o território americano em um espaço “civilizado”; e a fé que, mesmo diante de imensas dificuldades, triunfava e transformava os pagãos em bons vassalos e bons cristãos. Dessa forma, pretendiam fazer frente às críticas ao empreendimento ibérico no Novo Mundo, que, a partir do escrito de Bartolomé de Las Casas começavam a ganhar força⁷¹. Mas como a

⁶⁹ Em outubro de 1571 foi criado o cargo de “*cronista y cosmógrafo mayor de los estados y reinos de las Indias, islas y tierra firme del mar oceano*” (CUESTA DOMINGO, 2007, p. 119). Ao *cronista mayor* competia escrever a história oficial da Conquista por encomenda do rei, tomando como base uma seleção de documentos dos arquivos do Conselho das Índias (FRIEDE, 1959, p. 61) e trazendo as seguintes informações: “*recopilación de la historia general, moral y particular así como de los acontecimientos memorables y de las cosas naturales excepcionales y especialmente todo lo relativo a la cosmografía y descripciones de las Indias*” (CUESTA DOMINGO, 2007, p. 119). A partir dessas prerrogativas, foram produzidas obras como *La Geografía y Descripción Universal de las Indias*, de Juan López de Velasco e a *Historia general de los hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra Firme del Mar Océano*, de Antonio de Herrera y Tordesillas.

⁷⁰ Como veremos mais adiante, com a chegada de Filipe II ao trono as medidas de precaução para a impressão e circulação de livros se tornaram bastante rígidas. Por exemplo, pela Real Cédula de 21 de setembro de 1556, era proibida explicitamente a impressão de livros que tratavam a América sem licença especial do Conselho das Índias. Foram as crônicas dos missionários do século XVI que tiveram mais dificuldade de passar pela censura. O manuscrito de *Historia General de las cosas de Nueva España*, de Bernardino de Sahagún, por exemplo, foi proibido diretamente por uma Cédula emitida pelo rei em 16 de novembro de 1577, ficando inédito até meados do século XX. O mesmo destino teve a *Historia Eclesiástica Indiana* de Gerónimo de Mendieta: terminada em 1596, foi enviada para a Europa e proibida pela Coroa, permanecendo inédita até o século XIX, quando foi editada em 1870 pelas mãos de Joaquín García Icazbalceta. Ver mais sobre Mendieta no estudo de Luiz Estevam de Oliveira Fernandes (FERNANDES, 2004).

⁷¹ A *leyenda negra* da Conquista da América Hispânica foi inaugurada pelo Frei Bartolomé de las Casas que, na primeira metade do século XVI, lutou contra o modo pelo qual os indígenas estavam sendo tratados pelos *encomenderos* e pela administração colonial. Os escritos de Las Casas, que denunciavam as atrocidades dos conquistadores contra os ameríndios, irão encontrar grande eco entre os opositores do colonialismo praticado pela Espanha no continente americano, imprimindo “nas mentes de gerações de europeus um estereótipo grosseiro do domínio imperial espanhol” (ELLIOTT, 1998, p. 306). No entanto, vale ressaltar que Bartolomé de Las Casas não escrevia para suspender a colonização espanhola, mas para alcançar “uma retificação em seus caminhos, no qual o princípio da evangelização fosse superior aos valores praticados pela colônia. A crítica foi dirigida aos que abandonaram os valores morais que ele defendia e incorporaram a cobiça, a crueldade, a

Jornada de Lope de Aguirre, com seus capítulos de desobediência às autoridades e de violência recíproca entre espanhóis, poderia fazer parte de narrativas desse tipo?⁷²

Era o propósito moralizador da crônica o que, então, se impunha. Ora, não seria forçoso verificar mais um matiz a esses escritos americanos e aproximá-los à antiga acepção de história como luz da verdade, “mestra da vida, narração e exposição ‘verdadeira’ dos acontecimentos passados e de coisas memoráveis” (REIS; FERNANDES, 2006, p. 25). A *historia magistra vitae* estava baseada em um preceito explicativo greco-romano: a fórmula canônica é remontada a Cícero, mas Tucídides já a havia colocado em prática no século V a.C. A história, para aqueles pensadores, deveria ser apresentada como uma coletânea de exemplos. Fernando Catroga complementa essa ideia ao dizer que a “tarefa directora que Cícero adjudicava à história (ou melhor, à história como arte) tinha em vista obter efeitos análogos aos da oratória, fornecendo a esta, com imparcialidade, uma colecção de exemplos pedagógicos (*plena exemplorum est historia*)” (CATROGA, 2006, pp. 14-15). A inspiração do modelo clássico era comum na construção do discurso histórico daquela época – situação que mudou muito pouco até o século XVIII (FERNANDES, 2004, p. 81) –, como atesta Miguel de Cervantes no capítulo IX de *Don Quijote de La Mancha* ao escrever que a história era “[...] *ejemplo y aviso de lo presente, advertencia de lo por venir*” (CERVANTES, 2008, p. 88). A exemplaridade do passado, portanto, deveria estar concatenada ao futuro, esclarecendo o porvir⁷³.

Já que os preceitos da *historia magistra vitae* eram códigos conhecidos por seu público leitor, os cronistas que narraram a *Jornada de Omagua y Dorado* os utilizaram para contá-la. Os franciscanos Pedro de Aguado⁷⁴ e Pedro Simon⁷⁵ ao escrever as suas obras – *Recopilación*

violência. Las Casas denunciava a exploração e a dizimação indígena, chegando a atingir a Coroa, através da *leyenda negra*, mas não tinha a pretensão de obter, nem de requerer a renúncia ao poderio sobre as Índias” (FREITAS NETO, 2003, pp. 81-82).

⁷² Enquanto ainda levantávamos as fontes de nossa pesquisa, imaginávamos que encontraríamos a *Jornada* de Lope de Aguirre em narrativas que criticavam a ação hispânica no Novo Mundo. Afinal, Aguirre poderia servir como matéria-prima tanto para a *leyenda negra*, como mais um entre tantos sanguinários que circulavam em continente americano, quanto à *leyenda rosa*, como um único desviante do óbvio modelo a ser perseguido por todos os conquistadores. Confessamos que foi surpreendente verificar que ele foi somente aproveitado pela última.

⁷³ Segundo François Hartog, apoiado nas formulações do historiador alemão Reinhart Koselleck, no novo regime de historicidade que experimentamos hoje, o passado não está mais ligado ao futuro sob as rédeas do exemplar. Para ele, agora o modelo a imitar desaparece para dar lugar àquilo que não se repete mais: “O passado é, por princípio, ultrapassado. O futuro, ou melhor, o ponto de vista do futuro comanda” (HARTOG, 1996, p. 130).

⁷⁴ Frei Pedro de Aguado nasceu na Villa de Valdemoro, próxima de Madri, em 1538. Em fins de 1560, passou à Nova Granada junto com outros cinquenta religiosos que acompanhavam ao frei Luis Zapata de Cárdenas, onde fez carreira. Em 1573, foi nomeado Provincial da Ordem em Santa Fé de Bogotá e em 1575, retornou à Espanha.

Historial de Venezuela, de 1575⁷⁶, e *Noticias Historiales de las conquistas de tierra firme en las Indias Occidentales*, de 1627⁷⁷, respectivamente – exigiam de si a tarefa de levar à luz o exemplo de homens virtuosos que deveriam ser seguidos e de homens viciosos de cujos modelos era necessário afastar-se:

Y por ser la historia y lección de las escrituras un ejemplo tan vivo de hombres virtuosos o viciosos, y una escuela de cosas señaladas y prodigiosas, pareciome que con justicia pudiera ser reprendido si fuera negligente en semejante trabajo, por faltar quien así le pudiera sacar a luz y por dar con él a los siglos venideros verdadera noticia de la memoria y fama de mis naturales [...] (AGUADO, [1575] 1963, Tomo I, p. 6)

“Y así la historia (como dijimos arriba le llamaba Cicerón) es espejo de la vida y una Filosofía moral, que nos pone delante los ojos las vidas de los hombres y nos enseña que tomemos ejemplo de aquellas cosas que nos pueden ser provechosas y doctrinales. Porque los antiguos no inventaron la historia sólo para memoria de las cosas pasadas, sino para que instruidos los hombres con los ejemplos que leen en ellas, aprendiesen a imitar virtudes y grandeza de ánimos, y apartarse de los vicios, pues para eso se escribe de todo. (SIMON, [1627] 1992, Tomo I, p. 12)

O franciscano permaneceu na América durante quinze anos, sempre se dedicando à evangelização dos indígenas, tendo participado das primeiras conversões em massa realizadas no Novo Reino. Em 1589, Aguado regressou à Cartagena de Indias, mas não existem notícias sobre a sua morte.

⁷⁵ Pedro Simón nasceu em San Lorenzo de la Parilla, bispado de Cuenca, Espanha, em 1581. Residiu no convento franciscano de San Clemente e com vinte e três anos passou à Nova Granada com o frei Luis de Mejorada e outros onze franciscanos. Quando em 1605 o padre Mejorada foi promovido a Provincial, Simón começou a participar de diversas expedições como a que fez Don Juan de Borja contra os índios pijaos, e outras muitas viagens a Grita, Mérida, Trujillo, Punta de Araya, Margarita, Puerto Rico, Santo Domingo, com as quais conheceu parte da “terra firme das Índias Ocidentais” sobre a qual historiou: “*Las tierras del Reino pocas hay, o ningunas, que no haya pisado, y con el oficio de Provincial todo el Río grande y costa de Santa Marta y Cartagena, he dado vista, en que he podido informarme y hacerme capaz de las cosas de por acá por vista de ojos*” (SIMÓN [1627], 1992, Tomo I, p. 17). Em 1623, Pedro Simón foi eleito Provincial no convento de Santa Fé. Desde então, quando contava por volta de quarenta e dois anos, se dedicou a compor as suas *Noticias Historiales* publicada em 1627, mesmo ano em que, acredita-se, faleceu o missionário.

⁷⁶ Apesar do esforço feito pelo autor para publicar a *Recopilación Historial* no período em que ela foi produzida – em 3 de setembro de 1581, o Rei Filipe II chegou a emitir uma Real Cédula concedendo a permissão para fazê-lo – a obra completa de Pedro de Aguado permaneceu inédita até o século XX. O seu manuscrito original ficou na Espanha, mas o próprio religioso deixou uma cópia em Santa Fé de Bogotá. Tal exemplar acabou se perdendo. No entanto, o manuscrito que permaneceu na Espanha foi citado por muitos bibliógrafos até juntar-se à célebre coleção de Juan Bautista Muñoz que foi parar na *Academia de la Historia* (ESTEVE BARBA, 1964, p. 293). A primeira edição da *Recopilación Historial* ocorreu somente em 1906, após 324 anos de esquecimento, pela Biblioteca de Historia Nacional de Bogotá, Colombia, com introdução e prólogo de Eduardo Posada. Utilizamos aqui a versão publicada em Caracas em 1963, em edição da *Biblioteca de la Academia Nacional de Historia*. Constam nela notas e um estudo preliminar produzidos por Guillermo Morón.

⁷⁷ Em fins de 1624, Pedro Simón enviou o manuscrito das duas primeiras partes das *Noticias Historiales* à Castela para que fossem impressas, cada uma em um tomo, conforme havia projetado. Somente um deles foi publicado, em 1627. A obra completa, com três partes – a terceira foi escrita por Simón entre 1625 e 1626 –, esteve entre os manuscritos da *Academia de la Historia*, e somente foi publicada em 1892, em Bogotá, sob a organização de Medardo Rivas e em ocasião das comemorações do quarto centenário do descobrimento (ESTEVE BARBA, 1964, pp. 297-198). Neste estudo, utilizamos a edição de 1992 publicada pela Biblioteca Ayacucho da Venezuela. Ela foi prologada por Guillermo Morón e as suas notas foram produzidas por Demétrio Ramos Perez.

Aguado, que havia sido missionário no Novo Reino de Granada desde fins de 1561 durante quinze anos, produziu sua obra primeiro. Nela, pretendia afiançar, através de sua escrita, como a virtude dos espanhóis havia vencido os vícios dos indígenas⁷⁸ e também como os virtuosos representantes do poder real venceram os tiranos rebeldes de Aguirre (BORJA GÓMEZ, 2002, p. 82). Para alcançar esse último objetivo, a *Jornada* era densamente descrita no “*Libro décimo*” da segunda parte da *Recopilación Historial*. Um pouco mais tarde, foi a vez de Simon, religioso que, a partir de 1604, missionou no mesmo território, produzir seu escrito com igual intenção. Ele tomou quase integralmente o texto de Aguado como essência, alterando somente alguns pequenos detalhes – quase sempre quando estes provinham da fonte de conhecimento do próprio autor⁷⁹ – e a ordem dos capítulos, os quais deve ter reorganizado da forma que lhe pareceu mais coerente⁸⁰. Era na “*Sexta noticia historial*” da primeira parte das *Noticias* que Pedro Simon relatava o acontecido na *Jornada* e “*la historia del tirano Aguirre*” (SIMÓN, [1627] 1992, Tomo I, p. 18), objetivando que ela fosse “*provechosa para satisfacer a los facinerosos que no intenten ni prueben nuevas maldades, y de las hechas las pese*” (SIMÓN, [1627] 1992, Tomo I, p. 15). Nas duas escrituras, assim como ocorria em outras crônicas “mestras da vida”, os seus autores ordenaram os acontecimentos

⁷⁸ Os membros da Igreja desempenharam na América Colonial intensas atividades. Além de oferecer cuidado espiritual às populações cristãs, foram destacados como os evangelizadores das populações nativas. Mais do que isto, atuaram como memorialistas, contribuindo para que parcela dos conhecimentos, das línguas, da história, das práticas e das crenças daquelas sociedades que iram se transformando pela dinâmica posta em ação pelo contato com o Ocidente, pudessem ser, mesmo que fragmentária e parcialmente, preservadas. Era necessário, pois, conhecer a religião e a sociedade indígenas para eliminar a idolatria e outras práticas. As Ordens religiosas, especialmente as mendicantes, a medida que iam se estabelecendo no continente americano, esforçaram-se também para salvaguardar a sua própria memória dentro daquela contexto, enaltecendo as suas ações e diminuindo a importância da Igreja secular: “os missionários escrevem defendendo suas visões sobre a catequese, suas concepções sobre os indígenas e a defesa corporativa de seu grupo” (KARNAL, 2006, p. 12). Assim, era importante demonstrar, através das crônicas, o quão existosos eram os trabalhos da Ordem à qual pertenciam na conversão dos indígenas americanos.

⁷⁹ Pedro Simón aproveitou a sua experiência como missionário e viajante para acrescentar alguns detalhes à narrativa composta por Aguado, como uma estratégia de dar “efeitos de verdade” ao seu escrito. Por exemplo, recorre à “*verdad de lo visto*” para elogiar a “*limpia*” água de um arroio mencionado (SIMON, [1627] 1992, Tomo II, p. 289) e para atestar que os moradores da Isla Margarita viviam em estado precário “*hasta hoy*” após a passagem de Lope de Aguirre (SIMON, [1627] 1992, Tomo II, p. 297), ou à sua “*larga experiencia*” ao referir-se à vegetação “espinhosíssima” da mesma localidade (SIMON, [1627] 1992, Tomo II, p. 240).

⁸⁰ Era comum que dentro de uma mesma Ordem religiosa, os missionários tomassem conhecimento dos escritos de seus antecessores e acabassem “escrevendo para ‘remorar’, ‘comemorar’, dentro de uma lógica latina preservada dentro da própria congregação (e de toda Igreja): lembrar ou relembrar em conjunto de algo ou alguém” (FERNANDES, 2004, p. 74). Os cronistas mendicantes, em especial, escreviam como historiadores oficialmente dedicados a suas Ordens. Sendo assim, esclarece-nos Fernandes: “a própria noção de autoria passava, invariavelmente, pela identidade da Ordem, pensando no fim edificante de seu livro. Não que estivesse ausente de política ou assuntos considerados mundanos. Mas, o discurso dos cronistas era o de produzir uma história moral e, para tal fim, tudo o que fôra escrito anteriormente servia para construir um novo texto.” (FERNANDES, 2004, p. 86). Além disso, como veremos adiante, não devemos pensar na “autoria privada” como uma questão problemática aos cronistas dos séculos XVI e XVII.

de maneira não meramente linear e cronológica, mas teleológica: eles partiram “de uma origem, causal, até atingir um fim, normalmente anunciado como um desdobramento esperado, efeito da causa antes mencionada” (REIS; FERNANDES, 2006, p. 25). Assim, da história da *Jornada*, Aguado e Simon valorizaram o final trágico que foi destinado aos insurgentes em “Terra Firme”, sendo toda a construção das narrativas voltada para chegar naquele que seria o seu ápice – a condenação (divina e terrena) dos causadores do mal:

Así mismo se trata del descubrimiento de la isla Trinidad, con todo lo en ella sucedido al capitán Antonio Sedeño, y la fundación de la gobernación y ciudad de Cartagena, puesta y asentada en la costa del mar Océano, en Tierra Firme, con el discurso del gobernador Pedro de Orsúa, hasta que fue muerto por Lope de Aguirre y don Hernando de Guzmán en el río Marañón; en el cual discurso se verán grandes crueldades, muertes y robos que estos hicieron, hasta que fueron desbaratados en la gobernación de Venezuela. (AGUADO, [1575] 1963, Tomo I, p. 18)

Nessa lógica, aqueles que seguiram Lope de Aguirre não tinham outro destino a cumprir que não a morte. Após ter feito a descrição de alguma violência empregada pelo grupo rebelde, os cronistas logo prenunciavam o seu castigo e aniquilamento, com frases como: “*y así permitía Dios que por una vía y por otra fuesen muertos y castigados estos soldados*” (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, p. 36); “*pero todo lo pagaron con crueles muertes los que hicieron la fuerza*” (SIMON, [1627] 1992, Tomo II, p. 144)” ou “*los codiciosos soldados, fueron castigados por juicio particular de Dios*” (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, p. 56). Assim, ficamos sabendo desde o princípio da leitura das crônicas que a expedição acabou mal; o seu fim era conhecido, o devir era um implacável avanço até o iminente castigo divino que se faria contra os amotinados. Afinal, segundo a concepção providencialista tomada por estes autores religiosos, ao homem dá-se a liberdade de agir, mas o curso dos acontecimentos responde a um desígnio de Deus; ele é consentido e guiado pelo Supremo que não deixa de fazer, ao final, justiça⁸¹. Diz Simón:

Ya la mano poderosa del cielo (que aunque consiente maldades, por sus secretos juicios no las deja sin castigo, si bien es siempre menos de lo que ellas merecen), comenzaba a mostrar su Divina justicia contra los principales amotinadores [...], permitiendo que unos fuesen verdugos de otros, como se irá vendo. (SIMÓN, [1927] 1992, Tomo II, p. 180)

⁸¹ Nas crônicas, o mundo divino era esteio para falar dos acontecimentos terrestres: “é muito comum vermos textos coloniais em que a Providência torna-se elemento explicativo das causas dos acontecimentos humanos” (REIS; FERNANDES, 2006, p. 28). Para os cronistas, tudo fazia parte de um plano divino, no qual as vontades de Deus e a fé cristã – sempre ao lado dos missionários e da Coroa Espanhola – triunfavam ao final.

Esses cronistas não foram os únicos a utilizar tal estratégia discursiva. Frei Reginaldo de Lizárraga⁸², que viveu desde muito jovem na América e chegou a ser bispo em Imperial de Chile e em Assunção do Paraguai, também escreveu sobre a história de Lope de Aguirre em sua *Descripción del Perú, Tucumán, Río de la Plata y Chile*, de 1605⁸³. Como era corrente nas crônicas coloniais, conduziu a sua *Descripción* por três temas centrais, ainda que organizados de maneira cronológica: a descrição geográfica do lugar sobre o qual escrevia, no caso, o vice-reinado do Peru, a descrição etnológica dos povos contatados e a narrativa dos fatos da descoberta, conquista e colonização dos territórios (BRUIT, 2004, p. 16). Esse último tópico, dedicado às “notícias históricas”, era muito mais breve do que os outros, sendo narrado a partir das informações que conhecia e de suas próprias impressões, “*sin intentar galas de estilo*” (ESTEVE BARBA, 1964, p. 440); nele, entre a descrição dos trabalhos de vice-reis peruanos e dos governadores de Tucumán e Chile, a *Jornada de Omagua y Dorado* foi inserida⁸⁴. No decorrer de seu texto, ao expor a insurgência cometida por Lope de Aguirre e seu grupo, Lizárraga – religioso mendicante assim como Aguado e Simón, mas missionário a serviço da Ordem Dominicana – alertou que não ficariam “*sin castigo semejantes impiedades*” (LIZÁRRAGA, [1605] 2000, p. 296). Por essa razão, finalizou a narrativa sobre a *Jornada* ressaltando a inevitável consequência dos atos dos rebeldes: “*De esta manera acabó este impiísimo tirano, que quien le conoció en este reino y oyó decir las maldades que hizo, se*

⁸² Reginaldo de Lizárraga nasceu no ano de 1539 ou 1540, na cidade de Medellín, na Extremadura. O religioso chegou na América com quinze anos acompanhando seus pais que se destinaram à Quito. Em 1560, iniciou seu noviciado e ingressou na Ordem dominicana. Em 1597 foi nomeado pelo vice-rei García Hurtado de Mendoza como bispo de La Imperial, em Lima, tendo assumindo aquele cargo somente em 1602. Um ano depois, ante o perigo dos ataques dos nativos – a revolta dos araucanos estava em mais uma de suas fases – decidiu mudar a sua igreja de La Imperial para a cidade de Concepción. Desejoso de uma vida mais tranquila, Lizárraga pediu a renúncia de seu bispado, mas o rei rechaçou a sua demissão. Apesar de seu desejo de abandonar o Chile, foi naquele período que o Reginaldo de Lizárraga redigiu o seu manuscrito. Atendido pelo monarca em sua segunda petição, foi nomeado em 1607 como bispo de Assunção na governação do Rio da Prata, onde morreu em 1609.

⁸³ A *Descripción* produzida pelo frei Reginaldo de Lizárraga permaneceu durante três séculos sem ser publicada. É provável que o manuscrito original tenha sido enviado da América para a Espanha para que fosse impresso, sem que isso, de fato, se realizasse. Acabou ficando acondicionado na *Biblioteca de San Lázaro*, em Zaragoza e a partir dele foi feita uma cópia que foi parar na *Biblioteca Nacional de Madrid* (manuscrito 2.394). A *Descripción* foi impressa e editada somente em 1908 por Carlos A. Romero em Lima, com base na cópia madrilena. No ano seguinte, a crônica de Lizárraga foi incluída por Serrano y Sanz no tomo XV da *Nueva Biblioteca de Autores Españoles*, em edição baseada no manuscrito original de Zaragoza, àquela época localizado na *Biblioteca Universitaria* daquela cidade (ESTEVE BARBA, 1964, pp. 439-440). A versão que aqui utilizamos foi editada recentemente por Ignacio Ballesteros em Madri, no ano de 2000. Publicada na coleção *Crónicas de America* da editora Dastin, traz introdução e notas.

⁸⁴ Pedro Simón, por exemplo, também organizou a sua crônica a partir destes três eixos temáticos e deixou claro que sua narrativa sobre a *Jornada* foi incluída no momento em que eram descritos os acontecimentos decorridos na *Gobernación de Venezuela*, por ter sido o local onde foi concluída a expedição e desmantelada a rebelião: “*Y así, el primero [tomo] trata las cosas de la Gobernación de Venezuela o Caracas, y la historia del tirano Aguirre, por haber acabado su tiranía en aquella tierra [...]*” (SIMÓN, [1627] 1992, Tomo II, p. 18)

admirará. Todos los que con él fueron también perecieron, unos en unas partes, otros en otras” (LIZÁRRAGA, [1605] 2000, p. 298). A morte era o destino óbvio do tirano e de todos os que com ele se amotinaram, como um corretivo moral que se apresentava a eles.

Neste mesmo sentido, Toribio de Ortiguera, nas primeiras páginas de sua crônica intitulada *Jornada del Río Marañón, con todo lo acaecido en ella y otras cosas notables dignas de ser sabidas, acaecidas en las Indias occidentales*, escrita entre os anos de 1585 e 1586⁸⁵, advertiu os seus leitores que procurou descrever aquele evento

por la mejor órden que supe, desde su principio hasta el glorioso fin que tuvo, con otras cosas de que entiendo se gustará, por ser de su calidad graves, de las cuales podrán tomar buen ejemplo en cabezas ajenas los que con buenos medios quisieren guardar las suyas, viendo el rigor, castigo y muertes que tuvieron todos o los más de los causadores de los alterados y bulliciosos pensamientos. (ORTIGUERA, [1585-86] 1981, p. 34)

Esse cronista, segundo seu próprio relato, havia participado do agrupamento destacado pela Audiência de Santo Domingo para, justamente, dismantelar a rebelião de Lope de Aguirre. Mais de vinte anos depois do acontecido, Ortiguera, um homem de armas, determinou-se a escrever sua própria crônica para historiar a *Jornada* e outros eventos ocorridos nas proximidades da localidade da qual foi *vecino* e *alcalde*, San Francisco de Quito, no Peru⁸⁶:

[...] como yo me hallase en la ciudad de Nombre de Dios, del reino de Tierra Firme de las Indias del mar Océano, en servicio del invictísimo rey don Felipe [...], en la guarda y custodia de aquella ciudad y reino, a mi costa y minción, el año que pasó de 1561, contra la obstinada rebelión del tirano Lope de Aguirre y sus secuaces [...] determiné escribir algunas de las cosas más notables que en mi tiempo sucedieron en aquellas partes, para que vuestra alteza las supiera [...]. (ORTIGUERA, [1585-86] 1981, p. 34)

O seu objetivo era construir sua narrativa “*al gusto y paladar de todos*” (ORTIGUERA, [1585-86] 1981, p. 34), de forma a demonstrar o exemplo “em cabeças alheias” àqueles que, inferia ele, quisessem “guardar as suas”. Assim como nos textos dos padres Aguado, Simón e

⁸⁵ A crônica de Toribio de Ortiguera somente foi publicada em 1909, no volume XV de *Historiadores de Indias*, segundo tomo da Nueva Biblioteca de Autores Españoles, organizado por Manuel Serrano Sanz. No presente estudo, utilizamos a versão publicada em 1981 na cidade de Barcelona, em edição de Elena Mampel González e Neus Escandell Tur (Editorial 7½ S.A. e Ediciones Universidad de Barcelona). Constan nela introdução e notas.

⁸⁶ Um dos capítulos chega a tratar de uma erupção vulcânica ocorrida, “*un admirable caso que sucedió en la ciudad de San Francisco de Quito del Perú, de un volcán de fuego que allí reventó*” (ORTIGUERA, [1585-86] 1981, p. 171).

Lizárraga, a crônica de Toribio de Ortiguera fazia questão de ressaltar que aqueles que foram os “causadores de alterados e buliçosos pensamentos” resultaram castigados. No entanto, o autor da *Jornada del Río Marañón*, carregou nas tintas e construiu, no final de sua obra, um exaltado discurso que deveria, mais do que incentivar os colonos a “*servir a Vuestra Alteza con la lealtad y fidelidad que se le debe*” (ORTIGUERA, [1985-86], 1981, p. 32), atemorizar qualquer um que ousasse pensar em se contrapor aos mandos da Coroa. Escreveu que os rebeldes do grupo de Aguirre

[...] *cayeron del trono y pujanza en que se vieron, con tristes y miserables sucesos, con infamias grandes y perpéturas de sus personas y linajes, siendo vencidos, desbaratados, presos y muertos por los servidores y justicias de Su Majestad, perdiendo las honras, vidas y haciendas, y entre ellos hombres de á diez, doce, quince mil pesos de renta, y algunos de más de cincuenta mil, los cuales no pudieron escapar, huir ni sustentat con cuantas trazas y cautelas buscaron, ni sustentarán agora, ni en ningun tiempo, los que semejantes locuras y desatinos pretendieren, porque los unos a los otros de pura envidia, tirania y crueldad, se van matando, consumiendo y acabando, por ser, como es, en deservicio de Dios y del rey nuestro señor [...].* (ORTIGUERA, [1985-86] 1981, p. 151)

A repressão destinada a rebeliões como a liderada por Lope de Aguirre pelos servidores da Coroa simbolizava o fortalecimento da presença da autoridade real no território americano. Nossos cronistas escreviam estabelecendo um discurso não só sobre a importância da lealdade à monarquia, mas também sobre a efetividade da justiça real – e divina –, demonstrando que as instituições e as leis garantiam o controle do território. É importante ressaltar que o regime colonial e o sistema de dominação espanhol estavam àquela época em plena instalação e consolidação na América. Os excessos de liberdade e de autonomia que os conquistadores tinham nas primeiras décadas da Conquista e os enormes privilégios que gozavam eram, aos poucos, limitados. Afinal, o processo de conquista podia muito facilmente escapar do controle real, especialmente graças à distância ultramarina entre os súditos e o poder de Castilha.

Assim, por exemplo, na Nova Espanha, Hernán Cortés se viu sistematicamente desautorizado pelos oficiais reais: em 1527, fundava-se aí uma Audiência a partir do modelo de Santo Domingo (1524), cuja presidência foi destinada a Nuño de Guzmán (quem, supunha-se, tinha capacidade suficiente para neutralizar e superar o personalismo e a liderança de Cortés). No Peru, o estabelecimento da autoridade régia só aconteceu após um amargo embate entre os colonos e as forças monárquicas. A revolta dos pizarristas no período

de 1544 a 1548 teve início com o intento da Coroa de colocar em prática as *Leyes Nuevas* decretadas em 1542, que diminuía o grau de domínio praticado pelos *encomenderos*. Estes, de fato, eram até então, extremamente influentes, chegando a representar uma “nova aristocracia” espanhola (BERNAND; GRUZINSKI, 2006, p. 63), tanto no que tangia a sua autoridade sobre os nativos quanto ao que se referia ao exercício do poder político na colônia⁸⁷. Mas, detrás da insatisfação dos conquistadores pela nova legislação que se impunha, estava, em verdade, a má disposição daqueles homens da espada em aceitar os mandos dos homens da pluma. Foi emblemático o fato de que a rebelião liderada por Gonzalo Pizarro não tenha sido dissolvida por um soldado, mas por um destes burocratas reais que eram, exatamente, o principal objeto da hostilidade do rebelde, o licenciado Pedro de la Gasca⁸⁸.

A época do conquistador, portanto, havia passado e uma nova fase da Conquista da América se conformava, agora com um caráter administrativo, dirigida pelas Audiências e pelos Vice-Reinados que representavam o monarca em exercício ante a impossibilidade deste deslocar-se até lugares tão longínquos. O primeiro vice-rei no continente americano⁸⁹ foi Antonio Mendonza na Nova Espanha (cujo domínio se estendia desde a América Central, ao sul, até a Flórida, ao norte), que permaneceu no posto de 1535 até 1550; as já citadas *Leyes Nuevas* de 1542 deram vida a um segundo vive-reinado instalado no Peru (com capital em Lima e jurisdição sobre toda a América do Sul, excluindo o território da Venezuela e agregando, em 1550, o do Panamá), assumido por Blasco Nuñez Vela em 1543. Após uma série de novas rebeliões ocorridas na esteira daquela empunhada por Pizarro – entre os anos de 1553 e 1554 ocorreram as insurreições comandadas por Don Sebastián de Castilla e por

⁸⁷ A partir deste novo código, as *encomiendas* deveriam voltar para a jurisdição da Coroa quando da morte de seus beneficiários, acabando com a perpetuidade destes bens, que até então era vigente. Além disto, os indígenas não poderiam ser submetidos ao trabalho obrigatório, devendo receber salário. Na redação das *Leyes Nuevas* constam as seguintes palavras (duras, aos ouvidos dos *encomenderos*): “[...] *que de aquí en adelante Ningún Visorrey, governador, audiencia, descubridor, no otra persona alguna no pueda encomendar yndios por nueva provisión ni por Renunciación ni donación ni venta ni otra cualquier forma o modo ni por vacación ni herencia, sino que muriendo la persona que tuviere los dichos yndios, sean puestos en nuestra Real corona y las audiencias tengan cargo de ynformar luego particularmente de la persona que murió y de la calidad della y sus méritos y servicios y de cómo trató los dichos yndios que tenía y si dexó Muger, Hijos o que otros herederos, y no enbien la Relación, y de la calidad de los yndios y de la tierra, para que nos mandemos proveer a la tal muxer e hijos algún sustentamiento, lo puedan hacer de los tributos que pagaren los dichos yndios dándoles alguna moderada cantidad estando los yndios en nuestra corona como dicho es*” (OTS y CAPDEQUÍ, 1959, p. 78).

⁸⁸ Foi aquele licenciado quem conseguiu derrotar Pizarro e executá-lo em 1548, já que, segundo J. H. Elliott, “era acima de tudo um político, com habilidade para explorar as divisões dentro da comunidade do conquistador, entre os *encomenderos* e os soldados de infantaria que cobiçavam suas posses” (ELLIOTT, 1998, p. 182).

⁸⁹ O cargo de vice-rei tinha antecedentes hispânicos muito claros, pois havia surgindo como consequência das frequentes ausências dos monarcas da corte durante a Reconquista: “*en tiempos pasados los Reyes Católicos, cuando iban de Castilla a Andalucía o a los Reinos de Aragón, dejaban visorreyes en Castilla*”. (GUTIÉRREZ ESCUDERO, 1992, p. 216)

Francisco Hernández Girón –, um novo vice-reinado peruano era inaugurado sob as rédeas de Andrés Hurtado de Mendonza, o Marquês de Cañete. Ele ficou conhecido por ser um eficaz e enérgico governante que promoveu desterros à Espanha de opositores que criticavam o não-recebimento de *encomiendas* e *mercedes*, e que investigou e castigou alguns culpados das insurgências passadas, inclusive cassando os benefícios de homens ricos e influentes do Peru que haviam participado dos bandos rebeldes. Assim, pouco a pouco, baixo o mandato dos primeros vice-reis, o aparato administrativo da autoridade monárquica começou a se impor sobre a nova sociedade americana que estava sendo construída.

Não foi por acaso que os levantamentos de Pizarro, que foi decapitado, e de Castilla e Girón tenham sido duramente sufocados, sendo distribuídos castigos exemplares aos revoltosos: era uma demonstração de poder e de força da administração real. Da mesma maneira, poucos anos mais tarde, a decapitação e o esquartejamento de Lope de Aguirre colocavam simbolicamente as coisas em seu lugar. Mas, ao contrário do que concluiu o expedicionário da *Jornada* Francisco Vázquez em sua *Relación*, ao afirmar, conforme vimos no capítulo anterior, que a paz e a tranquilidade haviam sido restabelecidas após a morte de Lope de Aguirre – “*quedó la tierra*”, disse Vázquez, “*sossegada con la muerte de tan mal hombre*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 169) –, sua simples execução não pareceu às autoridades a garantia e a consolidação da ordem. Era preciso ir além do castigo físico para apagar qualquer marca daquela desobediência ocorrida durante os primeiros anos de Conquista. Por essa razão, as partes laceradas do corpo de Aguirre foram expostas à população. Sua cabeça “*se llevó a la ciudad de Tocuyo, y puesta en una jaula de hierro, estuvo muchos días para escarmiento de los que la viesen*” (SIMÓN, [1627] 1992, Tomo II, p. 308), e suas mãos “*se les dio a los [soldados] de la Valencia la mano izquierda y a los [soldados] de Mérida la derecha, que las llevaron los unos y los otros a sus pueblos en una punta de una lanza*” (SIMÓN, [1627] 1992, Tomo II, p. 308). A publicidade da punição era, pois, tão importante quanto a pena em si: “*toda la población debía enterarse de los motivos del castigo y ver, en forma patente, el poder de que disponía el monarca, a través de su sistema de justicia* (ARANCIBIA F.; CORNEJO C.; GONZÁLEZ, 2003, p. 25). A condenação final emitida pela Audiência de Santo Domingo, escrita pela pluma do juiz Alonso Bernáldez, ocorreu somente depois que Lope de Aguirre havia sido executado e seus restos mortais expostos em público, e servia como uma espécie de remate: era o auge da degradação destinada ao homem que desrespeitou a hierarquia e transgrediu a ordem vigente. Em fins de 1561, Bernáldez sentenciava que aquele

“*difunto tirano*” não poderia ser lembrado por outro motivo que não a sua traição e a sua tirania⁹⁰. Ele indicava, assim, que personagens como Aguirre e eventos como a *Jornada* não deveriam ser repetidos nos limites americanos de Castela, sob a pena de uma dura punição que atingia não só o presente (a fama do insurgente), mas que se perpetuava pelo futuro, manchando a sua memória.

Na sequência, e derivando daquela sentença, vieram as crônicas históricas que, justamente, interpretavam os acontecimentos da *Jornada* conforme a sua intenção de escrita – formular narrativas “mestras da vida” bem afinadas com o discurso da Coroa – e relatavam o que ocorreu a Aguirre e aos seus companheiros sediciosos, quando aqueles ousaram desafiar o rei e seus representantes. Os maus exemplos eram retomados pelos cronistas coloniais para que fossem lidos e apreendidos não somente pelos civis que viviam no continente americano, mas também para que as autoridades se precavesses e estabelecessem mecanismos para melhorar as suas instituições reguladoras⁹¹.

Chegamos aqui a um ponto significativo sobre a produção da escrita da história da América que, embora já tenhamos delineado no primeiro capítulo, acreditamos ser importante retomar. Para Fernando Bouza (2002), na Espanha dos séculos XVI e XVII existia a clara consciência de que tanto a escrita quanto a oralidade e o imagético cumpriam uma função expressiva, comunicativa e rememorativa. No entanto, dentre essas possibilidades para o suporte da memória, a escolha de uma ou de outra forma era orientada pelo que o autor denominou de princípio de comunicação e princípio de conservação. O primeiro, “conforme a sua expressividade prática e a sua presumível veracidade/verossimilhança; enquanto que em relação ao segundo, o debate tinha em atenção o meio que era capaz de garantir uma perenidade e uma difusão mais extensa” (BOUZA, 2002, p. 119). Por essa razão, a memória acerca da Conquista da América “*empezará a no despegarse mucho de la escrita, cuja*

⁹⁰ “*En el pleito criminal que de offiçio de la justicia rreal se tracta de vna parte, y la memoria, bienes hazienda de lope de aguirre difunto tirano alçado contra su magestad de la otra, visto los avtos y méritos deste proçesi: ffallo qye deve declarar y declarava y declaró, el dicho tirano lope de aguirre aver cometido crimen lese magestatis contra la magestad rreal del rrey don felipe nuestro señor, y averle sido traydor muchas vezes, en cuya consequençia, condenava y condenó a su fama y memoria y desde la ora que propuso y determino de cometer traycion y tirania, a que sea tenyda oir de hombre traydor y tirano contra su rrey y señor natural, y como tal, declaro aver sido justamente degollado y hecho quartos.*” (SENTENCIA DE BERNÁLDEZ, [1561] 1981, p. 289)

⁹¹ A história, afinal, era mestra da vida e servia também para aconselhar os governos, “*porque permitía la cautela frente al peligro y servía para ordenar y salvaguardar el orden*”. Toribio de Ortiguera deixa bem clara essa intenção quando dedica a sua obra a Filipe III, que à época da produção de sua crônica todavia não havia sido coroado rei, aconselhando o futuro monarca que se houvesse uma nova rebelião como a ocorrida durante a *Jornada* as forças reais “*la repriman considerando el fin y paredero que tuvieron Lope de Aguirre y sus valedores*” (ORTIGUERA, [1985-86] 1981, p. 32).

durabilidad y fijación se considerava especialmente apropiada para garantir tanto la información necesaria a los gobernantes como, incluso, la verdad” (BOUZA, 1998, p. 29). Narrar era conquistar. Narrar era escrever a lei, a legalidade e a legitimidade da autoridade que regia aquele processo.

Daí a importância da escritura das crônicas sobre a história da Conquista e da inclusão, nelas, dos acontecimentos *Jornada* e das ações de Aguirre e do grupo insurgente. As escolhas e convenções, os silêncios e recalcaamentos impregnados na história escrita produzida na América colonial pelos cronistas acabaram por fixar, tornar perene e difundir uma representação e, conseqüentemente, uma memória sobre o evento e sobre o personagem, cuja construção já havia sido iniciada pelos participantes da expedição nas *Relaciones* e que havia sido deliberadamente incentivada pela sentença de Bernáldez. Assim, enquanto as autoridades reais neutralizavam a rebelião de Lope de Aguirre pela força, a atividade escriturária, através dos relatos dos expedicionários, da legislação e dos textos dos historiadores das Índias, condenava-o efetivamente não só perante os seus coetâneos, mas também para que a reprovação à atitude ressoasse até as futuras gerações de colonos. É notável, por exemplo, que nos séculos seguintes ao final da *Jornada* não houve quem descrevesse uma viagem à região amazônica⁹² ou um trabalho realizado naquele espaço sem lembrar do “tirano” ou do “traidor” que por ali passou.

Foi o que fez o Padre Christóbal de Acuña S.J., que acompanhou, entre fevereiro e dezembro de 1639, parte da expedição capitaneada por Pedro Teixeira que retornava de Quito em direção ao Estado do Pará pelo rio Amazonas⁹³. O jesuíta tinha a incumbência de mapear

⁹² Mesmo em escritos produzidos no âmbito das viagens ditas “científicas” faz-se referência à *Jornada* de Lope de Aguirre. É o caso, por exemplo, de *Viagem pela América Meridional descendo o Rio das Amazonas* (1744), relato da expedição de Charles-Marie de La Condamine na Amazônia, escrito já no contexto do “colonialismo tardio” e da Ilustração. No trajeto de sua viagem, além de sua própria observação, ele coletou cuidadosamente mapas, manuscritos, correspondência epistolar e histórias missionárias dos indivíduos que encontrou ao longo de seu caminho (SAFIER, 2009, p. 94) para produzir o seu texto. Assim, entre detalhadas descrições da fauna, da flora e das populações indígenas daquela região, aparecia a seguinte narrativa: “Em 1560, Pedro de Úrsua, enviado pelo vice-rei do Peru a procurar o famoso lago de Ouro de Parima, e a cidade de El Dorado, que se criam vizinhos nas margens do Amazonas, chegou a este rio por um afluente que vem do lado do sul, de que falarei a seu tempo. O fim de Úrsua foi ainda mais trágico que o de Orellana, seu predecessor. Úrsua pereceu às mãos de Aguirre, soldado rebelde que se fez proclamar um rei. Este desceu a seguir o rio, e depois de longa rota que não está ainda bem esclarecida, sendo levado a toda parte a morte e a pilhagem, acabou por ser esquarterado na ilha de Trindade” (LA CONDAMINE, [1744] 2002, p. 43).

⁹³ A longa expedição de Pedro Teixeira havia deixado o Pará em outubro de 1637 à mando das autoridades portuguesas estabelecidas na Vila de Nossa Senhora de Belém, que o haviam incumbido de subir o Amazonas e o Napo até Quito para, na volta, tomar posse das terras abaixo da região dos omáguas. Àquela época, os portugueses haviam começado a se estabelecer na foz do rio, tendo a fusão das coroas de Portugal e Espanha contribuído para esmaecer os limites e facilitar o trânsito dos luso-brasileiros em território espanhol e vice-versa (MARTINS, 2007, p. 38). No entanto, a chegada de Pedro Teixeira e seu extenso grupo – eram 70 portugueses e

aquela estrada fluvial, fazendo uma relação detalhada dos territórios visitados para que o governo espanhol conhecesse a região que, aos poucos, sofria o avanço português. Produziu, então, um relato intitulado *Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas, el año de 1639. Por la provincia de Quito, en el reino del Peru*, que acabou sendo publicado em 1641. Em meio a detalhes minuciosos sobre a geografia do Amazonas, bem como da natureza que o rodeava e dos grupos indígenas que habitavam as suas margens, Acuña se referiu à *Jornada* realizada naquele rio pouco menos de oitenta anos antes. Sob o título “*Entra por este río el tirano Lope de Aguirre*” (ACUÑA, [1641] 1986, p. 38), informou:

y si no me engaña mi discurso, según lo que leí en la historia del tirano Lope de Aguirre, esta era la provincia de los Omaguas, en cuyo descubrimiento iba Pedro de Orsúa, enviado del virrey del Peru, por las muchas noticias que de sus haberes había publicado la fama. (ACUÑA, [1641] 1986, p. 38)

As “muitas notícias” que corriam no continente americano sobre a (má) fama de Aguirre iam ganhando, assim, mais propagadores. A partir do século XVII, a Companhia de Jesus iniciou a sua atuação catequética junto aos indígenas da Amazônia. Disputando aquele espaço não só com os franciscanos, mas também com os portugueses que lá começavam a realizar incursões, os missionários jesuítas logo se preocuparam em construir e guardar a memória da ação da Ordem e da monarquia hispânica na região amazônica para, em seu nome, legitimar a “descoberta” daquele lugar. Para isso, produziram uma série de escritos a partir dos quais tinham a clara intenção de associar os novos territórios descobertos junto ao rio *Marañón* ao labor da Companhia e aos interesses da Coroa Espanhola (PEDRO, 2006, p. 15). O relato do Padre Acuña sobre a viagem de Pedro Teixeira era somente um deles. Com o mesmo objetivo, o jesuíta Manuel Rodríguez produziu uma obra intitulada *El Marañón y Amazonas*⁹⁴, na qual se historiavam linearmente os primeiros descobrimentos empreendidos

quase 2.000 índios em 47 canoas – em Quito dez meses depois da partida sobressaltou as autoridades espanholas. Após as festividades protocolares, determinaram o regresso de Teixeira, cumprindo o itinerário inverso daquele que o conduziu até Quito, estabelecendo que ele fosse acompanhado de observadores encarregados de prestar contas da viagem e relatar dados sobre as possíveis riquezas da região percorrida, fazendo frente ao avanço português e aos perigos que esses representavam para o controle da região. O padre Christóbal de Acuña foi especificamente encarregado pela Audiência de Quito para produzir, para o Conselho das Índias na Espanha, um relatório completo da viagem (MARTINS, 2007, p. 42).

⁹⁴ O nome completo da obra é: *El Marañón y Amazonas. Historia de los descubrimientos, entradas, y reducción de naciones. Trabajos malogrados de algunos conquistadores y dichosos de otros, así temporales como espirituales, en las dilatadas montañas, y mayores ríos de la America. Escrita por el Padre Manuel Rodríguez, de la Compañía de Jesus, procurador General de las Provincias de Indias, en la corte de Madrid.*

pelos espanhóis naquele, ainda, quase inexplorado rio das terras americanas. Assim, dedicou várias laudas à atuação fracassada das primeiras expedições no processo de conquista do Alto Amazonas, especialmente a empresa de Pizarro e Orellana, e apontou as deficiências e os insucessos de cada uma das operações. Sugeriu, por fim, que novos personagens, os religiosos da Ordem de Santo Inácio, acabariam por conferir àquela região um efetivo “*descubrimiento*” (PEDRO, 2006, p. 15). É claro que entre as viagens mal sucedidas estava a *Jornada* e entre os malogrados estava Aguirre, com a alcunha que acompanhava o seu nome desde o século XVI e durante muito tempo:

[...] *en la ocasión que baxó del Perú el Capitán Pedro de Orsua, con su gente, y preuención para conquistar algunas Prouincias, y descubrir algunos minerales muy ricos, que se dezia avia en aquellos montes, y riberas de sus ríos; y aviendo tenido tan malos sucessos su entrada, como averle muerto Lope de Aguirre, amotinado contra el, alçandose con las Canoas, y soldados, para ganar por si, y para si lo que descubriese; tuvo también tan mala fortuna este tirano, como pedía su atrevimiento, que amotinadosele algunos soldados, y retirandose otros por la costa de tierra firme azia la Provincia de Veneçuela, fue allí vencido y muerto de orden de su Magestad [...].* (RODRÍGUEZ, 1684, p. 19)

O superior provincial dos Jesuítas em Quito, Rodrigo Barnuevo S.J., também citou o “*tirano Lope de Aguirre*” (BARNUEVO, [1643] 1987, p. 114) ao mencionar, em uma *Relación Apologética*⁹⁵ de 1643, as primeiras viagens de conquista que seguiram o curso do Rio Amazonas. Já o Padre Francisco de Figueroa, em seu *Informe de las Misiones de el Marañón, Gran Pará o Rio de las Amazonas* produzido em 1661, no qual descreveu o trabalho realizado pela Companhia nas Missões de Maynas estabelecidas na região do Alto Amazonas, fez alusão à crônica histórica produzida pelo Frei Pedro Simón, da qual já falamos anteriormente, ao referir-se a Aguirre como “traidor”:

[...] *el General Pedro de Orsúa, quien llevó consigo a todos los vecinos de dicha ciudad é hizo sus bergantines cerca las tierras desta nacion (según las señas que da el P. Fray Pedro Simon en sus Noticias historiales de tierra firme, y es constante esta tradición en Moyabamba y estas provincias) para su dilatada navegación y descubrimientos por este Marañon, donde abajo le*

⁹⁵ *Relación Apologética, así del antiguo com del nuevo descubrimiento del rio de las Amazonas o Marañón, hecho por los religiosos de la Compañía de Jesús de Quito, y nuevmanete adelantado por los de la Seráfica Religión de la misma provincia para el desagravio de lo que lenguas y plumas impuntan a la Compañía de Jesus, y verdadero informe de la Católica Magestad del Rey Nuestro Señor y de su Cancillería de Quito y Real Consejo de las Indias.*

hizo matar el traidor Lope de Aguirre que iba en su compañía.
(FIGUEROA, [1661] 1987, p. 215)

A tarefa didática da escrita da história, tal como, já vimos, se concebia naquela época, legitimava a tipificação do personagem como “tirano” e “traidor”, afinal, a virtude e o vício que a história deveria exemplificar eram mais sensíveis à aprendizagem em figuras estereotipadas do que em sujeitos complexos. Neste sentido, um trecho do texto de Toribio de Ortiguera é emblemático: nele, o autor ressalta que o “*tirano Lope de Aguirre, causador de todos los daños que en esta mísera jornada subcedieron*” (ORTIGUERA, [1585-86], 1981, p. 108) não foi fiel ao rei Filipe II, “*y por no haber querido usar desta virtud [...], había de venir tarde o temprano a caer en sus manos, y había de ser castigado con justa y rigurosa justicia, como se ha visto con los que han querido seguir semejantes locuras y desatinos en el Pirú y otras partes*” (ORTIGUERA, [1585-86], 1981, p. 108). Podemos observar, desta maneira, que a ordem dual acabava simplificando as questões levantadas pela insurreição de Lope de Aguirre e, nas crônicas coloniais, reduziam-se os acontecimentos da *Jornada* a uma luta do bem, representado pela Coroa Espanhola, contra o mal, personificado no rebelde. Para os cronistas, não havia juízos suficientemente severos para se atribuir àquele traídor que havia colocado em dúvida a legitimidade do soberano que os mantinha.

Segundo Borja Gómez, para “*captar la benevolencia hacia la admiración e imitación de hombres virtuosos, se debía plantear lo contrario a lo aceptado culturalmente*” (BORJA GÓMEZ, 2002, p. 84). Assim, a representação de Lope de Aguirre elaborada pelos intérpretes da *Jornada* acabou extrapolando a do tirano/traidor e se centrou em seus excessos: não menos esquematizada, a sua imagem reuniu tudo o que era digno de vitupério e que pudesse produzir repugnância aos leitores de sua história. Os cronistas acabaram seguindo a mesma linha que havia sido inaugurada pelas *Relaciones* – que, conforme apresentamos no capítulo anterior, caracterizavam Aguirre a partir de adjetivos como “*malo*”, “*perverso*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 182) e “*cruel matador*” ou “*perro rabioso*” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 26) –, mas amplificaram a sua bestialidade, para que seu comportamento negativo causasse a pior impressão possível. Naqueles escritos, os motivos da insurgência ficavam ainda mais relegados a um segundo plano do que estavam nos relatos dos participantes da *Jornada*, colocando-se em relevo somente as ações praticadas para a sua realização, somente o que se traduz como violência. Lope de Aguirre era ainda mais inculcado pelos crimes do que outrora. Na descrição dos que historiaram a Conquista da América durante o período colonial, aquele

personagem era desprovido de qualquer sentimento humano e matar era a sua razão de ser. Chamou-nos a atenção na leitura que fizemos das crônicas coloniais, o matiz dantesco construído para a rebelião e, especialmente, para a personalidade de Aguirre: se nas *Relaciones* os seus autores faziam esboços do insurgente como “*el tal endemoniado*” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 27), o “*hereje*” que “*no hablaba palabra sin blasfemar y renegar de Dios y de sus santos*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 221), nos escritos posteriores à expedição a sua relação com o demônio era ainda mais evidente.

2.2. Lope de Aguirre “*la ira de Dios*” e a invenção do inimigo

O inimigo de Deus inventado na Europa ocidental ainda na Idade Média - quando diversos tratados demonológicos buscavam definir a sua atuação no Globo -, mas cuja difusão crescia de maneira assombrosa na modernidade no velho continente⁹⁶, mudou-se para o lado de cá do Atlântico através da imaginação de conquistadores e missionários. Se a descoberta do Novo Mundo pôde revigorar os símbolos do maravilhoso medieval, foi também capaz de auxiliar a fortalecer a demonologia europeia (MELLO E SOUZA, 1993, p. 25) e, assim, o opositor incansável e persuasivo se estabeleceu em terras americanas sob uma configuração singular. Segundo Laura de Mello e Souza, “é ele quem torna a natureza selvagem e indomável, é ele que confere os atributos da estranheza e da indecifrabilidade aos hábitos cotidianos dos ameríndios, é ele sobretudo que faz das práticas religiosas autóctones idolatrias terríveis e ameaçadoras” (MELLO E SOUZA, 1993, p. 29). Nesse sentido, ao analisar cronistas da Nova Espanha como Bernardino de Sahagún e processos inquisitoriais, Fernando Cervantes defende que há uma crescente identificação das práticas indígenas com atividades diabólicas a partir da metade do século XVI em diante, e mesmo um desenvolvimento de uma “subcultura demoníaca”, através do que eram vistas como “devoções diabólicas” pelas autoridades coloniais (CERVANTES, 1994, pp. 79-80). Uma vez admitindo que a religião

⁹⁶ Jean Delumeau afirma que foi no começo da Idade Moderna que o inferno, seus habitantes e sequazes mais monopolizaram a imaginação dos homens do Ocidente. O medo do satã culminado na segunda metade do século XVI e no começo do XVII era difundido por meio da imprensa e estimulou o aparecimento de uma série de importantes obras, entre as quais *Macbeth* de Shakespeare (1606), tomando sobretudo os meios dirigentes do qual saíam teólogos, juristas, escritores e soberanos (DELUMEAU, 1989, pp. 247-248). “Durante longos séculos da história ocidental”, conta-nos Delumeau, “as pessoas instruídas consideraram de seu dever fazer os ignorantes conhecerem a verdadeira identidade do Maligno por meio de sermões, de catecismos, de obras de demonologia e de acusações” (DELUMEAU, 1989, p. 249).

praticada pelos indígenas era de origem demoníaca, ou que os seus ritos eram “*momices del demônio*”, deformações da verdadeira fé, formava-se um discurso coerente a favor da extirpação da idolatria americana representada através dos templos, ritos e de imagens de sua divindade, mas também expressas na antropofagia, nos sacrifícios humanos e na sodomia (DELUMEAU, 1989, p. 261). Se os ídolos nativos são os “diabos” que os levarão para o inferno, esse era o argumento necessário para justificar a conversão (e também a conquista, a pilhagem, a escravização, a destruição de símbolos sagrados...) das sociedades ameríndias.

Nas crônicas da Conquista são frequentes as associações do “outro” ameaçador com elementos negativos e detratores por excelência disponíveis no âmbito da cultura dos colonizadores e conquistadores. É claro que, na América, a identificação de uma “subcultura demoníaca” ocorria mais frequentemente nos indígenas, cujas práticas eram tão desconhecidas aos olhos dos europeus; afinal, na tradição ocidental, similares acusações receberam outros grupos considerados marginais à cristandade, como os judeus, os muçulmanos, os protestantes, os ciganos, os hereges, as mulheres, os feiticeiros e as bruxas, que também constituíram esse “outro” demonizado que aquela cultura opunha aos seus padrões⁹⁷ (MELLO E SOUZA, 2003, p. 25). Nos textos que interpretaram a *Jornada de Omagua y Dorado*, no entanto, o “outro” ameaçador era Lope de Aguirre. Ele era o desvio ao padrão de conduta aceito para um conquistador espanhol, o de um virtuoso cavaleiro, valente e corajoso, fiel servidor da Igreja Católica e da Coroa (semelhante construção haviam feito os autores das *Relaciones* ao opor as representações do rebelde e do comandante da expedição Pedro de Orsúa). A rebeldia expressa na figura de Aguirre era o contrário daquilo que os espanhóis idealizavam como sendo a sua própria identidade; nesta lógica, o oposto daquilo que era bom, certamente era ruim. Nas crônicas ocorria, então, aquilo que François Hartog chamou de “inversão”: [...] ela constitui uma tentação sempre presente na narrativa que pretende dizer o outro: num primeiro momento, levanta-se a diferença; num segundo momento, ela é ‘traduzida’ ou ‘apreendida’ pondo-se em ação um esquema de ‘inversão’” (HARTOG, 1999, p. 231) e, assim, “a alteridade se transcrevia como um antipróprio” (HARTOG, 1999, p. 229). Visto que o inimigo já havia sido inventado e identificado na

⁹⁷ Para aquela sociedade é o demônio “que faz os turcos avançarem; é ele que inspira os cultos pagãos da América; é ele que habita o coração dos judeus; é ele que perverte os heréticos; é ele que, graças às tentações femininas e a uma sexualidade há muito considerada culpada, procura desviar de seus deveres os defensores da ordem; é ele que, por meio de feiticeiros sobretudo por intermédio de feiticeiras, perturba a vida cotidiana enfeitando homens, animais e colheitas” (DELUMEAU, 1989, p. 393). Ver mais em: DELUMEAU, 1989, capítulos 7-10.

Europa e na América, o “anti-eu” do espanhol leal e cristão seria Lope de Aguirre “*la ira de Dios*” (ORTIGUERA[1585-86] 1981, p. 108), o traidor endemoniado. A finalidade dos cronistas ao inscrever o rebelde no âmbito demoníaco era traduzí-lo ao campo de inteligibilidade do que já era conhecido por seus leitores e incluí-lo na esfera daqueles que, como os indígenas idólatras – e tantos sujeitos que, acusados de pacto ou possessão, foram caçados pela Inquisição nos tribunais do Santo Ofício –, considerava-se necessário dominar e expurgar da sociedade⁹⁸.

Desta maneira, para os autores das crônicas históricas, os acontecimentos da *Jornada*, descritos em tons trágicos, indubitavelmente tinham a intervenção do diabo, “*familiar amigo de Lope de Aguirre*” (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, p. 165). Era ele que, revestido “*en el cuerpo a estos sacrílegos demonios*” (LIZÁRRAGA, [1605] 2000, p. 296), influenciava a maioria das ações de Aguirre e de seus companheiros, que foram descritos como “*ministros de Satanás*” (AGUADO, [1575] 1963, p. 165) ou “*cruels ministros del demonio*” (ORTIGUERA, [1585-86] 1981, p. 165). Sendo o rebelde a encarnação do diabólico, imagem que, como vimos, era profundamente perturbadora para a época e, portanto, único patamar de mal equivalente para descrever a crueldade de seus atos, ele era representado de maneira a parecer o mais bestial possível. Assim, Aguirre, sempre tomado de uma “*furia infernal*” (ORTIGUERA, [1585-86] 1981, p. 102) era, por “*su naturaleza*”, alguém “*inclinado a derramar sangre humana*” (SIMÓN, [1627] 1992, Tomo II, p. 180), chegando a ser “*la bestia y tirano más cruel de que ha habido en nuestros tiempos, ni en pasados*” (LIZÁRRAGA, [1605] 2000, p. 297). “*La gran sed que tenía de beber o verter sangre*” (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, p. 126) era, enfim, o que o movia: Pedro de Aguado afirmou que “*al que quería matar, mataba*” (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II p. 145), e Reginaldo Lizárraga acrescentou que aquele conquistador o fazia por qualquer motivo: “*si se reían, los mataba; si estaban tristes, los mataba; si se juntaban, los mataba; si se paseaba uno solo, le mataba*” (LIZÁRRAGA, [1605] 2000, p. 297).

A rebelião liderada durante a *Jornada de Omagua y Dorado* por Lope de Aguirre deixava de ter qualquer significação e somente se retratava a violência desmesurada que, gratuita, ganhava ares de sordidez e de perversão. Uma das imagens mais reiteradas nos escritos coloniais com os quais trabalhamos é aquela na qual o sofrimento das vítimas acabava por desencadear o prazer dos insurgentes. Operava-se a desumanização de Aguirre e seus

⁹⁸ O mecanismo de tradução no qual se “filtra o outro no mesmo” acaba por transformar a diferença em algo passível de ser assinalado, mensurado e dominado (HARTOG, 1999, p. 245).

sequazes, que se animalizavam em manifestações satânicas. A eficácia deste tipo de descrição em uma “história mestra da vida” se dá na medida em que ela se centra, exatamente, no que é contrário à moral ocidental e naquilo que pode provocar o horror e o asco. Uma das cenas mais impactantes neste sentido não é protagonizada por Lope Aguirre, mas por um de seus maiores comparsas, Antón Llamoso, “*el más cruel, endemoniado tirano que los hombres han visto, ministro de Satanás y de todas o las más muertes que este traidor daba*” (ORTIGUERA, [1585-86] 1981, p. 102). Narrada por Pedro de Aguado na *Recopilación Historial*, descreve o destino dado ao corpo de Martín Perez, expedicionário assassinado pelo grupo rebelde por desconfiança de traição após uma declaração sua, na qual afirmava que lideraria o levante se algo ocorresse a Lope de Aguirre:

[...] estando Martín Pérez, maese de campo, muerto en el suelo y Lope de Aguirre allí junto, vio acaso un Antón Llamoso, capitán de su munición y muy amigo suyo, el cual asimismo le habían dicho que era o había sido uno de los del concierto o liga con Martín Pérez para matar Aguirre; y viéndolo, que aún no estaba muy sosegada la gente y carniceros que habían muerto a Martín Perez, porque aun todavía se tenían las armas en las manos dijo: «vení acá, Antón Llamoso, hijo mío, también me dicen que vos érades unos de los de la liga del maese de campo, pues cómo, toda esa era el amistad, y en tan poco tenéis el mucho amor que yo os he tenido y tengo». [...] el Antón Llamoso, no tardándose en responder, comenzó a descargarse, dando satisfacciones a Lope de Aguirre, certificándole con muchos géneros de juzgamento [...]; y pareciéndolo que el Lope de Aguirre no daba muestras de tener por bastante descargo ni satisfacción lo que él decía, arremetió con el cuerpo del Martín Pérez, que estaba tenido en el suelo con muchas cuchilladas en la cabeza, por las cuales se le parecían los sesos, y delante de todos los que presentes estaban, se echó sobre el cuerpo muerto, diciendo: a este traidor, que semejante maldad y traición quería cometer, beberle la sangre. Puso su boca en las heridas que en la cabeza tenía el Martín Pérez con un ánimo más de demonio que de hombre humano, y comenzó a chuparle la sangre y sesos que por las heridas corrían de la cabeza del muerto y tragarlo. Puso esto tanta admiración a todos los que estaban presentes, que no hubo hombre que no quedase espantado de este hecho, y Lope de Aguirre muy satisfecho del Llamoso [...]. (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, pp. 253-254)⁹⁹

A sede de verter e de beber sangue – e deleitar-se com ele – que teriam os insurgentes era demonstrada, assim, de maneira literal e concreta: “*cebada aquella cruel besta en la sangre de este capitán, apeteció luego derramar también la de doña Inés [...]*” (SIMÓN, [1627] 1992,

⁹⁹ Frei Pedro Simón relata a história da morte de Martín Perez de maneira quase idêntica. Toribio de Ortiguera também chega a citar o fato de Antón Llamoso haver bebido o sangue de Perez, mas inclui o seguinte comentário ao final: “*afirman que lo hizo, aunque al tiempo que se hizo justicia dél le fué preguntado si fué verdad y dijo que no*” (ORTIGUERA, [1585-86] 1981, p. 141).

p. 205), comentou Pedro Simón sobre as mortes, pelas mãos dos insurgentes sob o mando de Aguirre, do capitão da expedição Lorenzo Salduendo e da suposta amante do comandante Pedro de Orsúa, Inés de Atienza. Entre as grandes maldades realizadas por Lope de Aguirre, os cronistas relataram, também, o fato de ele ultimar as suas vítimas mesmo que elas suplicassem por suas vidas e sem permitir-lhes que se confessassem antes de desferir-lhes o golpe mortal, porque “*gustaba mucho este tirano*”, destacou Simón, “*de matar no sólo los cuerpos, sino también las almas*” (SIMÓN, [1627] 1992, pp. 221-222). Ademais, depois disso, o rebelde ainda se divertiria com o terror por ele proporcionado:

[...] *Diego Palomo [...] se hincó de rodillas ante Lope de Aguirre, pidiéndole que por amor de Dios no le matase [...] con una humildad y llaneza que ablandara un corazón de acero; pero el maldito tirano, que de nada se dolía, nunca lo quiso hacer, antes con mucha presteza y sin dejar confesar, hizo ejecutar en él y en el otro Pedro Gutierrez su furia y rabia infernal, haciéndoles dar garrote, con que les quitó las vidas.* (ORTIGUERA, [1585-86] 1981, p. 116)

[...] *se llegó al comendador (que bien descuidado de la maldad estaba al bordo del navío) y le acomenzó a herir con una espada muy bota, que llevaba desnuda para el efecto. Y rogándole el comendador no le diese tan cruel muerte, como era la que padecía con aquella espada, tomó el sargento una daga que el proprio comendador tenía, y dándole con ella algunas puñaladas, antes que acabara de morir, le echó al río; donde entre el oleaje y ansias de la muerte, daba voces diciendo: “¡confisión! ¡confisión!”*, con que acabó la vida. [...] *Quedó tan gozoso Aguirre de la triste y desastrada muerte del comendador, que gloriándose en su malicia, en juntándose con el suyo el otro bergantín en que iba su maese de campo, se la contó con grande risa y entretenimiento, celebrándola ambos con un mismo gusto.* (SIMÓN, [1627] 1992, p. 216)

Há outra cena em que semelhante reação, um assassinato que, consumado, diverte e causa risos, foi apresentada. Nela, acontecia uma espécie de jogo: o corpo de uma mulher chamada Ana Rojas, enforcada na *Isla de Margarita* após dar pouso em sua casa à integrantes da expedição, transformou-se em alvo para tiro, e Aguirre “*celebraba los mejores tiros que se hacían en el corazón y cabeza de la pobre y honrada mujer; de cuya muerte quedaron todos muy alegres*” (SIMÓN, [1627] 1992, Tomo II, p. 259).

A cólera do “possuído” Lope de Aguirre não ficava somente evidenciada na narração de seus crimes, mas na descrição de sua voz imperiosa e de seus ataques de fúria. Disse Reginaldo Lizárraga que o rebelde “*en comenzando a hablar hundía toda la calle de voces*” (LIZÁRRAGA, [1605] 2000, p. 294), e Pedro Simón garantiu que, muitas vezes, Aguirre se

encontrava “*investido de un diabólico espíritu [...] dando temerarias voces, postrado en el suelo delante de él, echando fuego por los ojos y boca*” (SIMÓN, [1627] 1992, Tomo II, p. 203). Toribio de Ortiguera narrou que o “*furioso tirano*” respondia à quem a ele se dirigia “*con endemoniada cólera*” (ORTIGUERA, [1585-86] 1981, p. 121) e Pedro de Aguado, por sua vez, afirmou que, em certo momento da *Jornada*, “*Aguirre se tornó a endemoniar, a embrabecer y airar mucho más de lo que antes había estado*” (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, p. 236). Alguns “*géneros de letanías y oraciones*” (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, p. 284) que ele proferia blasfemando “*contra Nuestro Señor Dios y contra sus santos*”, também faziam parte destes momentos em que o conquistador era tomado pela “*ira infernal*” (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, p. 294).

Lope de Aguirre era caracterizado, assim, como alguém que cometeu, além da traição ao rei, o “crime de ‘lesa-majestade divina’” (DELUMEAU, 1989, p. 397), pois proferia estas impiedades contra Deus e sua honra. Ademais, se ao pensamento da época “tudo o que é demoníaco é herético” e “toda heresia e todo herético são demoníacos” (DELUMEAU, 1989, p. 397), o protagonista da *Jornada* era um infiel que desacreditava no Senhor e nos preceitos da Igreja (representação que, como veremos no próximo capítulo, o próprio Aguirre contestou nas epístolas que produziu) e que não gostava

ni que rezasen delante de él, ni de hombre devotos, y así, en viendo alguno con cuentas u horas en las manos, se las quitaba y las rompía y quebraba, diciendo que no quería él los soldados muy cristianos no rezadores, sino que si fuese menester jugasen con el diablo a los dados el alma, y que Dios tenía el cielo para quien le sirviese y la tierra para quien más pudiese, y él sabía que su ánima no se podía salvar, y que estando vivo ardía en los infiernos (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, pp. 369-170).

Sendo ainda “*gran hablador y jurador*” (LIZÁRRAGA, [1605] 2000, p. 294), aquele conquistador espanhol ganhou, na construção de sua imagem realizada pelos cronistas coloniais, outra característica que recorda a do diabo: a estratégia da qual se utilizava para manter seus aliados próximos de si, que se fundava sobre a mentira e seu correlato, o engano. As promessas, por regra, nunca se cumpriam¹⁰⁰. Afinal, se o demônio é um sedutor, um

¹⁰⁰ Toribio de Ortiguera narra que Lope de Aguirre “*procuraba poco a poco atraer a la suya algunas personas [...] con promesas, y aun dando orden cómo los que se le juntaban fuesen reservados de los trabajos y faenas ordinarias, y asimismo dándoles las mejores armas de cotas y cascos y celadas del campo, con lo cual se le juntaban cada dia más*”, mas que, depois de algum tempo, “*les quitaba las armas que tenían, fingiendo que eran descuidados*” (ORTIGUERA, [1985-86] 1981, p. 99). Por essa razão, o mesmo autor diz que, naquela expedição, cumpriu-se à risca o refrão que diz: “*Manos besa hombre que las queria ver cortadas*” (ORTIGUERA, [1985-86] 1981, p. 145).

ardiloso que engana continuamente os homens para conseguir seus intentos (DELUMEAU, 1989, pp. 253-254), o rebelde, com sagacidade e sem descanso, criava armadilhas nas quais os expedicionários caíam para serem levados até a desobediência: “*El Lope de Aguirre, con un ingenio versuto que tenía (enemigo de la especie humana), andaba siempre fabricando astucias con qué engañar a sus soldados y echarles lazos, de donde con dificultad pudiesen salir*” (SIMÓN, [1627] 1992, Tomo II, pp. 190-191). Proclamava, por exemplo, que os participantes da *Jornada* não poderiam sentir-se “*seguros ninguna parte del mundo sino en mi compañía*” (SIMÓN, [1627] 1992, Tomo II, p. 242). Assim, como o diabo, Aguirre encaminhava “*las ocasiones que él deseaba, que bien le era menester para ello*” (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, p. 156). A argúcia do rebelde, aliás, seria também extraordinária para descobrir conspirações que se faziam contra ele, o que Toribio de Ortiguera atribuiu ao fato de que Lope de Aguirre recebia avisos, “*secretos y cosas como este*” de um demônio “*familiar que traía consigo*” (ORTIGUERA, [1585-86] 1981, p. 142).

Eram essas as explicações encontradas pelos cronistas para defender os expedicionários da *Jornada* que, no decorrer da viagem, não se contrapuseram a Lope de Aguirre e não conseguiram impôr alguma resistência à insurgência ou, até mesmo, dominar e matar a sua liderança. Assim, a rebelião conseguiu prosseguir até o território venezuelano sem sofrer qualquer oposição, conforme assegurou Pedro de Aguado, porque “*el demonio siempre procura favorecer a los suyos y sustentarlos algún tiempo para que causen y hagan más daño y mal a sus prójimos*” (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, p. 165). Por fim, Aguirre havia conseguido reunir em torno de si um grupo que o seguia indiscriminadamente, como se tivesse algum poder sobre-humano sobre ele: “[...] *Todos procuraban imitar a su capitán; si él blasfemaba, todos blasfemaban; si él renegaba, todos renegaban; si él mataba, todos eran homicidas; si él robaba, todos hurtaban; si él era traidor, todos le seguían [...]*” (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, p. 284).

Nas crônicas analisadas, assim como nas *Relaciones*, Lope de Aguirre está no centro do evento; é ele quem desencadeia todos os conflitos, considerado como o transgressor por excelência de todas as leis ou de todas as convenções humanas e divinas: “*todo lo puso en gran turbación y alboroto este atrevido y desatinado traidor con sus crueldades*” (ORTIGUERA, [1585-86] 1981, p. 152). Os autores lidos o situam explicitamente – a ele e aos seus seduzidos companheiros de insurgência, é importante ressaltar – ao lado do mal, do diabo, do inferno. Compreendida como o reverso do “cristão-súdito-leal”, sua história deveria ser ajustada ao

objetivo pedagógico das crônicas. Aquelas narrativas se convertiam, assim, em um meio adequado para a representação de valores; se uma das funções da história para aqueles homens era mais “constituir um espelho voltado sobre seus contemporâneos” do que simplesmente “narrar uma época passada” (KARNAL, 1990, p. 222) para que as gerações coetâneas e futuras aprendessem com as virtudes dos sujeitos que fizeram a Conquista, a descrição dos seus vícios também portava elementos essenciais para a formação moral de seus leitores (BORJA GÓMEZ, 2002, p. 126).

Ao historiar a *Jornada* de Lope de Aguirre, iluminava-se justamente aquilo que não deveria ser vivido novamente, aquilo que não deveria ser tomado como exemplo. A conservação da memória, realizada através da historiografia, da representação construída do rebelde como o inimigo de Deus (e da ordem monárquica) ocorria para mantê-la ante a sociedade, de maneira perpétua, como o reverso do imitável. Afinal, na “história mestra da vida” produzida na América Colonial, como já vimos, obedecendo a uma ordem teleológica com um sentido determinado e um devir lógico, o traidor, o tirano e o herege, irremediavelmente, terminavam mal. Era o que acontecia ao diabo que, depois de ocupar os espaços, possuir corpos e perturbar o ambiente, acabava sempre sendo expurgado; depois do exorcismo, os lugares por onde ele passou ficavam, enfim, purificados. Haveria de ocorrer outra coisa ao possuído Lope de Aguirre após ele promover todas aquelas maldades e desordens descritas pelos cronistas no território do reino espanhol na América? E quem, depois de ler as crônicas que tratavam a *Jornada*, repetiria os gestos daquele rebelde, que acabou a sua vida sendo executado, degolado, esquartejado e, depois de sua morte, além de ir ao inferno, ainda teve a sua memória e fama maculadas? Não era à toa que Pedro de Aguado encerrava a sua narrativa sobre a *Jornada* com os seguintes versos, que alertavam: *Pocos vimos bien morir / De aquellos que mal vivieron, / Y de los que bien murieron / Menos vimos mal vivir* (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, p. 356).

Para construir suas histórias com esses tons, por óbvio, os intérpretes da *Jornada* evitaram tomar outra versão dos acontecimentos (como aquela presente nas epístolas de Lope de Aguirre) que não aquela construída pelos expedicionários os quais apresentamos no capítulo anterior, que escreveram as suas *Relaciones* para contestar as possíveis acusações de cumplicidade com o grupo rebelde que se poderiam imputar contra eles. Como veremos nas próximas linhas, alguns daqueles textos foram utilizados pelos cronistas, o que demonstra que, de certa forma, eles podem ter circulado pela América colonial mesmo sem ter sido

publicados àquela época – o que ocorreu somente no século XIX, quando os escritos da Conquista foram “recuperados” ao trabalho dos historiadores.

2.3 As *Relaciones* e as crônicas: *corre manuscrito* e o “resgate” dos textos coloniais

Em meio às tantas inquietações que nos causam as mais conhecidas – e mais utilizadas pela historiografia – fontes da *Jornada de Omagua y Dorado*, uma delas é o destino, a trajetória que traçaram após a sua escrita. Já sabemos quais as intenções dos autores das *Relaciones*; também temos conhecimento que eles as escreveram pouco tempo após a expedição, entre 1560 e 1562. Vimos ainda que os textos foram direcionados às autoridades coloniais. Algumas coisas ficam em suspenso, no entanto: será que os destinatários receberam e leram tais escritos? Será que eles circularam na América ou na Espanha, sendo lidos por contemporâneos destes conquistadores? São questões absolutamente importantes – pois, como afirma Chartier, “não existe compreensão de um texto que não dependa das formas através das quais ele atinge seu leitor” (CHARTIER, 1994, p. 17) –, porém é um tanto difícil chegar a respostas para elas, já que não existe (ou, pelo menos, não encontramos) nenhuma notícia de que tais fatos tenham ocorrido. Apesar disto, para a segunda, acreditamos ser possível responder ou, ao menos, aventar alguma réplica.

As *Relaciones* da *Jornada*, assim como as crônicas históricas com as quais trabalhamos até aqui, com exceção da primeira parte da obra de Pedro Simon (publicada em 1627), não foram impressas e editadas durante o período colonial. No jogo de poder pela memória da Conquista e da colonização da América, a não-publicação de algumas obras é facilmente compreensível. Por um lado, não interessava à Coroa Espanhola guardar a história de uma Conquista realizada pelas mãos de homens autônomos como eram os conquistadores particulares e os missionários das ordens regulares que, nos primeiros momentos do século XVI, pareciam conduzir as colônias pelos caminhos que bem lhes interessavam (FERNANDES, 2004, p. 63). Por outro, aqueles textos traziam problemas americanos candentes que o poder real não fazia questão de lembrar, guardar e, especialmente, divulgar: os direitos dos conquistadores que, desconsiderados, geravam rebeliões como a ocorrida durante a *Jornada*, a *encomienda* e a escravidão indígenas, as “guerras justas” e a violência empregadas contra as populações nativas, entre tantos outros (FRIEDE, 1959, p. 59). Ademais,

a literatura que trazia descrições etnográficas sobre os ameríndios - o que, tanto os autores das *Relaciones* (mesmo que bastante superficialmente), quanto, especialmente, os nossos cronistas faziam - era indesejada pelo rei Filipe II “*por su ‘vanidad’, ‘falta de provecho’, o por difundir herejías*” (FRIEDE, 1959, p. 52), quem afirmou que não consentiria “*que por ninguna manera persona alguna escriba cosas que toquen a supersticiones y manera de vivir que estos indios tenían, en ninguna lengua*” (apud FERNANDES, 2004, p. 62). Era preciso, pois, silenciar as iniciativas independentes e erigir uma história oficial das ações da monarquia no Novo Mundo (FERNANDES, 2004, p. 63), apagando, nela, qualquer questão que pudesse motivar críticas ao sistema colonial espanhol, relegando ao esquecimento todo o mundo pré-colombiano e negando “a alteridade, campo desconhecido e temido, por excelência, da construção de identidades (FERNANDES, 2004, p. 62).

O controle que a monarquia passou a exercer sobre a impressão de obras na América e o domínio sobre o conteúdo de textos que traziam informações sobre o mundo colonial, vinham em uma trajetória ascendente, desde pelo menos a década de 20 do século XVI (FREITAS NETO, 2004, p. 22). Assim, por exemplo, em 1536, Juan Ginés de Sepúlveda não teve dificuldade de receber permissão para imprimir a sua *Demócrates Primus o de la Conformidad de la Doctrina Militar con la Religión Cristiana*; mas, em 1550, foi-lhe negada a licença para a impressão de um livro de sua autoria com conteúdo ideológico semelhante, *Demócrates Alter o de las justas causas de la guerra contra los indios*. Posteriormente, todas as suas obras foram proibidas de circular na América. Semelhante ocorrência se passou com os, hoje, célebres cronistas Bartolomé de Las Casas, Francisco López de Gómara e Pedro Cieza de León. O primeiro conseguiu, entre 1552 e 1553, imprimir uma série de tratados nos quais expunha suas ideias referentes aos problemas americanos, mas, poucos anos mais tarde, os mesmos textos foram confiscados; da mesma forma, se López de Gómara imprimiu com certa facilidade a sua obra em 1552, já em fins de 1553 se ordenou que ela fosse recolhida; ainda em 1553, Cieza de León pôde editar o primeiro tomo de *Crónica del Perú*, no entanto, no ano de 1572, seu herdeiro tentou em vão obter licença para a impressão dos livros restantes (FRIEDE, 1959, pp. 58-59). Mesmo Hernán Cortés e Bernal Díaz Del Castillo tiveram os seus escritos banidos: tratavam-se de *probanzas* monumentais sobre a Conquista do México que eram vistas com desconfiança pela Coroa, pois os sucessos individuais que relatavam poderiam provocar, além de pedidos de cargos e benefícios por seus descendentes, o desejo de outros conquistadores em realizar feitos de igual maneira, independentemente do poder real.

Efetivamente, publicar notícias da América era, então, uma aventura que podia lograr ou não sucesso. Ocasionalmente que boa parte dos textos coloniais não passaram de manuscritos, mas nem por isso deixaram de circular. Pouco se podia fazer em relação a eles em uma época na qual o manuscrito era tão comum que “*corria de mano en mano*” (BOUZA, 2001, p. 16), livremente, entre as comunidades de leitores¹⁰¹. Foi o que ocorreu com algumas *Relaciones* da *Jornada*, de certa forma; mesmo não tendo sido publicados, os seus manuscritos acabaram extrapolando o público aos quais os seus autores intencionaram atingir – as autoridades reais – e caíram nas mãos dos cronistas, que as leram e as utilizaram para construir os seus escritos.

Pode-se concluir isso ao perceber, em certas crônicas coloniais, trechos nos quais se reproduzem as versões de alguns acontecimentos narrados em relatos dos expedicionários da *Jornada*. Toribio de Ortiguera, por exemplo, descreveu a morte do governador Pedro de Orsua de maneira bastante semelhante de como constava no escrito de Pedrarias de Almesto – e só nele, já que, com vimos na primeira parte de nossa dissertação, era somente em seu próprio texto que o autor-ator aparecia naquela cena. Na *Relación*, Almesto narrou:

Estaba este pueblo alzado sin gente por temor de nosotros, y en lo que aquí nos destuvimos acabaron los conjurados de concertar esta maldad, y la efectuaron en la noche de año nuevo, día de la Circuncisión del Señor, y primero del año de mil y quinientos y sesenta y uno, a dos o tres horas de la noche, juntándose con el dicho D. Fernando hasta doce destos traidores, dejando prevenidos otros, sus amigos y secuaces, que oyendo su voz y apellido acudiesen con sus armas: y fueron al aposento del Gobernador, adonde le hallaron hablando con su amigo, que se decía Pedrarias de Almesto, echados en sus camas cerca el uno del otro, porque se fiaba mucho dél y siempre había sido su allegado y privado, y entraron los dichos traidores; y como vido el Gobernador que venía gente, volvió hacia ellos, que estaba en una hamaca, y les dijo: ‘¿que es esto, caballeros, a tal hora por acá!’ Y respondiendo uno que se decía Juan Alonso de la Bandera, dixo: ‘ahora lo veréis’, y le dio con una espada a dos manos por los pechos, que lo pasó de una parte a otra, y luego segundó D. Fernando y los demás que con él iban; y como vido el Pedrarias, que con él estaba, que lo mataban, comenzó a dar voces: ‘¿que traición es ésta, caballeros!’ y echó mano a su espada para defender al Gobernador, y anduvo un rato, hasta que le amenazaron que diese las armas y no le matarían, y el Pedrarias viendo ser por demás, les dio las armas, y al Gobernador le dieron muchas estocadas y cuchilladas hasta que lo mataron; y llevando rendido con ellos al dicho Pedrarias de Almesto, se les huyó por el temor que tuvo que lo matarían por haber sido amigo de Pedro de Orsúa; y así ellos quedaron dando grandes voces diciendo: ‘viva el Rey que muerto es el tirano’ y esto duró un buen rato, todo a fin que la gente del campo acudiese a la voz de ‘viva el rey’, para que después de todos juntos supiesen y entendiesen su gran

¹⁰¹ Roger Chartier e Fernando Bouza concordam que, ao contrário do que muitos podem imaginar, o manuscrito tinha tanta importância no Século de Ouro quanto os escritos impressos, apesar do advento da tipografia ter ocorrido justamente na alta Idade Moderna. Ver em: CHARTIER, 2005; BOUZA, 2001.

traición, la cual hasta allí la encubrían con la voz del Rey [...]. (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 125)

Baseado nela, Ortiguera escreveu em sua *Jornada del Río Marañón*:

Y sin aguardar otra cosa, tomando su espada en la cinta y sargenta de alferez, se fueron bien disimuladamente a casa del gobernador, bien a tres horas de la noche, día señalado de Año Nuevo de 1561, donde estaba bien desastrado de la repentina y desastrada muerte que le sucedió, echado en una hamaca, y Pedro Arias de Alместo, su grande amigo, en otra, parlando de buena conversación. Como Pedro de Orsua los viese entrar, que los estaba aguardando, que habían sin ningun recelo se volvió a ellos diciéndoles: Sean vuestras mercedes muy bien venidos, que cierto estaba con cuidado de saber cómo les había ido. A lo que respondió Juan Alonso de la Bandera, con una atrevida y gran desvergüenza: Agora los vereis; y a un tiempo, antes que acabase de echar la palabra de la boca, tenia la espada desenvainada y acudió al gobernador con tanta furia y rabia, que a dos manos le dio una estocada en los pechos que le pasó de la otra banda, y a esto acudió don Fernando de Guzmán y los que con él iban y le dieron muchas estocadas y heridas. Como Pedro Arias de Alместo, viese el negocio andar desta suerte, entendiendo defender al gobernador, su amigo, salió de la hamaca donde estaba y echó mano a su espada, reparándole los golpes que podía, diciendo: ¿Qué es esto caballeros? ¿Qué traición y maldad es esta? Andando un rato reparándole y defendiéndole, hasta que le amenazaron que le habían de matar si no se desviaba y los dejaba, dándoles las armas. Y viendo Pedro Arias que si más los enfadaba no podía escapar de allí con la vida, tuvo por bien de entregar la espada a don Fernando, el cual mandó que no se le hiciese daño ninguno. Desta manera le acabaron de matar, llevaron consigo a Pedro Arias de Alместo, rendido y sin armas, el cual, viéndose entre gente tan cruel y carnicera, procuró de salirseles entre las manos, como lo hizo. Acabada se hacer esta muerte con tanto impetu y crueldad como se ha visto, salieron por la puerta dando voces: ¡Viva el rey, viva el rey, que muerto es el tirano! Y esto duró un gran rato, a fin de que se llegase la gente del real a la voz del rey. Hecho esto, ibase juntando todo el ejército, alborotado sin saber que fuese, viendo un rebato y negocio tan repentino. (ORTIGUERA, [1585-86], 1981, pp. 72-73)

Outro trecho da crônica de Toribio de Ortiguera no qual se pode perceber o uso da *Relación* de Pedrarias é aquele em que o autor descreveu a fuga de alguns expedicionários quando da chegada da *Jornada à Isla Margarita*. Enquanto Alместo afirmou que “[...] luego que desembarcó el tirano en esta isla, se le quedaron aquella noche huidos cinco soldados, deseosos del servicio de Su Majestad, que fue el uno Gonzalo de Zuñiga, y un Francisco Vázquez, y un Juan de Villatoro, y un Pedrarias de Alместo, y un Castillo [...]” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 165), Ortiguera descreveu que

Mucha de la gente que venía con Lope de Aguirre era por fuerza y contra su voluntad, como atrás lo hemos dicho, y luego como se vieron en la isla Margarita, cansados de ver tantas crueldades y tiranías, deseosos de volverse al rey se le huyeron en viendo que salieron a tierra. Los propios que esto osaron hacer fueron: Pedro Arias de Alместo, Gonzalo de Zuñiga, Francisco Vázquez, Juan de Villatoro y Pedro de Castillo; que por todo fueron cinco. (ORTIGUERA, [1585-86], 1981, p. 128)

É digno de atenção o fato de Pedro de Aguado haver utilizado em sua *Recopilación Historial* justamente a *Relación* do autor-expedicionário Francisco Vázquez. Como assinalamos no capítulo anterior, o relato de Vázquez foi retomado textualmente no escrito de Pedrarias de Alместo ou vice-versa, e alterado estrategicamente em trechos que tratavam da “escrita de si”; assim, se no acontecimento anteriormente citado Alместo dizia (e anos mais tarde a crônica de Ortiguera, baseado naquele autor, asseverava) que haviam sido cinco os fugitivos que aproveitaram o alcance das embarcações da *Jornada à Isla Margarita* para escapar de Lope de Aguirre, incluindo-se na narrativa, Vázquez escrevia que foram quatro: “Desembarcado que fue el tirano en esta isla se le huyeron cuatro soldados deseosos de servir a Su Majestad y se escondieron en el monte, el uno Francisco Vázquez, y otro Gonzalo de Zuñiga, y otro Juan de Villatoro, y Luis Sánchez del Castillo [...]” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 116). Seguindo esta *Relación*, Aguado inseriu o mesmo número de desertores em sua crônica, também excluindo Alместo da ação:

Pero propuestas todas estas cosas y temores, se quisieron aventurar cuatro soldados casados, en compañía, llamados Francisco Vázquez y Gonzalo de Zuñiga y Juan de Villatoro y Luis Sánchez del Castillo; lo cual sabido por Lope de Aguirre, traidor, comenzó a alborotarse, pareciéndole que si en aquel negocio de la ida de aquellos soldados no mostraba más aspereza de la que era menester, que se le irían poco a poco todos, y así comenzó hacer muy grandes bramuras y amenazas de mostrarse muy feroz contra los vecinos y contra Don Juan de Villadrando [...]. (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, p. 226)

Outro momento da crônica de Pedro de Aguado que deixa claro que ele usou a *Relación* de Francisco Vázquez como referência para compor o seu escrito é quando o missionário narrou como se deu, no início da viagem (e antes de iniciar-se a rebelião), o contato dos expedicionários com um grupo indígena que vivia nas margens do Amazonas. Aqui se pode notar que, apesar de ser flagrante que o autor leu o texto de Vázquez e se fundamentou nele na produção da *Recopilación*, Aguado criou uma narrativa que se distingue bastante da produzida pelo soldado. Vejamos o que escreveu Francisco Vázquez:

En este pueblo nos vino a ver un cacique de paz con algunos indios y trujo algunos pescados y tortugas; el gobernador les dio en recompensa dello alguna chaquira y cuchillos por contentarles y traer de paz; fuese luego y tras él vinieron luego otros indios y así mismo traían pescados y tortugas; a todos los indios que venían de paz daba el gobernador rescate de cuchillos y cuentas: mandó el gobernador que a ningún indio de los que viniesen los encaminasen a él, que él partiría lo que trujesen con todos y así hizo. Llámase este pueblo Casari donde nos pusimos nombre a toda la provincia. Deste pueblo abajo nos comenzaron a salir muchas canoas con comida, tortugas y pescados y otras cosas, y andaban entre nosotros, pero algunos no osábamos rescatar con ellos, porque el gobernador lo había así mandado no sé a qué efecto, pero algunos secretamente los rescataban y aún se lo tomaban sin rescate. (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 65)

A escrita de Pedro de Aguado é mais elaborada e repleta de adjetivações. Assim, por exemplo, o “cacique” da *Relación* se tornava um “cacique muy contento” na descrição do cronista, enquanto os expedicionários foram advertidos pelo governador Orsúa porque eram “atrevidos”:

Envió luego el gobernador este cacique muy contento con los rescates dichos, el cual dio la nueva del buen tratamiento que se les hacía a sus compañeros, por los cuales sabido comenzaron a venir de paz muchos de ellos, trayendo de las comidas que tenían las cuales les pagaba el gobernador a fin de tenerles propicios y contentos para el efecto dicho; y temiéndose que los soldados, como la mayor parte son atrevidos, especialmente con indios chontales, no les hiciesen alguna molestia o vejación, con que les diesen ocasión a que la paz que habían dado y él tanto procuraba y deseaba conservarla, quebrasen y se alzasen, mandó que ningún soldado tratase ni rescatase con los indios, sino que los dejase ir a donde él estaba y después de haberlos contentado, repartiría la comida que trajesen entre los soldados que más necesidad tuviesen; el cual lo hacía así, aunque algunos soldados no lo tuvieron por bueno, y no haciendo mucho caso de lo que el gobernador había mandado, a escondidas rescataban con los indios, unas veces contentándolos con dádivas y otras veces quitándoles lo que traían al mojinete; y de esta suerte se navegó algunos días por esta provincia de Carari, y con toda esta seguridad no esperaban los indios en sus pueblos, sino poniendo en cobro a sus mujeres e hijos e haciendas, salían por el río en sus canoas a rescatar como está dicho. (AGUADO, [1575] 1963, Tomo II, p. 84)

Como podemos perceber, os autores das crônicas coloniais com as quais trabalhamos, exemplificados aqui em Toribio de Ortiguera e Pedro de Aguado¹⁰², não citaram de forma

¹⁰² Verificamos elementos de intertextualidade somente em Toribio de Ortiguera e em Pedro de Aguado, excluindo desta análise as crônicas de Pedro Simon e de Reginaldo de Lizárraga por dois motivos. Primeiramente, porque a crônica de Pedro Simon, como já dissemos, foi baseada na de Aguado e não foi possível separar o que foi utilizado do texto de missionário do que poderia ter sido usado a partir da leitura de alguma *Relación*. Depois, o capítulo da crônica de Lizárraga que trata a *Jornada* é tão condensado, que, apesar de seu

direta as *Relaciones* de Pedrarias de Alместo e de Francisco Vázquez, mas escreveram a história da *Jornada* com estilos muito próprios. Recortaram, ampliaram e modificaram o que leram nos relatos dos expedicionários, mesclando-os ora com traços advindos de suas imaginações, ora de suas próprias experiências pessoais vividas no Novo Mundo e dos relatos orais que ouviram em suas andanças pelos territórios em que atuaram¹⁰³. Em nenhum momento deixaram explícito o uso das *Relaciones* como fontes de informação para as suas narrativas, tampouco prestaram alguma referência aos autores daqueles textos. Mas isso não se configurava um problema de plágio àquela época: Luiz Estevam de Oliveira Fernandes nos lembra que não podemos pensar, para os séculos XVI e XVII, em um processo de escrita com autoria privada, já que o conceito de *copyright* é bastante posterior (FERNANDES, 2004, p. 21). Além disto, segundo Fernando Bouza, os manuscritos revelam uma forma de transmissão na qual é possível reconhecer várias mãos e, portanto, mais de uma autoria. Sob essa perspectiva, o autor de um manuscrito não tem o perfil de um “criador todo-poderoso” que domina o texto de forma absoluta (BOUZA, 2001, p. 20). Como Alместo produziu sua *Relación* manejando a de Vázquez, os manuscritos desses dois autores estão presentes em Ortiguera e Aguado, da mesma forma que as linhas escritas por este último serviram, por sua vez, para a produção do texto de Pedro Simon¹⁰⁴. Assim, a história da *Jornada* circulava e se

conteúdo ser bastante alinhado com o das *Relaciones*, foi-nos impossível identificar alguma passagem na qual ficasse patente o uso de um daqueles documentos.

¹⁰³ A teórica e romancista francesa Tiphaine Samoyault, ao refletir sobre as práticas intertextuais, propôs uma tipologia na qual distingue dois tipos delas: as instauradas em relações de co-presença (com texto “A” presente no texto “B”, podendo ser uma citação, uma alusão, um plágio ou uma referência) e as estabelecidas em relações de derivação (com texto “A” sendo retomado e transformado pelo texto “B” em forma de paródia ou pastiche). Samoyault lembra que “entre as práticas de co-presença, apenas a citação coloca nitidamente em evidência o jogo entre dois textos bem distintos. A referência, tanto quanto a alusão e o plágio, constituem frequentemente textos ambíguos. Sua identificação depende da cultura e da sagacidade do leitor” (SAMOYUALT, 2008, p. 52). Se pensarmos a partir da classificação proposta por Samoyault, podemos aproximar a intertextualidade presente nas crônicas de Ortiguera e de Aguado como uma “alusão”, visto que, apesar de se configurarem em uma retomada literal mas não marcada das *Relaciones*, não são plágios. Segundo a autora, a alusão “[...] é, às vezes, exclusivamente semântica, sem ser intertextual propriamente dita, outras vezes ela remete mais a uma constelação de textos do que a um texto preciso. [...] Não plenamente visível, ela pode permitir uma convivência entre o autor e o leitor que chega a identificá-la. A alusão depende mais do efeito de leitura que as outras práticas intertextuais: tanto pode não ser lida como pode também o ser onde não existe. A percepção da alusão é frequentemente subjetiva e seu desvendamento raramente necessário para a compreensão do texto. (SAMOYUALT, 2008, pp. 50-51). Apesar de a “paródia” ser caracterizada como uma relação de intertextualidade na qual se transforma uma obra precedente para reutilizá-la, transpondo-a, nela, o caráter comum do patrimônio do texto permite que o leitor reconheça imediatamente o texto parodiado, o que não é o caso.

¹⁰⁴ Na escrita da história da Conquista encontramos variados exemplos de intertextualidade. Pode-se observá-la, por exemplo, no uso que fez Gonzalo Fernández de Oviedo da *relación* de Gaspar de Carvajal (1542) sobre a expedição amazônica de Orellana. No capítulo IV de sua *Historia general y natural de las Indias* (1542), Oviedo diluiu o discurso etnográfico construído por Carvajal e ainda reorganizou a ordem dos acontecimentos e deu maior destaque à descrição dos elementos míticos e maravilhosos da Amazônia. Outro exemplo é o *Descubrimiento del Río de las Amazonas y sus dilatadas provincias* [...] (1639), principal fonte documental sobre a

reproduzia no mundo colonial, sempre tendo como eixo os primeiros relatos dos participantes da expedição.

Somente a partir do XIX aquelas *Relaciones* da *Jornada de Omagua y Dorado* deixaram de ser “inéditas” e puderam ser lidas por um público mais vasto. Naquele século, os textos coloniais acabaram sendo “resgatados” pelos historiadores, sendo editados e estudados, pois formavam um conjunto documental importante nas discussões políticas que então se realizavam. Na América, eles eram parte dos debates que se faziam acerca da formação dos Estados Nacionais e da constituição de suas identidades, que passavam pela reflexão a respeito das origens culturais das nações, “seja olhando para a história colonial, seja para a história pré-colombiana”¹⁰⁵ (REIS; FERNANDES, 2006, p. 33). Na Espanha, o empenho para a publicação dos escritos sobre a Conquista do continente americano era “um esforço de desfazer-se da aura da *‘leyenda negra’*” (KARNAL, 2006, p. 21); pretendia-se, pois, demonstrar ao mundo a “verdadeira” história da América, posto que o narrado pelos cronistas espanhóis estava desacreditado pelas plumas das outras potências estrangeiras, que, há tempos, colocavam em circulação de forma eficaz aquela “*leyenda*”, ao dar importância e divulgar as célebres ilustrações de Theodor de Bry.

As *Relaciones* dos expedicionários Pedro de Monguía e de Gonzalo Zuñiga, cujos manuscritos originais estão conservados no *Archivo de las Índias* com cópias na *Colección Muñóz* da *Biblioteca de la Academia de la Historia*, foram as primeiras fontes históricas da *Jornada* a ser publicadas, em 1865. Estão compiladas entre outros documentos da Conquista Espanhola da América no tomo IV da *Colección de Documentos Inéditos del Archivo de las*

viagem que fez o capitão Pedro de Teixeira subindo o rio Amazonas desde a sua desembocadura até chegar à uma de suas cabeceiras, na cidade de Quito. A autoria do *Descubrimiento* foi atribuída, no estudo preliminar feito por Marcos Jiménez de la Espada para a primeira edição do relato (1889), ao jesuíta Alonso de Rojas. No entanto, o *Nuevo Descubrimiento del Gran Río de las Amazonas* (1641) escrito pelo também jesuíta Cristóbal de Acuña e que relatava o retorno de Pedro Teixeira, quando o capitão, sob ordens das autoridades reais, cumpriu o itinerário inverso daquele que o conduziu até Quito, traz diversos parágrafos idênticos aos da obra de Rojas, sem prestar qualquer referência àquele religioso. Argumenta-se que a autoria dos documentos produzidos por integrantes da Companhia de Jesus não eram de propriedade individual, mas compartilhada dentro da própria Ordem. (Ver mais em: DÍAZ MADERUELO, 1986; MARTINS, 2007)

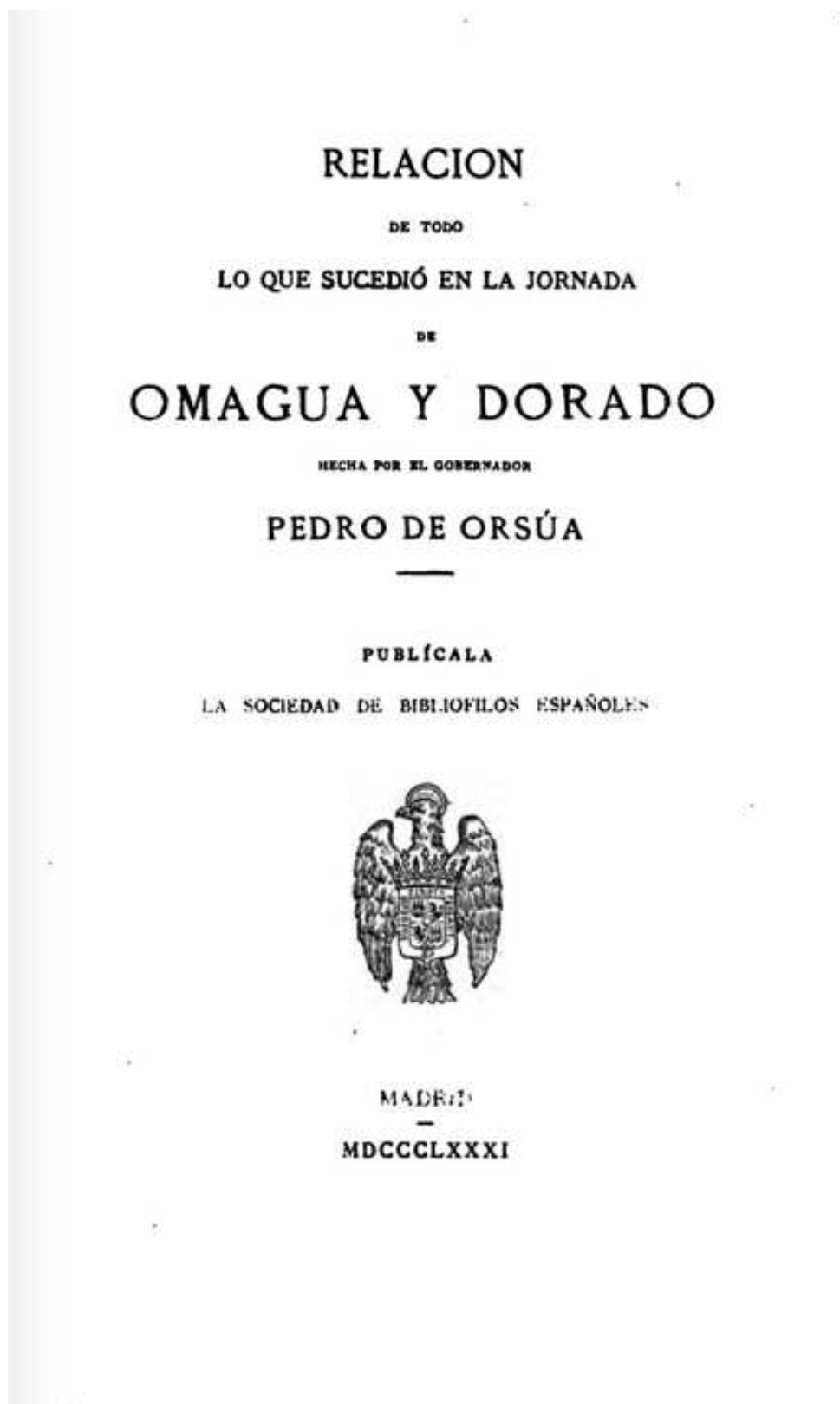
¹⁰⁵ Um dos aspectos centrais dos textos coloniais em diferentes matizes, os indígenas e seus universos, continuavam a ser uma preocupação dos descendentes de espanhóis que habitavam a América. Afinal, para as nações que surgiam no século XIX, a questão indígena era um incômodo. Sendo o nativo americano “apresentado como dócil ou indomável, ‘naturalmente bom’ ou idólatra, ou ainda, com um pouco de cada coisa” (FREITAS NETO, 2004, p. 23), reduzia-se a sua “complexa realidade histórica e cultural vividas ao longo do processo de formação da atual América Latina” (FREITAS NETO, 2004, p. 27). A diversidade, assim, era “escamoteada, pois ela não facilita a análise da constituição dos Estados Nacionais e ignora a dinâmica interna das sociedades indígenas” (FREITAS NETO, 2004, p. 27).

*Índias*¹⁰⁶, editado em Madri e organizado por D. Luis Torres de Mendonza. Mas a primeira *Relación* a ganhar uma edição especialmente dedicada a ela, com prefácio e notas explicativas, foi a de Pedrarias de Alместo, em 1881 [IMAGEM 7]. O manuscrito do relato foi publicado em Madri pela *Sociedad de Bibliófilos Españoles* e editado pelo fundador da instituição, o cordobês Feliciano Ramírez de Arellano, ou *marqués de la Fuentesanta del Valle*, com o intuito de “*prestar un servicio a las letras y al estudio de la patria historia*” (RAMÍREZ DE ARELLANO, 1881, p. XLVI), pois “*ni los pueblos ni los individuos pueden llegar a tener cabal conciencia de si mismos, si antes no se han observado atentamente a si propios en la dilatada serie de sus múltiples manifestaciones*” (RAMÍREZ DE ARELLANO, 1881, p. XLVII). Foi o próprio Ramírez de Arellano, responsável pela publicação de diversos documentos sobre a história da Espanha, quem escreveu as *Advertencias Preliminares* da obra, nas quais se deteve a discutir a autenticidade e a veracidade da *Relación* publicada.

A avaliação da autenticidade da fonte histórica era uma operação metodológica corrente entre os historiadores do XIX e procedia “um conjunto de preceptivas chamado ‘crítica documental’ externa e interna” (REIS; FERNANDES, 2006, p. 34). Nela o investigador deveria perguntar-se: é o documento original ou cópia? É artefato fiel? Quem redigiu o texto? A testemunha enganou-se ou quis enganar-nos? Foi testemunha direta, ocular ou secundária? (SALIBA apud REIS; FERNANDES, 2006, pp. 34-35). Como já afirmamos neste e no capítulo anterior, o conteúdo das *Relaciones* de Pedrarias de Alместo e de Francisco Vázquez é muito parecido, por um ser a cópia quase literal do outro. E era exatamente isto o que mais intrigava Feliciano Ramírez de Arellano: sendo tão semelhantes, quais dos dois documentos era, afinal, o primordial, e portanto, o mais autêntico? Quem era o verdadeiro autor? Tendo os dois

¹⁰⁶ *Colección de Documentos Ineditos, relativos al descubrimiento, conquista y organización de las antiguas posesiones españolas en América y Oceanía, sacados de los Archivos de las Indias, por D. Luis Torres de Mendonza.*

IMAGEM 7



Folha de rosto da edição da *Relación de Pedrarias de Alместo*
publicada pela *Sociedad de Bibliófilos Españoles* em 1881

Imagem retirada de: Internet Text Archive.

Disponível em: <<http://www.archive.org/>>. Acesso em: 13/01/2010.

manuscritos em mãos¹⁰⁷, restava àquele historiador iniciar a sua “acareação” (SALIBA apud REIS; FERNANDES, 2006, p. 35); é o resultado dela o que aparece em sua *Advertencia*.

Segundo Ramírez de Arellano, o fato do manuscrito de Vázquez ser encerrado com uma declaração que asseverava que “*esta Relación hizo un soldado llamado el Bachiller Francisco Vázquez [...] puédesse dar crédito a todo lo que escribe, porque fué hombre honrado y de crédito [...]*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 170), é um primeiro indício de sua autenticidade pois “*reúne todos los caracteres apetecibles de sinceridad, espontaneidad y veracidad que pueden y deben exigirse en cualquier escrito*” (RAMÍREZ DE ARELLANO, 1881, p. XV). Ademais disso, “*la circunstância de ser Bachiller el soldado que hace la Relación, añade a este juicio nueva fuerza*” (RAMÍREZ DE ARELLANO, 1881, p. XV). A seguir, o editor da obra passa a desqualificar algumas passagens do documento que por ele foi publicado; assim, por exemplo, após citar a descrição que Pedrarias de Alместo fez do assassinato do governador Pedro de Orsua – na qual, como tantas vezes já retomamos, o autor-expedicionário se incluiu como fiel amigo do comandante da *Jornada* –, afirmou que a “*escena [...] tiene un marcado carácter de inverosimilitud y falacia*”, acrescentando que acreditava “*firmemente que el gobernador se hallaba sólo en su aposento*” (RAMÍREZ DE ARELLANO, 1881, p. XVIII), conforme aparecia no relato de Francisco Vázquez. E assim segue, asseverando que os trechos nos quais Alместo se inscreveu como partícipe dos acontecimentos relatados por ele eram “*harto inverosímil*” e traziam “*alguna exageración*” (RAMÍREZ DE ARELLANO, 1881, p. XVIII).

Para Feliciano Ramírez de Arellano não havia dúvidas: era o manuscrito de Francisco Vázquez o “original”, era ele “*el verdadero autor de la obra histórica*” (RAMÍREZ DE ARELLANO, 1881, p. XLV). Comparado à *Relación* de Pedrarias de Alместo, pois, o relato de Vázquez merecia “*tanto más crédito*”, pois nele se podia encontrar “*la sencillez y la imparcialidad*” (RAMÍREZ DE ARELLANO, 1881, p. XLVII). Mas o documento por ele publicado não era o de Alместo? O editor, então, apressou-se em encerrar a sua “acareação” contemporizando que “*no por éso debemos concluir que el relato sea absolutamente falso*” (RAMÍREZ DE ARELLANO, 1881, p. XLVII) e avisando que havia incluído em sua publicação notas de rodapé com excertos da *Relación* de Vázquez nos trechos em que os textos se diferenciavam.

¹⁰⁷ Ambos estão acondicionados na *Biblioteca Nacional de Madrid*, sendo o de Alместo registrado como J.-142 e o de Vázquez, J.-136.

A similitude entre os dois textos acabou por gerar mais uma série de dúvidas e confusões nos editores que, muitas vezes, publicaram a *Relación* de Francisco Vázquez como sendo a de Pedrarias de Alместo ou o oposto. No entanto, eles foram, sem dúvidas, os documentos sobre a *Jornada* mais publicados e utilizados pela historiografia¹⁰⁸. As cartas que Lope de Aguirre produziu, do contrário, assim como desapareceram no período colonial, foram editadas em raras oportunidades. Como veremos no próximo capítulo, somente a partir do século XX, com o alargamento do que se compreende por “fontes históricas”, elas passaram a ter importância aos estudiosos da Conquista da América e, assim como as *Relaciones* de Custodio Hernández (manuscrito conservado na *Biblioteca Nacional de Madrid*), de Juan de Vargas Zapata e a Anônima (manuscrito localizado na *Academia de la Historia de Madrid*), foram publicadas pela primeira vez por Emiliano Jos em sua obra de 1927 intitulada *La expedición de Ursúa al Dorado, la rebelión de Lope de Aguirre y el itinerario de los “Marañones”*. Mas porque até mesmo no século XIX, após o fim período colonial e quando havia tanto interesse por “recuperar” textos relativos àquela época, as cartas de Aguirre foram relegadas ao esquecimento, em detrimento das *Relaciones* da *Jornada*?

Podemos traçar alguns caminhos explicativos para essa questão. Lembrem-nos Leandro Karnal e Flavia Galli Tatsch “que um documento é dado como documento histórico em função de uma determinada visão de uma época” (KARNAL; TATSCH, 2004, p. 55); se pensarmos que foi a partir do século XIX que as *Relaciones* passaram a ser editadas e, portanto, conhecidas pelo público estudioso de história e que elas, através de sua própria denominação, diziam-se “verdadeiras”, podemos imaginar a postura dos historiadores do período, à época no auge do cientificismo, diante destes textos:

Tendo em mãos o método e uma imensa quantidade de documentos verídicos sobre o período estudado, o historiador do XIX sentia-se seguro para atingir seu objetivo principal: dizer a verdade e, esta, parecia pré existir ao próprio documento. (MORAIS, 2004, p. 93)

¹⁰⁸ Em 1909, Manuel Serrano Sanz incluiu a *Relación* de Pedrarias de Alместo no tomo XV da *Nueva Biblioteca de Autores Españoles*. 35 anos mais tarde, Enrique de Gandía prologou o mesmo relato para a argentina *Colección Austral de Espasa Escalpe*, em obra que foi publicada sob o título *Jornada de Omagua y Dorado (Historias de Lope de Aguirre, sus crímenes y locuras)*. Em Barcelona se publicariam duas edições da *Relación* de Alместo: em 1952, em *Tres relaciones de viajes por el río de las amazonas*, com prólogo de Cesare Malfatti e em 1979, da coleção de *Libros de los Malos Tiempo*, dirigida por Ramón Alba. Todas estas edições, com exceção da realizada por Malfatti, mantêm a curiosa tradição de publicar com o nome de Francisco Vázquez a *Relación* de Pedrarias de Alместo, confundindo os dois documentos históricos. A partir de 1980 houve diversas publicações destes dois documentos, especialmente, o de Vázquez.

Vimos que a leitura que fazia a história positivista desses documentos buscava certa “objetividade” e que “a qualidade daquilo que estava escrito passava por uma nova noção de verdade: menos transcendental, mais científica” (REIS; FERNANDES, 2006, p. 37). Desta maneira, extraíam-os “do conjunto dos dados do passado, preferindo-o uns a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende de sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental [...]”. (LE GOFF, 1994, p. 547) As cartas de Lope de Aguirre, por seu caráter mais pessoal e menos descritivo, assim, podem ter sido percebidas com a mesma desconfiança de inverossimilhança e, sob a mesma acusação de parcialidade observada por Feliciano Ramírez de Arellano no relato que Pedrarias de Alместo construiu sobre a sua atuação na expedição, ter sido colocadas em um patamar inferior de importância. Afinal, “quanto mais se percebia que a subjetividade do documento cedia lugar à objetividade do relato”, mais aqueles textos “entravam para o rol de materiais confiáveis” (REIS; FERNANDES, 2006, p. 36).

Enquanto isto, e por esta razão, as *Relaciones da Jornada* (especialmente as de Alместo e Vázquez), assim como as crônicas coloniais¹⁰⁹, que traziam descrições mais adensadas dos acontecimentos e possuíam um tempo narrativo que não rompia com a esperada linearidade cronológica, pareciam ser um campo seguro aos estudiosos do século XIX, que postularam-nas à categoria de “privilegiadas” ao trabalho do historiador (REIS; FERNANDES, 2006, p. 37) e acabaram sendo entendidas não só como documentos, mas enquanto “monumentos históricos escritos” (LE GOFF, 1994). O historiador cientificista percebia aquelas fontes históricas como escritos inócuos, nas quais estava guardado um passado que poderia ser descartado a qualquer momento, independentemente de suas escolhas subjetivas (LE GOFF, 1994, p. 548); afinal, como afirmou Ramírez de Arellano nas *Advertencias Preliminares* da edição que publicou da *Relación* de Alместo, aquele texto sobre a *Jornada* foi “escrito con intención meramente histórica para conservar la memoria de aquellos sucesos, como tantas otras Relaciones de igual índole y género” (RAMÍREZ DE ARELLANO, 1881, p. XLV).

O fato é que essa postura acrítica perante as *Relaciones da Jornada de Omagua y Dorado* e o esquecimento das cartas de Lope de Aguirre criaram imagens e visões fixas a respeito dos acontecimentos e de seus personagens. A memória do evento foi construída desde o XVI pela historiografia e acabou se cristalizando no XIX com a publicação de

¹⁰⁹ É importante salientar que as crônicas religiosas também foram colocadas em uma escala inferior se compararmos com os cronistas oficiais, por exemplo, “que traziam à luz longas listas de informações ‘históricas’ e ‘antropológicas’” (REIS; FERNANDES, 2006, p. 36).

documentos, sempre sob o ponto de vista dos expedicionários-autores. E assim se perpetuou até boa parte do século XX, como veremos a seguir.

CAPÍTULO 3

A história da *Jornada* é reescrita

“O trabalho do historiador não é tentar descobrir qual forma narrativa é mais verdadeira e ‘resgatá-la’ do obscuro passado, mas sim, através de perguntas bem formuladas, perceber os limites de cada uma, suas escolhas, seus recortes e suas estruturas ocultas e perguntar-se o que podem nos revelar acerca do mundo em que foram produzidas. Talvez assim consigamos compor obras historiográficas nas quais as diferentes narrativas contribuam para formar parte das respostas buscadas – que nunca serão totais – e que nos possibilitem mostrar diferentes visões e interesses que estavam constituindo suas estruturas e, portanto, a própria realidade na qual foram produzidas.”

(Eduardo Natalino dos Santos. *A construção de uma nova memória mesoamericana*, 1998, p. 189)

“O historiador, então, debruça-se sobre o texto e acredita que o seu olhar possa ser uma espécie de antídoto contra as outras interpretações e leituras que já foram feitas. Ilusão: ele mesmo lança outra maldição, uma nova prisão e a cada nova leitura novas histórias fantásticas têm início. Verdade ou mentira, a realidade ou imaginação são questões difíceis de serem trabalhadas. Nem sempre é possível responder a essas perguntas. O acontecimento que o texto nos mostra pode ser falso, mas é verdade que ele o mostra. É aqui a morada da História e de onde ela tentará buscar algumas compreensões. Porque a conquista espanhola foi narrada valorizando apenas alguns personagens?”

(Marcus Vinícius de Moraes. *As conquistas das crônicas a partir das crônicas da conquista*, 2006, p. 82)

“La historia ha sido avara con Lope de Aguirre. La leyenda, generosa. A lo primero contribuyen varios factores: la escasez o la oscuridad de los datos anteriores a su llegada a América y, sobre todo, a su expedición a El Dorado; la necesidad de cubrir su figura con elementos siniestros [...]. Lo segundo está determinado por la cuota de historia y hechos legendarios que compensa la falla de memoria histórica de los hombres” (MATAMORRO, 1987, p. 3). Essas são as palavras iniciais de uma biografia sobre Lope de Aguirre, publicada em 1987 pelo escritor e jornalista argentino Blas Matamorro. Apesar da crítica apresentada

por Matamorro, que aponta para a necessidade de superar certas “certezas historiográficas” sobre o personagem, dificilmente Aguirre foi interpretado distante da “*leyenda*” construída em seu entorno. Como vimos nos capítulos anteriores, em diversas narrativas coloniais, desde o século XVI, ele acabou sendo o contraponto aos grandes conquistadores, um “exemplo a não ser seguido”, na maioria das vezes em uma perspectiva da escrita da história como “mestra da vida”. Tanto nos textos produzidos por seus companheiros de viagem, as chamadas *Relaciones* da *Jornada de Omagua y Dorado*, quanto nas diversas crônicas históricas sobre a Conquista que acabaram tendo a expedição como um de seus temas, Lope de Aguirre foi inscrito como um cruel tirano, um traidor por antonomásia e, até mesmo, comparável a um diabo personificado na Terra. Todos os atos cometidos pelo personagem e seu grupo insurgente no decorrer da *Jornada*, como o assassinato do comandante Pedro de Orsúa e de outros expedicionários, a renúncia à prestação de serviços e à lealdade à Coroa Espanhola e o intuito de conquistar o Peru retirando-o da esfera de poder dos representantes da monarquia hispânica em terras americanas, são creditados à suposta falta de caráter e de lucidez de Aguirre. Para o rei Filipe II, seus representantes e apoiadores, a rebeldia do conquistador não poderia ser repetida; suas ideias e ações não deveriam ser reproduzidas. Portanto, a “memória oficial” que se construiu sobre o personagem foi cristalizada através dos textos: ele ficou marcado como um homem absolutamente diferente dos outros que fizeram a Conquista. Enquanto tantos foram representados como *hidalgos* nobres e leais, estereótipo que geralmente foi estendido ao grupo de conquistadores espanhóis como se eles formassem um bloco homogêneo e monolítico, Aguirre foi o tirano-demoníaco-sanguinário. Sua “*leyenda*” estava consolidada.

Assim se seguiu até o século XX, quando o conquistador-rebelde continuou sendo tomado pela historiografia com o tratamento empregado pelos seus coetâneos e pelos historiadores da Conquista. No entanto, como veremos neste capítulo, nas primeiras décadas daquele século começou a haver uma tentativa de revisar a sua trajetória e a sua imagem. Iniciou-se, então, uma acirrada discussão acima da figura do personagem: ele era, de fato, um “louco assassino”, como descrevem as *Relaciones*, ou a sua personalidade deveria ser matizada a partir da leitura de suas Cartas? Emergia a representação de Aguirre como uma espécie de primeiro precursor da independência nas Américas. De um extremo a outro, o vilão tornava-se herói. Apesar de ocorrer, enfim, um desdobramento da imagem de Lope de Aguirre e uma tentativa de se repensar os estudos que se faziam sobre ele, o debate sobre este personagem

histórico – bastante passional – seguiu em torno de sua “*leyenda*”, de seu julgamento, de sua apreciação moral e psicológica.

É por essa razão que nos interessa compreender e avaliar a forma pela qual o próprio Lope de Aguirre se inscreveu na memória sobre a Jornada e a rebelião nela ocorrida. Se, majoritariamente, a historiografia se debruçou sobre as representações deste personagem descritas nas *Relaciones* em busca de uma explicação causal para a insurgência, nosso intento é analisar nas cartas escritas por Aguirre de que forma ele caracteriza suas ações e sua personalidade, como constrói a “sua verdade” sobre o evento. Enquanto a voz de Lope de Aguirre foi praticamente silenciada nos testemunhos dos expedicionários participantes da *Jornada* e nos escritos posteriores à ela, as três cartas redigidas pelo personagem e dirigidas ao rei da Espanha Filipe II, ao padre provincial Francisco Montesinos e ao governador da Venezuela Pablo Collado, vão demonstrar a singularidade de seu discurso, constituindo uma construção muito própria da realidade vivida durante a expedição. Ao escrever suas missivas sobre os acontecimentos da rebelião, Lope de Aguirre tinha, assim como fizeram os seus coevos, o intuito de se posicionar sobre os fatos ocorridos durante a *Jornada*. Certo é que não se pode negar – ou fingir não perceber – que ele tentou construir, também, a sua memória sobre a expedição e a rebelião experienciada por ele e seus companheiros. Tendo isso em vista, intentaremos identificar de que forma o personagem constituiu a sua identidade e produziu a sua memória: o que, para ele, era ser um conquistador? Quais foram os seus ideais de Conquista? Como a *Jornada* foi descrita por ele?

Em raras exceções¹¹⁰ se pensou Aguirre em seu contexto, distante das caricaturas construídas. No entanto, acreditamos que este seja um momento oportuno para reescrever a sua história. Por um lado, porque observamos a produção de constantes atualizações na historiografia que trata a Conquista da América – revisão cujo marco inicial é 1992, ano no qual se comemorou a passagem dos cinco séculos da chegada de Colombo ao continente e que estimulou um grande volume de debates e produções sobre o tema¹¹¹. Por outro, pela

¹¹⁰ Demetrio Ramos e Beatriz Pastor talvez sejam elas. “*Lope de Aguirre em Cartagena de Indias y su primer rebelión*” (1950) é um artigo no qual Demetrio Ramos investiga a participação de Aguirre em revoltas ocorridas na primeira metade do século XVI no Peru; já a lingüista e especialista em literatura comparada Beatriz Pastor investigou com bastante propriedade os escritos sobre Lope de Aguirre em livros como “*Discursos narrativos de la conquista*” (1988), “*El jardín y el peregrino*” (1995) e no artigo “*Lope de Aguirre el loco: la voz de la soledad*” (1988).

¹¹¹ Diz Edmundo O’Gorman na Apresentação de “A Invenção da América”, uma das bibliografias mais importantes lançadas nas comemorações do V Centenário do desembarque de Colombo à América: “[...] o evento proporciona aos americanos um exercício de memória, sendo esta uma oportunidade para revisões

renovação teórico-metodológica que vive a pesquisa em história de modo geral. Não podemos deixar de destacar, neste sentido, o importante papel que tiveram os intelectuais da micro-história italiana no esforço de introduzir novos direcionamentos aos estudos em nossa área. O que especialmente nos toca são algumas possibilidades por eles apontadas: a escolha pelas subjetividades e pelo sujeito e a possibilidade da redução da escala de análise para compreender questões maiores¹¹². Sob a influência dessas contribuições metodológicas, é possível contemplar as iniciativas dos atores sociais como partícipes dos processos históricos e, até mesmo, tomar o particular como ponto de partida e seguir o fio de um destino pessoal. Assim, embora os estudos biográficos surjam como campo privilegiado para testar este método, não está em questão, para nós, a construção de uma biografia, mas sim a observação das possíveis conexões que os estudos em pequena escala tendem a revelar. Neste novo campo de análise, que altera as compreensões das estruturas para as redes e das normas coletivas para as estratégias particulares, importa refletir sobre os usos criativos, as estratégias e as decisões possíveis em relação aos sistemas normativos e às condutas impostas (LEVI, 1992; REVEL, 1998).

Desta maneira, tendo em vista o amadurecimento que hoje atinge estas novas perspectivas da história – tanto no que se refere às discussões sobre a Conquista da América quanto às alçadas pelos teóricos da história contemporâneos –, encerraremos este capítulo pensando de que forma as renovações em nosso campo podem contribuir para os estudos sobre o personagem Lope de Aguirre. A falta de fontes históricas necessárias em nossas mãos nos impede de historiar sobre a trajetória de vida deste conquistador. Por esta razão, o que pretendemos neste momento é, através dele, entender um pouco mais sobre a complexa realidade dos conquistadores espanhóis que se aventuravam na América. Mais do que isto, intentamos compreender Aguirre distante das verdades “fechadas” pretendidas pelas narrativas sobre a Jornada, mas como um sujeito – passível de racionalidade e de escolhas – que apesar da excepcionalidade e da intensidade de suas ações e pensamentos, é absolutamente normal se inserido em seu contexto histórico.

críticas à maneira de configurar o passado colonial, às formas de colonização e à própria historiografia que ainda situa as origens históricas da América em 1492” (O’GORMAN, 1992, p. 9.)

¹¹² Talvez por não se considerar uma “disciplina”, uma “escola teórica” por não ter um “estatuto fechado” de suas proposições e por não constituir uma “técnica”, mas sim uma “opinião historiográfica ávida ao mesmo tempo de novidades e de certezas” (REVEL, 2000, p. 8), podemos tomar da micro-história algumas de suas principais ideias de história como possibilidades, e não de forma ortodoxa.

3.1. Louco ou libertador? Um debate historiográfico no início do século XX

Na primeira metade do século passado, uma querela em torno da *Jornada de Omagua y Dorado* e da figura de Lope de Aguirre foi iniciada e, dela, duas conflitantes correntes interpretativas sobre o evento e o personagem se formaram. A primeira, formulada nas obras “*La expedición de Ursúa al Dorado, la rebelión de Lope de Aguirre y el itinerario de los Marañoses, según los documentos del Archivo de Indias y varios documentos inéditos*” (1927) e “*Ciencia y osadía sobre Lope de Aguirre el Peregrino. Con documentos inéditos*” (1950), ambas do aragonês Emiliano Jos, se aproximava da imagem negativa inaugurada pelas *Relaciones* do século XVI e que, como vimos no capítulo anterior, foi refinada durante os séculos seguintes. Perseguindo os dizeres do autor-expedicionário Francisco Vázquez, quando este dedicava ao principal personagem da *Jornada* a alcunha de “*Aguirre el loco*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 168), Jos acreditava que a história de Lope de Aguirre era uma tarefa não somente de “*historiógrafos [...], era también labor de patología mental*” (JOS, 1950, p. 1). A segunda corrente foi empunhada pelo argentino Luis Germán Burmester em “*Lope de Aguirre y la Jornada de los Marañones*” (1941), para quem a rebelião contra a monarquia liderada por Aguirre durante a expedição era um precedente das independências latino-americanas ocorridas no século XIX. Sem medo algum de cometer anacronismo, o estudioso tomava o conquistador espanhol como um “*caudillo*”¹¹³ (BURMESTER, 1941, p. 71), transformando-o em “*heróe continental*” (BURMESTER, 1941, p. 157). Mas não eram só as posições sobre o caráter da *Jornada* e de Aguirre que estavam em pauta para Emiliano Jos e Burmester: os métodos empregados no uso das fontes históricas e o dever de imparcialidade do historiador

¹¹³ Apesar de o vocábulo “*caudillo*” já ser utilizado no século XVI, designando, segundo o *Tesoro de la lengua castellana o española*, o “*guiador de la hueste [...] que ha de cuidar de toda su gente*” (COVARRUBIAS, 1995, p. 146), acreditamos que o seu uso por Luís German Burmester objetiva pensar Aguirre como um caudilho do século XIX. Muito usado entre 1810 e 1870, o termo designava, também, qualquer tipo de líder preeminente, mas, agora, tratando-se especificamente de chefes militares que haviam ganhado destaque nas Guerras de Independência: “*Antes de 1840, a maioria dos homens que atualmente chamamos de caudilhos eram indivíduos que haviam realizado algum feito militar antes de iniciar suas carreiras políticas - soldados das lutas pela independência ou comandantes das milícias provinciais, como Juan Manuel de Rosas, que ganhou fama no combate aos índios. [...]*” (SAFFORD, 2004, p. 356). Os caudilhos do XIX, segundo a caracterização clássica da historiografia construída naquele século, eram homens carismáticos e corajosos que podiam “*levar outros a executar façanhas de valor porque ele próprio dava o exemplo de bravura e ousadia*” (SAFFORD, 2004, p. 356). Abordagens recentes, no entanto, tendem a explicar a liderança daqueles homens a partir de sua rede de relações e da dependência mútua entre o chefe e seu bando: nessas interpretações, “*o caudilho é visto comumente como um dispensador de benesses a seus seguidores, em recompensa por um serviço fiel*” (SAFFORD, 2004, p. 357).

também eram temas que moviam aqueles eruditos¹¹⁴ a realizar um embate público de suas ideias, acusando-se nominalmente. A investigação de um movia o estudo do outro: Jos e Burmester teceram narrativas inflamadas para defender seus pontos de vista e contradizer seu par. Para salientar o rigor com que trabalhavam, fizeram questão de demonstrar que eram incansáveis pesquisadores, inclusive concorrendo na quantidade – e na qualidade – dos documentos que anexaram às suas obras.

O debate teve início com a publicação do primeiro livro de Emiliano Jos que acabaria se tornando a principal obra de sua carreira de investigador. Era 1927 quando foi lançada na cidade de Huesca, Espanha, “*La expedición de Ursúa al Dorado y la rebelión de Lope de Aguirre...*”. Tratava-se da *tesis doctoral* daquele americanista que, fazia pouco tempo, havia concluído seus estudos na *Facultad de Letras y Derecho de Madrid*. Em sua obra, Jos se mostrava disposto a construir de maneira desapaixonada o evento que classificava como “*lo más extraordinario y maravilloso en la historia del descubrimiento de América durante esta época de prodigios*” (JOS, 1927, p. 3) e, para isso, afirmava que, em sua feitura, estaria “*desligado de toda parcialidad*” e que suas afirmações seriam “*basadas en las relaciones y documentos de la época*” (JOS, 1927, p. 6). O exaustivo levantamento documental que realizou em bibliotecas, museus arquivos espanhóis, britânicos e franceses¹¹⁵ era motivo de grande orgulho àquele escritor. Além de utilizar as *Relaciones* da *Jornada* que até princípios do século XX já haviam sido editadas – as de Pedro de Monguía, de Gonzalo de Zuñiga, de Francisco Vázquez e de Pedrarias de Alместo –, Emiliano Jos manuseou e transcreveu outras fontes históricas, inclusive manuscritos de expedicionários-autores que ainda eram desconhecidos aos pesquisadores. Assim, através de “*La expedición de Ursúa al Dorado*” saíram do anonimato dos acervos e pela primeira vez vinham à público a *Relación* de Custodio Hernandez e a Anônima, a *Carta-Relación* de Juan Vargas de Zapata, e documentos administrativos como a “*Sentencia de Bernaldez contra a memória y fama de Aguirre*” e a “*Cédula de Felipe II al Nuevo Reino sobre castigos de los marañones*”. Além disso, as três cartas destinadas por Lope de Aguirre ao Padre Montesinos, ao rei Filipe II e ao governador Collado, eram, pela primeira vez, publicadas integralmente.

¹¹⁴ Chamo eruditos a Jos e a Burmester, pois ambos eram historiadores autodidatas, que não tinham formação específica no ofício ou não estavam ligados a algum grupo ou instituição de pesquisa. Eram uma espécie de “historiadores de domingo”, como gostava de se alcunhar Philippe Àries (BURKE, 1992, p. 16).

¹¹⁵ “*Archivos parroquial y municipal de Oñate, patria de Lope, Archivo de Indias, Archivo Histórico Nacional, Academia de la Historia, Bibliotecas Nacionales de Madrid y de Paris, British Museum de Londres [...]*” (JOS, 1927, p. X)

Para uma historiografia dos moldes daquela produzida por Emiliano Jos (e também Luis Germán Burmester, como veremos adiante), a história deveria ser objetiva, tendo os produtores a tarefa de apresentar aos seus leitores os acontecimentos tal como eles foram, isentando-se de “tendências viciosas” (BURKE, 1992, p. 15). Foi para reivindicar esta objetividade que Jos mergulhou na pesquisa arquivística e se cercou de tantos documentos, mas não fez questão de problematizá-los. Os testemunhos dos expedicionários da *Jornada* foram apreendidos pelo autor como documentos incontestáveis e em nenhum momento ele chegou a realizar uma apreciação crítica daquelas fontes. Após aceitá-los como válidos para o seu trabalho, já que eram “*testigos presenciales*” com “*elementos del más subido valor*” (JOS, 1927, p. 7), Emiliano Jos construiu a sua narrativa historiográfica simplesmente assentindo com as versões expostas naqueles textos¹¹⁶, como se, a partir deles pudesse extrair a verdadeira história da expedição, pronta e acabada, reconstituindo-a da maneira como ela havia transcorrido. Assim, sem perceber os limites das *Relaciones*, seu discurso era afinado com aquele que provinha delas – especialmente a de Custodio Hernández e a de Francisco Vázquez, que, entre todas, considerava “*las más valiosas, las más detalladas, acaso las más verídicas*” (JOS, 1927, p. 24). Ao fetichizar¹¹⁷ a extensa série de documentos primários dos quais dispunha, Jos, em sua obra, manteve Lope de Aguirre no rol dos vilões da Conquista onde esteve desde o século XVI. Mas, como escreveu Paul Ricoeur, “a história quer ser objetiva e não pode sê-lo” (RICOEUR apud LE GOFF, 1990, p. 21). Desta maneira, por

¹¹⁶ Um exemplo disto é quando Jos relata a controvérsia criada nas *Relaciones* a respeito da presença das assinaturas de muitos participantes da *Jornada*, inclusive de expedicionários-autores como Pedro de Monguía, Gonzalo de Zuñiga e Pedrarias de Alместo, na ata que proclamava o conquistador Fernando de Guzmán como Príncipe do Peru. Como já havíamos dito no primeiro capítulo, muitos expedicionários afirmaram que os expedicionários firmaram a ata por temor que se não o fizessem, Lope de Aguirre os mataria. Custodio Hernández, ademais, afirma em sua *Relación* que o líder da rebelião teria obrigado os seus companheiros de *Jornada* a assinar um papel em branco, incluindo nele, depois, os seus dizeres de desobediência à monarquia espanhola. Emiliano Jos reafirma com convicção estas versões dos autores da *Relaciones*, dizendo que esse teria sido um artifício utilizado por Aguirre para comprometer o grupo expedicionário na rebelião e responsabilizar a todos pelos crimes de lesa-majestade. Assegura Jos: “*Era sumamente difícil que algunos centenares de hombres manifestasen la unanimidad expresada en el documento para un acto de tal transcendencia, y que estampasen tantos sus firmas en un escrito que implicaba tremenda responsabilidad. [...] Nótese la complicada malicia del traidor: llegado el documento a la Justicia y procediendo ésta contra cualquiera de los firmantes, el acusado no podía negar su firma, que allí aparecía de su puño y letra, ni podía demostrar no haber sido traidor al Rey [...]*” (JOS, 1927, p. 5). Baseado no que relatavam as *Relaciones*, o investigador espanhol classificou aquele documento, pretensamente forjado por Aguirre, como inautêntico. A certeza na veracidade dos testemunhos dos expedicionários, portanto, fazia com que Jos chegasse a descartar o uso de uma fonte que poderia ter adensado a sua pesquisa historiográfica.

¹¹⁷ O “fetiche” da fonte histórica primária, comum aos historiadores tradicionais do século XIX e início do XX, “corresponde a uma visão de que o documento seria uma lente transparente capaz de magnificar o passado real e torná-lo, novamente, visível aos olhos de seus contemporâneos. A base dessa crença talvez esteja alicerçada em outro equívoco, a da autonomia documental, de que o documento ‘falaria por si’ ou que ao historiador caberia um silêncio respeitoso diante de suas fontes inquestionáveis” (KARNAL; TASHT, 2009, p. 22).

sabermos que este ideal é um tanto irrealista ao trabalho do historiador, não foi difícil observar que Emiliano Jos não conseguiu alcançar a sua pretensa imparcialidade e, em meio à descrição que fazia dos acontecimentos, incomodava-se com a insurgência que encontrava nas *Relaciones*. Ajuizando que Lope de Aguirre possuía uma demência indiscutível, escrevia:

Mucho malo se podría decir de Aguirre, pero es inútil ensañarse con él, pues era un loco. ¿Qué otro nombre se puede dar a quien contesta con una estocada al que le da un buen consejo, a quien manifestó conforme con sus ideas, a quien en términos patéticos prometió por su propia vida respetarlas todas y casi seguidamente quiere matar a veinte o treinta? Loco indudable, loco rematado [...]. (JOS, 1927, p. 5)

As cartas escritas por Lope de Aguirre também chegaram a ser utilizadas na escrita da história realizada pelo investigador aragonês, mas sua leitura foi orientada por um particular juízo. Alguns trechos delas serviram apenas para que Jos ilustrasse passagens de sua narrativa e para que comprovasse a sua tese de que as atitudes de Aguirre se tratavam de um caso patológico. Sobre o epistolário daquele conquistador, afirmava que “[...] *la arrogancia loca que en ellas se observan no eran las únicas características de Lope de Aguirre*”, para depois acrescentar uma série de adjetivos, consonantes com aqueles que apareciam nas descrições dos coetâneos da *Jornada*: “*Era éste también el felino astuto y carnicero que celadamente hace sus presas, era un redomado traidor [...]*” (JOS, 1927, p. 4).

A crítica ao trabalho de Emiliano Jos viria quatorze anos depois com a publicação, em Buenos Aires, de “*Lope de Aguirre y la Jornada de los Marañones*”, do investigador argentino Luis Germán Burmester. Em sua obra, Burmester reprovou a conduta investigativa de Jos, por ele ter se guiado exclusivamente pelas *Relaciones* e por ter aceitado, sem questionamentos, aquilo que estava descrito nelas. Sem utilizar-se de quaisquer sutilezas, o argentino acusou o seu colega espanhol de não ter “*escrito la verdadera historia de Aguirre*” (BURMESTER, 1941, p. 13), por ter se solidarizando com os expedicionários-autores para “*dar mayores contornos de crueldad a la tétrica figura que de Lope de Aguirre pretende presentarnos*”¹¹⁸ (BURMESTER, 1941, p. 56) e por não ter se preocupado “*para nada de analizar el repositorio documental*

¹¹⁸ “*Quien ha leído ‘La expedición de Orsúa al Dorado...’ constatará el sistemático ataque que el señor Jos hace a Aguirre, para cuya tétrica presentación no titubea en hacer valer los pasajes de las Relaciones que se acomodan a sus propósitos y así, desecha a Vázquez cuando cree que algo de lo que éste manifiesta puede favorecer a su atacado; [...] tomando de cada Relación lo que más desprestigia Aguirre, es como redacta el historial de esta Jornada, donde evidentemente sólo lo guía el propósito de [...] presentar a Lope de Aguirre no sólo como a un loco, sino como a lo peor que puede concebirse*” (BURMESTER, 1941, p. 101).

emanado del propio Lope de Aguirre y que es el testimonio más fiel de todos los acontecimientos” (BURMESTER, 1941, p. 10). Ironizando Emiliano Jos com interjeições - “¡Oh imparcialidad de la Historia!” (BURMESTER, 1941, p. 56) -, condenou-o por ter carregado a sua narrativa historiográfica de “*prejuicios españoles ancestrales*” (BURMESTER, 1941, p. 9).

No entanto, em seu estudo, Luis Germán Burmester incorreu em outro extremo. Em nome de reconstruir a totalidade da realidade da expedição em seu texto, o que também pretendia Jos anteriormente, invalidou o uso dos testemunhos presenciais da Jornada – excetuando as epístolas de Aguirre – por considerá-los falsos e inexatos: “*Hemos adelantado que tales Relaciones debían tomarse con precaución; ahora afirmamos que es necesario negarles autenticidad y de toda esa confusión de datos erróneos e inexactos, tratar de reconstruir los hechos tal como ocurrieron*” (BURMESTER, 1941, p. 68). Burmester prescindiu de grande parte das informações¹¹⁹ e das caracterizações de Lope de Aguirre constantes nas *Relaciones* da Jornada, por avaliar que os autores daqueles escritos caluniavam e falseavam a verdade¹²⁰ ao atribuir a culpa da insurgência e das mortes acontecidas na expedição somente a um de seus componentes. Ao mesmo tempo, apostou as suas fichas no documento através do qual os expedicionários proclamavam D. Fernando de Guzmán como o Príncipe a quem serviriam em detrimento das autoridades espanholas – fonte histórica que, como vimos, Emiliano Jos havia desconsiderado em seu estudo por julgar ter sido forjada – e na carta escrita por Aguirre ao rei Filipe II, textos que publicou anexados à sua obra¹²¹. Essas escolhas tinham um propósito. Luis Germán Burmester, contrariando em absoluto o que Jos havia narrado, pretendia reivindicar a Aguirre a imagem de um herói, o primeiro libertador da América. Não importava o quão ininteligível se torna o passado quando projetado de forma anacrônica. Para o autor, aquele conquistador espanhol, um sujeito do século XVI, havia se adiantado aos movimentos independentistas vividos na América Hispânica moderna: Lope de Aguirre dera

119 Encontramos, aqui, uma contradição de Burmester: apesar de ter negado a autenticidade daquela documentação, o autor admitiu utilizar em alguns momentos de sua narrativa “*lo bueno y exacto de cada autor*” (BURMESTER, 1941, p. 88).

120 O autor de “*Lope de Aguirre y la Jornada de los Marañones*” chegou a classificar a *Relación* de Francisco Vázquez de “*seminovelasca*”, por nela conter “*invenciones y fantasías*” (BURMESTER, 1941, p. 55).

121 Burmester publicou em seu livro a íntegra da “*Acta de exaltación de don Fernando de Guzmán a Príncipe del Perú, Tierra firme y Chile*”, intitulando-o como “*Documento que entraña la jura de independencia de America*”. Além disto, reproduziu as cartas de Aguirre ao rei Filipe II, ao governador Pablo Collado e ao provincial frei Francisco de Montesinos, a “*Sentencia de Bernaldez contra a memória y fama de Aguirre*” e a “*Cédula de Felipe II al Nuevo Reino sobre castigos de los marañones*”, documentos que Emiliano Jos já havia publicado em 1927.

início à sua rebelião, segundo Burmester, para “*emancipar estos territorios del patrimonio castellano*” e “*dar vida a las Naciones del Nuevo Continente*” (BURMESTER, 1941, p. 58).

Era a primeira vez que a representação de Lope de Aguirre era afastada daquela que foi construída pela historiografia colonial (e que continuou sendo sustentada, ainda no século XX, por escritos como o de Jos); agora, a contestação à monarquia espanhola protagonizada por aquele rebelde não eram mais condenadas, mas exaltadas. Esta reavaliação da história americana que, aos poucos, desconstruía as versões oficiais produzidas durante o período da colonização, faz parte da formatação das identidades nacionais que então se consolidavam (PASTOR, 1993, p. 113). O anticolonialismo dava o tom desta nova produção e a história da *Jornada* de Lope de Aguirre, ilustrada naquela que seria a “primeira ata de independência na América” e nos escritos do rebelde, era recuperada como parte deste projeto de rechaço às ideologias coloniais.

Assim, se para o hispânico Emiliano Jos os crimes de Aguirre não tinham justificação e eram motivados somente por sua loucura, para o latino-americano Germán Burmester a manutenção da “causa independentista” do personagem, ameaçada durante toda a *Jornada* pelos expedicionários e colonos contrários à insurgência, era um argumento legítimo para explicar os assassinatos cometidos por ele e seu grupo rebelde. Na lógica do estudioso argentino, “*una debilidad de su carácter podía hacer peligrar y hasta fracasar esa magnífica empresa que iniciara*” e Aguirre “*OBLIGATORIAMENTE debió proceder como procedió*” (BURMESTER, 1941, p. 93), já que, diante da contrariedade de alguns de “*seguir adelante con sus magníficos planes*”, ele “*no tenía NECESARIAMENTE más remedio*” (BURMESTER, 1941, p. 96) que não se utilizar da violência. Luís Germán Burmester defendeu arduamente Lope de Aguirre e, apesar de ter afirmado que seria “*absolutamente imparcial*” (BURMESTER, 1941, p. 88) em sua investigação, encerrou a sua narrativa com uma dedicatória emocionada, na qual prestava homenagem e reverências ao conquistador:

Lope de Aguirre, héroe continental y precursor de la independencia de América, recibe este libro como humilde homenaje, el primero que se te ha tributado recién al cumplirse el 380 aniversario de tu muerte, y sobre la fría losa de esa tumba que nunca tuviste, con unción religiosa te decimos: LOPE DE AGUIRRE, ¡¡DESCANSA EN PAZ!! (BURMESTER, 1941, p. 157)

Emiliano Jos, ao deparar-se com a interpretação da *Jornada* de Aguirre realizada por Burmester, produziu a réplica do debate, em obra de 1950 que denominou “*Ciencia y osadía sobre Lope de Aguirre, el Peregrino*”. O título, por si só, esclarece muito sobre o tom empregado pelo aragonês na apreciação que realizou de “*Lope de Aguirre y la Jornada de los Marañones*”: a ciência histórica sobre aquele objeto de pesquisa era ele quem havia produzido e ainda produzia, restando à Luis Germán Burmester tão somente a ousadia e a audácia de tentar “*envolverse en el manto de Clio*” (JOS, 1950, p. 52). Para deixar clara a distinção entre os dois, Jos fez duras críticas ao trabalho de Burmester, afirmando que a deusa da história rechaçaria aquela obra, “*salvo minúsculas migajas*” (JOS, 1950, p. 52). Acusou-o, então, de não acrescentar nada de útil ao campo historiográfico, de plagiar obras alheias, de proferir falsas afirmações para manchar a honra profissional de seus pares e, sobretudo, pela ausência de imparcialidade na produção de seu escrito. Incomodava à Emiliano Jos o conteúdo apologista do estudo argentino: “*lo nuevo e inteligente sería, según parece desprender del aguirrista Burmester, haber hecho no una historia de la expedición de Ursúa y rebelión de Aguirre, sino un panegírico de éste y de su carrera de desafueros*” (JOS, 1950, p. 63).

Para situar-se no campo da ciência histórica e afastar-se daquele que classificou como o da ousadia, e até da picardia (JOS, 1951, p. 52), Jos insistia em demonstrar a superioridade de sua própria atuação arquivística, argumentando que Burmester não havia utilizado e nem descoberto nenhum documento novo – “*Ni uno solo agrega Burmester, mientras que nuestro libro se ilustra con los informes de cuatro crónicas inéditas e inusitadas. ¿Habrà recorrido más bibliotecas y consultado más libros que nosotros? No lo demuestra*” (JOS, 1950, p. 31) –, enquanto ele, novamente, editava mais uma série de documentos ainda não publicados sobre a *Jornada*¹²². Além disso, Emiliano Jos vinculou a sua investigação a novos trabalhos que haviam sido realizados no ínterim entre sua primeira obra e aquela que então produzia; trabalhos estes que corroboravam a representação, construída por ele em 1927, de Lope de Aguirre como um homem louco.

O principal deles se intitulava “*Lope de Aguirre, el rebelde. Estudio histórico-psicológico*” e foi escrito por dois estudiosos peruanos, Juan B. Lastres e C. Alberto Seguin. Indo ao encontro da opinião de Jos, que considerava o caso de Aguirre francamente

¹²² Em “*Ciencia y Osadía sobre Lope de Aguirre*”, Emiliano Jos publicou diversas cartas dos *oidores* e outras autoridades da Audiência de Santo Domingo endereçadas a Filipe II, nas quais eles relatavam ao rei as medidas que tomavam em relação à rebelião de Lope de Aguirre, além de um pequeno trecho de um romance do século XVI chamado “*El Marañón*”, de Diego de Aguilar y Cordoba, que narrava a *Jornada de Omagua y Dorado*.

patológico, Lastres e Seguin desenvolveram um diagnóstico do personagem a partir do epistolário deixado por ele, pretendendo tomar a psicologia e a psiquiatria como “*ciencias auxiliares de la historia*” (LASTRES; SEGUIN, 1942, p. 114). Surgidos na primeira década do século XX, especialmente nos Estados Unidos¹²³, os “psico-historiadores”, como os intitulou Peter Burke, tentavam “incorporar os *insights* de Freud à prática histórica” (BURKE, 1992, p. 32), objetivando melhor compreender as ações daqueles personagens que tomavam como objetos de estudo. Desde a construção das bases do que seria considerada a Escola dos Annales, a partir de 1929, uma das marcas da história foi o diálogo com outras áreas do conhecimento humano, o que permitiu que a disciplina absorvesse novos conceitos teóricos-metodológicos e se aproximasse de outros campos de estudos. No entanto, em alguns casos, essa aproximação redundou em uma perda da especificidade da história em benefício das disciplinas com as quais, em princípio, deveria apenas dialogar. Foi o que ocorreu em “*Lope de Aguirre, el rebelde*”. Ao estudar o personagem, pouca atenção se deu aos aspectos sociais e culturais de sua vivência de fato e a explicação para a sua rebeldia ficou circunscrita apenas aos seus supostos traços psicológicos.

Assim, mesmo sem ter tido acesso a qualquer documentação que tratasse dos antecedentes de Lope de Aguirre na Espanha, Lastres e Seguin conjecturaram que ele não era o primogênito de sua família e que essa seria uma das causas para o seu comportamento rebelde. Segundo os autores, “*en aquella época más que nunca el papel del segundón predisponía a la protesta, la rebelión o el resentimiento*”, já que era o *mayorazgo* que recebia os títulos e as posses familiares (LASTRES; SEGUIN, 1942, pp. 80-81). Outra causa que, para os peruanos, poderia ter causado em Aguirre algum tipo de ressentimento e, conseqüentemente, tê-lo estimulado a insurgir-se, seriam as suas características físicas. Ele, que seria um mal tipo segundo as descrições de seus contemporâneos, ao deparar-se com figuras de aparência mais aprazível, como a que se atribuiu ao governador Pedro de Orsúa, poderia ter tido o seu orgulho ferido: “*los hombres feos se sienten heridos por los agraciados; es como si frente a éstos se hiciera más patente su fealdad, como si la belleza de los otros fuera un insulto a su propia ruindad estética*” (LASTRES; SEGUIN, 1942, p. 83). Por fim, a partir das cartas de Aguirre, Lastres e Seguin concluíram que seus sentimentos eram confusos e imprecisos e que, portanto, sua personalidade era a de um homem “*astuto e intrigante hasta la falsedad, impulsivo y cruel*”

¹²³ Nos Estados Unidos, a psicanálise penetrou na cultura mais profundamente do que em qualquer outra parte: o psicanalista Erik Erikson, que estudou os problemas de identidade do “Jovem Lutero” e o historiador Peter Gay causaram sensação nos anos 50 ao exaltar e praticar a psico-história (BURKE, 1992, p. 32)

hasta lo feroz, rebelde, irónico y angustiado” (LASTRES; SEGUIN, 1942, p. 98). O diagnóstico final sentenciava que Lope de Aguirre nada mais poderia ser além de

un psicópata, una personalidad anormal, que, al rozarse con la realidad, al enfrentar la vida, no es capaz de adaptarse normalmente a ella y reacciona con actitudes que no pueden considerarse normales desde el punto de vista del equilibrio psíquico y social. (LASTRES; SEGUIN, 1942, p. 106)

Pensar Lope de Aguirre a partir dos pressupostos psicológicos modernos, significa presumir que “as pessoas no passado pensavam e sentiam exatamente da mesma forma que nós” e assumir o “perigo de se chegar a outro extremo e de ‘desfamiliarizar’ tão completamente o passado, que ele venha a se tornar quase ininteligível” (BURKE, 1992, p. 34). Aguirre estava, nos estudos de Lastres e Seguin, absolutamente distanciado de sua realidade: suas atitudes, de fato, não eram normais no período e no ambiente vivido por ele? O comportamento de um sujeito histórico do século XVI poderia ser restringido por estudiosos a distúrbios de personalidade provocados por complexos de inferioridade? Fazê-lo não seria, como definiu Julio Caro Baroja, “aburguesar” a sua situação histórica (CARO BAROJA, 1968, p. 70) e, além disto, retirá-lo do contexto que o envolvia? Para Emiliano Jos nada disso importava: ele se sentia contemplado com a avaliação feita pelos estudiosos peruanos. Era como se aquele trabalho, realizado “*con dignidad profesional*” (JOS, 1950, p. 51) agregasse mais cientificidade à sua teoria sobre “*la terrible furia del anormal Aguirre*”¹²⁴ (JOS, 1950, p. 51). O investigador espanhol dava, então, o debate com Luís German Burmester por encerrado, deixando subentendida a sua certeza de que aquela que ele ajudara a construir era a versão definitiva da história de Lope de Aguirre, sem se dar conta de que “novas explicações de um dado fenômeno histórico são sempre possíveis, uma vez que todos os enunciados científicos estão abertos à refutação [...], e são, portanto, em certo sentido provisórios” (GINZBURG, 2005).

Novas obras historiográficas, literárias e filmográficas sobre a *Jornada* seguiram surgindo século XX adentro após terminada a querela entre aqueles dois investigadores,

¹²⁴ Outro investigador que louvou a iniciativa de Lastres e Seguin de, “*con una clara y elocuente profundidad*” (GANDÍA, 1945, p. 10), estudar o comportamento de Lope de Aguirre a partir da psicologia foi o argentino Enrique de Gandía. No prólogo da edição que preparou para a *Relación* de Francisco Vázquez lançada em 1945 (que, na verdade, era o texto de Pedrarias de Alместo sendo publicado sob a autoria daquele expedicionário), Gandía ressaltava que a loucura de Lope de Aguirre invalidava as suas idéias políticas “*por más nobles que hayan sido sus propósitos*” (GANDÍA, 1945, p. 10).

embora retomando ora a corrente interpretativa que enxergava em Aguirre um vilão perturbado, ora a que o reivindicava como um herói caudilhesco¹²⁵. No entanto, pensamos que as alternativas de análise sinalizadas tanto por Jos quanto por Burmester são demasiado simplificadoras, ao exprimir as explicações para os acontecimentos vivenciados na *Jornada* somente em torno do comportamento de Lope de Aguirre e da dualidade da caracterização (e da adjetivação) daquele personagem. Concordamos com uma afirmativa de Jacques Le Goff, inferindo sobre as biografias positivistas, na qual ele diz que aquela historiografia construía as trajetórias de vida de maneira “superficial, anedótica, cronológica, sacrificada a uma psicologia ultrapassada e incapaz de mostrar a significação histórica geral de uma vida individual” (LE GOFF *apud* LORIGA, 1998, p. 226). A escrita da história da *Jornada* de Lope de Aguirre produzida na primeira metade do século passado não fugiu da superficialidade, do anedotismo, de perspectivas psicologizantes e individualizantes, e foi incapaz de abandonar esquemas prontos e de complexificar aquele evento e aquele personagem. Psicologizado, o fato foi devidamente limitado à esfera individual através de um discurso tido como “moderno”.

A metodologia empregada no trato com as fontes históricas em cada um dos casos, de Jos e de Burmester, foi, em grande parte, responsável pela limitação de seus trabalhos. Ao inferir que as *Relaciones* dos expedicionários-autores eram autênticas em contraposição à falsidade da documentação produzida pelo grupo insurgente ou o contrário, os estudiosos orientaram a sua análise para chegar à conclusão que desejavam, que era justamente “vilanizar” ou heroizar Lope de Aguirre. Assim, a partir do ingênuo argumento positivista de que certas fontes históricas são inquestionáveis e objetivas, simplesmente utilizavam um ou outro grupo de documentos como se eles registrassem a verdade suprema dos acontecimentos, sem considerar as subjetividades de cada escrito. Ora, se nas *Relaciones*, a

¹²⁵ “*Peregrino de la Ira*” (1967), de José Acosta Montoro Acosta e “*Crimen y locura del traidor Lope de Aguirre*” (1986), de José Sanchis Sinisterra, fazem coro à primeira corrente, que se relaciona com as versões oficiais da época da expedição. Nestes textos, Aguirre é representado como um homem terrível, sanguinário e cruel. Além das citadas obras literárias, também faz parte desta corrente o filme “*Aguirre, a cólera de Deus (Aguirre, der Zorn Gottes)*” (1973), do diretor alemão Werner Herzog, no qual o ator Klaus Kinski interpreta um personagem transtornado. Na segunda corrente de obras ficcionais Aguirre é construído como um homem admirável, glorioso e, até mesmo, predecessor da independência latino-americana. Agora a representação tão negativa que se fazia do rebelde é eliminada ou atenuada. Segundo Neira, Fierro e Viveros, “*las novelas que describen a este Lope menos nítido moralmente representan sobre todo el triunfo de la imaginación novelesca y dramática sobre el maniqueísmo de las crónicas demonizadoras del rebelde obstinado Lope de Aguirre*” (NEIRA; FIERRO; VIVEROS, 2008). “*Aventura equinoccial de Lope de Aguirre*” (1964), de Ramón J. Sender e “*Lope de Aguirre, príncipe de la libertad*” (1979), de Miguel Otero Silva, são as principais literaturas que transformam Aguirre em herói. Na última, o autor compara o personagem da *Jornada* a Simon Bolívar, traçando um paralelo, como fez Burmester, entre o conquistador rebelde e os movimentos de libertação nacional na América.

escrita, a partir de diversas sutilezas, servia como auto-justificação para afastar-se do grupo rebelde, conforme vimos no primeiro capítulo desta dissertação, nos textos redigidos por Aguirre a produção era motivada, como observaremos adiante, para afirmar sua desobediência ao rei Filipe II, apoiada em uma elaboração bastante singular de si e de seus companheiros de *Jornada*. Aqui, no entanto, há que se fazer uma ressalva: enfim as cartas do conquistador começavam a ser utilizadas e dotadas de algum significado, já haviam sido seguidamente desconsideradas na construção das narrativas historiográficas sobre a *Jornada* desde os primeiros escritos produzidos sobre ela. A voz do rebelde, antes silenciada da história que o tinha como protagonista, começava a ser ouvida.

3.2. *Yo, rebelde hasta la muerte: Aguirre, sujeito se sua própria história*

Como já afirmamos em outras oportunidades, durante um longo período as epístolas de Lope de Aguirre foram ignoradas por aqueles que escreveram a história da *Jornada*. Diante da necessidade de estabelecer qual memória deveria ser preservada pela história, elas foram relegadas a um segundo plano e as *Relaciones*, que condenavam a desobediência de Lope de Aguirre e do grupo insurgente foram privilegiadas. Aguirre era emudecido, enquanto argumentavam aqueles que esvaziavam de sentido a sua rebelião e as suas ações, fazendo-o parecer um mero desvairado inserido em uma sociedade coerente e normatizada. Cristalizava-se, então, uma historiografia (e uma memória, conseqüentemente) consoante com o pensamento da monarquia espanhola sobre homens como ele: eram uma exceção no processo histórico no qual estavam envolvidos. Diante do grupo de conquistadores espanhóis em geral, os rebeldes da *Jornada*, personalizados em Lope de Aguirre, eram representados como aqueles que fugiam do padrão de conduta esperado e que, portanto, deveriam ser punidos e, inclusive, maculados através da escrita da história da Conquista Espanhola para que seus exemplos não fossem esquecidos e para que sua experiência não fosse repetida.

O historiador Leandro Karnal nos lembra que “o discurso não é apenas o conteúdo ostensivo, aquilo que é dito, mas também o suposto, tudo aquilo o que se deixa por dizer” (KARNAL, 1998, p. 87). O que se deixou por dizer, pelo menos durante todo o período colonial, foi justamente a versão de Aguirre sobre a *Jornada*. Afinal, a maneira como ele justificou as suas ações acabava trazendo à tona os desagradáveis componentes da situação dos

conquistadores na América, um reclame que há tempos incomodava a Coroa hispânica: na história oficial, não havia lugar para a crítica, o erro ou o fracasso. Podemos dizer, assim, que existem duas memórias sobre a *Jornada*: uma que, já vimos, reivindica o discurso oficial, o do monarca; a outra é a do grupo rebelde, registrada pela pena de Lope de Aguirre. O que uma faz questão de olvidar, a outra rememora. Segundo Roger Chartier, por meio da escrita, em seus vários suportes, são fixados os “traços do passado, a lembrança dos mortos, ou a glória dos vivos” (CHARTIER, 2007, p. 9). Eficaz contra o esquecimento, o ato de escrever transcende a vida. Aguirre produziu as suas epístolas, ainda no transcurso da expedição, para que suas posições sobre os fatos ocorridos durante a *Jornada* fossem fixadas, consideradas e não fossem esquecidas depois de sua morte que, sabia, era iminente, já que ele e seus companheiros estavam “*determinados a morir*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 198) naquela expedição em nome da insurgência que iniciaram. Aguirre, através de suas narrativas, recorreu à mesma estratégia que fez de outros conquistadores homens tão reconhecidos pela historiografia daquele e de outros períodos. A escrita serviu tanto ao rebelde quanto a outros tantos conquistadores – como Cortés ou Colombo (e mesmo os expedicionários-autores da *Jornada*) – para tentar reivindicar a sua versão como a verdade da história vivenciada, em um mundo em que a legitimidade das versões eram extremamente disputadas.

Assim, mais do que ser lembrado pela posteridade, Aguirre queria muito ser ouvido pelos seus superiores. De acordo com Walter Mignolo, a carta, como tipo discursivo, teve fundamental importância para os conquistadores espanhóis que se estabeleceram na América, já que foi a forma encontrada por eles para prestar contas de seus feitos à Coroa, ou seja, foi “*la manera más práctica de cumplir con una obligación, y por lo tanto, el medio más adecuado para hacerlo*” (MIGNOLO, 1992, p. 69). No entanto, diferentes das *cartas relatorias* ou das *relaciones*, as epístolas não pretendiam ser documentos legais que relatavam à Coroa e aos seus representantes descobrimentos ou conquistas, mas sim “*comunicaciones (informes, solicitudes) que reemplazan la inevitable falta de copresencia entre el destinador y el destinatario*” (MIGNOLO, 1992, p. 59). Sobre isso, Fernando Bouza nos lembra que as correspondências, além de serem uma espécie de “substitutos da voz”, pois podem falar ao destinatário mesmo na sua ausência (BOUZA, 2001, p. 140), são o gênero “*más consciente de su propia recepción y, aun en el caso de que lo individual de su autoría sea innegable, en la escritura de una carta siempre parece tenerse en cuenta quién habrá de leerla*” (BOUZA,

2001, p. 137). Elas cumpriam, portanto, com aquilo que Aguirre pretendia: comunicar-se, de maneira prática, em deslocamento e distante dos centros de poder, com os seus destinatários que, por razões óbvias, estavam ausentes dos acontecimentos da *Jornada*. Eram eles o monarca espanhol Filipe II, o Padre Provincial Francisco de Montesinos¹²⁶ e o governador da Venezuela Pablo Collado. As cartas de Lope de Aguirre¹²⁷ enviadas àquelas autoridades reais eram espontâneas, escritas sob forte motivação pessoal, uma vez que elas não foram solicitadas por governantes. Parece que o conquistador sentiu a necessidade de expressar, de maneira radical – assim como foi também a sua atuação –, a sua condição de rebelde e as ideias que moviam o seu grupo à insubordinação. Seu objetivo não era, como depois pretenderam alguns sobreviventes da *Jornada* nas *Relaciones*, ser desculpado pelos crimes cometidos na expedição e fugir da condenação reservada aos traidores da Coroa. Como veremos, a partir da afirmação do “yo” como “rebelde hasta la muerte” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 200) ante o poder, Aguirre acabou não só forjando uma representação de si e da *Jornada* distante daquela que seus coetâneos haviam construído, mas iluminando as contradições internas da sociedade colonial da qual fazia parte. Escrevendo sobre a sua atuação, Aguirre se inscreveu como sujeito de sua própria história, assumindo “uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo” no qual se movimentou (MALATIAN, 2009, p. 195).

A análise das epístolas pessoais de Lope de Aguirre acaba, assim, por não revelá-lo como um “tirano”, um “herege” ou um “louco”, como pretendiam a maioria dos autores que escreveram sobre a *Jornada*, tampouco como um engenhoso e articulado independentista, como quiseram outros tantos. Esta documentação permitirá que finalmente nos encontremos mais próximos de suas posições e percepções, tornando-nos capazes de compreender mais adequadamente o contexto que gerou os seus atos. Elas desvelam um rebelde incomodado e dotado de certa lucidez sobre a difícil realidade que restava aos anônimos que participaram

¹²⁶ O provincial Francisco de Montesinos estava em uma embarcação próxima à *Isla de Margarita*, primeiro território onde a *Jornada* parou após o final da navegação do Amazonas, quando Lope de Aguirre enviou à ele sua carta através de um de seus companheiros, Pedro de Monguía, que, como vimos no primeiro capítulo, acabou não retornando ao campo rebelde.

¹²⁷ As três cartas de Lope de Aguirre são do ano de 1561. A primeira foi dirigida ao frei Montesinos no dia 8 de agosto, a segunda foi enviada a Filipe II e a última foi escrita ao governador Collado em 22 de outubro, poucos dias antes da morte do rebelde. As edições da “Carta Al Padre Montesinos” e da “Carta de Aguirre a Pablo Collado” utilizadas neste estudo se foram publicadas em 1981 na cidade de Barcelona, em edição de Elena Mampel González e Neus Escandell Tur (Editorial 7½ S.A. e Ediciones Universidad de Barcelona). Já para a “*Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*” foi utilizada aqui a versão publicada por Emiliano Jos em *La expedición de Ursúa al Dorado, la rebelión de Lope de Aguirre y el itinerario de los Marañones, según los documentos del Archivo de Indias y varios documentos inéditos* (1927).

das empresas de conquista na América, sobre a miséria daqueles que, assim como ele, não eram da estirpe de um Cortés ou tinham alcançado as glórias dos Pizarro. Aguirre traduziu em suas missivas as ilusões e as dores de um grande número de conquistadores que foram os que “não deram certo”.

Foram os sonhos por *honor y riqueza* e a ambição de *valer más* alimentados na Castela medieval pelas guerras fronteiriças contra os muçulmanos que culminaram na Reconquista¹²⁸, um dos motivadores da ida daqueles primeiros espanhóis ao continente americano que, como Aguirre, imaginavam reeditar o espírito cruzadístico no Novo Mundo: “*En mi mocedad pasé el oceano a las partes del Piru por valer más con la lanza en la mano y por cumplir con la deuda que debe todo hombre de bien*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 196). Eram homens que haviam dedicado parte de suas vidas a explorar novos territórios, participar de embates com nativos e de diversas campanhas em nome da Coroa Espanhola, mas não haviam sido reconhecidos e recompensados por aqueles serviços. Segundo nosso personagem afirmou, relatando a sua própria experiência ao monarca, “*veinte y cuatro años te he hecho muchos servicios en el Piru en conquistas de indios y en poblar pueblos en tu servicio, especialmente en batallas y recuentros que ha habido en tu nombre*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 196).

Ocorria que, aos poucos, a esperança americana ia desaparecendo aos olhos dos conquistadores espanhóis. Dentro daquele contingente heterogêneo de pessoas, as lutas pelo poder e por um lugar privilegiado na sociedade colonial eram constantes, já que as *mercedes* de terras e de títulos eram repartidas com parcimônia pela monarquia. Haja vista que nunca havia *encomiendas* em número suficiente para todos, as concessões mais lucrativas eram destinadas àqueles que mais haviam investido nas empresas de conquista (RESTALL, 2004, p. 77), o que acabava gerando uma pequena casta de elite em detrimento da massa considerável de marginalizados. Uma carta escrita pelo vice-rei do Peru Marqués de Cañete em 1555, na

¹²⁸ A presença de reinos muçulmanos em solo ibérico durou setecentos e setenta anos, tendo seu fim em 1492 após os Reis Católicos conquistarem pelas armas o último reduto mouro na Espanha, o Reino de Granada. Desde 1481, Fernando e Isabel conduziram com ardor uma campanha de avanço às fronteiras não-cristãs da península, consolidando a unidade de Castela e de Aragão e protegendo os fundamentos do catolicismo. Para levar a cabo a sua cruzada contra os muçulmanos, os monarcas levantaram tropas em todo o território peninsular: de lança em punho, muitos se dispuseram a lutar em nome da reconciliação da nobreza e da exaltação dos valores cristãos. Mas também era a glória que os feitos de armas traziam e as ambições pessoais de enriquecer e de conseguir prestígio o que impulsionava verdadeiramente aqueles cavaleiros e soldados: “muitos viram nessa guerra a oportunidade de ganhar escravos e bens substanciais pela pilhagem ou pelo regime da *encomienda* – cessão de terras, de bens e também de pessoas colocadas assim sob a proteção do rei ou de um personagem poderoso” (GRUZINSKI; BERNAND, 2001, p. 77). A ambição material e os ideais de cavalaria se instalavam, assim, nos corações e nas mentes daqueles homens que participaram da guerra ibérica e das gerações vindouras.

qual ele informava sobre a situação do território por ele governado, ilustra a disparidade social do conjunto da população espanhola que vivia na América. Segundo Lockhart, naquele documento Cañete contabilizava que

de los aproximadamente 8.000 habitantes españoles del Perú, 480 eran encomenderos, y que aproximadamente el mismo número desempeñaba algún cargo gubernamental como escribanos y funcionarios, dejando el país inundado con no menos de 7.000 pretendientes ociosos (LOCKHART, 1982, p. 176)

É claro que há de se considerar que este número está longe de ser exato e que entre estes “pretendentes” aventados pelo vice-rei peruano, podia haver os empregados dos *encomenderos*, os comerciantes, os artesãos (LOCKHART, 1982, p. 176) e outros indivíduos que não eram exatamente “ociosos”; mas a predominância de uma população transeunte, “*sin oficio ni beneficio*” (SALMORAL, 1992, p. 492), é inquestionável. Ela era formada exatamente pelos “soldados” que haviam sido partícipes das expedições de descobrimento e conquista (ou “entradas”) que partiam dos centros administrativos às regiões periféricas e ainda desconhecidas do continente – que, quase invariavelmente, acabavam fracassadas – ou, no caso específico do Vice-Reinado do Peru, por aqueles que engrossavam as fileiras das hostes imperiais ou insurgentes durante as Guerras Civis. Estes conquistadores “ociosos”, para usar o termo cunhado pelo Marqués de Cañete, esperavam que uma nova chance de receber a tão almejada recompensa pelos serviços prestados surgisse, ou regressavam à Espanha. Realmente, por mais paradoxal que possa parecer, os pobres eram mais propensos a fazer o caminho de volta ao continente europeu do que aqueles que haviam logrado algum bem ou algum título (LOCKART, 1982, p. 187) e que acabavam se fixando nas Índias para usufruir do *status* alcançado.

Mas eram aqueles que optavam por permanecer em terras americanas e aguardar por novas oportunidades de melhora de vida os que preocupavam as autoridades reais. A insatisfação que sentiam pelas expectativas frustradas poderia tornar o ambiente em um barril de pólvora prestes a ser aceso – como acontecera nas rebeliões iniciadas por conquistadores contra o poder real que, com distintos objetivos específicos, sucederam-se entre 1544 e 1559 –, dificultando o desenvolvimento ordenado (e pacífico) da vida civil pretendido pelos representantes do rei. Para dispersar aquela gente a quem não havia meios (e, podemos supor, tampouco vontade) para recompensar devidamente, organizavam-se novas expedições.

E lá iam os conquistadores indesejados pela colônia aos lugares mais recônditos do território hispânico no Novo Mundo em busca de qualquer objetivo mítico a partir dos quais idealizassem as soluções definitivas para as suas situações, mais uma vez seduzidos pela possibilidade de enriquecimento. A *Jornada de Omagua y Dorado* foi uma delas.

Como sabemos, as abundantes riquezas e a opulência das terras almeçadas pelos seus viajantes não foram sequer visualizadas na floresta e o que ocorreu foi exatamente o oposto: os expedicionários acabaram padecendo, durante todo o curso da viagem, com a fome que os assolava, com enfermidades e as infindáveis dificuldades que ambiente lhes oferecia. Como diz Irving Leonard, “*la prosaica realidad no daba la medida de los sueños que le habían empujado a la aventura*” (LEONARD, 1979, p. 85). Sobre a terrível navegação do Rio Marañón, Aguirre exclamou (aproveitando para ironizar os *chapetones* da Espanha, a elite burocrata que vinha da península para administrar a América):

¡Sabe Dios como escapamos de lago tan temeroso! Avisote rey y señor no proveas ni consientas que se haga alguna armada para este río tan mal afortunado, porque en fee de cristiano te juro, rey y señor, que si vienen cien mill hombres ninguno escapará, porque [...] no hay en el río otra cosa que desesperar, especialmente para los chapetones de España. (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, 1927, p. 200)

Para Lope de Aguirre, aquela era a gota d’água da desatenção que a Coroa Espanhola dispensava a ele e aos seus companheiros. Afinal, aquele rebelde não falava só por si: em sua escrita, a primeira pessoa do singular, por vezes, misturou-se com a primeira do plural e ele acabou se transformando em uma espécie de “porta-voz” daquele grupo (ao menos é o que, aparentemente, pretendia ser). Assim, na epístola dirigida ao padre Montesinos, fez questão de relatar que os conquistadores que com ele saíram do Peru em direção ao rio Amazonas para “*descubrir e poblar*”, “*ciertos a hallar tierra por miserable que fuera*”, ao final da expedição se encontravam com “*tristes cuerpos que están más con costurones que ropas de romero*”, como “*espíritus de hombres muertos*” (AGUIRRE, *Carta Al Padre Montesinos*, [1561] 1981, p. 286).

Podemos imaginar que aqueles homens projetavam a *Jornada* como a maior e, talvez, derradeira investida que possibilitasse o prestígio e as riquezas com que sonhavam, dada a avançada idade daquela hoste (Aguirre, por exemplo, deveria ter entre quarenta e cinco e cinquenta anos quando ocorreu a expedição, o que para a época era considerada uma boa

longevidade¹²⁹). Mas não era só o insucesso da expedição que incomodava Lope de Aguirre. O conquistador parece desafogar, através de sua escrita, a inconformidade que sentia sobre os rumos de toda a sua trajetória na América. Nas cartas ao governador Pablo Collado e ao rei Filipe II, a representação da degeneração de seu corpo e do corpo dos seus companheiros em razão de seus esforços nas campanhas de conquista em nome da Coroa também aparece em trechos como: “*nosotros, que estamos mancos y coxos por servirlo*” (AGUIRRE, *Carta de Aguirre a Pablo Collado*, [1561] 1981, p. 287) ou “*yo como hombre lastimado y manco de mis miembros en tu servicio, y mis compañeros viejos y cansados en lo mismo*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 198). Lope de Aguirre descreveu a si e aos outros conquistadores espanhóis que participaram da rebelião como homens sacrificados pelos trabalhos dispensados em nome de seu soberano na colônia americana – nas palavras do próprio, “*los muchos trabajos que hemos pasado en el Peru*” (AGUIRRE, *Carta Al Padre Montesinos*, [1561] 1981, p. 286) –, a ponto de estarem esgotados, velhos, cansados. No caso de Aguirre, os sacrifícios lhe valeram um problema em uma de suas pernas. Na epístola ao monarca, diz:

Estoy cojo de una pierna derecha de dos arcabuzazos que me dieron en el valle de Chuquinga con el mariscal Alvarado, siguiendo tu voz y apellido contra Francisco Hernandez Giron, rebelde a tu servicio como yo y mis compañeros al presente somos y seremos hasta la muerte [...]. (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 197)

O episódio ao qual o personagem se refere é a batalha de Chuquinga, uma das insurgências ocorridas no Peru na primeira metade do século XVI, na qual Aguirre aderiu às fileiras reais, situando-se “*establemente del lado de la autoridad legal*” (MATAMORRO, 1987, p. 25). A deficiência de um dos membros inferiores de Lope de Aguirre aparece em diversas documentações sobre a *Jornada*, inclusive nas *Relaciones* de seus expedicionários. No entanto, enquanto naquela documentação essa característica surge como um dos traços negativos do conquistador¹³⁰, nas missivas do rebelde será um elemento positivo na representação que ele

¹²⁹ Estima-se que, quando morreu, Lope de Aguirre tinha entre quarenta e cinco e cinquenta anos. O próprio Pedrarias de Alместo, em sua *Relación*, afirma que era “*este tirano Lope de Aguirre hombre casi de cincuenta años*” (ALMESTO, [s/a] 1986, p. 220). Segundo Francisco Solano, para o século XVI a estimativa de vida qualificava como velho a um homem de mais de quarenta anos, e já era formado um homem que tinha mais de vinte e cinco (SOLANO, 1998, p. 25).

¹³⁰ Vale a pena aqui lembrar como o aspecto físico de Lope de Aguirre foi descrito por seus coetâneos: “*pequeño de cuerpo, y de muy poco, mal agestado y chupada la cara, los ojos, que si miraban fijo le bullían, en especial estando anojado*” (VÁZQUEZ, [s/a] 1987, p. 167), e manco de uma perna “*y de las manos de muchos arcabuzazos*

constrói de seu caráter; é uma marca indelével dos seus esforços de “soldado” a serviço da Coroa. Como vemos, o intuito de Aguirre parece ser o de valorizar a si mesmo e ao seu grupo. Um trecho de sua carta direcionada ao padre Montesinos deixa muito claro este posicionamento; mais uma vez os conquistadores aparecem como bons servidores a quem o vice-reinado do Peru deve muito, motivação principal de sua rebeldia:

[...] *si nosotros tuviéramos algunos oficios ruines, diéramos orden a la vida; mas por nuestros hados no sabemos sino hacer pelotas y amolar lanzas, que es la moneda que acá corre. Si hay por allá necesidad de este menudo, todavía lo proveeremos. Hacer entender a Vuestra Paternidad lo mucho que el Perú nos debe y la mucha razón que tenemos para hacer lo que hacemos creo será imposible y, a este efecto, no diré aquí nadie de ello.* (AGUIRRE, *Carta Al Padre Montesinos*, [1561] 1981, p. 286)

A incômoda situação colonial vivenciada faz surgir no discurso de Aguirre, de um lado, valores cristãos e de vassalagem e, de outro, a insurgência contra a figura de um rei que deixa de recompensar os serviços de seus súditos no Novo Mundo. Assim, representações que parecem ambíguas podem ser encontradas, muitas vezes, em um mesmo documento: na Carta ao rei Filipe II, Aguirre inicia se descrevendo como “*mínimo vasallo, cristiano viejo, de medianos padres y en mi prosperidad hijodalgo*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 196) e finaliza sentenciando: “*yo rebelde hasta la muerte por tu ingratitud*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 200). Mas a coexistência das expressões “vassalo” e “rebelde” nos textos do personagem não deve ser pensada como uma mera incoerência do discurso de Lope de Aguirre. Talvez o fato de ele representar-se como um “*bueno vasallo*”, chegando a fazer menções bastante reverenciais às autoridades reais em suas epístolas, possa ser entendido como uma estratégia de se adequar a um modelo narrativo corrente em sua época e, assim, ser “ouvido” (lido) pelas autoridades reais contatadas. Devemos reconhecer, desta forma, que Aguirre, que não participava do mundo dos letrados da colônia, manejou de maneira bastante pragmática a sua escrita epistolar. Seu objetivo ao produzir as suas cartas foi desqualificar as autoridades vigentes; mas, paradoxalmente, o fez conservando as fórmulas tradicionais de submissão e de reconhecimento da hierarquia, ligadas aos padrões éticos da cavalaria medieval, tão presentes, por exemplo, no discurso de Hernán Cortés que em suas *Cartas-Relación* fazia questão de reafirmar a sua premissa de

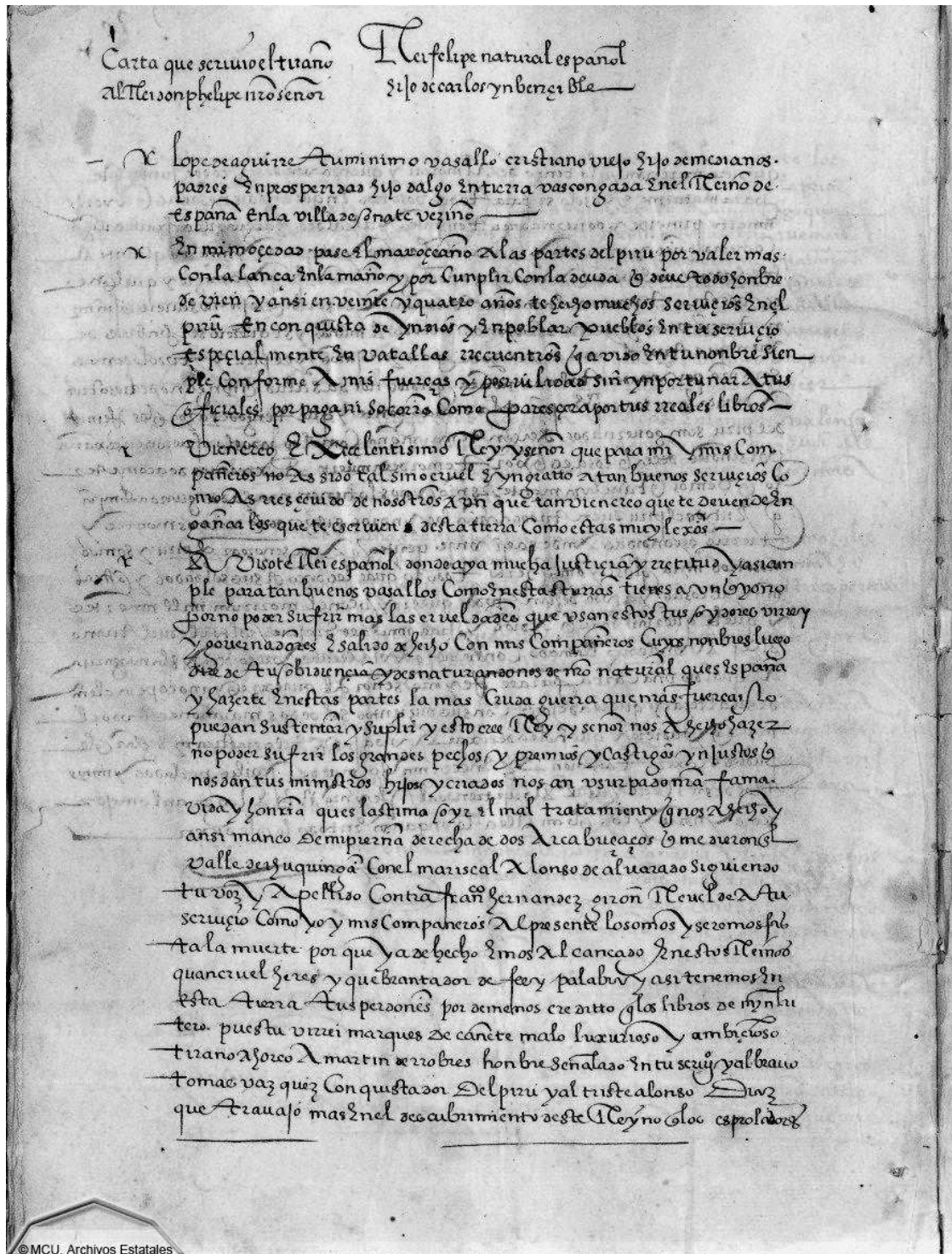
que le han dado en batallas en Perú” (ZUÑIGA, [1561] 1981, p. 26)

"*hidalgo*" honrado, sempre preocupado em preservar a sua palavra e a sua lealdade ao rei (CAPOVILLA, 2005, p. 69). Mesmo que, diferentemente do que ocorria naqueles documentos produzidos pelo marquês do Vale de Oaxaca, Aguirre não pretendesse comprovar a sua obediência à Coroa e seus representantes (e não pudesse narrar nenhum acontecimento fabuloso, já que não havia uma Tenochtitlán no caminho da *Jornada...*), ele se dirigia às autoridades com os mesmos sinais de respeito e de acatamento que apareciam nas *Cartas* de Cortés. Assim, enquanto aqueles célebres textos iniciavam com dizeres como "*Muy alto y poderoso y muy católico príncipe, invictísimo emperador y señor nuestro*" (CORTÉS, [1520] 1985, p. 80), as missivas de Lope de Aguirre eram introduzidas da seguinte maneira: "*Rey Felipe, natural español, hijo de Carlos, invencible* (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 196) [IMAGEM 8], "*Al muy magnífico y muy reverendo señor fray Francisco Montesinos*" (AGUIRRE, *Carta Al Padre Montesinos*, [1561] 1981, p. 285), "*Muy magnífico señor*" (AGUIRRE, *Carta de Aguirre a Pablo Collado*, [1561] 1981, p. 287)¹³¹. Apesar de se aproximar de um modelo *cortesino* de escrita, notamos que Aguirre prefere uma saudação menos pomposa, o que, pensamos, acabou servindo como uma introdução ao processo de desconstrução ao qual ele submeteu a figura do rei e de seus funcionários ao longo de seus textos.

Dessa maneira, no aparente conflito existente entre a afirmação e a negação de sua submissão à Coroa, pode haver mais do que uma estratégia para, finalmente, chamar a atenção das autoridades espanholas para os seus reclames: imaginamos que reconhecer o poder e a superioridade da investidura real através da escrita também foi o que permitiu a Lope de Aguirre questionar a legitimidade de Filipe II como monarca. O que ele pretendia, assim, era sustentar o argumento da validade de sua insubordinação através de uma inversão das representações: em suas cartas, ele e seu grupo sempre foram os fiéis vassalos da monarquia – que, por não ter alternativa dado o fracasso da expedição, ao final de suas vidas tiveram de tornar-se rebeldes –, sendo que o verdadeiro traidor era o rei em atividade. É então que, neste exercício, Aguirre move o seu olhar até o mundo medieval para extrair dele a ideia

¹³¹ Com exceção da Carta ao Rei Filipe II, que acabava de maneira um tanto seca – "*Hijo de fieles vasallos tuyos vascongados, y yo, rebelde hasta la muerte por tu ingratitude*" (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 200) – as saudações finais das epístolas de Lope de Aguirre não eram menos reverenciais: "*Besa las manos a Vuestra Paternidad y Servidor*" (AGUIRRE, *Carta Al Padre Montesinos*, [1561] 1981, p. 286); "*De este pueblo hoy miércoles a mediodía besa las manos de V. m. su servidor*" (AGUIRRE, *Carta de Aguirre a Pablo Collado*, [1561] 1981, p. 287).

IMAGEM 8



Manuscrito da Carta de Lope de Aguirre a Felipe II
Primeira página

(Archivo General de Indias. PATRONATO, 29, R.13)

Imagem retirada de: PARES - Portal de Archivos Españoles. Disponível em: <<http://pares.mcu.es/>>.

Acesso em: 13/01/2010.

do “rei justo”. Segundo essa concepção, o monarca era o representante de Deus na terra e o senhor natural da sociedade. Sendo assim, ele deveria estabelecer o bom governo e a justiça “*en el sentido de asegurar que cada vasallo recibiera sus derechos y cumpliera las obligaciones que le correspondían*” (ELLIOT, 1998, p. 132), formalizando, portanto, uma relação contratual entre a monarquia e os seus vassallos¹³². Para Aguirre, Filipe II havia rompido esta relação ao não dedicar aos conquistadores espanhóis a especial consideração que mereciam por parte de um rei generoso, afinal, segundo esta lógica, “*los servicios como siempre, merecían mercedes, y ¿qué servicios más grandes podría un hombre rendir a su rey que ganar nuevos territorios para él?*” (ELLIOT, 1998, p. 132):

Mira, mira rey español, que no seas cruel a tus vasallos ni ingrato, pues estando tu padre y tu en los reinos de España sin ninguna zozobra, te han dado tus vasallos a costa de su sangre y hacienda, tantos reinos y señoríos como en estas partes tienes, y mira rey y señor, que no puedes llevar con título de rey justo ningún interese destas partes donde no aventuraste nada, sin que primero los que en ellos han trabajado y sudado sean gratificados. (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 1997)

Nas missivas de Lope de Aguirre, portanto, foi o rei quem traiu a ele e ao seu grupo ao dar-lhes as costas, não o contrário e, nelas, exclamava: “*¡Ay, ay, que lastima tan grande [...] que no te duelas de nuestra vejez y cansancio siquiera para matarnos la hambre un día!*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 198). Filipe II passava, então, de excelentíssimo senhor à cruel e ingrato – “*Creo bien excelentísimo Rey y Señor que para mi y mis compañeros no has sido tal, sino cruel e ingrato*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 196) – que, não podendo ser considerado “rei justo” por não “*alimentar los pobres cansados en los frutos y renditos desta tierra*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 199), não tinha as prerrogativa de um soberano. Era, pois, um homem igual aos seus súditos, que poderia ser julgado por Deus, castigado e levado ao inferno, sobre o que alertava Aguirre em diversas oportunidades: “*y mira, rey y señor, que*

¹³² François-Xavier Guerra fundamenta bem a força desta relação pactista entre o rei e a sociedade ibérica no Antigo Regime quanto trata dos novos sentidos – e do impacto – que a modernidade e as independências das Américas traziam para a sociedade, as concepções de poder e as relações políticas que então passavam a ser estabelecidas no continente: “*Los vínculos que lo unían a sus súbditos eram pensados, más que como relación abstracta entre el súbdito y el soberano, como algo más personal y tradicional: la relación entre el vasallo y su señor, o entre el padre de familia y sus hijos. La imagen “organicista” de la sociedad como cuerpo, com su cabeza y sus diversos miembros, es omnipresente aún a finales del XVIII*” (GUERRA, 1992, p. 27).

hay Dios para todos, y igual justicia, premio, paraíso, infierno” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 199); “*Por cierto tengo que van muy pocos reyes al infierno porque son pocos*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 197).

Se o rei Filipe II poderia ir ao inferno por não recompensar seus súditos, era porque Aguirre tinha certeza de que a justiça divina estaria do lado insurgente. Em um dos trechos da carta do conquistador ao Padre Montesinos, ele parece estar tranquilo ao pensar que a penalidades aos traidores será dada por Deus, enquanto os leais dependerão do rei; um rei que, não sendo justo, não tem poder algum, nem terreno nem sobre-humano: “[...] *ande la guerra, porque a los traidores Dios les dará la pena, y a los leales el Rey los resucitará, aunque hasta ahora no veo ninguno resucitado. El Rey ni sana heridas ni da vidas*¹³³” (AGUIRRE, *Carta Al Padre Montesinos*, [1561] 1981, p. 287). Lope de Aguirre ia, assim, afastando-se da sua imagem de “herege” tão fortemente construída por seus coetâneos. Em sua escrita, ele representou a si e aos seus companheiros de rebelião como bons cristãos e incondicionais adeptos da Igreja: “*nos hallamos los más bien aventurados de los nascidos por estar en estas partes de Indias teniendo la fee y mandamientos de Dios enteros y sin corrupción como cristianos, manteniendo todo lo que predica la Santa Madre Iglesia de Roma*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 197); “*mas en ningun tiempo ni por adversidad que nos venga, no dejaremos de ser sujetos a los preceptos de la Santa Madre Iglesia de Roma*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 199).

No entanto, para Aguirre, ser obediente à Igreja não queria dizer submeter-se aos funcionários eclesiásticos – encarnados nos *frailles*, que com tanto empenho criticou – e concordar com as ações daqueles em terras americanas. Ainda havia uma confiança no poder divino e na instituição, mas não em seus representantes terrenos. Para o rebelde, os membros do clero que atuavam na América haviam se desviado em razão da ânsia por poder e pela cobiça e, por esta razão, denunciava-os por viver confortavelmente – “*están aposentados en los mejores repartimientos del Piru [...], cada uno dellos tiene por penitencia en sus cocinas una*

¹³³ Ao dizer que “o rei não cura feridas nem dá vidas”, Aguirre está retirando de Filipe II mais uma das qualidades que, supostamente, tinham os “reis justos”: o dom de curar. Eles eram os “*reis taumaturgos*” de que fala Marc Bloch em obra na qual analisa o desenvolvimento de um poder mágico e transcendental miraculoso pelos reis ingleses e franceses. O rei levava suas mãos às partes enfermas dos doentes e, logo após o toque, fazia o sinal da cruz. Eram essas, com pequenas variações as ações básicas do rito. Contudo, apesar de simples, não deixavam de possuir imensa popularidade: “tanto os reis de França quanto os da Inglaterra pretendiam ter o poder de curar”, e junto deles, acrescenta Marc Bloch, “todas as classes estavam representadas na multidão sofredora que acorria ao rei” (BLOCH, 1999, p. 101). Esse poder miraculoso de cura das escrófulas pelo toque régio possibilitou a afirmação dos poderes monárquicos diante dos súditos e da Igreja. Ver mais em: BLOCH, 1999.

docena de mozas y no muy viejas, y otros tantos muchachos que les van a pescar, a matar perdices y a traer frutas (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 198) –, por presumir ter os poderes das autoridades seculares e por ser tão ambiciosos a ponto de fazer de seus sacramentos, mercadorias – *los frailes a ningun indio pobre quieren enterrar* (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 198):

La disolución de los frailes es tan grande en estas partes, que yo entiendo, que conviene que venga sobre ellos tu ira y castigo, porque ya no hay ninguno que presuma de menos que de gobernador. Mira, mira Rey, que no creas lo que te dijeren, pues las lagrimas que allá echan ante tu real persona, es para venir acá a mandar. Si quieres saber la vida que por acá tienen es entender en mercaderías, procurar o adquirir bienes temporales, vender los Sacramentos de la Iglesia por precio, enemigos de pobres, incaritativos, ambiciosos, glotones y soberbios, de manera que por mínimo que sea un fraile pretende mandar y gobernar todas estas tierras. Pon remedio, rey y señor, porque destas cosas y malos ejemplos, no está imprimida ni fijada la fee en los naturales, y mas te digo, que si esta disolución de estos frailes no se quita de aquí, no faltarán escándalos. (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 198)

Logo no início de sua carta ao frei Montesinos, Lope de Aguirre insistiu em ressaltar a atitude desumana dos servidores de Deus no continente americano, criticando duramente aquele religioso: “[...] *V. M. tiene mucha razón de servir al Rey, pues a costa del sudor de tanto hijodalgo y sin ningún trabajo, anda comiendo el sudor de los pobres [...]*” (AGUIRRE, *Carta Al Padre Montesinos*, [1561] 1981, p. 285). Em verdade, o problema de fundo da insatisfação de Lope de Aguirre era a fragilização do poder do conquistador que, à medida que a colonização ia se estruturando, vê-se substituído pelos funcionários e pelos burocratas. A rebelião de Aguirre e de seu grupo se voltava, portanto, contra todos aqueles representantes da monarquia na América – *vicereyes oidores, gobernadores*, letrados e eclesiásticos –, a quem o personagem acusava de enriquecer às custas dos “soldados” e dos pobres da Conquista. O conquistador repreendia duramente o rei Filipe II por se descuidar de sua governança no Novo Mundo, pois além de não haver recompensado justamente os seus súditos, deixava que os seus funcionários fizessem o que bem entendessem e introduzissem no cenário da Conquista a corrupção e a avareza desmesurada¹³⁴:

¹³⁴ Em *El primer nueva cónica y buen gobierno* (1613), o cronista descendente de indígenas Felipe Guamán Poma de Ayala também criticou a administração colonial e denunciou a má atuação dos funcionários civis e eclesiásticos, qualificando a todos os espanhóis como homens cujas condutas eram movidas pela cobiça e pela

*Si yo y mis compañeros por la gran razon que tenemos nos habemos determinado a morir, desto, cierto, y de otras cosas pasadas, singular rey, tu has sido causa, por no te doler del trabajo de tus vasallos y no mirar lo mucho que les debes, porque si tu no miras por ellos y te descuidas con estos tus Oidores nunca se acertará con el gobierno. Por cierto, no hay para que presentar testigos mas de avisarte como estos tus Oidores tienen cada uno quatro mil pesos de salario cada uno y ocho mil de gastos, y a cabo de tres años, tienen cada uno sesenta mil pesos ahorrados y heredamientos y posesiones; y con todo esto si se contentasen con servirlos como a hombres que los servimos, medio mal y trabajo sería el nuestro; mas por nuestros pecados quieren que aoquiera que los topemos nos inquemos de rodillas y los adoremos como a Nabucodonosor, cosa, cierto, insufrible. Y no porque yo como hombre lastimado y manco de mis miembros en tu servicio, y mis compañeros viejos y cansados en lo mismo, te he de dejar de avisar que nunca fies de estos letrados tu real conciencia, que no, que no comple a tu real servicio descuidarte con estos que se les va todo el tiempo en casar hijos e hijas, y no entienden en otra cosa, y su refran entre ellos muy comun es «A tuerto o a derecho nuestra casa hasta el techo»¹³⁵. (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 198)*

A sociedade colonial, segundo as ideias expressas nas cartas de Lope de Aguirre, estava em crise, pois era controlada por agentes cheios de “vicios y maldades” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 197) que enriqueciam através dos trabalhos e serviços dos conquistadores comuns. Para Aguirre, eram estes conquistadores, aqueles que empunhavam espadas e faziam frente nas batalhas, que deveriam ser considerados os homens valorosos da Conquista e não os que despachavam leis e decretos de seus gabinetes e que se corrompiam pela ganância. A insubordinação ocorrida durante a *Jornada* era, assim, considerada legítima e justificada em sua escrita. Nas epístolas, Aguirre e seu grupo se insurgiram contra a realidade americana, principalmente em repúdio às autoridades coloniais nomeadas e mantidas pelo rei que não só os marginalizaram, reduzindo-os à pobreza e os

ganância. Para Poma de Ayala, os burocratas e conquistadores carregavam valores que os levariam ao inferno, pois viviam em função de encontrar metais preciosos e de enriquecer, sempre em benefício da exploração dos nativos.

¹³⁵ Lope de Aguirre utiliza o provérbio “A tuerto o a derecho nuestra casa hasta el techo” para denotar que os funcionários reais eram tão ambiciosos que poderiam utilizar todos os meios possíveis, fossem bons ou maus, para enriquecer, preocupando-se somente com seus próprios interesses. A frase deveria ser comum àquela época, já que também aparecia em um diálogo de *La Celestina*, obra de Fernando Rojas publicada no início do século XVI e que alcançou grande sucesso junto ao público leitor hispânico, sendo impressa e editada inúmeras vezes ainda no Século de Ouro. Se tratava de uma tragicomédia em que personagens plebeus, insatisfeitos com sua posição social, demonstravam-se dispostos a fazer qualquer coisa para modificar a situação na qual viviam. Em determinado trecho, dois deles, Pármeno e Celestina iniciam o seguinte diálogo: “PÁRMENO - Celestina, todo tremo en oyrtte. No sé qué hago, perplexo está. Por vna parte téngote por madre; por otra a Calisto por amo. Riqueza desseo; pero quien torpemente sube a lo alto, más ayna cae que subió. No quería bienes malganados. CELESTINA - Yo sí. A tuerto o a derecho, nuestra casa hasta el techo” (ROJAS, 1913, p. 103).

privando de benefícios, mas que retiraram deles o poder e a autonomia ou, nas palavras do rebelde, “*han usurpado y robado nuestra fama, vida y honra*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 197). É a vivência dolorosa – o sofrimento, segundo o próprio conquistador – dessa forma de despojo o que empurra Aguirre e os seus companheiros de expedição à insurgência:

[...] yo por no poder sufrir mas las crueldades que usan estos tus Oidores, Visorrey y gobernadores, he salido de hecho con mis compañeros [...] de tu obediencia y desnaturalizándonos¹³⁶ de nuestra tierra que es España, para hacerte la mas cruel guerra que nuestras fuerzas pudieren sustentar y sufrir [...]. (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 196)

Beatriz Pastor considerou Lope de Aguirre um rebelde-reacionário que, apesar de insubordinar-se contra a Coroa Espanhola motivado pela insatisfação e pela crise que vivia o projeto da conquista da América de então, também trouxe para a sua rebelião um tom nostálgico de uma época passada, cujos valores pretendia restaurar: “*la rebelión de Aguirre no se dirige hacia formas de liberación del futuro, sino hacia un intento anacrónico de restauración de un pasado medieval mitificado*” (PASTOR, 1988, p. 333). Mas não há como exigir outra postura de Aguirre: assim como tantos homens de seu tempo, ele firmava as suas posições e lia a situação em que vivia a partir das ferramentas simbólicas e dos conceitos de que dispunha e reconhecia – aqueles oriundos da Idade Média¹³⁷ – mesmo diante de um mundo que se

¹³⁶ A rebelião era acompanhada do anúncio de sua desnaturalização dos reinos da Espanha quando, mais uma vez, Aguirre retoma um conceito do medievo. A expressão “*desnaturalizarse*” ou “*desnaturarse*” constava nas *Siete Partidas*, texto jurídico elaborado no século XIII durante o reinado de Afonso X, de Castela, quando eram descritos os vínculos estabelecidos pela relação de vassalagem entre o Senhor e os seus vassallos; ali, indicavam-se as causas e quando alguém podia “*perder la naturaleza*” (BAROJA, 1968, p. 85). Segundo Baroja, isso ocorria “*por culpa del vasallo, cuando hace traición y queda desnaturado de honra, bienes y tierra*” ou “*por culpa del señor, cuando hace trabajar de muerte al vasallo, sin razón o sin derecho*” (BAROJA, 1968, p. 85). É provável que o ato de desnaturalização de Aguirre não tivesse grande impacto na época de Filipe II, quanto mais realizado de maneira tão improvisada como foi, em meio à *Jornada*, distante de um tribunal que pudesse atribuir legitimidade ao pedido. Certo é que era mais um recurso utilizado por Lope Aguirre para reforçar o seu argumento de que ele e os *marañones* haviam se submetido a trabalhos que lhes custaram as vidas em nome da monarquia e que não haviam sido pagos do “*precio que se nos debe, pues nos has negado lo que de derecho se nos debía*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 200).

¹³⁷ É importante ressaltar, a despeito do que Beatriz Pastor chama de “época passada” em relação àquela vivida por Lope de Aguirre, que devemos ter cuidado ao periodizar a história: a Conquista da América não pode ser encerrada como um acontecimento da Idade Média ou da Idade Moderna, como se houvesse uma ruptura abrupta e arbitrária que determinasse o início e o final daqueles períodos. Os historiadores da escola francesa dos *Annales* já nos lembravam da necessidade de observar que as mudanças históricas, as transformações mentais e as estruturas culturais não avançam em um mesmo ritmo. A história, pois, é uma dialética contínua entre rupturas que anunciam o novo e permanências que apontam o antigo. Assim, é previsível que os conquistadores da geração de Aguirre projetassem, na América, um imaginário medieval, herdeiro de utopias, projetos,

transformava e que começava a não mais privilegiar as armas, o heroísmo e tantos outros valores identificados com a Reconquista hispânica. Mais um motivo para Aguirre representar-se como um “*hidalgo-cristiano-viejo-vasallo*” que, sentindo-se traído e abandonado por seu rei, acabou se transformando em “rebelde” para, finalmente, se tornar “*Lope de Aguirre, el Peregrino*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1927, p. 200), maneira como assinou a carta remetida ao monarca [IMAGEM 9]. Essa era a compreensão que ele tinha da conjuntura em que estava inserido: desaparecia o guerreiro épico e fiel servidor disposto a arriscar tudo e cruzar o Atlântico para surgir em seu lugar o conquistador que lutava sem ser reconhecido, o descobridor fracassado que buscava quimeras – a elas se impunha sempre a destruição dos sonhos –, o homem desenganado diante de um monarca que traía seus ideais e que não cumpria as suas promessas. Aguirre sentia que peregrinava sem mais, pois era alguém cheio de cicatrizes que andava como o espírito de um homem morto, que perdia sua identidade, que não tinha lugar, que estava desamparado, marginalizado. Era o “soldado” da Conquista, que apesar do suor e do sangue derramados em nome de Deus e do soberano, havia ficado sem “*honor y oro*” e que viu na rebelião – e na produção de seu epistolário – a sua última oportunidade de ingressar na história como sujeito, rompendo com a ordem que o encerrava em uma trajetória de exclusão e anonimato.

3.3. A *Jornada de Lope de Aguirre*: evento, personagem, história

No filme “*Aguirre, a cólera de Deus*”, o personagem Lope de Aguirre elaborado pelo diretor Werner Herzog e pelo ator Klaus Kinski, que magistralmente o interpreta, é um tirano enlouquecido que, em meio ao pavor, a fome e as alucinações de seus companheiros de viagem, não admite recuos diante de sua vontade de encontrar o *El Dorado* e reconquistar o continente americano de maneira independente. Na última cena, após o transcurso de muita violência durante toda a película, somente o rebelde permanece vivo entre os corpos dos expedicionários, a imensidão de água do Amazonas, as flechas dos nativos que correm o céu e uma infinidade de pequenos macacos que tomam conta da avariada embarcação. Sozinho, no

conceitos, ideologias e sensibilidades de uma mentalidade ancestral re-significada durante a longa duração da Idade Média, mesmo vivendo um momento em que a sua sociedade repensasse os seus valores e concepções, encaminhando-se, gradualmente, para uma experiência moderna.

silêncio da selva, Aguirre caminha sem direção pela barca e com expressão de desvario fala para si mesmo: “Eu sou a cólera dos deuses. Quem mais está comigo?”.

Pensamos que essa imagem acaba por condensar como Lope de Aguirre foi tratado pela historiografia da Conquista durante um bom tempo: um personagem solitário e isolado em meio a um rio de trajetórias de sucesso de seres valorosos e briosos. *A Jornada de Omagua y Dorado*, da mesma maneira, parece ser um evento sem qualquer relação com o seu contexto histórico, como se fosse uma grande exceção em uma série de façanhas espetaculares. Durante muito tempo algumas “verdades históricas” sobre a Conquista Espanhola da América pareciam estar tão consolidadas que acabaram “constituindo uma visão e uma interpretação relativamente coerentes” para o acontecimento (RESTALL, 2006, p. 16). Matthew Restall, em seu livro “Sete mitos da conquista espanhola” elencou – e desconstruiu – algumas destas “verdades” e uma delas nos parece de grande valia neste momento: a de que a Conquista havia sido feita por alguns poucos e valorosos homens, que compunham um grupo homogêneo. Personagens como Cristóvão Colombo, Hernán Cortés e Francisco Pizarro seriam os grandes “heróis” na história desta vitoriosa empresa, homens desprovidos de qualquer forma de vulnerabilidade ou conflito, inscritos em uma conjuntura aparentemente sem maiores contradições, sem maiores fracassos e excluindo outros personagens: “O foco em um número restrito de sujeitos proeminentes marginaliza os diferentes outros indivíduos cujas vidas foram similares às dos grandes, exceto pelas circunstâncias históricas que os deslocaram para outro tempo e lugar” (RESTALL, 2006, p. 30).

Assim, na tradicional historiografia, ainda segundo Restall, “a Conquista pode ser abarcada com maior clareza por meio dos padrões criados pelas biografias de inúmeros espanhóis, em vez das vidas de uns poucos supostamente excepcionais” (RESTALL, 2006, p. 21). Deixando de lado esses “pequenos homens coerentes, imersos numa norma sólida e sem falha” (LORIGA, 1998, p. 247), assistimos hoje a uma estimulante renovação no campo da história, com um forte debate trazido pela micro-história italiana, que propõe o “retorno do sujeito”, para através dele dar voz àqueles que não foram os “heróis”, não foram os que “deram certo”. Ainda que tenha sido um personagem bastante utilizado pela literatura da Conquista, Lope de Aguirre não segue o padrão, o modelo desenhado para os conquistadores. Apesar de não ter sido esquecido, foi marginalizado pela história por ser o excepcional, por escapar à normalidade. No entanto, acreditamos que esta excepcionalidade de Aguirre seja o

pretexto perfeito para trabalharmos algumas questões interessantes sobre o mundo em que ele viveu. Como afirma Sabina Loriga,

numa tal perspectiva, elaborada nos últimos anos pela micro-história, não é necessário que o indivíduo represente um caso típico; ao contrário, vidas que se afastam da média levam talvez a refletir melhor sobre o equilíbrio entre a especificidade do destino pessoal e o conjunto do sistema social. (LORIGA, 1998, p. 248)

Neste mesmo sentido, se antes o acontecimento era visto como a “espuma” ou a “superfície” da história e os processos de longa duração e as estruturas não eram redutíveis às existências individuais, hoje interessam-nos os eventos e as trajetórias pessoais. Pensamos, assim, que o “evento *Jornada*” pode ser utilizado para entender aspectos da vida dos conquistadores espanhóis na América do século XVI e como aqueles sujeitos construíram as suas experiências. Afinal, a produção historiográfica sobre a Conquista da América pode (e deve) transitar por novos caminhos e formular novas interrogações, deslocando a agenda dos historiadores das estruturas e dos mecanismos que regem as sociedades e que excluem toda consideração subjetiva e as estratégias que movem as comunidades e os indivíduos (LORIGA, 1998).

Nas ações de Lope de Aguirre e de seus companheiros aparecem condensadas e intensificadas todas as formas de violência características do período da Conquista. Assim há de se sublinhar que, entre a sua aludida crueldade, tantas vezes qualificada como demoníaca ou demente, e as formas de violência institucionalizadas características de toda a Conquista, não há grande diferença de qualidade mas sim de intensidade e concentração. Ademais, o rebelde a aplicou não somente aos indígenas, mas também aos espanhóis de seu próprio campo. Ainda sobre a violência da Conquista, pensamos que é importante considerarmos os conquistadores como homens inseridos em uma situação histórica particular, não como heróis, mas tampouco como tiranos cruéis. Não se trata, pois, de negar as pilhagens, as matanças e os trabalhos forçados imputados pelos europeus aos indígenas, mas de seguir o estreito caminho entre a apologia e a *leyenda negra*, abandonando o pensamento antitético, tão simplificador. Afinal, as interpretações que representam o conquistador espanhol como o vilão da história também pode ser cega, cheia de perigos e armadilhas. Primeiramente, porque também acabam por considerar a civilização ocidental, branca, superior às sociedades nativas. A explicação da vitória dos conquistadores espanhóis sobre os impérios Asteca e Inca através

da tecnologia bélica é um grande exemplo disso: grande parte das narrativas sobre a Conquista, tanto as eurocêntricas como aquelas que tentam captar uma “visão dos vencidos”, indicam a superioridade das armas dos conquistadores sobre as dos nativos, da arma de fogo sobre o “arco e flecha”. Estas explicações não consideram, por exemplo, que a pólvora não era tão eficiente em ambientes úmidos, como eram as florestas americanas. Ademais, não avaliam a participação dos indígenas como aliados dos espanhóis nas expedições de conquista.

O violento desfecho da ação de rebeldia liderada por Lope de Aguirre que eclodiu durante a *Jornada de Omagua y Dorado*, pode servir, por exemplo, para que reflitamos sobre a realidade dos primeiros conquistadores espanhóis inseridos em um sistema colonial cada vez mais rígido. Como vimos anteriormente, passada a primeira fase da Conquista, estes espanhóis que investiam suas vidas e seus bens em empresas na América viam suas possibilidades de enriquecimento e de ascensão social diminuir drasticamente. Por um lado, as buscas por riquezas, vividas intensamente em sucessivas viagens ao interior do continente americano, raramente resultavam positivas. De outro, aqueles que haviam conseguido obter títulos e *encomiendas* e que acabaram estabelecendo dentro da Colônia um poder quase independente da Coroa, logo chamaram a atenção da monarquia que, temerosa, tratou de fortalecer a presença da autoridade real na região e reduzir estes privilégios (GARAVAGLIA; MARCHENA, 2005, p. 399).

Segundo Matthew Restall, os conquistadores espanhóis eram sujeitos comuns e de pouca fortuna, que haviam deixado a Espanha e chegado à América dispostos a enfrentar toda a sorte de dificuldades para explorar as terras, encontrar botins e enriquecer rapidamente. Se observarmos as descrições feitas sobre Lope de Aguirre, o personagem que estudamos, concluímos que a grande massa de conquistadores da América estão muito mais próximos dela do que das representações edulcoradas comumente feitas sobre Cortés ou Pizarro:

se desprende que Aguirre es considerado un hombre fiable, aunque sin ninguna particular atribución, sin oficio ni beneficio conocidos como tampoco fortuna destacable ni bienes metálicos que se puedan detectar. Un pobre digno, dispuesto a servir a la Corona y a tentar fortuna por la vasta y enigmática América. (MATAMORRO, 1987, p. 21)

A história da Conquista, portanto, não é a história de como um punhado de audaciosos aventureiros espanhóis conquistou dois impérios. Tampouco é a história de homens enviados à América pela Coroa Espanhola como um exército coeso e bem armado,

como aparenta a historiografia tradicional. Como Restall discute no “mito do exército do rei”, as hostes de conquistadores não tinham recursos financeiros suficientes, nem uma grande quantidade de armamentos para a empreitada. Ademais, os exploradores do Novo Mundo eram sujeitos de diversas origens e com variada formação que, muito provavelmente, só tinham em comum o anseio pelas riquezas americanas e pelo prestígio diante da Coroa Espanhola. Os conquistadores europeus constituem uma escassa legião separada de suas raízes ibéricas e, assim, é natural que se afundem no desconhecido e no imprevisto. Desta forma heterogênea é que foi composta a expedição de conquista à região amazônica da qual participou Lope de Aguirre entre 1560 e 1561. Ela era formada não só por um grupo de conquistadores espanhóis advindos de diversas localidades e que haviam tido diferentes experiências no Novo Mundo, mas homens de outras nacionalidades e, também, por “20 ó 30 negros, 600 indios y numerosos yanacunas de servicio”¹³⁸ (ORTIZ DE LA TABLA, 1987, p. 25):

Un pequeño y selecto grupo lo componen amigos, paisanos, deudos o parientes de Ursua, a los que encomienda los cargos de máxima responsabilidad. Otro, de unos 20 ó 30 individuos, eran los expertos hombres de mar que debían dedicarse a la construcción de los bergantines y lanchas así como de la navegación. Entre ellos abundarían, como era frecuente en estas fechas, los vascos y extranjeros (portugueses e italianos). Otro sector importante, si no numéricamente si por cohesión en torno a un caudillo, lo compondrían los hombres del capitán Ramiro que se unieron en Santa Cruz de Saposova, así como los 40 soldados que desertaron de la expedición de Juan de Salinas para unirse a la de Ursua. El resto de arcabuceros y soldados procedían de diversos orígenes y lugares, convocados por los bandos y promesas del general. (PASTOR, 1988, p. 287)

Antes deste grupo embarcar à procura das míticas terras de *Omagua* e de *El Dorado*, Aguirre e muitos outros expedicionários da *Jornada* já haviam vivido um cenário de sucessivas revoltas de conquistadores contra o poder monárquico ocorridas no vice-reinado peruano na primeira metade do século XVI. Essas rebeliões, dentre as quais a mais importante

¹³⁸ Uma das documentações sobre a Jornada, a *Relación* Anônima, traz alguns dados diferentes sobre a composição da expedição, mas nem por isto o número de índios participantes deixa de ser expressivo: “*heran trezientos hombres de guerra y tres clérigos de misa y siete mujeres casadas y otras cinco que se pretendían casar, mas de trezientos yndios yndias e algunos negros.*” (ANÓNIMA, [1562] 1981: 275). Esta constatação torna discutível a recorrente noção de que a Conquista da América se fez com alguns poucos soldados espanhóis vencendo milhares de nativos. Segundo Restall (2006), os espanhóis sempre foram minorias no terreno das batalhas e expedições na América e tiveram constante ajuda de grupos nativos. Apesar de a história oficial ocultar a participação ameríndia na história da Conquista, diversas documentações do período, como os relatos de viagens da *Jornada de Omagua y Dorado*, irão fazer aparecer os sujeitos-índios e as suas estratégias de sobrevivência diante da Conquista, o que faz cair por terra a imagem do indígena “vencido”, tão recorrente na historiografia.

foi, sem dúvida, a que liderou Gonzalo Pizarro entre os anos de 1544 e 1545, tinham como principal objetivo a defesa dos colonos, que não se conformavam com as duras medidas que o rei Filipe II instaurara na Colônia para restringir suas liberdades, seus poderes e suas regalias. O nosso personagem, aliás, participou de diversas, parte delas ao lado da Coroa, combatendo os revoltosos. Assinala Demetrio Ramos que nos antecedentes de Aguirre estão, além da rebelião em Cartagena de Índias, em 1535,

su participación en la rebelión de Don Sebastián de Castilla, a las órdenes de Garcí-Tello, en 1553, y al motín del Cuzco, al lado de Zaldúendo; pero, por el contrario, no combatió contra Vaca de Castro, en la época de la guerra almagrista, se mantuvo fiel a Blasco Nuñez y formó parte de la tropa que Verdugo mantuvo en defensa del estandarte real, tanto en el Perú como en Nicaragua y Nombre de Dios, lo mismo que combatió – después de la sublevación de Sebastián Castilla – contra el rebelde Hernández Girón en Chuquinga. Todos estos son datos conocidos y que si demuestran su participación en diversas revueltas, también nos señalan la presencia de Aguirre, en las críticas ocasiones de los alzamientos de Gonzalo Pizarro y de Hernández Girón, en las huestes fieles al Rey. (RAMOS, 1958, p. 514)

Constatar que Lope de Aguirre não lutou somente ao lado do grupo insurgente quebra um dos principais argumentos que os cronistas-expedicionários utilizaram para justificar a rebelião ocorrida durante a *Jornada*, ideia auxiliar, inclusive, na construção da imagem de Aguirre como um grande “tirano-traidor”. Um deles, Francisco Vázquez, afirma que à vontade de se amotinar deste personagem e dos expedicionários que se rebelaram junto com ele, somou-se o fato de que eles “*eran y habían sido traidores, y se habían hallado en el Perú en muchos motines contra el servicio de Su Majestad*” (VÁZQUEZ, 1987, p. 73). No entanto, estas ações de Lope de Aguirre nos ajudam a examinar que na luta pela sobrevivência no mundo hispano-americano, até mesmo a lealdade ao rei poderia ser negociada. Os espanhóis estabelecidos na América poderiam defender insurgentes ou a ordem monárquica, conforme se alteravam os seus próprios interesses. Em um ambiente conflituoso, as alianças com um ou outro lado poderiam significar algum benefício ao final da empreitada. Por esta razão, Giovanni Levi assinala que a construção do discurso histórico fica enriquecida na medida em que enfatiza a “liberdade de escolhas das pessoas comuns, suas estratégias, sua capacidade de explorar as inconsistências dos sistemas sociais e políticos, para encontrar brechas através das quais possam introduzir ou frestas e, que consigam sobreviver” (LEVI, 1992, p. 133).

Em “O pensamento mestiço”, Serge Gruzinski refere-se ao “choque da conquista” que sofreram não só os ameríndios, mas também os europeus. Diz que os conquistadores, ao se

depararem com a realidade do Novo Mundo, tão mais desnorteante do que imaginavam, sofreram uma brutal perturbação em seus imaginários (GRUZINSKI, 2001, p. 76). Impossível sustentar mitos ou modelos de conduta em um ambiente tão inconstante, tão imprevisto. O mesmo autor segue afirmando que em tal situação, somente o improviso poderia garantir o êxito aos conquistadores:

Como os prisioneiros de um labirinto, atores ameríndios e europeus avançam pé ante pé, resolvendo progressivamente as dificuldades e as escolhas que se oferecem a eles. [...] Deduzir, inventar, aprender... Embora na exploração dos labirintos só se disponha de uma visão parcial da situação global, a necessidade de avançar obriga a multiplicar as proezas de astúcia habilidade. E requer uma mobilização constante das capacidades intelectuais e criativas. (GRUZINSKI, 2001, p. 91)

Em outra oportunidade, o historiador francês, acompanhado de Carmen Bernand, fez a seguinte pergunta aos seus leitores: “por ordenar demais o desenvolvimento dos fatos, a análise histórica não estaria introduzindo *a posteriori* encadeamentos que expurgam o passado do menor imprevisto e fazem da aventura americana um roteiro bem organizado demais?” (BERNAND; GRUZINSKI, 2001, p. 15). O roteiro da história de Lope de Aguirre elaborado pela historiografia tradicional sempre negou a capacidade de ação racional, de astúcia e de improviso do personagem. Grande parte dos estudiosos sempre apresentaram os conquistadores, de um modo geral, como um bloco monolítico, cujos comportamentos eram bem arranjados e ordenados. Por essa razão, o pensamento aparentemente desviante de Aguirre fora construído como o de um “louco”. Mas, como vimos através de suas cartas, as suas reivindicações não eram tão desvinculadas de sentido.

Lope de Aguirre, apesar da aparente excepcionalidade, não tinha nada de anormal em relação aos seus contemporâneos. Era um homem que, como muitos outros, havia se dedicado por muitos anos de sua vida à Conquista da América em nome da Coroa Espanhola, com a intenção de obter riquezas e, talvez, alcançar algum nobre título sem, no entanto, conseguir nenhum destes privilégios. As já citadas revoltas ocorridas no vice-reinado peruano já apontavam para uma crescente insatisfação destes conquistadores “*sin oficio ni beneficio*” (SALMORAL, 1992, p. 492). Nesse desanimador contexto, talvez a derradeira chance que Aguirre vislumbrou para sair vitorioso desta empresa tenha sido a sua participação na *Jornada*. No entanto, a realidade encontrada foi frustrante – o hostil ambiente da floresta Amazônica e a *Omagua* e o *El Dorado* que nunca eram avistados, afloravam a tensão e a

discórdia entre os viajantes –, "*cuya experiencia cancela cualquier posibilidad de fantasear sobre hipotéticos objetivos maravillosos, empujando a los hombres a la rebelión*" (PASTOR, 1988, p. 292).

Infelizmente, as *Relaciones*, as cartas de Lope de Aguirre e outros documentos mais institucionais da *Jornada* de que dispomos, apesar de imersos em subjetividade e em sensibilidade, não formam um *corpus* documental suficiente para que reconstruamos a trajetória de vida do personagem. Essa tarefa nós deixaremos para próximas investidas, nossas ou de outros pesquisadores. Por ora, resta-nos concluir sobre a importância de reconstituir as vivências, de tomar os sujeitos como objeto e assumir até mesmo os “marginalizados” da história da Conquista da América como atores sociais, como protagonistas do complexo mundo colonial. O modelo de história que leva em conta somente os “homens extraordinários” e que estereotipa de forma negativa personagens como Lope de Aguirre – deixando-os no plano da “*leyenda*” tão somente – já não mais nos serve, como afirma Restall:

[...] é justamente a simplicidade do modelo que ajuda a explicar seu apelo incessante. Parece haver um impulso humano para personalizar o passado, tornar inteligíveis e acessíveis processos complexos, reduzindo-os a personagens emblemáticos e a uma narrativa de seus feitos. O apelo adicional dessa redução é que ela confere a seus adeptos a chance de moldar a história e seus protagonistas. (RESTALL, 2006, p. 30)

Personagens marginalizados como Lope de Aguirre e eventos fracassados como a *Jornada de Omagua y Dorado* são como fragmentos que, junto a tantos outros, por vezes relegados a uma categoria inferior de importância, formam o conjunto da realidade americana. No entanto, através deles torna-se possível enxergar a consistência do vivido, a complexidade das experiências, a diversidade dos atores e de suas trajetórias, e a consciência que eles têm dos processos nos quais se inserem. Pode-se, por fim, restituir os planos diversos que compuseram a história da Conquista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A escrita da história é o estudo da escrita como prática histórica.”

(Michel de Certeau, *A escrita da história*, 1982, p. 10)

Ao longo dos três capítulos dessa dissertação, observamos a escrita da história como uma prática produtora de diferentes leituras interpretativas no tempo e no espaço. Nesse sentido, discutimos de que maneira a *Jornada* de Lope de Aguirre foi construída por distintos sujeitos, coetâneos ou não aos seus acontecimentos, e dotada de significado em uma série de narrativas históricas, fossem testemunhos presenciais ou elaborações posteriores, que a tiveram como objeto. Pudemos verificar ainda como, a partir do evento e do personagem em questão, a história da Conquista da América foi produzida desde o XVI e ao longo dos séculos seguintes, acabando por consolidar uma visão e uma interpretação relativamente coerentes sobre ela, cujas características ainda hoje sobrevivem. Por fim, propusemos que a *Jornada* e Aguirre puderam servir-nos para que compreendamos a Conquista como uma realidade muito mais complexa do que aquela que a historiografia tradicionalmente nos apresenta.

Assim, é preciso reconhecer, primeiramente, que outras possibilidades ficaram à margem de nossos estudos, não por desconhecê-las, mas pela necessidade de controlar a nossa vontade de “abraçar” tantas tarefas quanto as que gostaríamos. Foram excluídas de nossa análise algumas inquietações que nos instigam desde o início da pesquisa. Nos referimos em particular a algumas narrativas literárias e fílmicas produzidas no século XX, como os romances *Lope de Aguirre, o príncipe da liberdade* (1982), de Miguel Otero Silva e *Daimón*, escrito por Abel Posse (1989), além das películas *Aguirre, a cólera de Deus*, dirigida por Werner Herzog (1972) e *El Dorado*, de Carlos Saura (1988). Por ora, foi-nos impossível estudar tais fontes históricas, pois além de necessitar de cuidados metodológicos especiais para tanto, manuseá-las acabaria por desviar nossa atenção da meta principal da investigação que agora realizamos. Contudo, entendemos que elas, por seu caráter assumidamente ficcional e pelo sucesso de público e crítica que alcançaram, merecem nossa atenção em próximas investidas. Caberia-nos, então, perguntar por que, em um período no qual, sabemos,

tanto se valorizou a memória, com um crescente interesse do grande público pelos acontecimentos e personagens do passado, a *Jornada de Omagua y Dorado* e Lope de Aguirre foram escolhidos para serem reconstruídos por aqueles literatos e cineastas. É interessante notar, pois, que enquanto o conhecimento histórico, construído a partir de arcabouços teóricos e metodológicos cada vez mais sofisticados, era afirmado no campo da ciência e encerrado na academia, em uma ávida tentativa de desvincular-se da escrita literária, a *Jornada* de Aguirre era cada vez menos lembrada pela historiografia e mais narrativas que a abordavam no âmbito da ficção eram realizadas e consumidas. Mas esta é uma discussão futura e absolutamente em aberto e que, adiante, poderá remeter-nos à uma série de novos questionamentos.

Voltemos à nossa dissertação. Os filmes e os romances dos quais falamos são processos de ficcionalização explícitos da *Jornada*, diferentemente dos escritos que tratamos ao longo das páginas anteriores, os quais tinham a pretensão de constituir-se em narrativas verídicas e, por isto, legitimadoras de uma determinada visão. Na pesquisa que aqui concluímos (conscientes, no entanto, de que uma narrativa historiográfica nunca está terminada), consideramos que uma mesma história pode ser escrita de maneiras distintas e que são as escolhas, os lugares de produção, as motivações e as subjetividades dos autores que determinam a sua construção e o significado atribuído a cada texto. Nosso interesse, por essa razão, nunca foi verificar as “verdades” existentes em cada um dos documentos analisados. Ocupamo-nos de observar como eles construíram representações, termo aqui utilizado em consonância com o proposto por Roger Chartier (1990; 1991), sobre a *Jornada de Omagua y Dorado* e sobre Lope de Aguirre, e como estas acabaram sendo decisivas para a maneira como o evento e o personagem foram, através do tempo, lembrados pela historiografia e, conseqüentemente, guardados na memória da Conquista. Entendemos que os escritos trabalhados, sejam do século XVI ou XX, não são “espelhos” de uma realidade experienciada ou de um passado o qual se poderia recuperar tal como foi, mas elaborações que dialogam com o que chamamos de realidade, e que, inclusive, constituem-na.

Iniciamos nossa pesquisa, então, por aquelas que, juntamente às epístolas do próprio Aguirre, foram as primeiras narrativas produzidas sobre o evento abordado: as sete *Relaciones* da *Jornada*. Pedro de Monguía, Gonzalo Zuñiga, Custodio Hernández, Juan de Vargas Zapata, Francisco Vázquez, Pedrarias de Alместo e um expedicionário anônimo, todos participantes da viagem, escreveram seus relatos sobre os acontecimentos vivenciados sob a forma de

probanzas de mérito, justificando as suas ações para que não fossem culpabilizados pela insurreição, assim como o foi Lope de Aguirre. Investidos de uma autoridade que, segundo os preceitos da época, só tinha quem viu e viveu a história para contá-la, os autores das *Relaciones* formularam representações de si como fiéis súditos da Coroa Espanhola, afastando suas figuras das ações do grupo insurgente. Ademais, explicaram a *Jornada* a partir de construções muito próprias. A expedição era caracterizada como um acontecimento que estava destinado ao fracasso desde o início por seu próprio ambiente, envolto em dificuldades, tragédias, medos, murmurações e traições. A ação de Lope de Aguirre e de seu grupo, nas *Relaciones*, era motivada por esses fatores internos, não sendo relacionada com o agenciamento dos sujeitos frente ao processo histórico que os conquistadores há muito viviam na América ou ao grave enfrentamento entre súditos e representantes da Coroa Espanhola que já havia gerado guerras civis e rebeliões, especialmente no Peru. Nesse sentido, Lope de Aguirre era representado de maneira muito singular, como um tirano cruel e louco, um homem sanguinário, um traidor por excelência. Diante de um clima tão terrível, os autores daqueles testemunhos pretendiam justificar o motivo pelo qual não houve, entre eles mesmos, qualquer oposição ou tentativa de deflagrar uma resistência aos rebeldes no decorrer da viagem. O importante, afinal, era deixar claro que aqueles que escreviam os relatos estavam em um lado oposto ao de Lope de Aguirre e de seus companheiros, e que tomavam parte dos que defendiam a ordem monárquica. É bastante provável que nenhum dos expedicionários-autores tenha sido condenado pela rebelião como foi Aguirre, o que pode demonstrar que as *Relaciones* alcançaram o seu objetivo primordial. Provavelmente eles não imaginavam, no entanto, que a história da *Jornada* da qual participaram seguisse sendo escrita nos anos (e séculos) vindouros e que as suas versões fossem privilegiadas nessa tarefa.

Ao, possivelmente, circularem entre a comunidade leitora da América, aqueles manuscritos acabaram caindo nas mãos dos cronistas coloniais que os apropriaram para compor as suas narrativas “mestras da vida”, utilizando os acontecimentos protagonizados por Lope de Aguirre lidos nas *Relaciones* como exemplos negativos de conduta. Crônicas históricas produzidas entre os séculos XVI e XVII, como as de Pedro de Aguado, Toribio de Ortiguera, Reginaldo de Lizárraga e Pedro Simón, acabavam por expressar, então, o discurso da Coroa em uma época em que a história da Conquista estava em plena construção, bem como ia se instalando e se consolidando a burocracia real no espaço americano. Tais textos expressavam a autoridade e o crescente controle do poder monárquico frente à autonomia

que os conquistadores espanhóis haviam alcançado e que pretendiam sustentar. Assim, demonstrava-se aos leitores o que acontecia à quem perturbava a ordem estabelecida, ressaltando os castigos que foram dados, por Deus e pelas autoridades reais, aos insurgentes e, especialmente, a Aguirre. Encontramos nas crônicas coloniais uma exacerbação discursiva sobre a *Jornada* que não aparecia nas *Relaciones*, atestada principalmente pela representação que se construiu do rebelde com traços diabólicos, como o “inimigo de Deus” em terras americanas. O objetivo dos cronistas era salientar a maldade daquele conquistador e a crueldade de seus crimes; descrevendo-os como vis e gratuitos, esvaziavam, mais uma vez, a rebelião de sentido. Desta maneira, a *Jornada* e Lope de Aguirre foram inscritos como exceções na história da Conquista. O final do evento, com o dismantelamento da sublevação, a condenação e a execução do personagem, foi construído como a redenção daquela história. Naqueles escritos, Aguirre e sua rebelião representavam o mal que havia sido combatido pelas forças do rei, “mal” iniciado e encerrado naquela *Jornada*, experiência afastada da realidade, particularizada.

O importante é observar o impacto e a influência que essas obras, sejam as *Relaciones* ou (consequentemente) as crônicas coloniais trabalhadas, tiveram nas imagens e nas visões que foram construídas e mantidas intactas como verdades a respeito da *Jornada*, de Lope de Aguirre e da Conquista Espanhola até, pelo menos, o século XX (ou, quem sabe, até os dias de hoje?). Isso ocorreu porque, apesar de aqueles textos não terem sido publicados na época em que foram escritos, foram alçados à categoria de “documentos históricos” pelos historiadores cientificistas do XIX, momento em que a maioria deles foi editado sob a forma de livro e acessado por mais leitores e, especialmente, por investigadores de toda ordem. A partir daquele momento, como vimos no final do segundo e no início do último capítulo, enxergava-se a fonte histórica como um repositório de gestos e fatos, os quais estavam guardados nos arquivos somente à espera do toque “mágico” dos historiadores para serem revividos e recontados. Era exatamente o que pensavam dois estudiosos na primeira metade do século XX quando iniciaram uma querela em torno da *Jornada* de Lope de Aguirre. Um deles, o espanhol Emiliano Jos, debruçou-se sobre as *Relaciones* para afirmar que o rebelde havia sido, sim, um cruel desvairado, tal qual aquela documentação o informava, caracterização “comprovada”, para a sua satisfação, através de um tratado psicológico dos investigadores peruanos Juan B. Lastres e C. Alberto Seguin. De outro lado, o argentino Luis Germán Burmester inaugurava uma interpretação até então inédita sobre Aguirre. Dando,

pela primeira vez, prioridade à análise das epístolas produzidas pelo próprio conquistador no decorrer da *Jornada*, que haviam sido publicadas justamente por Jos em 1927, Burmester representou o personagem como uma espécie de “primeiro libertador da América”. O argentino, de fato, tratou os acontecimentos de 1561 como se eles constituíssem um “momento” da longa cadeia que se ligaria às rebeliões ditas “nativistas” do XVIII e às guerras de Independência do XIX. Explicações de natureza teleológicas deste tipo caíram em descrédito atualmente e nenhuma historiografia contemporânea ousaria estabelecer tais relações.

Pensamos que o saldo da discussão historiográfica entre Jos e Burmester tenha sido mesmo a concorrência que eles protagonizaram, na avidez de demonstrar o quão eruditos e qualificados investigadores eram, ao publicar uma série de novos documentos sobre a *Jornada*. Podia-se, enfim, ler a história do evento e da Conquista escrita, também, através da pena de Lope de Aguirre. Afinal, nas três missivas que produziu para serem destinadas às autoridades reais, ele também acabava por construir uma representação de si e da *Jornada*, justificando a sua rebelião, assim como o fizeram os seus coevos. Contrariando a imagem que as *Relaciones* e as crônicas enunciavam, Aguirre acabava por afirmar-se como um “*rebelde hasta la muerte*”, mas, paradoxalmente, também caracterizava-se como um legítimo súdito da Coroa Espanhola. Para ele, era o rei Filipe II quem havia traído os conquistadores que, como ele, haviam dedicado suas vidas a explorar o Novo Mundo em seu nome e que ao final não receberam o que julgavam merecer. Assim, tal como fizeram Cristovão Colombo e Hernán Cortés – e mesmo os expedicionários da *Jornada* –, Aguirre também procurou construir uma imagem positiva de si, com o intuito, talvez, de atestar as suas críticas perante a Coroa, ou mesmo de afirmar sua versão da história. Isto significa que a “escrita de si” realizada pelo rebelde não foi tanto motivada pelo fato de ele ter sido um pária, coisa que os “grandes” não eram, mas que, dentro da dinâmica colonial, foi um homem que viveu e atuou em um contexto em que se disputava tanto pela própria sobrevivência quanto pela legitimidade da memória do vivido, expressa sempre através da escrita.

Esse, aliás, é um aspecto que acabou por aparecer nos três capítulos, de alguma maneira, e julgamos importante aqui ressaltar: a escrita da história na América colonial, através de suas mais diferentes formas, sejam elas *relaciones*, crônicas, cartas ou tantas outras que se formularam, foi utilizada por um espectro social tão amplo que até mesmo conquistadores comuns como Lope de Aguirre e os seus companheiros expedicionários

puderam produzir as suas linhas. Mais do que isto, ela se converteu, por uma parte, em instrumento direto e fundamental para a aquisição de prestígio ou de vantagens econômicas e políticas, e como veículo de comunicação com a autoridade colonial e com o distante centro de poder do Império. Por outra, como forma de legitimação de uma determinada visão, de uma auto-definição e de uma representação do outro. Não há como negar que, no caso da história da *Jornada* de Aguirre, as versões dos expedicionários saíram vencedoras.

Finalmente, pensamos que, justamente por elas terem sido capazes de criar uma tradição narrativa bastante forte, repletas de valores e visões específicas sobre o acontecimento, o historiador deve esforçar-se em compreender melhor o processo histórico no qual a *Jornada* de Lope de Aguirre está inserida (e as suas fontes foram produzidas), percebendo a complexidade daquele evento e daquele personagem dentro de um contexto maior. A realidade contraditória expressa pela rebelião de Aguirre, afinal, é diferente do mundo ordenado e coerente que os historiadores apresentaram e apresentam para a Conquista da América. De outra sorte, não podemos deixar de chamar a atenção para o fato de que a grande renovação na historiografia sobre a Conquista, que deu voz aos indígenas como atores sociais, não complexificou de igual maneira o campo espanhol. O conquistador continuou sendo representado por figuras como Colombo, Cortés e Pizarro, e *outsiders* como Lope de Aguirre permaneceram à margem das interpretações, canônicas ou atuais. Talvez este seja também o caso de Alvarado, Almagro e outros, que apenas raramente são objeto de atenção dos historiadores (ou ao menos da produção que nos chega e que ensinamos nas escolas). Mesmo a recente obra de Matthew Restall (2006), tantas vezes citada nesta dissertação, que convida a revisar a história tradicional chamando a atenção para o agenciamento indígena, não abre espaço para a perspectiva que aqui propomos. A jornada da *Jornada* de Aguirre revela que, diferentemente da imagem construída pela historiografia – e que acabou por invadir as construções não-acadêmicas, bem como o âmbito das salas de aula –, a Conquista foi feita, também, de levantes e improvisos, de fracassados, de "traidores" e de sujeitos comuns.

ANEXOS

ANEXO 1

PROCLAMACIÓN DE DON FERNANDO DE GUZMÁN, PRÍNCIPE DEL PERÚ

Este es traslado bien e fielmente sacado de cierto avto que se enbio a la Real Audiencia e chançillería rreal de su mag que rreside en la çvidad de santo domingo de la ysla española, que paresçe que está firmado de rrodrigo navarrete, escriuano, su tenor del qual es este que se sigue.

En la probinçia de marcifaro que será seteçientas leguas de los rreynos del Perú el rrio abaxo que viene de los motilones en veinte e tres días del mes de março de mill e quisº e sesenta e vn años, estando junto en una plaça el muy magº señor don hernando de guzmán y toda la gente que vino al descubrimiento de omangua con pº de orsua, y siendo el dho señor don hernando de guzmán su capitán general, y lope de Aguirre su maestre de campo, y los demas capitanes y oficiales que tenia nombrados, el dho señor don hernando de guzmán les dixo que su mrd les avía llamado y juntado para que entendiesen que hasta el día de oy desde que murió el governador pº de vsua, avía sido su capitán general y avían estado debaxo de su governacion, y que agora era su determinada voluntad aquello que mas quisiesen, y se quedasen a poblar la tierra o fuesen a descubrir y poblar a donde quisiesen y mas de su voluntad fuese, de todos o de cada uno de ellos, e se partiesen e dividiesen ynos para vna parte y otros para otra, y que para seguir cada vno de aquello que mas les combiniese, nombrasen todos juntos o divididos, como mejor les pareçiese, governador o gobernadores o capitán o capitanes, para que los governase y acavdillase para yr aquella parte o partes que mas a su boluntad lo hiziesen; y para que mas a su boluntad hogagan como hombres libres que eran, de agora dexaría y dexó y se esemia y se esemio del cargo que tenia de capitán general y quedava como vno de los demas que estaban presentes, y quito los demas oficiales que tenia fhos de maestre de campo y capitanes y otros oficiales, e dixo que lo tubiesen desde allí en adelante por soldado particular como cada vno de los demas y aviendo acabado de decir lo susodho callo.

E luego todos juntos a vno voz dixieron que para elegir governador o capitán o aquel diado q ellos quisiesen y po bien nombrasen, para yr a aquella parte que su boluntad

* GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 283-285.

nombrauan por su escrivano a melchor de villegas para q como tal escrivano por ellos elegido e nombrado por ellos, pudiese dar fee e verdadero testimi° a todas aquellas personas que lo pidiesen y demandaren, todo aquello que oy pasase y los avtos que sobre la dha eleçion, se hizieren, y que para mayor abundamiento daban e dieron supoder cumplido a lope de aguirre, segun que en tal caso se requiere, para que tomase juramento en forma de dr°. al dho melchor de villegas que bien e fielmente usara del dho oficio; e luego el dho lope de aguirre hizo la + con la mano dr^a e yo, el dho melchor de villegas puse la mano dr^a. sobre ella e me tomo juramento en forma devida de dr°, por dios e por santa maria e por las palabras de los santos quatro evangelios, que bien e fielmente usara del dho cargo e oficio de escrivano y daria fee y testimonio de lo que oy pasase, para que siempre oviese dello memoria y a la avsolucion y confision de dho juramento dixo y juro e amen e prometi de lo ansi hacer e guardar e firmele de mi nombre.

E luego en continente aviendo pasado lo susodho segun e como dho es, toda la gente que estaba presente a vno voz dixeran que nombrauan e eligieron por principe e señor al dho don hernando de guzman, para que vaya a los rreynos del peru y los conquiste y quite y desposea a los que agora los tienen y poseen y meta debaxo de su ingenio y nos rremunere y gratifique enellos el trabaxo dd lo que en dhos rreynos avemos trabaxado en lo conquistar y pacificar de los yndios natuales de los dhos rreynos, por quanto avendoselo ganado a los dhos yndios con nras personas y con nro trabaxo derramado nra sangre a nra costa y minsion, no fuimos gratificados enellos, ni remunerados, ni se nos dio premio alguno, ántes el bisorrey don hurtado de mendonça; nos desterro de los dhos rreynos conengaños y falsedad, diziendonos que veniamos a la mejor tierra y mas poblada del mundo, siendo como es la mas mala y ynabitable e de menos gente que ay enel, sabiendo y constandole que en demanda della y por ser tan mala se an perdido veinte e cinco o treynta armadas; y que por razón de lo susodho nombrauan y nombraron como cho tienen al dho don hernando de guzman su principe y señor para q los tenga en su parte e debaxo de su yugo y ampare y les haga justicia de matelles en posesion de los dhos rreynos, y les rremunere y gratifique enellos la sangre que sobre ganallos an derramado y los trabaxos que han pasado para que de los que al presente gobiernan los dhos rreynos del peru, es el dr°. camino por el nombre de dios y panama y no se pueren yr por otra parte, y por allí no les darían pasage, le piden y suplican que con mano armada vaya a los dhos pueblos e pase por fuerça de armas y tome las cosas neçarias para el dho pasage, y que le prometían, y le prometieron de le tener por tal principe y señor y le seguir

siempre, haçer aquello que les mandara y selle siempre leales basallos; y que para cumplir lo susodho juraron a dios y a santa maria y a las palabras de los santos quatro evangelios y por la señal de la + sobre que pusieron sus manos derechas vno a vno, de así tener e guardar e cumplir e aver por firme rodo lo susodho, e ansi vno a vno le besaron la mano como a su prinçipe y señor y firmaronlo de sus nombres y los que firmaron la dha conjuración son los siguientes:

Sebastián de Santacruz,

Melchor de Pina,

Fernán Gómez, Johan de rrosales, niculas de madrigal, Vicente López, D° de Lara, **pedrarias de almonte** [grifo nosso], D° de la peña, Melchor rramirez, Francisco Garcia, Johan bautista de paredes, D° lopez, Seuastian de monteverde Rrobles, Pedro del Viso, Johan gomez, Baltasar Días, Geronimo sanchez, Francisco Nuñez, Gonçalo Rramirez de Alzedo, Francisco Cavallero, Alonso sanchez, Rodrigo perez, Xriptual Rrodriguez, Baltasar de valladares, nufflo ffernandez, xristoval de la lamilla, gomez gutierrez, Jorge de Rodas, las Gutierrez, Alonso Camacho, Luis barvosa, P° de Burgos, Juan de Villatoro, Luis Velazquez, D° de Alfaro, Alvaro Cayado, Pero Ruiz de Palencia, Al° Rodriguez, Al° de segura, Francisco de heras, alvaro de acosta, Juan Lopez Hidalgo, Pedro Brizeño, costa del nar, Bartolome Rodriguez, Venito Diaz, Francisco de Carrion, Mateo Gonçales, Al° Estauan, Jorge de Rodas, Francisco min, A° de aviles, gutierre quixada, **p° de monguia** [grifo nosso], Juan bazqnez, juan min, albaro de acuña, Bartolomé rodriguez, gonçalo galache, maniel vaez, Cornieles perez danvers, manuel de herrera, nuño, anton perez, antonio de alvarado, **lope de aguirre** [grifo nosso], miguel serrano de caceres, pero alonso, al° marques de orellana, gonçalo guiral de fuentes, juan de guebara, lorenço de çalduendo, juan gomez, sancho piçarro, villena de cadenas, pero gutierrez, miguel bobedo, pero sanches, min perez, melchor de villegas, D° Tirado jaun tello, bartolome de valencia, juan de vargas, don juan de corella, p° de torres, gonçalo duarte, jaun elbaz, juan lopez çerrato, bartolome sanchez paniagua, juan lopez de ayala, d° de figueroa, **gonçalo de çuniga** [grifo nosso], Jerónimo de Villabego, francisco de tapia, niculas de loçaya, juan ortiz, Xpval de rivas, d° de arles, juan geronimo de valdespina, don gaspar puerto carrero, lope de paz, rrodrigo gutierrez, d° de balçaçar, Isidoro Velasco, paulo garçés, pero al°, garcía rrengel, alonso ruiz, Al°. de çepeda, montemayor, juan de valladares, juan juarez azeituno, min dilibrán, juan de san juan, miguel de loaisa, pedro de ambara, anton de mercado, pedro de valencia, p° del campo, Francisco de tapia, Francisco lopez, juan ponçe, diego sanchez bilbao,

fernán centeno, garcía de chavs, juan alonso, bautista de salazar, asensio de marquina, Francisco de medrazo, anton llamoso, juan de sauzedo, xpual galindo, juan del campo, juan de çentejo, pedro palomo de venavides, francisco lopez, seuastian rodriguez de marçella, dº. luzero, segerones, gonçalo gomez, min sanchez, min garçes, martin de salua, al. tirado, fernan de almonte, Pero Ruiz de Rojas, juan velazquez sahagún, melchor ximenez, gonçalo galache, baltasar lezcano, miguel martinez, juan guerrero, Aº. sanchez pando, juan ruiz de artiaga, andres de san pelayo, Rº. salzedo, myguel de carvajal, pero tome, francisco hernandez, gomez min, juan de villancallo, pero min, Aº. ximenez, rodrigo sanchez, pero gonzalez entrete, martin caluo.

el susodho avto de los dhos tiranos con las dhas firmas que debaxo el estaban fue todo sacado del original que queda en poder de mi el dho escrivano e cuya firma e validaçion lo firmé de mi nombre rrodrigo de navarrete escriuano rreal de su mag e puº del concejo fecho e sacado fue este traslado del dho testimonio, por mi, diego de Herrera, en doze dias del mes de nobiembre de mill quinientos de mill quinientos e sesenta e un años y fueron testigos a lo ver e sacar corregir e concertar con el dho original rrº. perez de villota e francisco ventura e diego de rroblez vzºs en esta dha cibdad.

Diego de Herrera escriuano de Camara de su magestad. - (rubricado).

ANEXO 2

LISTA DE MORTOS DA JORNADA ATRIBUÍDOS A LOPE DE AGUIRRE, EXTRAÍDA DA RELACIÃO ANÔNIMA*

“Murieron en esta jornada de enfermedad y hambre, sesenta personas. Los que mató el tirano después de alzado con el armada son los siguientes:

Al gobernador Pedro de Orsua, natural de Navarra, a estocadas.

A Don Juan de Vargas, natural de Madrid, su teniente, a estocadas.

García de Arce le dio garrote.

Pero Hernandez, natural de Sanlucar de Barrameda, a garrote.

Pero de Miranda, natural de Talavera de la Reina, garrote.

Juan Alonso de la Bandera, natural de Torrijos, a lanzadas.

Pedro Alonso Cajo, de Trujillo, garrote.

Lorenzo de Salduendo, natural de Pamplona, a lanzadas.

Doña Inés de Atienza, hija de vnv. del Perú, a puñaladas.

Alonso de Montoya, de Plasencia, a lanzadas.

Miguel Bovedo, de Ayamonte, a lanzadas.

Don Fernando de Guzmán, de Sevilla, arcabuzazos.

Miguel Serrano de Cáceres, a lanzadas.

Alonso de Ynao, clérigo, de Torrijos, a estocadas.

Alonso Duarte, de Córdoba, a puñaladas.

Baltasar Toscano, del Condado, a cuchilladas.

Pero Gutierrez, de Saluncar de Barrameda, garrote.

Juan Lopez Serrato, a lanzadas.

*ANÓNIMA. Relación de todo lo sucedido en la gobernación de Omagua que por otro nombre se llama El Dorado, desde que fue encargada a Pedro de Orsua por el Marqués de Cañete, viso rey de los Reinos del Perú, y de cómo el cruel tirano Lope de Aguirre llegó a la Isla de la Margarita y de las crueldades que hizo hasta salir e la dicha Isla. También trata de algunas cosas que sucedieron antes que la Jornada se proveyese, del desbarate y muerte del tirano por mejor dar a entender el principio y fin que tuvo aunque es falta de razones es cum [sic] de verdades. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 280-281.

Julio de Cabañas, Navarro, garrote.
Pedro Sanchez Trujillo, de Triana, garrote.
Julio González, de Ayamonte, garrote.
El comendador Don Juan de Guevara, de Murcia, a estocadas.
Bernaldino de Monteverde, flamenco, a garrote.
Diego de Benalcazar, garrote.
Girardo de Fuentes, de Sevilla, garrote.
Alonso Enriquez de Orellana, de Trujillo, ahorcado.
Juan de Villatoro, de Córdoba, ahorcado.
Pedro del Castillo, de Azuaga, ahorcado.
Juan de Ytirriaga, vizcaíno, arcabuzazos.
Myn Perez de Sarrondo, de San Sebastián, a cochilladas.
Jaime Domínguez, de Aimon, a puñaladas.
Myan Diaz del Almendral, Navarro, garrote.
Juan de San Juan, vizcaíno, garrote.
Alonso Paredes de Riberas, garrote.
Ramiro Perez, Montañes, garrote.
Benito Diaz, de Bujalance, garrote.
Anton Gra., del Condado, arcabuzazos.
Gonzalo Gómez, de Sevilla, garrote.
Francisco Martín, piloto, a puñaladas.
Alonso de Fersaya, de Sevilla, garrote.
Alarcón de Villaexusadiaro, hecho cuartos.
Miguel de Loaisa, Extremeño, garrote.
Alonso Rodriguez, almirante, del Condado, garrote.
Juan Alonso, teniente de Don Juan, garrote.
Manuel Ros, de Lisboa, alcalde, garrote.
Cosme de León, alguazil mayor, garrote.
Pedro de Cáceres, garrote.
Ana de Rojas, vecina de Margarita, ahorcada.
Diego Gomez, su marido, garrote.
Ysabel de Chaves, de Ciudad Real, ahorcada.

Frai Francisco de Torrijos, fraile dominico, garrote.

Simon Rostro, viscaíno, ahorcado.

Francisco Farrias, portugués, garrote.

Pero Nuñes, portugués, garrote.

La hija del tirano doña Elvira de Aguirre, a puñaladas.

Lope de Aguirre, el cruel tirano, hecho cuartos y puesta la cabeza en el rollo.

Por manera que son todos los muertos que murieron en esta jornada 61 personas.”

ANEXO 3

SENTENCIA DE BERNALDEZ CONTRA LA MEMORIA Y FAMA DE AGUIRRE*

Yo francisco de san juan iscriuano de su magestad puc^o e del cabildo de la çidad del tocuyo de venesçuela de las yndias del mar oceano, doy fee a todos los que la presente vieren como en la dicha cibdad del tocuyo, oi, diez y seys dias del mes de deziembre desde santo año de mill quinientos y sesenta y un años, el muy magnifico señor el liçenciado alonso bernaldez, gobernador y juez de rresidençia por su magestad en la dicha gobernación por ante mi como tal escriuano, dixo: que por quanto el avia benido agora nuevamente a tomar rresidencia a el licenciado pablo collado gobernador que a sido desta prouincia; y allado que vn lope de aguirre tirano alçada contra la magestad rreal del rrey don felipe nuestro señor a sido muerto y desbaratado en esta prouincia, el cual dicho tirano lope de aguirre es fama que fue en muchos alzamientos y motines en la prouincia del peru, y el postrero fue que, saliendo del dicho peru por soldado de pedro de orsua gobernador nombrado por el bisorrey marques de cañete del descubrimiento del dorado; lo mató y a su teniente general y a otros oficiales en el rrio del marañon y hizo poner y puso titulo de principe a vn don fernando de guzman vezino de seuilla i le alçaron por tal, y el dicho lope de aguirre fue su mastre de campo, y después mato y hizo matar a el dicho don fernando de guzman y a otros capitanes y personas que le avian ayudado en la muerte del dicho pedro de orsua, y se hizo general de toda la gente que quedava e la traxo el ducho rrio marañon abaxo y entro en la ysla, margarita donde se apodero del pueblo y de la fortaleza y mato a don juan de villandrando tiniente de gobernador en dicha ysla y a otras personas, y de alli de dicha ysla y de alli tuvo intento de venir por la costa de tierra firme hasta hombres de ios y de alli pasar al peru con nombre de tirano para alçarse con el, e despues, sabiendo que en la costa abia notiçia dél mudó proposito y quiso hazer la jornada del peru por tierra y para ello entrar como entro en esta prouincia y atrabesar por ella y por el nuevo rreyno e gobernación de benalçaçar, y en cumplimiento dello, vino al puerto de burburoata y se apodero de çibdad y de alli fue a la çibdad de la valençia e de alli a la çibdad de bariquiçimeto e los tres pueblos quemo y vino atalando y destruyendo la tierra, y apregonó

* GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 26-27.

guerra contra su magestad a fuego y sangre, trayendo banderas y estandartes pendidas contra su magestad como tirano, prosiguiendo su yntincion hasya que fue desbaratado vençido y muerto; y por que de todo lo susodicho hasta agora no se avya fecho proçeso contra la memoria y fama del dicho lope de aguirre como de derecho se deuia fazer; dixo; que mandava y mando que se llamen por pregones e heditos publicos todos los parientes e amigos del dicho lope de aguirre e las personas que pretendieren algun derecho para le hereder o quisieran defender su memoria y bienes en qulger (sic) manera; los quales, si los vbiese, paresçiesen a los defender con apercibimiento que viniendo dentro de los terminos de los heditos y pregones que seran de en ora en ora, les oyra, y donde no, proseguira en el proceso desta cavsa notificando los avtos della, en los estados de su juzgado por avsençia e rrebeldia de parte, y asni dico que lo mandava y, mandó en presençia de çiertos testigos, despues de lo qual se dieron y apregonaron los dichos heditos y el dicho señor gobernador acusó las rrebeldias dellos a los que de derecho fuesen partes por no haber parecido persona alguna a defender la dicha memoria y bienes del dicho lope de aguirre en el termino de dichos pregones, y el dicho señor goberndor hizo cargo a el dicho lope de aguirre de los delitos que cometio conforme a la cabeza del proceso contra el hecha, y se notifico en los estados y se acusó la rrebeldia por no pareser parte a rresponder, y el dicho señor gobernador vbo el pleito por concluso y rreçibio enel a prueba conçierto término, dentro del qual, por el dicho señor gobernador se rreçibio cierta prouançã sobre lo tocante a los delitos del dicho lope de aguirre, de la qual fue hecha publicaçon, y se concluyo el negocio y citaron las partes para le oyr e prounciar sentencia definitiva, abiendo se notificado todos los abtos por ausencia y rrebeldia de los que podrian ser partes en la cavsa, en los estados del juzgado del dicho señor gobernador que les estaban señalados, y ansy concluso dicho negocio, el dicho señor gobernador dio y pronuncio sentencia definitiva su tenor de la qual es la siguiente.

En el pleito criminal que de offiçio de la justicia rreal se tracta de vna parte, y de la memoria bienes hazienda de lope de aguirre difunto tirano alçado contra su magestad de la otra, visto los avtos y méritos deste proçeso; fallo que debe declarar y declarava y declaró, el dicho tirano lope de aguirre aver cometido crimen lese magestatis contra la mgestad rreal del rrey don Felipe nuestro señor, y haberle sido traydor muchas vezes, en cuya consequeçia, condenava y condenó a su fama y memoria a que desde oy en adelante y desde la ora que propuso y determino de cometer trycion y tirania, a que sea tenyda por de hombre traydor y tirano contra su rrey y señor natural, y como tal, declaro aber sido justamente degollado y

hecho cuartos. Asi mismo declaro todos y cualesquier bienes que dexase, abellos perdido e ser e pertenecer a la camara e fisco de su magestad, y por tal los aplico o mando que doquiera que el dicho lope de aguirre dexase casas de su morada, le sean derribadas por los çiminetos, de arte que no quede figura ni memoria dellas ni de parte dellas, y ansi derribadas sean aradas y sembradas de sal, con pregon publico desta sentencia. Asi mismo declaro todos los hijos barones que del dicho aguirre ayan quedado, ora sean legitimos o bastardos o espureos, por infames para siempre jamas, como hijos de padre traydor e tirano, a los cuales tambien declaro por yndignos e yncapaces de poder tener honrra de caualleria ni denidad, ni officio publico ni otro de los prohibidos en derecho, ni poder rresçibir herencia ni manda de pariente ni de otra persona, y condeno a a dicha memoria e bienes en lo arriba dicho, y mando que esta sentencia se cumpla y execute sin embargo de apelacion que cualquiera persona quiera poner y que para execuçion y cumplimiento della se den cartas de Requisitoria y de justicia para todos los rreynos y señorios de su magestad e para los juezes y para las justicias dellos, para que ansi lo cumplan e hagan cunplir y executar, y por esta mi sentencia deffinitiva juzgando ansy, lo pronuncio y mando con costas y penas legales aplicadas a quien de derecho se aplican. / el liçenciado bernaldez.

Dada y pronunciada fue la dicha sentencia de suso contenido por el dicho señor gobernador que en ella firmo su nonbre, en la dicha ciudad del tocuyo a dies y siete dias del mes de diziembre del año del señor de mill y quinientos y sesenta y un años siendo presentes por testigos gutierre de la peña juan catano y dº escorcha, vezinos de la çibdad.

Luego y continente, yo, el dicho escribano, notifique la dicha sentencia por ausencia de las personas que de derecho son partes por el dicho lope de aguirre, en los estados de la audiencia del dicho señor gobernador donde fue pronunciada la dicha sentencia.

Yo el dicho francisco de san juan escribano susodicho, de mandamiento del dicho señor gobernador saque el dicho testimonio de suso contenido y fuy presente a todo lo que en el se haze mencion, segund que consta por el provecho, sobrello por el dicho señor gobernador ante mi tractado, a que me rrefiero y por ende los escrivi y signe a tal testimonio de verdad.

Francisco de san joan
 escriuano publico
 (Rubricado)

ANEXO 4

EXTRATO DA RELACIÓN DE GONZALO DE ZUÑIGA*

Riberas del Marañón,
do gran mal se ha congelado,
se levantó un vizcaíno,
muy peor que andaluzado,
La muerte de muchos buenos
el gran traidor ha causado,
usando de muchas mañas,
Cautelas, como malvado;
matando a Pedro Dorsua,
gobernador del Dorado,
y a su teniente D. Juan,
que de Vargas es llamado.
Y después a D. Fernando,
su príncipe, ya jurado,
con más de cien caballeros
y toda la flor del campo,
matándolos a garrote,
sin poder nadie evitarlo.
Hasta un clérigo de misa
las entrañas le ha sacado,
y la linda D. Inés.
que a Policena ha imitado.
Dio muerte a un Comendador

* ZUÑIGA, Gonzalo de. Relación muy verdadera de todo lo sucedido en el Río Del Marañón, en la Provincia del Dorado, hecha por el Gobernador Pedro de Orsua, dende que fue enviado de la ciudad de Lima por el Marqués de Cañete, visorey de los Reinos del Pirú, y de la muerte del dicho Pedro de Orsua y el comienzo de los tiranos D. Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre su subdecesor, y de lo que hicieron hasta llegar á la Margarita y salir della”. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 26-27.

de Rodas, viejo y honrado,
porque le ordenó la muerte
por servir al Rey su amo.
Llegado a la Margarita,
do fue bien agasajado,
con su dañada intención
a todos los ha engañado.
No queda hombre ni mujer
que mal no fuese tratado
de este cruel matador,
que de Aguirre era nombrado.

Pasado algunos días,
a gran mal determinado,
mató a todas las justicias
y a D. Juan de Villandrando,
con muchos de los vecinos
más principales y honrados.
Y como perro rabioso,
quedó tan encarnizado,
que de sus propios amigos
a más de veinte ha matado;
y entrellos los más queridos,
hasta su Maestre de campo.
Y también mató mujeres,
y a frailes no ha perdonado,
porque ha hecho juramento
de no perdoar perlado,
pues mató a su confesor,
habiéndolo confesado,
de garrote por la boza,
por ser más martirizado.

A nadie da confesión,
porque no lo ha acostumbrado,
y así se tiene por cierto
ser el tal endemoniado

ANEXO 5

CÉDULA DE FELIPE II AL NUEVO REINO SOBRE CASTIGO DE LOS MARAÑONES*

El Rey, presidente e oydores de la nuestra audiencia rreal del nuevo Reyno de Granada: ya saueis la rreuelion y tirania de lope de Aguirre y sus seçaçes, y las muertes y rrobos y daños que hizieron, ansi en la ysla de margarita como en la prouinçia de beneçuela, y otras partes, y abreis entendido la conjuracion que hizieron contra nuestro rreal seruicio, jurando por principe y capitan general a un don hernando de guzman, en quien después suçedio el dicho lope de Aguirre y somos ynformados que al tiempo que fue desbaratado el dicho lope de Aguirre en la dicha prouinçia de veneçuela, muchos de los culpados en la dicha rebelion, se esparcieron y fueron ansi a ese rreigno como a otras partes, y an quedado sin castigo de sus delitos, y porque conviene que sean castigados como la gravedad de su delito lo Requiere, vos mando que os ynformeis y sepais, si ay en ese rreino algunos de los delincuentes, y si hallardes que ay en el algunos, les hagais prender los cuerpos y ansi presos proçedais contra ellos conforme a derecho, haziendo sobrello justiçia a las partes a quien tocare, y para que sepais los que fueron en la dicha conjuracion y son culpados enellas, vos mando enviar con esta una Relaçion firmada del s^o ocho de luyando, por donde entenderéis los nombres dellos, para proçeder contra ellos conforme a justiçia, y a lo qenello haçierdes nos enbiareis rrelaçion con toda brevedad, y estareis advertidos de dar horden como ninguno destes culpados quede enesas partes en ninguna manera ni por ninguna via. fecha en madrid a tres de octubre mill quinientos e sesenya y dos años. yo el Rey. por mandado de su majestad francisco de herrero su secretario.

(Sigue lista de conjurados, formada en efecto por O. de Luyando)

Archivo de las Indias Sevilla. Patronato 2-2-2/17. Pleito del Fiscal con J. Velázquez de S. Fols. 7 y 8

* JOS, Emiliano. *La expedición de Ursúa al Dorado, la rebelión de Lope de Aguirre y el itinerario de los Marañoses*. Huesca: V. Campo, 1927, pp. 206-207.

REFERÊNCIAS

FONTES

- [1641] ACUÑA, Cristóbal de. Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas, El año de 1639. Por la provincia de Quito, en el reino del Perú. In: FIGUEROA, Francisco de; ACUÑA, Cristóbal de et. al. *Informes de jesuitas en el Amazonas (1660-1684)*. Iquitos: Ceta, 1986 (Monumenta Amazônica). Para citação textual no corpo da dissertação optamos pela edição em português: ACUÑA, Cristóbal de. *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas (1641)*. Tradução de Helena Ferreira. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- [1575] AGUADO, Pedro de. *Recopilación Historial de Venezuela*. Estudio preliminar de Guillermo Morón. Caracas: Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia, 1963. Tomo I;LXXVI + 581 p; Tomo II, 632 p.
- [1643] BARNUEVO, Rodrigo de. Relación apologética, así del antiguo como nuevo descubrimiento del río de las Amazonas ó Marañon, hecho por los religiosos de la Compañía de Jesús de Quito [...]. In: FIGUEROA, Francisco de; ACUÑA, Christóbal de. et. al. *Informes de Jesuitas en el Amazonas 1660-1684*. Iquitos-Peru: IIAP-CETA, 1986, 365p. (Monumenta Amazônica)
- [s/a] ALMESTO, Pedrarias de. Relación verdadera de todo lo que sucedió en la Jornada de Omagua y Dorado que el gobernador Pedro de Ursua fue a descubrir por poderes y comisiones que le dio el visorey Marqués de Cañete, desde el Pirú por um río que llaman de Amazonas, que por otro nombre se dice el río Marañón el cual tiene su nacimiento en el Pirú, y entra en el mar cerca del Brasil. Trátase asimismo del alzamiento de don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre y de las crueldades de estos perversos tiranos. In: CARVAJAL, G.; ALMESTO, P. & ROJAS, A de. *La aventura del Amazonas*. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: Historia 16, 1986. pp. . (Crónicas de América 19).
- [1561] AGUIRRE, Lope de. Carta al Padre Montesinos por Lope de Aguirre. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 285-286.
- [1561] AGUIRRE, Lope de. Carta de Aguirre a Pablo Collado, gobernador de Venezuela. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. p. 287.
- [1561] AGUIRRE, Lope de. Carta de Lope de Aguirre à Felipe II. In: JOS, Emiliano. *La expedición de Ursúa al Dorado, la rebelión de Lope de Aguirre y el itinerario de los Marañoses*. Huesca: V. Campo, 1927, pp. 196-200.

- [s/a] ANÓNIMA. Relación de todo lo sucedido en la gobernación de Omagua que por otro nombre se llama El Dorado, desde que fue encargada a Pedro de Orsua por el Marqués de Cañete, viso rey de los Reinos del Perú, y de cómo el cruel tirano Lope de Aguirre llegó a la Isla de la Margarita y de las crueldades que hizo hasta salir e la dicha Isla. También trata de algunas cosas que sucedieron antes que la Jornada se proveyese, del desbarate y muerte del tirano por mejor dar a entender el principio y fin que tuvo aunque es falta de razones es cum [sic] de verdades. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 274-281.
- [1941] BURMESTER, Luis Germán. *Lope de Aguirre y la Jornada de los Maraños*. Buenos Aires: Librería Mené
- [1561] CARTA DE LOS OFICIALES REALES DE Sº DOMINGO. In: JOS, Emiliano. *Ciencia y osadía sobre Lope de Aguirre el Peregrino*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla, 1950, p. 137
- [1562] CARTA DE LOS OIDORES ANGULO, ECHAGOYAN Y CACERES. In: JOS, Emiliano. *Ciencia y osadía sobre Lope de Aguirre el Peregrino*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla, 1950, p. 146.
- [1562] CÉDULA DE FELIPE II AL NUEVO REINO SOBRE CASTIGO DE LOS MARAÑONES. IN: JOS, Emiliano. *La expedición de Ursúa al Dorado, la rebelión de Lope de Aguirre y el itinerario de los Maraños*. Huesca: V. Campo, 1927, pp. 206-207.
- [1542] CARVAJAL, Gaspar de. Relación que escribió Fr. Gaspar de Carvajal, fraile de la orden de Santo Domingo de Guzmán del nuevo descubrimiento del famoso Rio Grande que descubrió por muy gran ventura desde su nacimiento hasta salir a la mar, con cincuenta y siete hombres que trajo consigo y se echó a su ventura por el dicho río, y por el nombre del capitán que le descubrió se llamo el Río de Orellana. In: CARVAJAL, G.; ALMESTO P. & ROJAS, A. de. *La aventura del Amazonas*. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: Historia 16, 1986. 253 p. (Crónicas de America).
- [1520] CORTÉS, Hernán. Segunda Carta-Relación de Hernán Cortés al Emperador Carlos V. In: _____. *Cartas de relación*. Ed. de Mario Hernández. Madrid: Historia 16, 1985. 437 p. (Crónicas de America)
- [1568] DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la Conquista de la Nueva España*: manuscrito Guatemala. Edición crítica de José Antonio Barbón Rodríguez. México, D.F.: El Colegio de México; Universidad Nacional Autónoma de México; Madrid: Agencia Española de Cooperación Nacional, 2005. 1984 p.
- [1569-1589] ERCILLA Y ZUNIGA, Alonso de. *La araucana*. 1. ed. Barcelona: Ramón Sopena, 1981. 559 p.

- [1661] FIGUEROA, Francisco de. Ynforme de las misiones de el Marañon, Gran Pará ó Río de las Amazonas que haze el Pe. Francisco de Figueroa [...]. In: FIGUEROA, Francisco de; ACUÑA, Christóbal de. et. al. *Informes de Jesuitas en el Amazonas 1660-1684*. Iquitos-Peru: IIAP-CETA, 1986, 365p. (Monumenta Amazônica)
- [s/a] HERNANDEZ, Custodio. Relación muy verdadera que trata de todo lo que acaeció en la entrada de Pedro de Orsua en el descubrimiento del Dorado y Omagua y de la rebelión de Don Hernando de Guzmán y del muy cruel tirano Lope de Aguirre sucesor y de cómo mataron al Gobernador en la Provincia de Machifaro que es en el comedio de este Río nombrado Marañon por otro nombre de las Amazonas y por otro nombre. El fuerte mar sulse [sic] y de las muerte que este tirano dio (a) amigos e hijosdalgos y buenos soldados y a frailes clérigos mujeres no perdonando a nadie y cierto es de maravilla. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 191-200.
- [1927] JOS, Emiliano. *La expedición de Ursúa al Dorado, la rebelión de Lope de Aguirre y el itinerario de los Marañones*. Huesca: V. Campo, 1927. 296 p.
- [1950] JOS, Emiliano. *Ciencia y Osadía sobre Lope de Aguirre el Peregrino*. Con documentos inéditos. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-americanos de Sevilla, 1950. 166 p.
- [1744] LA CONDAMINE, Charles-Marie. *Viagem na América Meridional*. Descendo o Rio das Amazonas. Brasília: Senado Federal, 2000, 204 p. (Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros)
- [1605] LIZÁRRAGA, Fray Reginaldo de. Descripción breve del reino del Perú, Tucumán, Río de la Plata y Chile. Edición de Ignacio Ballesteros. Madrid: Dastin Historia, 2002. 475 p.
- [1561] MONGUÍA, Pedro de. Relación breve fecha por Pedro de Monguía, capitán que fue de Lope de Aguirre, de lo más sustancial que ha acontecido; según lo que se me acuerda, de la Jornada del Gobernador Pedro de Orsua, que salió de los Reinos del Perú proveído por el Audiencia Real que reside en la Ciudad de los Reyes, e por el visorey Marqués de Cañete; e del alzamiento de Lope de Aguirre, el cual mató al dicho gobernador Pedro de Orsua e se hizo capitán en el, con intención de volver al Perú por el nombre de Dios para hacerse Rey y Señor del, según lo publica. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 175-187.
- [1585-86] ORTIGUERA, Toribio de. Jornada del Río Marañon, con todo lo acaecido en ella y otras cosas notables dignas de ser sabidas acaecidas en las Indias Occidentales del Perú. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 32-174.

- [1561] PROCLAMACIÓN DE DN. FERNDANDO DE GUZMÁN, PRÍNCIPE DEL PERÚ. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 283-285.
- [1881] RAMIREZ DE ARELLANO, Feliciano. Advertencia Preliminar. In: *Relación de todo lo que sucedió en la Jornada de Omagua y Dorado hecha por el gobernador Pedro de Orsúa*. Madrid: Sociedad de Bibliófilos Españoles, 1881, pp. V-XLVII.
- [1684] RODRÍGUEZ, Manuel. *El Marañon, y Amazonas*. Historia de los descubrimientos, entradas, y reducción de naciones. Trabajos malogrados de algunos conquistadores, y dichosos de otros, así temporales, como espirituales, en las dilatadas montañas, y mayores ríos de La America. Escrita por el Padre Manuel Rodríguez, de La Compañía de Jesús, Procurador General de las Indias, en la Corte de Madrid. Con licencia. Madrid: Antonio Gonçalez de Reyes, 1684.
- [1561] SENTENCIA DE BERNALDEZ CONTRA LA MEMORIA Y FAMA DE AGUIRRE. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 288-289.
- [1627] SIMÓN, Fray Pedro. *Noticias Historiales de Venezuela*. Reconstrucción del texto y notas por Demetrio Ramos. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1992. Tomo I, XLI + 376 p.; Tomo II, 473p.
- [1561] ZUÑIGA, Gonzalo de. Relación muy verdadera de todo lo sucedido en el Río Del Marañon, en la Provincia del Dorado, hecha por el Gobernador Pedro de Orsua, dende que fue enviado de la ciudad de Lima por el Marqués de Cañete, visorey de los Reinos del Pirú, y de la muerte del dicho Pedro de Orsua y el comienzo de los tiranos D. Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre su subdecesor, y de lo que hicieron hasta llegar á la Margarita y salir della". In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 3-29.
- [s/a] VÁZQUEZ, Francisco. Relación verdadera de todo lo que sucedió en la jornada de Amagua y Dorado, que fue a descubrir el Gobernador Pedro de Ursua, con poderes y comisiones que le dio el Virrey Marqués de Cañete Presidente del Peru. Tratase, asimismo, Del alzamiento de Don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre y otros tiranos. In: _____. *El Dorado: crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre*. Introducción y notas de Javier Ortiz de la Tabla. Madri: Alianza Editorial, 1987. 171 p.
- [1562] ZAPATA, Juan de Vargas. Carta-Relación. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 293-300.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERT, Salvador Bernabeu. Voces furtivas en la frontera californiana (1533-1767). In: PESAVENTO, Sandra J.; LANGUE, Frederique (orgs.). Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, pp. 43-98.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. “Canções de Alinhavo”. In: _____. Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 1258.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. “O historiador”. In: _____. A paixão Medida. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980, p. 34
- ARANCIBIA F, Claudia; CORNEJO C., José Tomás; GONZÁLEZ, Carolina. *Pena de muerte en Chile Colonial*. Cinco casos de homicidio de la Real Audiencia, estudio preliminar y transcripción. Santiago: Universidad de Chile, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana/RIL Editores, 2003. 371 p.
- BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo 1: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 2001. 704 p.
- _____. *História do Novo Mundo 2: as mestiçagens*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: EDUSP, 2006, 819 p.
- BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder regio, França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 433 p.
- BOCCARA, Guillaume; SEGUEL-BOCCARA, Ingrid. Políticas indígenas en Chile (siglos XIX y XX) de la asimilación al pluralismo - El caso Mapuche. *Nuevos Mundo, Mundos Nuevos*. Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/594>>. Acesso em: maio/2009.
- BORJA GÓMEZ, Jaime Humberto. *Indios Medievales de fray Pedro de Aguado: construcción del idólatra y escritura de la historia en una crónica del siglo XVI*. Bogotá: CEJA, 2002. 247 p.
- BRUIT, Héctor H. Apresentação geral das crônicas. *Ideias*, Campinas, 11(1):15-19, 2004.
- BOUZA, Fernando. *Imagen y propaganda: capítulos de História Cultural del reinado de Felipe II*. Madrid: Ediciones Akal, 1998. 261 p.
- _____. *Corre Manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons, 2001. 268 p.

- _____. Comunicação, conhecimento e memória na Espanha dos séculos XVI e XVII. Lisboa: Separata do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 2002. 67 p.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, 354 p.
- CAPOVILLA, Simone. *O Cavaleiro por ele mesmo: ideário medieval e ética da cavalaria na correspondência de Hernán Cortés a Carlos V*. 2005. 85 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [2005].
- CÁRCEL, Ricardo García. *La Leyenda Negra: historia y opinión*. Madrid: Alianza Editorial, 1998. 298 p.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto. (org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 347-360.
- CARO BAROJA, Julio. *El señor Inquisidor y otras vidas por oficio*. 2. edição. Madrid: Alianza Editorial, 1970. 248 p.
- CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001. 72 p.
- _____. Ainda será a História Mestre da Vida? *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, Edição Especial, n. 2, p. 7-34, 2006.
- CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Edición, notas y anexos de Francisco Rico. Madrid: Punto de Lectura, 2008. 1333 p.
- CERVANTES, Fernando. *El Diablo en el Nuevo Mundo*. El impacto del diabolismo a través de la colonización de Hispanoamérica. Barcelona: Editorial Herder, 1994. 270 p.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990. 244 p.
- _____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo: USP, v. 11, pp. 713-191, 1991.
- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994. 111p.
- _____. *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora Universidade, UFRGS, 2002. 280 p.

- _____. *El presente del pasado. Escritura de la historia, historia de lo escrito*. México: Universidad Iberoamericana, 2005. 225 p.
- _____. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. São Paulo: Editora UNESP, 2007. 335 p.
- COVARRUBIAS OROZCO, Sebastián de. *Tesoro de la lengua castellana o española*. Edición de Felipe C. R. Maldonado revisada por Manuel Camarero. 2. ed. Madrid: Castalia, 1995. 1047 p.
- CUESTA DOMINGO, Mariano. Los cronistas oficiales de Indias. De López de Velasco a Céspedes del Castillo. *Revista Complutense de Historia de América*, vol. 33: 115-150, 2007.
- DANIEL, João. *Tesouro Descoberto no Máximo Rio das Amazonas*. v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, [1758-1776] 2004. 597 p.
- DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 345 p.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente. 1300-1800. Uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 471 p.
- DÍAZ MADERUELO, Rafael. Introducción. In: CARVAJAL, G.; ALMESTO P. & ROJAS, A. de. *La aventura del Amazonas*. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: História 16, 1986, pp. 7-33 (Cronicas de America).
- ELLIOTT, J. H. A conquista espanhola e a colonização da América. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: A América Latina Colonial I*. Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 1998, pp. 135- 194.
- _____. A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: A América Latina Colonial*. Vol. I. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 1998, pp. 183-337.
- ESTEVE BARBA, Francisco. *Historiografia Indiana*. Madrid: Gredos, 1964. 717 p.
- FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Histórias de um silêncio*. As leituras de História Eclesiástica Indiana de Frei Jerônimo de Mendieta. 2004. 156 p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas [2004].
- FLORESCANO, Enrique. *Memoria mexicana*. 3. ed. México: FCE, 2002. 676 p.

- FRANCO, Mercedes. *Diccionario de fantasmas, misterios y leyendas de Venezuela*. Caracas: Los libros de El Nacional; Editorial CEC S.A., 2007, 106 p.
- FREITAS NETO, José Alves. *Bartolomé de Las Casas: a narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana*. São Paulo: Annablume, 2003. 234 p.
- _____. O resgate da crônica, questões sobre etnia e a identidade na América Hispânica do XIX. *Ideias*, Campinas, 11(1): 21-28, 2004.
- FRIEDE, Juan. La censura española del siglo XVI y los libros de Historia de América. *Revista de Historia de América*, México, n. 47: 45-94, junio, 1959.
- GANDÍA, Enrique de. Prólogo. In: VÁZQUEZ, Francisco. *Jornada de Omagua y Dorado* (Historia de Lope de Aguirre, sus crímenes y locuras). Prólogo de Enrique de Gandía. Buenos Aires: Editora Espasa-Calpe, 1945, pp. 9-25.
- GARAVAGLIA; Juan Carlos; MARCHENA, Juan. *América Latina de los orígenes a la Independencia*. I. América Precolombina y la consolidación del espacio colonial. Crítica: Barcelona, 2005. 563 p.
- GARCÍA CÁRCEL, Ricardo. *La leyenda negra: historia y opinión*. Madrid: Alianza Editorial, 1992. 356 p.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de Força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 216 p.
- _____. No lado negro da história. Entrevista concedida a Trygve Riiser Gundersen em 2003. Tradução de Hugo Arend. Disponível em: <<http://www.eurozine.com/pdf/2005-07-20-ginzburg-pt.pdf>>. Acesso em 18/12/2010.
- _____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 454 p.
- GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do Maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 262 p.
- GOMES, Ângela Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGB, 2004, pp. 7-26.
- GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell. Prólogo In: _____ (org.). *Lope de Aguirre: Crônicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981, pp. I-XVIII.
- GREENBLAT, Stephen. *Possessões Maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. Trad. de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 1996. 193 p.

- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 398 p.
- GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independências*. Ensayos sobre las revoluciones hispánicas. México: Editorial Mapfre/Fondo de Cultura Económica, 1992, 406 p.
- GUTIÉRREZ ESCUDERO, Antonio. La primitiva organización Indiana. In: SALMORAL, Manuel Lucena (coord.) et al. *Historia de Iberoamérica*. Tomo II (História Moderna). Madrid: Cátedra, 1992, pp. 201-306.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do Outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. 481 p.
- _____. Tempo e história: “Como escrever a história da França hoje?” In: *História Social*, Campinas, n. 3: 127-154, 1996.
- KARNAL, Leandro. Mendieta: novo mundo e fim do mundo. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.1, n. 21: 9-20, 1990.
- _____. *Teatro da Fé*. Representação religiosa no Brasil e no México do século XVI. São Paulo: Editora Hucitec, 1998. 253 p.
- _____. Os textos de fundação da América: a memória da crônica e a alteridade. *Idéias*, Campinas, 11(1): 9-14, 2004.
- _____. As crônicas ao sul do Equador. *Idéias*, Campinas, 13(2): 11-23, 2006.
- KARNAL, Leandro, FREITAS NETO, José Alves de. A Escrita da Memória. In: Instituto Cultural Banco Santos (Org.). *A Escrita da Memória*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004, pp. 25-47.
- KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente: Documento e História. In: KARNAL, Leandro; FREITAS NETO, José Alves de (org.). *A Escrita da Memória: Interpretações e análises documentais*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004, pp. 41-61.
- KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um debate metodológico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10: 237-250, 1992.
- LAFAYE, Jacques. *Los conquistadores*. Figuras y escrituras. México: FCE, 1999. 336 p.
- LASTRES, Juan B.; SEGUIN, C. Alberto. Lope de Aguirre, el Rebelde. Estudio histórico-psicológico. Buenos Aires: Librería y Editorial “El Ateneo”, 1942. 140 p.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994, 553p.

- LEONARD, Irving A. *Los libros del conquistador*. México: Fondo de Cultura Económica, 1979. 459 p.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, pp. 133-161.
- LOCKHART, James. *El mundo hispanoperuano: 1532-1560*. México: Fondo de Cultura Económico, 1982. 328 p.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. pp. 173-201.
- MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 195-221.
- MARTINS, Maria Cristina Bohn. Descobrir e redescobrir o Grande Rio das Amazonas. As Relaciones de Carvajal (1542), Alonso de Rojas SJ (1639) e Christóbal de Acuña SJ (1641). *Revista de História*, São Paulo, n. 156: 31-57, 1º Semestre de 2007.
- MATAMORRO, Blas. *Lope de Aguirre*. Madrid: Ediciones Quorum, 1987, 155 p. (História 16).
- MELLO E SOUZA, Laura de. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização, séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia. das Letras, 1993. 263 p.
- MIGNOLO, Walter. Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: MADRIGAL, Luis Iñigo (org.). *Historia da literatura hispanoamericana* (época colonial) Tomo I. Madrid: Cátedra, 1992, pp. 57-103.
- MORAIS, Marcus Vinicius. Hernán Cortés. A Conquista do México, a conquista da escrita e da história. *Ideias*, Campinas, 11 (1): 31-42, 2004.
- _____. As conquistas das crônicas a partir das crônicas das conquistas. *História, memória e escrita*. *Ideias*, Campinas, 13 (2): 82-97, 2006.
- NEIRA, Hernán; FIERRO, Juan Manuel; VIVEROS, Fernando. Lope de Aguirre: elementos para una teoría del mito de la Conquista. *Estudios Filológicos*, 41: 145-163, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0071-17132006000100011&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 de junho de 2008.
- NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 525 p.

- O'GORMAN, Edmundo. *A Invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir*. Trad. de Ana Maria Martinez Corrêa e Lelo Manoel Bellotto. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. 218 p.
- ORTIZ DE LA TABLA, Javier. Introducción. In: VÁZQUEZ, Francisco. *El Dorado: crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre*. Introducción y notas de Javier Ortiz de la Tabla. Madri: Alianza Editorial, 1987, pp. 7-37.
- OTO, Alejandro de; RODRÍGUEZ, Jimena. Sobre fuentes históricas y relatos de viaje. In: FERNÁNDEZ, Sandra; GELI, Patricio; PIERINI, Margarita (ed.). *Derroteros del viaje en la cultura: mito, historia y discurso*. Rosário: Prohistoria Ediciones, 2008, pp. 21-32.
- OTS y CAPDEQUÍ, José Maria. *Instituciones*. Barcelona: Salvat Editores, 1959, 548 p.
- PASTOR, Beatriz. *Discurso narrativos de la Conquista: mitificación y emergencia*. 2. ed. Hannover: Ediciones del Norte, 1988. 465 p.
- _____. Lope de Aguirre: la voz de la soledad. *Revista de Crítica Literaria latinoamericana*, Lima, ano XIV, n. 28: 159-173, 1988.
- _____. Las metamorfoses de Lope de Aguirre. *Estudios - Revista de Investigaciones Literarias*, Caracas, año 1, n. 1: 107-120, enero-junio 1993.
- PEDRO, Juliana de Castro. *Embates pela memória: narrativas de descoberta nos escritos coloniais da Amazônia Ibérica*. 2006. 124p. Dissertação (Mestrado em História) - Pontificia Universidade Católica de São Paulo, [2006].
- PRESCOTT, William. *Historia de la conquista del Perú*. Madrid: Ediciones Istmo, 1986. 642 p. (Serie Mundus Novus).
- RAMOS, Demetrio. Lope de Aguirre en Cartagena de Indias y su primera rebelión. *Revista de Indias*, Madrid, n. 73-74: 511-540, 1958.
- REIS, Anderson Roberti dos; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. A crônica colonial como gênero de documento histórico. *Ideias*, Campinas, 13 (2): 25-41, 2006.
- RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 364 p.
- REVEL, Jacques. "Microanálise e construção do social". In: _____ (org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. 34-38.

- _____. Prefácio: A História ao rés-do-chão. In: LEVI, Giovani. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Trad. Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 7-38.
- ROJAS, Ricardo de. *La Celestina*. Madrid: Ediciones de la Lectura, 1913. 263 p.
- ROSSINI, Miriam de Souza. As marcas da história no cinema, as marcas do cinema na história. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 12: 118-128, dezembro de 2004.
- SAFFORD, Frank. Política, ideologia e sociedade na América Espanhola do pós-independência. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: da Independência até 1870*. Vol. III. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2001, p. 329-412.
- SAFIER, Neil. Como era ardiloso meu francês: Charlie-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 29, nº 57: 91-114, 2009.
- SALMORAL, Manuel Lucena (coord.) et al. *Historia de Iberoamérica*. Tomo II (História Moderna). Madrid: Cátedra, 1992. 771 p.
- SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec, 2008. 160 p.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. A construção de uma nova memória mesoamericana. Reflexões sobre a produção histórico-literária de religiosos espanhóis na região do Vale do México no século XVI. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 135: 181-196, 1998.
- SOLANO, Francisco de. El conquistador hispano: señas de identidad. In: _____ (coord.). *Proceso historico al conquistador*. Madrid: Alianza Editorial, 1988, pp. 15-36.
- THEODORO, Janice. *América Barroca: tema e variações*. Rio de Janeiro/São Paulo: Nova Fronteira/Edusp, 1992. 201 p.
- UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens Míticas: a Amazônia no imaginário europeu do século XVI. In: PRIORE, Mary Del; GOMES, Flávio (orgs.). *Os Senhores dos Rios*. Amazônia, margens e histórias. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, pp. 2-31.
- VARGAS, Anderson Zalewski. Entre a história e o cinema. Disponível em: <<http://www.gtantiga.net/textos/Gibson2.pdf>>. Acessado em: 30/03/2010.